
We Were Once
New York Times Bestselling Author
S.L. SCOTT

Tabela de Conteúdos

aviso — bwc
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32

33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
Epílogo
Agradecimentos

aviso — bwc

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- **Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);**
- **Não comente com o autor que leu este livro traduzido;**
- **Não distribua este livro como se fosse autoria sua;**
- **Não faça montagens do livro com trechos em português;**
- **Se necessário, finja que leu em inglês;**
- **Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.**

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos exclui-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

Prólogo

Eu nunca morri antes, mas reconheço o sentimento.

1

Chloe Fox

— ME PROMETA que protegerá Frankie com sua vida, Chloe.

Olhando de lado, é difícil levar isso a sério.

— Hm...

Minha mãe abraça Frankie no peito como o filho que ela nunca teve.

— Você vai dar a ele um bom lar, alimentá-lo e nutri-lo?

Acho que isso está indo um pouco longe demais.

— É uma planta, mãe, não um humano.

— Não é apenas uma planta. É uma árvore bonsai. Eles são criaturas inconstantes...

— Tecnicamente, não é uma criatura. É uma árvore em miniatura.

— Criatura ou não, me prometa que vai cuidar dele, Chloe. Esta não é apenas uma planta. Esse carinha pode trazer harmonia e calma para o seu lugar.

— Ok mãe, eu entendi. — Tento arrancar o vaso dela, mas quando ela resiste, eu pergunto: —Você quer ficar com Frankie? Ele adoraria a cidade de Nova York. Você pode levá-lo ao Central Park ou a um show na Broadway. Uma viagem rápida ao Museu de Arte Moderna ou à Estátua da Liberdade...

— Muito engraçado. — Ela o empurra para mim. — Pegue-o. Eu o comprei para você.

— Podemos definir um cronograma de visitas, se você quiser?

Isso me rende um revirar de olhos que é pontuado com risos.

— Você pode pensar que estou sendo dramática, mas já posso dizer que é isso que está faltando no seu apartamento. Gostaria que você me deixasse decorá-lo mais. Então, zombe de mim se for preciso, mas esse carinha vai trazer equilíbrio à sua vida.

— É muita pressão para colocar uma planta, você não acha?

— Pequena árvore. — Ela corrige teimosamente como se eu tivesse insultado a coisa. Cruzando os braços sobre o peito, ela levanta uma sobrancelha perfeitamente desenhada. — Você quer ser médica, Chloe. Trate-o como um paciente. Água, atenção e cuidado. O básico.

Segurando a planta na minha frente, admiro a bela curva do tronco e galhos. É fácil ver por que minha mãe escolheu este.

— Vou tentar não matá-lo como a planta que você me deu no ano passado. — Coloquei o pote de plástico em cima de uma pilha de livros na mesa de centro. —

Mas você tem que admitir que eu dei uma ótima despedida àquela hera.

— Você deu. Direto para a lata de lixo. — Ela ri de novo, mas ouço a tristeza chegando.

— Por que você está ficando chateada?

O verde dos olhos da minha mãe combina com a cor rica das folhas quando ela chora, assim como os meus.

— Acho que o bonsai teve água suficiente para um dia. Você não acha? — Peço provocativamente para esconder o quanto odeio o adeus iminente.

Ela ri, acariciando minha bochecha. O apoio que ela sempre me mostrou é sentido em seu toque.

— Eu tive o melhor tempo com você nas últimas semanas. Vou sentir sua falta, querida.

Inclinando-me para seu toque, eu digo:

— Se tudo correr como planejado, estarei na cidade no ano que vem e vamos poder nos ver o tempo todo.

— Você trabalhou duro. Agora é hora de aproveitar seu último ano. — Sua partida se aproximando, nós nos abraçamos.

— Gosto de trabalhar duro, e minhas notas ainda importam este ano se eu quiser entrar na faculdade de medicina.

Um sorriso simpático vinca seus lábios quando ela dá um passo para trás.

— Lamento que você sinta que tem que ser perfeita o tempo todo ou que acha que a faculdade de medicina é a única opção para você. Não é. Você pode fazer...

— É o que *eu* quero. — Esse assunto foi o golpe final em seu casamento com meu pai. Eles discordaram sobre muita coisa, mas minha escolaridade e futuro eram os pontos de discórdia. Não quero reviver isso.

Movendo-se para o sofá, ela afofa uma almofada, mas tenho a sensação de que é apenas por hábito.

— Buscar a perfeição é a maneira mais fácil de encontrar a decepção. — Ela olha para a almofada, a satisfação nunca alcançando seus olhos. Andando para trás, ela balança o olhar na minha direção. — A felicidade é uma missão muito mais nobre.

Depois que ela se divorciou do meu pai, ela colocou em prática. Depois de deixar Newport e ir para Manhattan há dois anos, ela está mais feliz do que nunca.

— Eu sei que você tem grandes planos, Chloe, mas você só é jovem uma vez. Saia com Ruby. Divirta-se. Beije meninos. Você tem permissão para fazer o que quiser, em vez do que os outros querem para você. Você tem permissão para ser você.

Ser eu? As palavras me atingem estranhamente.

— Quem sou eu?

— Ah, doce menina, quem você quiser ser. Novas experiências permitirão que você se veja através de uma nova lente.

Sento-me no sofá, bloqueando sua visão da almofada que ela acabou de arrumar.

— É por isso que você deixou Newport?

— Sim, eu queria me descobrir novamente. Em Manhattan, não sou a esposa de Norman, nem a presidente da sociedade de preservação. Não estou administrando uma casa de dois mil metros quadrados ou dando festas no jardim. Em Nova York, serei Cat Fox e a mãe de Chloe. Esses são os papéis favoritos que eu já ocupei.

Trabalhar com meu pai pode ter sido ótimo para o meu currículo, mas em casa sempre serei comparada ao grande Norman Fox. Viverei à sombra dele se voltar a Rhode Island e nunca mais me apoiarei em minhas próprias realizações. Então eu entendo o que ela quer dizer um pouco bem demais. Ela parece pensar que foi salva. *É tarde demais para mim?*

— Você sabe quem você é?

— Estou aprendendo a cada dia. Tudo o que estou dizendo é que a vida está acontecendo ao seu redor. Olhe para fora dos livros de vez em quando.

Virando-se, ela dá uma última olhada ao redor do apartamento.

— Você precisa de um toque de cor aqui. Posso enviar almofadas de sofá.

Entendo o que ela está dizendo. Ela é a rainha da decoração e tem opiniões fortes sobre minha vida. Ela adoraria, não apenas jogar algumas almofadas no meu sofá, mas também colocar um homem na minha vida.

Ela nunca entendeu que boas notas são muito mais gratificantes do que passar tempo com garotos que não querem nada mais do que uma noite.

— Não envie almofadas — digo, sorrindo.

Um sorriso malicioso rola em seu rosto.

— Você pode se aconchegar com elas, ou um cara...

— Você quer que eu namore. — Suspiro. — Entendi.

— Os caras da faculdade não são a mesma coisa que os garotos do ensino médio. — Ela pega sua bolsa do sofá e a coloca em seu ombro enquanto se move para a porta.

Eu reviro os olhos.

— Poderia ter me enganado.

— Você simplesmente não conheceu alguém que faz seu coração palpitar.

— Você é tão romântica.

Beijando minha bochecha, ela abre a porta e diz:

— Cuide-se, querida. Eu te amo.

— Eu te amo também. — Fecho a porta e descanso contra a parte de trás dela, exalando. Depois de dois meses trabalhando na clínica do meu pai e depois ficando

com ela na cidade nas últimas duas semanas, quase esqueci como era ter tempo para mim mesma e silêncio. Puro, não adulterado... *Knock. Knock.*

Pulo, assustada com as pancadas nas minhas costas. Girando ao redor, aperto os olhos para olhar pelo olho mágico, e meu queixo puxa para trás.

Um cara segurando uma sacola do lado de fora da minha porta diz:

— Entrega de comida.

— Eu não pedi comida — digo, as palmas das mãos pressionadas na porta enquanto eu o espio.

Um sorriso brinca em seus lábios. Sim, ele olha fixamente para o olho mágico com um sorriso presunçoso no rosto. Tirando o recibo da sacola, ele acrescenta:

— Chloe? — O E é prolongado em seu tom doce como se fosse possível fazer um nome tão comum soar especial. Ele conseguiu.

Destranco a trava, mas deixo a corrente no lugar. Quando abro a porta, espio para fora, mantendo meu corpo e peso contra ela por segurança.

Encontrando com olhos castanhos que captam o sol poente entrando pela janela do corredor, não há como esconder a diversão que brilha neles.

— Oi — diz ele, seu olhar caindo para a minha boca e depois voltando. — Chloe?

— Eu sou a Chloe, mas como disse, eu não pedi comida.

Ele olha para as escadas, a tensão em seus ombros caindo antes de seus olhos retornarem aos meus.

— Eu tenho o endereço certo, o apartamento correto e o nome. Tenho certeza que é para você. — Ele o segura depois de um encolher de ombros casual. — De qualquer forma, está esfriando, e é frango e dumplings, especialidade da minha mãe que ela só faz aos domingos. Confie em mim, é melhor quente, embora eu tenha comido frio e ainda estava bom.

Ele apresenta um argumento sólido. Todas as informações estão corretas. Mudo, minha guarda caindo. Ainda estou curiosa, no entanto.

— Sua mãe fez?

Apontando com o polegar por cima do ombro como se o restaurante estivesse atrás dele, ele responde:

— Só aos domingos. Eu e T cozinhamos o resto do tempo.

— Quem é T?

— O outro cozinheiro. — Ele vira a sacola. Restaurante da Patty está impresso no papel branco. Então ele aponta para sua camisa gasta, o logotipo quase invisível depois de ser lavada tantas vezes.

— E Patty é sua mãe?

Ele gira a sacola e assente.

— Patty é minha mãe.

Meu estômago ronca com o som do saco enrugando em suas mãos, me lembrando que eu não como há horas, e frango e dumplings parecem incríveis. Apenas a *cozinha culinária*, como meu pai a chamava, era aceitável quando eu estava crescendo. Comida de conforto não se qualificava porque qualquer coisa com molho em vez de algum tipo de redução era um não-não.

Sorrindo, ele empurra a sacola para mais perto.

— Por mais que eu adoraria ficar aqui a noite toda e conversar sobre o mistério dessa entrega, tenho outras comidas esfriando no carro. Você está com fome. Pegue a sacola e aproveite. — Ele diz isso como se fôssemos amigos, e estou começando a pensar que passamos tempo suficiente juntos para considerar isso.

Solto a corrente da porta e a abro para pegar a sacola dele. Levantando um dedo, pergunto:

— Você se importa de esperar? Vou te dar uma gorjeta.

Como se ele tivesse vencido a guerra, duas covinhas aparecem conforme seu sorriso cresce. A arrogância refletida em seus olhos não tira o fato de que ele é mais bonito do que eu inicialmente dei crédito.

Bonito é uma moeda de dez centavos em Newport. Bons genes foram transmitidos muito antes da Idade de Ouro nas prestigiosas árvores genealógicas de Rhode Island. Então caras bonitos não fazem muito além de chamar minha atenção.

Ele diz:

— Eu posso esperar. — Puxo minha bolsa do gancho perto da porta e pego minha carteira. Ele preenche a porta, bisbilhotando por cima do meu ombro. — Para onde você está correndo?

Huh? Olho para cima confuso com a pergunta.

— Nenhum lugar.

Seguindo sua linha de visão, percebo ao que ele está se referindo assim que diz:

— A esteira. Essa é a questão. Você nunca chega a lugar nenhum.

— É um bom exercício.

— Sim — diz ele, seu tom tendendo para julgamento. — Você está apenas correndo em círculos. Presa no lugar.

— Eu não estou tentando ir a lugar nenhum. Eu...

— Com certeza não está.

Quando abri a porta, não esperava ter minha vida examinada sob um microscópio.

— Por que eu sinto que você está falando em metáforas?

— Não sei. Por *que* você sente que estou falando em metáforas? — Sua língua é

escorregadia e sua inteligência seca, o que é algo que posso apreciar, mesmo quando é às minhas custas.

Entregando-lhe uma nota de dez, digo:

— Espero que isso cubra a terapia.

Ele ri.

— Sempre fico feliz em dar conselhos gratuitos, mas aceito os dez. Obrigado. — Ainda olhando ao redor, o detetive move sua atenção para outro lugar. — Bom bonsai.

— Obrigada. Minha mãe me deu Frankie.

— Frankie?

Enfio minha carteira de volta na bolsa e a coloco no gancho.

— A pequena árvore?

Olhando para a planta, posso dizer que ele quer ver mais de perto por como está avançando. Ele diz:

— Bonsais não são árvores em miniatura. Eles são apenas podados para serem assim. Na verdade, é uma forma de arte.

— Você parece saber muito mais sobre isso do que eu — respondo, dando um passo para o lado para cortar seu caminho. — Você é um cara de plantas?

— Gosto de saber todo tipo de coisas sobre plantas. Principalmente, as que comemos. Eu não sugeriria refogar Frankie, no entanto.

— Por que eu iria refogar Frankie? — Pego sua expressão inexpressiva. — Ah. Você está fazendo uma piada. Entendi. — Eu rio baixinho. — Você está se referindo à comida.

— Sim.

Seguro a porta como uma dica não tão sutil.

— Eu deveria voltar para... — Apenas paro antes que a mentira deixe meus lábios. Não tenho planos a não ser estudar, e isso parece chato até para mim. — Obrigada novamente. — Estou surpresa, porém, quando ele não se move. — Não me deixe mantê-lo longe daquelas outras entregas. — *Indireta. Indireta. Indireta.*

Permanecendo a centímetros de mim, olho para cima quando ele diz:

— Obrigado pela gorjeta.

— Por nada.

Enfiando o dinheiro no bolso, ele se balança nos calcanhares.

— Espero que você goste da comida.

Puxando a porta comigo enquanto ele passa, permaneço com ela pressionada contra meu traseiro.

— Estou certa de que vou.

— A qualquer momento. — Mal vislumbro seu sorriso antes que ele se vire abruptamente para sair. Então ele para um pouco antes de descer as escadas e olha para trás. — Você precisa de equilíbrio em sua vida.

Choque deixa meus olhos bem abertos, e minha boca fica aberta quando a ofensa toma conta. De pé em meu desconforto, considero fechar a porta e encerrar esta conversa. Mas dou um passo à frente, inclinando-me até a metade.

— Talvez você precise de equilíbrio.

Com uma risada, ele responde:

— O bonsai. Você disse que sua mãe lhe deu a planta. Ela acha que você precisa de equilíbrio em sua vida. O meu me deu calma. Mamãe sabe melhor. É tudo o que estou dizendo.

Puxando a porta, dou um passo para trás, olhando para ele uma última vez.

— Obrigada, professor — comento.

—Tenha uma boa vida, Chloe. — Sua risada ricocheteia nas paredes do corredor.

Fechei a porta, trancando a fechadura e prendendo a corrente, não precisando da última palavra.

— Eu vou — digo para mim mesma. Depois de uma rápida espiada pelo olho mágico novamente para verificar se ele saiu, coloco a sacola ao lado da pilha de livros e dou uma segunda olhada na planta. — Pelo jeito que ele estava olhando para você, eu pensei que ele ia te planquestrar, Frankie. — Ele com certeza estava no negócio desse rapaz.

Deve cursar biologia.

Começo a tirar as coisas da sacola, tentando ignorar como sua presença e o leve cheiro de sua colônia ainda permanecem, mas noto como está alguns graus mais quente.

— Eu não o culparia — digo a Frankie. — Você é um belo espécime.

Levantando, eu abaixo o termostato antes de tentar descobrir quem mandou a comida. Cronometrado perfeitamente, meu telefone começa a vibrar na mesa de centro. Corro de volta para pegar uma mensagem da minha melhor amiga: *Se você tiver notícias minhas em dez minutos, me ligue de volta.*

Rápida para responder, digito: *Outro encontro ruim?*

Ruby Darrow, a herdeira das Empresas Darrow, e eu somos próximas desde que fomos colegas de quarto no primeiro ano. Mal posso esperar para ela se mudar para o apartamento ao lado. Sua mensagem de retorno diz: *Não tenho certeza. Se você ouvir de mim, então sim. É sim.*

Eu*: Estou de prontidão.*

Ruby*: Porque você é a melhor.*

Levo meus deveres como amiga dela muito a sério, então coloco o telefone ao lado da sacola e abro os utensílios de plástico. Quando meu telefone toca novamente, estou totalmente preparada para fazer a ligação, mas desta vez não é Ruby.

Mãe*: Eu pedi para entregarem comida para você. Você recebeu? Frango e dumplings. Estou com vontade de comida reconfortante e pensei que você também poderia estar.*

Eu gostaria de ter sabido dez minutos atrás. Olhando para a sacola, sorrio. Não posso discutir com sua escolha de prato, mas não tenho certeza se a entrega chata valeu a pena.

Mesmo um boné de beisebol virado para trás não atrapalhou sua aparência porque, aparentemente, acabei de descobrir que tenho um tipo. Herói de cidade pequena com um lado arrogante. *Jesus*. Isto é Connecticut, não Texas.

Apesar de sua aparência, não fiquei impressionada. Namorar caras bonitos não funcionou bem para mim no passado. O bad boy local não se encaixa nos meus planos ou ajuda com o meu *equilíbrio* como ele apontou que eu evidentemente preciso.

Tão rude.

Me equilibro bem. Escola. Tentando pensar em mais, fico frustrada. Estou em Yale por um motivo e apenas por um motivo: entrar na faculdade de medicina de minha escolha e, para isso, preciso manter meu cérebro no jogo. O jogo da escola, não o jogo de namoro.

— Afinal, o que ele sabe, Frankie?

Respondendo a mensagem da minha mãe, digito: *Recebi. Obrigada.*

Mãe*: Prometa que viverá um pouco, ou muito, se quiser.*

Ela se tornou uma mulher selvagem nos últimos dois anos. Estou feliz por ela, mas isso não significa que eu tenha que mudar meus modos para me encaixar em sua nova visão de vida.

Enquanto olho em volta do meu novo apartamento, a limpeza me traz uma sensação de calma. Depois de morar na casa dos meus pais durante o verão, é bom estar de volta à escola e sozinha novamente.

Eu*: São muitas promessas. Primeiro, cuidar de Frankie e agora de meu próprio bem-estar.*

Rio da minha piada, mas sei que ela vai interpretar mal, então sou rápida em acrescentar: *Brincadeira. Eu vou. Te amo.*

Mãe*: Espero que sim. Viva sem medo, querida filha. Te amo.*

Sentindo que me esquivei de outro sermão sobre *você só é jovem uma vez*, sorrio como uma criança no Natal quando encontro um biscoito de chocolate na sacola.

Com apenas uma mordida na comida, eu fecho meus olhos, saboreando o sabor.

— Patty com certeza sabe cozinhar.

Clico em um programa de trivia e passo o tempo chutando as bundas dos outros competidores enquanto como.

Logo, estou cheia, mas me sentindo ansiosa com a massa no fundo do meu estômago, então me levanto e coloco meus tênis antes de pular na esteira. Me aqueço por um quilômetro e meio com aquela sacola e o logotipo vermelho me encarando, então acelero o ritmo até começar a correr.

— Eu não estou tentando ir a lugar nenhum. É um bom exercício — resmungo, ainda incomodada com o que o entregador disse. Um terapeuta da arquibancada é a última coisa que preciso.

Começo a correr e depois a uma velocidade mais rápida, embora meu olhar continue gravitando em direção à sacola e à impressão vermelha na frente, Restaurante da Patty. A comida pode ter sido deliciosa, mas não posso criar o hábito de comer comida tão pesada ou não poderei usar as roupas novas que minha mãe e eu passamos duas semanas comprando.

Mal faço seis quilômetros antes que meus músculos cansados comecem a doer. Não estou surpresa depois de um dia de mudança, mas ainda gostaria de ter atingido oito. Aperto o botão de parar e cedo à exaustão.

Tomo um banho e coloco meu pijama antes de seguir minha rotina noturna: escovar os dentes, verificar as fechaduras, apagar as luzes e pegar um copo d'água. Tomo apenas alguns goles antes de ver Frankie na sala sozinho. A culpa da minha mãe estava bem colocada. Despejo água no vaso e o levo comigo para o quarto.

— Não fique muito confortável. Você não vai ficar aqui.

Voltando à sala de estar para pegar meu guia de estudos para o MCAT[1], corro de volta para a cama e entro debaixo das cobertas. Mas depois de um tempo, deixo o guia de lado, ciências comportamentais incapaz de prender minha atenção contra as palavras de despedida de minha mãe.

Aulas. Estudar. Descanso. As rotinas são boas. Elas são a espinha dorsal do sucesso. Eu desligo a lâmpada, não precisando das palavras da minha mãe *viva sem medo* enchendo minha cabeça. Esses pensamentos são apenas uma distração para o meu grande plano. *Como aquele entregador.*

2

Chloe

A LUZ DO SOL INUNDA O APARTAMENTO, me acordando. A evitei temporariamente com um travesseiro na cabeça por volta das sete horas, mas uma hora depois estou bem acordada. Abrindo meus olhos para encontrar Frankie me cumprimentando, eu sorrio apesar da hora.

— Sua avó vai me matar se eu não cuidar de você, então acho que vamos ter que chegar a um acordo.

Sento-me e depois saio da cama.

— Eu posso não precisar do sol tão cedo, mas você pode gostar, amiguinho.

Levando-o para a sala, decido colocar o pequeno vaso preto no peitoril da janela. Dando um tapinha no topo, eu digo:

— Tenha um ótimo dia — e então me visto para minhas tarefas.

Quando minha bolsa está pronta, tranco a porta e desço as escadas agora que as lojas estão abertas. Algo vermelho chama minha atenção nas escadas entre o terceiro e o segundo andar. Abaixando-me, eu o pego. O alfinete de segurança na parte de trás está dobrado no crachá de nome.

Joshua.

Restaurante da Patty.

Meu pescoço puxa para trás como se o cara da noite passada estivesse aqui pessoalmente, suas palavras presas na minha cabeça de novo *você precisa de equilíbrio.* Ainda ofendida, considero jogar o crachá na lata de lixo mais próxima, mas como não estou perto de uma, coloco-a na minha bolsa e continuo o meu dia.

O tempo está parado no verão por mais algumas semanas, ensolarado, céu azul e uma brisa suave. É emocionante explorar meu novo bairro depois de morar do outro lado do campus no ano passado. Ruby encontrou os apartamentos, um pequeno prédio com oito unidades, e tivemos a sorte de conseguir os dois apartamentos que ocupam o terceiro andar. Mal posso esperar para passar um tempo com ela novamente.

Nosso relacionamento é tão diferente das pessoas com quem cresci. Meu sobrenome me deu entrada para festas em Newport, mas minha falta de interesse em fofocas mesquinhas me mostrou a saída.

Troquei amigos por notas. Isso valeu a pena para mim, mas graças a Deus, encontrei Ruby. Ela é a única pessoa, além dos meus pais, que se tornou uma

constante. Não sei como teria sobrevivido à faculdade sem ela. Vindo de um passado semelhante, ela entende a pressão que é herdada com um sobrenome conhecido.

Respiro fundo, mantendo meus sonhos trancados em segurança dentro de mim. Não tenho que decidir agora, então deixo estar, não querendo que o confronto que está por vir arruine hoje. Fechando os olhos, inspiro profundamente e cheiro o último dia de liberdade, tentando me concentrar no lado bom da minha boa amiga retornando.

Navego por cinco lojas sem sucesso, não encontrando nenhuma cortina que eu goste. Continuando a andar pela rua, percorro alguns quarteirões e começo a me sentir letárgica. Cafeína também não seria ruim.

Uma mensagem de Ruby chega como se ela soubesse que eu precisava de uma injeção de felicidade: *Sentiu minha falta?*

***Eu*:** *Chegue aqui logo.*

Rio enquanto espero pela próxima mensagem dela.

Ruby: *Se dependesse de mim, eu faria. O jantar de despedida que eu não queria é hoje à noite. E ser uma Darrow significa nada menos que chique e exagerado. Minha mãe decidiu que não podia fazer pizza e um filme como eu queria. Não. Todos os seus amigos e seus filhos devem vir. Acho que eles nem perceberiam se eu não estivesse lá. Oh! Você deveria vir. Entre em um trem e me salve, Clo.*

Eu: *Por mais agradável que pareça, não, eu não tenho nada para vestir em um caso Darrow. Além disso, estou dando um salto no plano de estudos e planejo uma noite tranquila de estudo. Obrigada mesmo assim.*

Ruby: *Sortuda. Tenho que correr, mas nos vemos em breve.*

Eu: *Divirta-se esta noite.*

Ruby: *Ah, sim. Certo. Esfregue na minha cara.*

Enfio o telefone no bolso de trás e continuo minha busca, mudando de cortinas para cafeína. Sem nenhum sinal de uma cafeteria neste quarteirão, me acomodo em um restaurante à frente. O restaurante. O crachá de nome... *Joshua.*

Mais importante: café.

Sim, de acordo com o logotipo vermelho na porta, aqui está o infame Restaurante da Patty. Logo abaixo disso, outra placa diz entre, então eu faço.

Quando a garçonete chama de uma mesa nos fundos:

— Bem-vinda ao Patty. Sente-se em qualquer lugar. — Examinando o lugar, vejo que está bastante lotado. Já que eu preciso do meu café para ir, me apresso até o balcão, saindo do caminho da porta.

Sento-me no final, pendurando minha bolsa em um gancho embaixo do balcão, e espero. Giro algumas vezes antes de retirar o guia do MCAT para aproveitar os

minutos extras para estudar. Colocando-o ao lado do menu, fazendo dupla função como um jogo americano, começo a olhar as fotos de comida, de repente com fome.

Não, não é por isso que estou aqui. Café é bom. Farei minha boa ação do dia e depois posso fazer um sanduíche em casa. Atenha-se ao plano.

Um dedo ossudo que tem anos de vida nas pontas dos dedos, aponta para o lado direito do menu.

— Estes são os especiais — diz a garçonete que me cumprimentou. Quando olho para cima, seus olhos escuros parecem cansados, mas ainda acolhedores. Mechas grisalhas e loiras caem do grampo que ela prendeu frouxamente no alto da cabeça. Apesar dos outros servidores usarem jeans e camisetas combinando, ela usa sua camisa branca com uma saia jeans. — O que vai querer?

— Estou aqui apenas para um café. Para a viagem, por favor. — Lembrando-me do crachá, tiro-a da minha bolsa e acrescento: — Ah, e encontrei isso, então pensei em devolver.

Ela pega de mim e um sorriso gentil vem enquanto ela acaricia o nome gravado.

— Joshua perdeu um milhão destes. — Ela se inclina contra o balcão, parecendo pronta para compartilhar mais. — Acho que você deveria experimentar o chili.

— Ah, hum... Eu só ia pedir...

— Foi muito gentil da sua parte trazer isso. — Segurando o crachá, ela diz: — O chili é por minha conta.

— Não, você não precisa fazer isso. Era a coisa certa a se fazer. Não preciso de nada em troca. — Começo a me sentir mal por quase ter jogado fora quando significa tanto para ela.

Batendo no balcão duas vezes com o crachá, ela o coloca no balcão e tem um olhar determinado em seus olhos.

— Eu insisto. — Apressando-se, ela empurra através de uma porta de vaivém prateada.

Giro para olhar ao redor. Este restaurante é como os que eu vi nos filmes. É confortável com uma sensação caseira. Tons quentes de madeira nos estandes são compensados por azulejos pretos e brancos no piso em um padrão arrojado.

Não há espátulas de metal batendo na grelha ou ordens sendo gritadas, mas é barulhento por causa da conversa e da música flutuando acima. Parece jazz, mas é difícil de ouvir. A garçonete volta com uma caneca e um pires em uma mão e uma jarra de café na outra.

Ela o coloca no balcão e começa a servir.

— Creme ou açúcar?

— Puro está bom. Obrigada. — A caneca já está cheia antes que eu perceba que

não está em um copo para viagem. Acho que ela estava falando sério sobre o chili. Não me lembro da última vez que comi chili, se é que já comi.

Talheres enrolados em um guardanapo são colocados no meu suporte de prato antes que ela desapareça novamente na cozinha. Abrindo meu guia, volto para onde parei ontem à noite e leio a próxima pergunta. Minha mente está enferrujada ou preciso de uma injeção intravenosa de cafeína para continuar.

Uma tigela é colocada ao meu lado, e sim, é chili com cheddar ralado e um montão de creme de leite por cima.

— Você gosta de jalapeños? Eu posso conseguir alguns — diz ela.

— Eu não posso comer comida picante. — Esfrego meu estômago com sintomas psicossomáticos enquanto olho seu crachá. — Mas obrigada, Barb.

Risos ecoam, e um sorriso invade sua expressão. Cobrindo o crachá, ela se inclina.

— Meu nome não é Barb. As regras dizem que temos que usar um crachá, e eu esqueci o meu em casa, então peguei emprestado o de Barb. Ela está de folga às segundas-feiras. — Descansando as mãos no balcão como se pretendesse passar um tempinho aqui, ela diz: — Sou Patty.

— Patty como no Restaurante da Patty?— Pergunto estupidamente.

— Eu mesma.

— É um prazer te conhecer. Comi seu frango e dumplings ontem. Eles estavam muito bons.

— Ah, você pediu, não é? Dumplings ontem e de volta hoje, mas só para o café? Não tenho certeza se estou fazendo algo certo ou errado.

— Certo. Meu estômago roncou quando entrei, e o chili parece estar muito bom. — Não menciono o filho irritante dela, já que ele não é mais da minha conta. O crachá foi devolvido ao seu devido lugar. Agora, eu só tenho que aproveitar a refeição.

Tomo um gole de café enquanto ela enche uma caneca dois bancos à minha direita. Encostada no balcão com a garrafa na mão, ela pergunta:

— Você é caloura?

Eu rio, em um tom muito mais leve que a dela de um momento atrás, mas entretida do mesmo jeito.

— Na verdade, estou no último ano este ano.

— Você está? Meu filho está no último ano este ano. Qual é o seu nome, querida?

— Chloe.

— Prazer em conhecê-la, Chloe — ela diz com um sorriso gentil. Quando um garçom corta atrás dela, ela examina o balcão. — Eu deveria deixar você comer antes que esfrie. Deixe-me ver aquele pão de milho.

O chili será pesado o suficiente. Agora ela quer adicionar pão à mistura? Estou

cheia só de pensar nisso.

— Você não precisa se preocupar. Eu não preciso.

— É a melhor parte. — Tarde demais. Ela saiu novamente.

Dou uma colherada no chili e, em seguida, sopro, observando o vapor se dissipar quando a ouço dizer:

— Bem na hora. — Olho para cima. Ela não está falando comigo, mas com o homem com o prato de pão de milho vindo em minha direção. Patty desvia para a sala de jantar, deixando-me planejar minha própria fuga.

— Oh, Deus — murmuro baixinho assim que nossos olhos se encontram. Se nada mais for confirmado vendo esse cara uma segunda vez, ele é arrogante como toda a situação, é.

— Bem. Olha só. Se não é Chloe com o bonsai.

Eu bufo.

— Ele não fez nada para você, então gentilmente deixe Frankie fora disso.

Ele ri.

— Frankie é feminino.

— Você pode ser mais ofensivo? — Me viro irritada, incapaz de olhar para ele.

Sua risada aumenta.

— Você não entende. As plantas bonsai não têm sexo. Sua forma determina em termos geralmente aceitos se são masculinos ou femininos.

Olhando para ele, inclino minha cabeça, tentando não deixar a irritação que ele traz à tona em mim.

— E o meu é feminino?

— Sim. Ramos finos, uma curva para o tronco. Não sou especialista, mas Frankie é feminino, na minha humilde opinião.

— Por que tenho a sensação de que nada sobre você é humilde, especialmente sua opinião? — Odeio notar que seu cabelo não está escondido sob um boné, e com um topete rebelde, seu cabelo escuro continua caindo em seu rosto, me atraindo de volta para seus olhos.

Ele sorri.

Reviro os olhos e bato no meu livro. Amassando o nariz, eu digo:

— Se você não se importa — e então como mais um pouco.

— Não me importo. Como está o chili?

Patty dá a volta no balcão. Nem todos os heróis usam capas. Alguns têm café.

— Você conheceu Chloe. — Ela pega o crachá e entrega para ele. — Ela foi doce o bastante para trazer isso de volta para você.

— Ah, ela fez, não é?

Eca. E aqui eu pensei que Patty estava aqui para me salvar, não para me jogar debaixo do ônibus.

— Encontrei no meu prédio e por acaso estava na área fazendo algumas compras.

— Compras, hein?

— Tudo o que você diz tem que ser na forma de uma pergunta, ou isso é algo que você gosta de fazer?

Patty diz:

— Acho que vocês dois já se conhecem.

— Não — ele responde. — Nos encontramos ontem à noite. — Aquelas covinhas dele são realmente irritantes, *muito* perturbadoras.

— Poderia ter me enganado. — Virando-se para mim, ela diz: — Sua mãe fez aquele pedido para você. Ela queria te enviar algo reconfortante. — Levantando um dedo, ela acrescenta: — Eu a guiei para o especial. Nada me faz sentir melhor do que em casa em uma tigela. — Ela olha para o filho. — Certo, Josh?

Seus olhos disparam de volta para os meus depois de mergulhar mais baixo.

— Não poderia concordar mais.

Acariciando o topo da minha mão, ela abaixa a voz.

— Eu vou deixar você comer. Aproveite a refeição e não se preocupe com a conta. Está coberto.

— Você realmente não tem...

— Eh — ela me para. — É um prazer, mas certifique-se de passar aqui novamente algum dia. Josh, cubra o balcão. Preciso verificar meus pedidos.

Sua atenção se estende ao longo do balcão e depois a segue.

— Pode deixar.

Assim que ela se afasta, eu digo:

— Não pense que não peguei você me olhando.

Ele continua encostado no balcão, sentindo-se em casa, como fez na noite passada.

— Achei que era justo, já que você fez o mesmo comigo.

Tudo bem, eu dei uma olhada nele. Então ele está certo. É justo.

— Sua arrogância é brochante.

— Eu não sabia que meu trabalho era te excitar.

— Não torça minhas palavras. E eca, estou tentando comer aqui.

Apesar da discussão, ele não parece incomodado por mim. Pelo contrário. Ele parece intrigado. Girando o crachá em sua mão, ele diz:

— De todos os restaurantes em New Haven, você entra no meu.

— Na verdade, da sua mãe, e eu estava devolvendo o crachá que você deixou cair descuidadamente.

— Talvez eu não estivesse sendo tão descuidado. — Inclinando-se ao nível dos meus olhos, ele diz: — Talvez eu tenha deixado de propósito.

— Bem, se isso é o melhor que você tem... — Dou de ombros. — Seu método precisa de algum trabalho.

— Será? — Ele estende a mão, e aquele maldito sorriso irônico reaparece. — Nós nunca nos conhecemos oficialmente.

Levantando o queixo, respondo:

— Acho que é bom conhecer seus inimigos, Joshua.

— É isso que somos, Chloe? Inimigos? E eu estava aqui, começando a pensar que somos almas gêmeas.

3

Joshua Evans

NÃO É SEMPRE que encontro as pessoas para quem faço entregas, mas o apartamento 3B foi difícil de esquecer.

Boa gorjeta.

Pilha de livros médicos.

Uma árvore bonsai chamada Frankie.

Quase esqueci o sufoco que ela me fez passar. Isso não é totalmente justo, já que fui eu quem empurrou cada um de seus botões.

— Almas gêmeas — ela zomba com o diabo em seus olhos. É um visual diferente da noite passada, quando ela tinha mais um ar de superioridade. De qualquer forma, ela é gostosa.

Aqueles olhos verdes, com sua boca, tornam difícil desviar o olhar.

A garota gosta de discutir, e há algo nela que me leva a me envolver.

Levantando-me novamente, pergunto:

— Então, me diga uma coisa, Chloe. Por que você realmente veio? — Balanço o crachá na frente dela. — Porque tenho a sensação de que não foi para devolver um crachá barato.

— Você tem razão. — Ela ergue as mãos em sinal de rendição. — Você me pegou. — Alcançando a caneca, ela acrescenta: — O que posso dizer? Eu vim pela cafeína e fiquei pelo chili.

— Eu pensei que você iria acariciar meu ego e me dizer que você ficou pela companhia.

Balançando a cabeça, ela ri.

— Não haverá nenhum tipo de carícia entre eu e você.

— Eu.

— O que? — Ela ergue uma sobrancelha, e há algo incrivelmente sexy sobre o arco disso. Não que eu vá dizer a ela. Ela não parece querer minha opinião.

Mas dou a ela de qualquer maneira.

— É você e *eu*. Não *eu* e você. Então, a maneira correta de dizer seria: haverá carícias entre você e eu.

Ela começa a rir.

— Eu vi o que você fez.

Dando de ombros, começo a rir também.

— Eu tentei. — Tiro os pratos do outro lado do balcão e fico em volta como um tolo. Minha mãe parece ocupada, e T está cobrindo a cozinha, então acho que estou preso aqui. Poderia muito bem ver que outras reações posso tirar dela. É Chloe ou Mike. E Mike só fala sobre seus dias de glória no ensino médio. Ouvi todas as peças que ele fez. *Chloe, então.* — Você estuda em Yale?

— Sim. — Ela come mais um pouco com os olhos grudados no guia de estudo.

— Se eu não tivesse visto livros médicos em sua casa e o guia do MCAT que você trouxe aqui, eu teria adivinhado ciências políticas.

— Porque você pensaria isso?

— Você gosta de um bom debate. — Eu brinquei com isso, mas é realmente a verdade.

Isso a faz rir.

— Na verdade, não. Há apenas algo em você que desperta isso em mim. — Fechando o livro, ela diz: — Você não vai me deixar estudar, vai?

— A maioria acha que sou uma boa companhia.

A fiz revirar tanto os olhos que estou começando a me preocupar com ela. Ela enfia o livro na bolsa e suspira.

— Você sabe o que eu penso?

— Eu tenho o palpite de que você está prestes a me dizer.

Ela coloca o guardanapo ao lado da tigela.

— Acho que você está acostumado a receber muita atenção, então quando você não recebe, você anseia por isso. Você é filho único ou apenas teve esse seu ego acariciado demais? — Muito contente consigo mesma, ela continua rindo enquanto eu limpo o resto do balcão. Trazendo uma caixa de talheres e guardanapos comigo, aproveito o tempo que estou preso aqui, cuidando da nova amiga da minha mãe. — Você sabe alguma coisa sobre isso?

Felizmente, não sou tão sensível.

— Inteligente — permito a ela. — Você sabe alguma coisa sobre isso? Acariciar o ego?

— Nunca aconteceu comigo. Eu tenho que merecer todos os elogios. — Sentada, ela não cruza os braços, me surpreendendo. — Mas não estamos falando de mim. Ainda estou procurando o equilíbrio, lembra? — Ela abre um sorriso e pega a colher novamente.

— Touché. Como está o chili?

— Me dói te dizer isso... mas está uma delícia.

Eu coloco o guardanapo na dobra.

— Não me dói receber o elogio. Você deveria experimentar o pão de milho. —

Esmigalhando um pedaço em seu chili, ela dá uma mordida e saboreia. Rio porque posso ver a irritação. — Eu sei. É bom também.

— Aí está aquela humildade de novo. — Ela toma um gole de café e depois pergunta: — E você? Você está na escola?

— Estou. — Esfrego o queixo. — Pode não parecer, mas também estudo em Yale.

Sua expressão não pode cobrir o interesse que despertei. Quando seus ombros relaxam, ela diz:

— É muito admirável como você equilibra a escola e o trabalho.

Nada do que ela diz vem sem pensar.

— Não é por escolha, mas a maioria das coisas na vida não são.

— Falando em equilíbrio, o que mais você sabe sobre bonsai? Estou preocupada em cuidar de Frankie adequadamente.

— Você deve borrifar água nas folhas regularmente. — Embrulho mais talheres enquanto tento lembrar mais do que li porque ela parece genuinamente interessada. — E eles podem ficar grandes demais para seus vasos. Frankie parecia precisar de um pouco mais de espaço.

— Eu posso relacionar. — Esfregando o estômago, ela diz: — Como eu comi a tigela inteira?

— Porque estava bom.

Sua guarda baixa, e eu dou uma olhada no lado mais suave quando ela sorri.

— Estava mesmo. — Ela começa a cavar em sua bolsa e tira sua carteira. — Tenho que ir.

Eu gosto que ela se segure; sua confiança é atraente. Ela parece saber exatamente o que quer da vida.

— Estava ficando divertido.

Folheando uma pilha de notas grandes, ela puxa uma nota de vinte.

— Por mais divertido que seja discutir com você, tenho muito o que fazer para me preparar para a escola amanhã.

Eu também, mas preciso terminar meu turno antes. Ela empurra o dinheiro pelo balcão no momento em que eu estava tentando detê-la. Quando nossas mãos colidem, ambas ficam. Meu coração acelera, e eu juro por um segundo que posso sentir tudo. Nossos olhos travam, e embora houvesse uma faísca que normalmente me faria recuar, eu luto contra o desejo, apreciando o contato. Baixando a voz para um sussurro, digo:

— Como minha mãe disse, é por conta da casa.

Antes que ela tenha uma chance, eu me afasto, dando a mim mesmo um espaço muito necessário.

Com o dinheiro entre nós, ela permanece sentada, olhando para mim no que parece ser uma batalha de vontades. Minhas sobrancelhas se juntam enquanto tento entendê-la. Como se eu não tivesse nada melhor para fazer.

— Josh? — Olho de volta para a porta da cozinha que está aberta. O outro cozinheiro, T., diz: — Estou me afogando aqui atrás.

Eu não tinha notado como a multidão do almoço tinha entrado ou como minha mãe e Trina estavam correndo por aí. *Merda*. Eu aceno para ele e sigo, empurrando a porta aberta.

— Eu tenho que ir. Diria que talvez nos vejamos por aí, mas parece que estamos em dois caminhos diferentes.

Toda a pressa que ela tinha antes diminuiu, e ela suspira.

— Você provavelmente está certo, então eu acho que tenha uma boa vida, ainda está de pé.

Virando-me, sinto a porta balançar contra minha bunda, fazendo-a sorrir.

— Parece que sim. — Não sei por que essa garota me intriga, mas ela é definitivamente mais interessante do que servir chili o dia todo. Eu quero saber o que a faz funcionar.

— Você não tem que ir? — ela pergunta com um sorriso.

— Sim. Certo. Tenho que ir. — Desta vez, eu não espero. Lavo as mãos e volto para a grelha para começar o próximo pedido.

Leva apenas alguns minutos antes que minha mãe me encontre enterrado atrás de uma pilha de pratos que já deveriam ter saído. Eu também sou sábio o suficiente para saber que não é por isso que ela está de volta aqui atrás, embora quando ela me vê ainda empratando a comida, ela fica mais do que feliz em esperar com aquele sorriso no rosto.

— Ela é um doce.

— Quem? — Me faço de idiota, mantendo meus olhos nivelados na grelha. Eu sabia que eventualmente ela viria bisbilhotando, procurando detalhes. De jeito nenhum ela pode deixar o encontro pra lá. Pelo menos, ela nunca fez antes.

— Você sabe quem. Chloe.

— Não se preocupe, eu não fiz nada fora dos limites. Entreguei a comida. Isso é tudo.

— Me diga isso. Você deixou aquele crachá lá de propósito? Eu não passaria por você. Você é conhecido por criar um pequeno inferno.

Girando a espátula na minha mão, bato duas vezes no fogão.

— Assim como minha mãe.

Ela está rindo quando se aproxima para bater no meu braço.

— Não estrague minha reputação, garoto. Levei anos para conseguir um pouco de respeito nesta cidade. — Minha mãe era uma criança selvagem crescendo. Pelo que ouvi, se houvesse problema, ela o encontraria e faria uma tatuagem para comemorar. Nosso riso morre quando ela volta para o outro lado e pega o prato que T que acabou de fazer para o delivery.

— Vou guardar seu segredo.

Com o prato na mão, ela olha para mim, não em expectativa, mas em exame. Eu odeio estar sob seu microscópio. Isso significa que a conversa não acabou. Ela sempre foi intuitiva, e se eu esquecer de fazer uma cara de indiferença, ela vai notar a emoção.

— Tudo o que estou dizendo é que deve ter sido uma entrega qualquer.

— Sim, normal. — Eu ri. Por mais que eu possa respeitar seus retornos sólidos, a garota mantém muita coisa escondida por dentro. Esse não é o meu tipo habitual. — Nada especial.

— Nada de especial, hein? Ok. Se é assim que você vai jogar. Parecia algo mais do que nada para mim. — A porta se fecha.

A próxima coisa que eu sei é que estou correndo pela porta dos fundos e subindo o beco até a calçada.

— Ah! — Bato em alguém que grita, e me agarro para não cairmos.

Inclinando-me para trás, estou agradavelmente surpreso.

—Ei.

— Você me assustou, Joshua. — Afastando-se de mim, ela reajusta a bolsa no ombro.

— Desculpe. Eu estava tentando te alcançar.

Suas mãos pousam em seus quadris enquanto ela me encara.

— Bem, você me alcançou.

Não sei o que é, mas estou tão tentado a beijá-la, segurar seu rosto entre minhas mãos e sentir seus lábios contra os meus.

O que eu estou fazendo? Eu corro minha mão pelo meu cabelo e digo:

— Uh. Você precisa submergir o pote inteiro de Frankie na água uma vez por semana. Quando as bolhas de ar pararem, você pode retirar. Eles precisam de um cuidado único.

— Você sabe tanto sobre todas as plantas ou apenas árvores bonsai?

— É um conhecimento solto. Como eu disse, eu tive um há alguns anos, e foi preciso muitas tentativas, erros e pesquisas online, mas o meu sobreviveu.

Ela se mexe, as mãos baixando para os lados.

— É por isso que você queria me encontrar?

— Não, eu também queria te dizer que o especial de amanhã é o meu favorito.

Ela olha para baixo e sorri, mas posso dizer que não há mais irritação nela, nem mesmo uma pequena discussão.

— Oh, sim? Qual é o especial de amanhã?

— Queijo grelhado e sopa caseira de tomate e manjericão.

— Isso soa bem. — Ela move seu cabelo castanho ondulado por cima do ombro.

— Nós servimos todas as terças-feiras se você estiver na vizinhança. Às vezes, temos pessoal suficiente para entregar, se você preferir comer em casa.

— Vou manter isso em mente.

— Espero que você faça. — Quando ela se vira para sair, acrescento: —Diga oi para Frankie por mim.

Seus pés param na calçada, e ela olha para trás com um sorriso.

— Eu vou. Tchau, Joshua

— Tchau, Chloe.

Não sei o que diabos estou fazendo, mas gosto da sensação. Tento voltar para dentro sem ser detectado, mas suspeito que minha mãe pode me sentir na área porque ela está de volta aqui. A maioria de nossas conversas é interrompida por pedidos que precisam ser entregues, e ela continua de onde parou mais cedo.

— Olha, Joshua, eu sei que você está cercado de muitos garotos ricos, e você entrou em uma escola da Ivy League. Nossa casa não foi cara, mas é nossa. Você não é menos que ninguém, mas algumas pessoas nesta cidade vão te desprezar porque você é meu filho, ou porque você é um morador do povo de New Haven. O dinheiro não os torna melhores.

— Isso só os torna mais ricos. Eu sei, mãe. Já ouvi isso mil vezes. Não se preocupe, vou ficar com o meu próprio povo.

Vejo como a conversa a deixa inquieta. Ela foi incomodada por garotos ricos que frequentavam a universidade, incluindo o homem que doou seu esperma para me fazer. Ele costumava me dizer para chamá-lo de pai e, embora seja descritivamente próximo ao que ele é, o nome nunca parece certo. Nem chamá-lo de David, então estou fodido de qualquer maneira. Embora possa supor que o gostinho que tive de sua boa vida também aumentou minha amargura. Eu não quero estar nesse mundo de qualquer maneira.

Garotas não se importam com minha bagagem. A maioria das pessoas nem sabe. Eles têm seus próprios problemas. Mas isso não significa que não fodeu com a minha cabeça. É mais fácil ficar casualmente do que se comprometer e ser abandonado novamente.

— Seu povo é quem você quer que seja. Apenas tome cuidado ao começar a se misturar com aqueles que fazem você se sentir menos — diz mamãe.

— Não se preocupe. Ela não me fez sentir nada — minto, me sentindo mais interessado por ela do que em qualquer outra pessoa há algum tempo. — Entreguei comida para uma garota. E daí? Há um monte de garotas gostosas nesta cidade. Não vou me casar com ela e não vou fod...

— Feche. Não fale assim. Está abaixo da sua inteligência e é desrespeitoso com uma garota que eu posso dizer para você paquerar.

Paquerar? Reviro os olhos.

—Você xinga.

Um sorriso surge em uma de suas bochechas, as linhas mais profundas nos dias de hoje.

— Faça o que eu digo, garoto. Não o que eu faço.

Saudando-a com minha espátula, eu digo:

— Sim, sim, capitã. — Sirvo dois pratos e entrego para ela. — Melhor servido quente.

Ela pisca, aparentemente satisfeita com minhas respostas, e sai da cozinha. Olho para T, que está sorrindo, mas conheço esse sorriso.

— Nem diga nada, T. Minha mãe já é ruim o suficiente. Eu não preciso da sua provocação.

— Não importa quantos anos você tenha, Josh, você sempre será o bebê dela.

— Tempos como esses, eu gostaria de ter irmãos para tirar um pouco do peso da atenção excessiva. — Chloe provavelmente está certa sobre eu ansiar isso. Só não quero mais isso da minha mãe.

Isso o mantém rindo, e se divertir enquanto passa horas nesta grelha quente é a única maneira de passar por um longo turno. Depois de colocar uma forma de pão de milho no forno, vou até a porta de vaivém e espio pela vigia onde Chloe estava sentada.

Bonita é um eufemismo, eu finalmente admito. Mas a julgar por aquela bolsa elegante que ela tinha no ombro, minha mãe está certa. Ela está fora do meu alcance. Não que ela estivesse dizendo isso, mas eu entendi a indireta de *não se misture*.

Os universitários ricos gostam de brincar com os moradores da cidade. Não importa se você nasceu em New Haven ou nos subúrbios. Os locais nunca serão considerados iguais aos seus olhos. Então pode ser divertido brincar com ela, mas chegar mais perto só vai me fazer queimar.

Já vi acontecer o suficiente com outros para não testar o destino. Estou apenas curioso por que de repente estou disposto a testar essa teoria com ela?

Buscar qualquer coisa com ela seria uma má ideia porque serei eu quem pagará o preço. Não estou no nível dela, então o que uma garota como ela veria em mim?

De qualquer forma, sei muito bem que namorar do outro lado dos trilhos não parece comigo. *Então, por que ainda estou pensando nela?*

4

Chloe

— Eu disse a ele na bunda! — Ruby diz, rolando de rir do outro lado do sofá. — Como eu ia saber que ele se referia a um local como uma cozinha ou algo chato assim quando ele perguntou onde é o lugar mais louco que eu fiz sexo?

— Você realmente disse isso? — Pergunto de olhos arregalados.

— Você deveria ter visto o rosto dele, Clo. Impagável. Quem disse que os nova-iorquinos estão cansados?

— Acho que ninguém está preparado para você, minha amiga, mas estou feliz que você tenha se divertido, mesmo que não tenha dado certo.

As travessuras de Ruby me fazem pensar nos últimos dois dias. Analisando demais ambas as trocas, cheguei à conclusão de que Joshua não sabe do que está falando porque não sabe nada sobre mim. Claro, ele é rápido em expressar sua opinião, mas isso não significa que deva ser levada em consideração.

Tenho a sensação de que ele conseguiu o que queria, mais do meu tempo.

— Você não deveria me deixar beber em uma noite de escola — Ruby diz.

— Uma caixa de vinho foi a primeira coisa que você colocou no apartamento novo, então não acho que poderia ter parado você se eu tentasse — respondo, a provocando.

— Estou feliz que você não tenha tentado. — Ela chuta os pés para cima da mesa de café, seus braços se abrindo. — Meu corpo dói de tanto rir. É bom passar um tempo juntas de novo.

— Estou feliz que você está de volta, também. Tudo o que fiz foi trabalhar neste verão. É bom ouvir que uma de nós se divertiu.

— Você poderia se divertir se quisesse, Clo.

— Diversão é para quando você está morto, de acordo com O Grande Dr. Fox.

— Então foi uma droga trabalhar para o seu pai?

— A clínica foi uma boa experiência e exposição às operações, mas nada entre eu e meu pai mudou. Ele me vê de uma maneira, e se eu tento me divertir, me diz que minha mãe é a culpada.

— Eu sinto muito. Esperava que fosse melhorar.

Odeio admitir isso em voz alta, mas minha vida chata em casa me faz sentir indesejada. Mas é Ruby, e ela já conhece a maioria dos meus segredos.

— Eu fui à praia uma vez e encontrei Trevor.

— Trevor League? — Se havia uma família que tinha mais prestígio do que os Foxes em Newport, eram os League. Trevor continuou a reputação de playboy que construiu em casa e a desenvolveu em Connecticut. — Como foi?

O que meu pai construiu como cirurgião, o pai de Trevor construiu em finanças. Era natural, considerando os laços de nossas famílias, que um dia, Trevor e eu tivéssemos um relacionamento. Fomos ao baile juntos, calouro e segundo ano. Eu não me ofereci, então ele me trocou por uma veterana que estava feliz em sacrificar sua virgindade no altar do arrogante segundanista por uma chance no dinheiro da família League.

Eu nunca senti a obrigação de dar a mínima para ele ou sua posição na comunidade. Meus objetivos eram maiores que os League porque meus objetivos não se apoiam em dinheiro. Eles se apoiam em curar e fazer a diferença na vida das pessoas.

— Ele se sentou ao meu lado como se fôssemos velhos amigos e me disse que eu estava *bonita hoje em dia*. Essas foram suas exatas palavras, Ruby, enquanto ele abaixava os óculos escuros para dar uma olhada melhor no meu decote. Ele nunca vai mudar. Ele continua arrogante como sempre.

— Considerando o quão gostoso ele é, ele tem o direito de ser. A verdadeira questão é, quão arrogante ele é? — ela infere toda a besteira com apenas essas poucas palavras. Suas mãos se abrindo não era necessário.

Mas já que elas estão pendurados no ar, eu as empurro juntas e começo a rir.

— Eu não sei, mas os rumores dizem que não é arrogante o suficiente lá embaixo para apoiar esse ego.

— Caramba. A garota tem algum rancor. — Empurrando meu braço, ela acrescenta: — Eu sempre gostei do seu lado agressivo. — Depois de beber seu vinho, ela gira o caule entre os dedos. De repente, ela se senta e despeja mais vinho em seu copo. — Você precisa de mais jogo para equilibrar todo o trabalho. Trabalho. Trabalho.

— Você parece minha mãe.

— Sua mãe é incrível. Ouça a mulher e aproveite a vida antes de ficar presa trabalhando em turnos de setenta e duas horas e se apaixonando por um dermatologista porque os médicos são os únicos com quem você interage.

A palavra *presa* tornou-se uma das minhas menos favoritas, uma vez que entra sob minha pele desde o outro dia, presa no lugar. Balanço a cabeça, mas quando vejo Ruby me observando, digo:

— Para constar, dermatologistas são profissionais altamente conceituados.

Ela finge bocejar.

— Entediante.

Eu sei o que vai convencê-la.

— Eles ganham muito dinheiro e aposto que a esposa de um dermatologista tem uma pele incrível. E eles podem te dar botox de graça.

— Aceito. Onde posso arranjar um? — Achei que isso poderia despertar o interesse dela. — Escola de medicina.

Uma risada leve é seguida por ela rolando sem pensar em seu telefone.

— Acho que vou mudar meu curso de pré-medicina para artes visuais amanhã.

— Sério?

— Passei o verão trabalhando no meu portfólio de fotografia e decidi que amo o suficiente para perseguir profissionalmente.

— Posso imaginar que não deu certo com os Darlings.

— Eles não sabem. O acordo original era que eu conseguisse um diploma. Acho que eles acharam que eu não poderia ser criativa em Yale. Pais bobos. Provei que eles estavam errados. — Antes que eu possa fazer mais perguntas, ela se volta para a comida em uma rápida mudança de assunto. — Está com fome? Estou faminta.

— Estou bem, mas você deveria comer.

Enquanto ela pega uma salada da geladeira, me deito, olhando ao redor da casa dela. Sinos minúsculos estão pendurados no topo de sua janela, um cobertor com estampa paisley roxo está pendurado sobre o sofá e um tapete que tem todas as cores atravessando suas fibras ancora a sala de estar. A mesa de centro está arranhada por anos de uso, e ela não se preocupou em desempacotar nenhum prato para encher os armários. Daí os copos descartáveis que usamos para o vinho e as caixas que ocupam metade do chão da cozinha. Imagino que a falta de peso para se conformar às expectativas da sociedade deve ser libertadora.

Eu me preocupei algumas vezes com um incêndio por causa do lenço amarelo pendurado no topo de um abajur, mas tudo isso se encaixa em seus modos de espírito livre. Isso me faz pensar o que meu apartamento diz sobre mim.

Meu caminho está traçado desde o dia em que nasci, e meu apartamento chato é a prova da falta de exploração que tive da vida. As decisões que tomei nunca foram sobre o que meu coração quer. É tudo sobre minha cabeça e o que fica bem em uma inscrição para a faculdade ou um currículo.

Os planos dão segurança. Não há nada de errado em saber o que você quer fazer com o seu futuro. No entanto, levanta a questão se vale a pena sacrificar o hoje pelo amanhã.

— Você com certeza está quieta. O que está em sua mente? — Ela enfia os dedos dos pés sob minhas pernas. — Precisa de mais vinho? — Olhando para mim muito tempo depois que ela parou de falar, eu sei o que vai acontecer. *Conversa de sexo.* Estas

são as preliminares dela quando ela quer ser pessoal. Se eu tivesse que resumir Ruby Darrow a uma filosofia, sexo é a resposta para tudo.

Tem um coração partido?

Cure-o com um caso de uma noite.

Nota 8 em um teste de biologia?

Sexo com o professor assistente.

O carro precisa de um novo radiador?

Desça e se suje com um mecânico.

É seu modus operandi e funciona para ela mais do que para mim. E embora eu a ame muito e aprecie essa amizade, não sou Ruby. Sexo não é algo que eu trato levianamente, ou de nenhum modo, já que ainda não aconteceu. Essas pequenas covinhas arrogantes povoam minha cabeça, me fazendo estremecer. Apenas não para ele. Embora... ele tenha sido útil quando se trata de Frankie quando ele não precisava ser.

— Não preciso de mais vinho — eu respondo, bebendo lentamente para não subir à minha cabeça.

Balançando os dedos dos pés, ela diz:

— Você me disse que encontrou Trevor, trabalhou demais e não teve vida social. Estou assumindo que isso significa que também não houve encontros?

Considerando que a quantidade de tempo que passei com um entregador é a maior quantidade de tempo que passei com alguém do sexo oposto em meses, acho que não tenho muito a oferecer sobre o assunto.

— Namoro foi inexistente, como de costume.

Ela cai de costas contra a almofada dramaticamente com o antebraço preso à cabeça.

— Me diz que você pelo menos tinha um brinquedo para fazer companhia.

Não serei capaz de mantê-la longe da conversa sem sexo por muito tempo, então tento pensar em um osso que eu possa jogar. Nada vem à mente, no entanto. E aqui estamos, como eu sabia que estaríamos.

Três.

Dois.

Um.

Sentando-se, ela pergunta:

— Por favor, me diga que você tem algo para ajudar a liberar a tensão.

Levanto meu queixo e sorrio.

— Tenho livros. Romance. História. Livros didáticos. Clássicos. Livros indecentes. — Adiciono o último para salvar um pouco da cara. É embaraçoso ser

virgem na minha idade. — Sim, Ruby. Você foi quem me deu o coelhinho mágico no meu aniversário do ano passado.

Com uma piscadela, ela pergunta:

— É o melhor, certo?

— É o único, então, por padrão, é de primeira qualidade.

Suspirando satisfeita, ela exala.

— Bom. Eu sempre me preocupo com você.

— Não precisa se preocupar, Ruby. Eu sei como minha vagina funciona.

— Você é tão técnica. Aposto que é quente na cama. — Cruzando as mãos sobre o peito, ela mergulha a cabeça para trás. — Ah, sim, toque minha vulva, baby.

Eu a empurro de brincadeira.

— Ninguém reclamou ainda.

— Isso é território desconhecido, mulher. Nenhum explorador esteve lá antes — diz ela, endireitando-se. — Mas antes que você fique ainda mais vermelha, uma das minhas coisas favoritas sobre você é o quão doce *e técnica* você é.

— Por que isso soa como um insulto envolto em açúcar?

Ela pega seu recipiente de comida da mesa e começa com um grande pedaço de alface.

— Eu não sei como você fica tão magra. Ainda está correndo?

— Muito.

— Porque você precisa trabalhar essa tensão sexual. — Ela enfia outra mordida cheia de molho na boca. Embora sua atenção esteja na TV, seu comentário permanece.

Se eu estivesse sendo honesta comigo mesma, ela está certa sobre a tensão, estresse e sexual. Eu me levanto.

— Estou indo para casa. Nós duas temos um grande dia amanhã.

Chutando os pés para cima, ela descansa no sofá, monopolizando a almofada que eu desocupei.

— Não posso acreditar que o verão já acabou.

Abro a porta da frente e me inclino contra ela, de frente para ela. Incapaz de parar meu sorriso, eu digo:

— O último ano.

— Temos que aproveitar ao máximo.

— Definitivamente. — Eu ri levemente. — Boa noite. — Assim que fecho a porta, paro quando vejo uma pequena caixa na minha porta. Espreitando escada abaixo, não vejo ninguém e não ouço passos.

Me aproximo da caixa com cautela e fico em cima dela, sorrindo quando percebo

o que está dentro. Ajoelhando, a pego e a carrego para dentro do apartamento. Sento-me na outra ponta do sofá, perto de Frankie, e digo:

— Parece que você recebeu presentes hoje.

Pegando a pequena garrafa de nebulização, eu a seguro.

— Adivinha as folhas de quem está sendo mimadas? Um novo vaso. Olha que lindo. — O vaso de cerâmica azul é em forma de retângulo e será uma grande melhoria em relação ao pequeno vaso de plástico atual.

Deixo o saco de terra na caixa e tiro o bilhete antes de deixar o resto de lado. Desdobro e leio: *Espero que Frankie goste da nova casa.*

Ele não assinou, mas eu sei de quem é, e sorrio enquanto leio em voz alta para minha pequena colega de quarto. Então percebo que estava conversando com uma planta, fazendo-me revirar os olhos para mim mesma.

Não tenho certeza se era isso que minha mãe queria que acontecesse quando me colocou no comando do bem-estar de Frankie, mas cuidar dela começou a se tornar divertido.

Replantar a árvore no vaso não demora muito, mas seguindo o conselho dele, não consigo trazê-la para o quarto, pois ela ficará de molho durante a noite. Apago as luzes depois de terminar e digo:

— Boa noite.

5

Chloe

NUNCA ME SENTI como se eu me encaixasse. O primeiro dia de aula pode ser avassalador ou tranquilo. Felizmente, estar preparada me fez sentir confiante a partir deste ano. É por isso que, quando vejo a placa do Restaurante da Patty, a dois quarteirões, faço um desvio.

Minha confiança permanece na calçada quando entro no restaurante. Posso me virar e sair andando de volta. Nenhum dano. Nenhuma falta. Salvando a cara antes que isso fique fora de controle. Sim, é isso que devo fazer.

Mas aquela campainha tocando no alto chama a atenção novamente quando abro a porta para sair.

— Chloe?

Fecho meus olhos, me repreendendo por entrar nessa situação complicada em primeiro lugar. Poderia ser pior. Poderia ter sido Joshua quem me pegou tentando fugir.

Viro-me, pronta para cumprimentar Patty, quando vejo seu filho parado ao lado dela. Ele está sorrindo... sorrindo de verdade, me dando o sorriso arrogante que parece ser sua especialidade. Com um leve levantar de sua mão, ele diz:

— Oi.

Coloco o cabelo que caiu do meu rabo de cavalo atrás das orelhas e depois ajeito as alças da minha mochila.

— Oi. Eu estava na área e pensei em experimentar o especial. — Com a mão estendida, acrescento: — É altamente recomendado.

Patty parece satisfeita e vem me cumprimentar.

— Estou feliz que você tenha vindo. Joshua estava prestes a fazer uma pausa para o jantar. Talvez vocês dois possam comer juntos... naquela cabine... no canto de trás.

— Ah, hum. — Olho de volta para os olhos castanhos rastreando cada movimento meu. — Não gostaria de me intrometer. Ele pode ter outros planos...

— Vou pegar a comida — ele diz enquanto Patty acena com a mão para mim como uma fada tatuada.

Seguindo Patty até a cabine, murmuro:

— Certo.

Ela se levanta, esperando que eu entre, então tiro minha mochila e a jogo no banco.

— Obrigada.

— Estou feliz que você veio de novo. Estávamos falando de você.

— Oh, sim?

Inclinando-se contra o outro lado da cabine, ela olha ao redor de forma conspiratória e depois diz:

— Josh mencionou sua paixão por plantas.

Torço meu pescoço quando eu contenho a surpresa de me empurrar para trás. Esfregando a parte de trás, eu pergunto:

— Ele fez?

— Disse que você tem um bonsai como o dele.

Sorrio.

— Sim. Minha mãe me deu de presente de casa nova. Deve me ajudar a encontrar o equilíbrio entre a escola e a vida. — É muito adorável que é nisso que ele pensa quando pensa em mim. Não que eu seja um Newport Fox ou esteja prestes a me formar em Yale com honras. Para Joshua, sou a mãe de Frankie.

— Dei a Josh seu bonsai quando ele tinha treze anos. Eu esperava que ele pudesse encontrar paz interior e calma em alguns momentos turbulentos.

— Lamento saber que ele teve dificuldades.

Ela ri.

— Todos nós temos, não? Mas algumas coisas acontecem por uma razão. Nós apenas temos que procurar o arco-íris depois da tempestade. — Ela olha para cima quando a porta se abre. — O que posso pegar para você beber?

— Água está bom. Obrigada.

Acariciando meu ombro quando ela passa, não posso deixar de sentir sua gentileza toda vez que a vejo.

Meu telefone toca, e eu rapidamente o pego no bolso da frente da minha bolsa e atendo:

— Oi, pai.

— Chloe. Liguei para ver como foi o primeiro dia.

— Tudo bem. Vai ser um semestre difícil, mas nada que eu não possa lidar.

— Isto é o que eu gosto de ouvir. Certifique-se de se manter à frente do programa para que, se surgirem dúvidas, você tenha tempo para obter respostas.

— Eu vou. — Abaixo minha cabeça, me perguntando quando ele vai confiar em mim para cuidar da minha própria vida. — Você ainda está trabalhando?

— Trouxe o jantar, e estou colocando algumas pesquisas em dia. A educação nunca termina em nossa profissão. — Ele ainda se recusa a discutir um caminho médico diferente daquele que ele tomou, e sua expectativa de perfeição pesa sobre

mim.

— Fico feliz em saber que você está tomando tempo para comer. — Certificando-me de que Joshua não aparecerá comigo falando no telefone, acrescento: — Estou prestes a comer e depois vou para casa, então devo...

— Isso é bom. — Ele faz uma pausa antes que seu tom fique sério, não que ele tenha um tom despreocupado em seu arsenal. — Nem sempre nos demos bem...

Nós tivemos dificuldades durante o divórcio porque ele sentiu que eu estava do lado da minha mãe. Eu não estava. Estar presente para ela não é ficar do lado dela, mas ele nunca entendeu isso. Havia conflitos sobre meus cursos do ensino médio e o caminho rápido que ele queria que eu fizesse. Ele ganhou. Eu me formei em três anos e fui para Yale exatamente como ele queria, para desgosto de minha mãe.

— Quero que você saiba o quanto estou orgulhoso de você, Chloe.

Ajustando o telefone na minha mão, fecho meus olhos e me inclino em direção à parede para ter privacidade.

— Eu sei, pai, mas significa muito ouvir isso.

Ele limpa a garganta, a aspereza retornando.

— Boa conversa.

O nó na minha garganta é engolido, e eu respondo:

— Sim, boa conversa.

— Boa sorte este ano. Me deixe orgulhoso.

— Eu vou. Eu amo...

A linha fica muda.

Ele nunca me dizer que me ama costumava me incomodar, mas ele sempre disse que as palavras são inúteis. São as ações que importam.

— Sentiu minha falta? — Joshua coloca um prato e uma tigela de sopa na minha frente antes de deslizar na minha frente. — Acho que nossos caminhos não são tão diferentes, afinal.

Largando meu telefone de volta na minha bolsa, eu digo:

— Especialmente quando eles se cruzam no mesmo lugar. — Não tenho certeza de quando os copos de água chegaram, mas me sinto um pouco envergonhada ao pensar em Patty ouvindo minha ligação disfuncional com meu pai. Tomo um gole de água para esfriar minha autoconsciência. Mas ver Joshua olhando para mim com um sorriso torto não ajuda. — O que?

— Você.

Eu inclino minha cabeça e levanto uma sobrancelha.

— Gostaria de elaborar?

— Você não conseguiu resistir, não é? — Ele tem o maior, mais estúpido e mais

quente sorriso em seu rosto agora.

— Você tem razão. Me pegou. Adoro sanduíches de queijo grelhado. — Dou uma grande mordida para encher a boca o suficiente para justificar não falar mais.

Rindo, ele pega uma das metades cortadas na diagonal e dá uma grande mordida. Ele é um cara grande com apetite para combinar, a julgar pelos dois sanduíches em seu prato.

— Você sabe do que estou falando, Chloe. Então você pode se esconder atrás dos especiais ou apenas confessar e admitir que parou para me ver.

— Pfft. Eu nem sabia que você estava trabalhando. De qualquer forma, deixei meu estômago roncando liderar o caminho.

— Ok — diz ele, mergulhando um canto de um sanduíche na sopa. Ele o segura. — É melhor quando comemos juntos. Estou surpreso que uma garota como você comeria um queijo grelhado, então mergulhar pode ser demais para você.

Meus ombros caem, e eu dou a ele um olhar aguçado.

— Posso ser de Newport, mas posso ficar bagunçada como os melhores deles.

— Duas coisas — ele começa. Eu estou imaginando que ele vai falar meu ouvido neste momento. — Primeiro, você é de Newport?

— Eu sou. Então diga o que você quer dizer, e então vamos continuar com a segunda coisa que você sente a necessidade de compartilhar.

Dando de ombros, ele age inocente com os olhos arregalados e sua atenção plantada na tigela de sopa.

— Eu não ia dizer nada além de... — Seus olhos levantam para os meus, castanhos aquecendo meus verdes. — Não estou surpreso.

— Bem, o que isso significa?

— Significa que não estou chocado.

— Eu sei o que significa surpresa. Quero saber por que me encaixo em uma caixa que aparentemente não te surpreende?

— Bem, você me diga.

— Oh meu Deus. Você é tão irritante.

Seus lábios torcem para um lado como se ele odiasse ser o portador de más notícias.

— Só estou dizendo que você é rígida.

— Eu não sou.

— Ok. — Um sanduíche foi demolido e ele começa o próximo.

— O que quer dizer com ok?

— Você quer que eu defina ok para você?

Eu agarro a borda da mesa para não bater nele.

— Você dá a todos os seus encontros um momento tão difícil?

Seus olhos se fixam nos meus, o sorriso irônico se esvai. Inclinando-se mais perto, ele sussurra:

— Não. Só as que eu gosto.

Tenho duas coisas para me listar.

1. Joshua acabou de confessar que gosta de mim.
2. Eu disse que estamos em um encontro, e eu sei que ele está prestes a ter um dia e tanto com esse deslize.

Agora estou segurando a mesa por uma razão inteiramente nova, para me preparar para o ataque verbal vindo em minha direção. *Na verdade não.* Em vez disso, coloco a sopa na boca.

Inclinando-se para trás com um sorriso de auto-satisfação, ele diz:

— Não se preocupe, Chloe — arrastando aquele E novamente com um sotaque que definitivamente não é daqui. — Quer eu goste de você ou não, sempre deixo meus encontros felizes.

A colher cai da minha mão, batendo contra a tigela e caindo no jogo americano. O tumulto ganha atenção indesejada. Esperando, cruzo os braços sobre o peito, tentando nivelar aquele sorriso em pedacinhos.

— Será que eu quero saber o que isso significa?

— Confie em mim. Você quer saber.

Há tanta convicção em seu tom que estou começando a acreditar nele. Antes de me envolver demais em minha imaginação, pergunto:

— Em que consiste exatamente esse final feliz?

— Você gostaria que eu te mostrasse?

— Não. Não estamos em um encontro. Isso foi um deslize da minha parte. — Acenando entre nós, eu cedi um pouco porque seu ego pode ser a parte mais dominante, mas eu meio que gosto do outro lado que ele me mostra de vez em quando. — Eu não estava procurando por um amigo, mas por algum motivo, eu encontrei você, quando não totalmente incorrigível, levemente divertido.

Como se ele tivesse acabado de ganhar na loteria, toda a sua expressão muda à medida que o ego é alimentado mais uma vez.

— Provavelmente é melhor se formos apenas amigos.

— Por que isso?

— Eu não acho que você poderia lidar com...

— Seu ego.

— Você está tão fixada no meu ego. Mas pela forma como você anda por aí

estudando como se estivesse acima de tudo...

— Eu estudo o tempo todo porque preciso. Quanto você estuda? — Talvez, eu o cortei novamente, mas ele sabe exatamente como apertar meus botões.

Seu silêncio me mantém fixada nele, a maneira como ele de repente parece querer sair, faz minha curiosidade ficar louca. Nenhuma vergonha cobre seu rosto, e ele não parece estar procurando uma desculpa. Então me dou conta. Minha boca se abre quando encontro falhas em minhas próprias habilidades em comparação direta.

— Oh meu Deus. Me diga que você tem que estudar. Que você faz isso a cada minuto que não está na aula ou no trabalho.

A inclinação de sua cabeça envia fios caindo em seus olhos. É quando percebo que ele não está usando um boné como estava quando entrei. Juro que a camisa dele era azul, mas agora está vermelha. Ocasionalmente, sinto o cheiro limpo de sabonete e, considerando que ele é um cozinheiro, ele quase parece ter acabado de tomar banho. Como, talvez, ele estivesse esperando que eu viesse esta noite. *Talvez.*

Acariciando minhas mãos sobre minha cabeça, eu puxo o elástico do meu cabelo e recolho todos os fios soltos. O tempo todo, estamos olhando um para o outro como se fôssemos mais do que amigos. Eu não tinha notado meu coração batendo tão forte no meu peito ou que minha respiração havia diminuído, até agora, e a batida é tão alta que ele poderia ouvir.

Na reviravolta mais estranha, passei de me sentir derrotada por ser superada colegialmente para me sentir viva com sua proximidade. Mergulhando minhas mãos em minhas calças de ioga, deslizo minhas palmas úmidas pelo topo das minhas coxas.

— Eu não diria que tenho memória fotográfica, já que não fui oficialmente testado, mas também não diria que não tenho.

Por que seus lábios de repente são a coisa mais fascinante de hoje?

Eu não sei se eu me odeio por de repente achá-lo tão atraente ou deveria me parabenizar por aguentar esta refeição. Tomo mais algumas colheres de sopa para refletir sobre essa situação precária.

— Eu tenho que me esforçar por cada nota. Minha memória não é ruim, mas gostaria que fosse melhor.

— O que quer que você esteja pensando, e parece que é muito pelo quão apertado você está segurando essa colher, não desconte em mim.

— Descontar em você? Eu estou com inveja. Talvez se eu não tivesse que estudar tanto, eu pudesse ter a vida que todos me dizem que estou perdendo.

— Parece que você já sabe o que está perdendo. Agora, é apenas uma questão de fazer algo a respeito. — Descansando os antebraços sobre a mesa, ele pergunta: — O que você vai fazer sobre isso?

Gosto de pensar que sou rápida com a resposta correta do livro didático para qualquer coisa. Além de terminar a escola, posso ter conversa fiada com os melhores da sociedade. Mas quando alguém pergunta sobre mim, fico sem resposta.

— Eu não sei — eu respondo honestamente.

— Tudo bem. Nós somos jovens. Temos tempo para descobrir isso.

Nós? Eu distintamente peguei um nós lá.

— Disse como alguém que sabe exatamente quem ele é.

— Disse como alguém que não teve outra escolha a não ser crescer rápido.

O lado mais leve e jovial desapareceu, e as palavras de sua mãe voltaram para mim, *eu esperava que ele pudesse encontrar paz interior e calma em alguns momentos turbulentos.* Agora não parece ser a hora de fazer perguntas profundamente pessoais, embora eu continue curiosa sobre o que aconteceu.

— Eu queria agradecer pelos presentes de casa nova para Frankie. — Tudo bem, eu me entrego a essa bagunça boba. — Ela os ama.

Um sorriso mais genuíno do que antes aparece.

— Estou feliz em ouvir.

— Ela faria truques com aquelas folhas para uma boa nebulização. — Eu ri. É a risada dele que faz a alegria chegar aos meus olhos também. — Então eu acho que é oficial. Faço parte do clube de bonsai.

— Yale têm um.

— Vamos com calma. Passos de bebê.

Ele verifica o relógio e diz:

— Meu intervalo está terminando em breve. Que tal uma rodada relâmpago de perguntas para te conhecer?

— Estou dentro. Posso ir primeiro? — Quando ele acena com a cabeça, eu pergunto: — Idade?

— Vinte e dois no próximo mês. Idade?

— Vinte e um. — Não sei porque minto. Ele não me deu nenhuma razão para isso, exceto que eu não quero que ele me trate de forma diferente. As pessoas sempre fazem isso quando descobrem que pulei um ano ou não posso ir a bares com elas como deveria.

— Nós temos a mesma idade...

— Vai se formar em que? — Eu pergunto, passando por esse tópico o mais rápido que posso.

— Economia. Pré-medicina para você?

— Sim. — Uma alegria enche meu peito. Embora eu tenha todos os tipos de perguntas sobre seu curso, vou com calma. — Comida favorita?

— Para cozinhar ou comer?

Eu ri.

— Imagino que um chef seria específico. Que tal os dois?

— Eu sou um cozinheiro, não um chef. Quanto à comida: Comer, peixe-gato fresco depois de um dia no lago. Cozinhar? Hum... — Ele esfrega o queixo. — Talvez omeletes. Você pode fazer de um milhão de maneiras diferentes. Meio simples, eu sei, mas combina comigo, eu acho.

— Não te acho nada simples. — A bola meio que cai, e eu gostaria que houvesse retornos. Mas uma vez que já está lá fora, eu sigo com isso — Eu acho que você é bastante interessante, Joshua.

— O suficiente para querer compartilhar outro especial algum dia?

— Algum dia. — Eu não posso ceder tão facilmente. Onde está o desafio nisso?

Empurrando a mesa, ele se levanta e começa a recolher os pratos.

— Preciso voltar ao trabalho. A multidão do jantar já está se acumulando.

Olho em volta e, apesar de um sino acima da porta, nunca notei que o restaurante agora está cheio.

— É claro. Vou deixar dinheiro na mesa.

— Agora, por que eu deixaria você fazer isso? Isso é um encontro, lembra? — Ele pontua com uma piscadela.

Olhando para baixo quando minhas bochechas estão quentes, eu sorrio para mim mesma. Eu olho para ele sob meus cílios.

— Eu lembro.

Quando ele pega os pratos, coloco minha mochila de volta. Sinto ficar mais leve, então me viro para encontrá-lo ajustando.

— Não quer machucar suas costas carregando todos esses livros. Não tenho certeza se você sabe... — Seu tom pinga em sarcasmo. — Mas tudo o que você precisa está online hoje em dia. Você na verdade não precisa carregar livros.

— E aqui, eu estava começando a pensar que não receberia outro de seus comentários espertinhos. Obrigada por pensar em mim.

Rindo, ele responde:

— De nada.

Eu vou para a porta e o noto atrás de mim.

— Está bem. Eu posso sair sozinha.

Seus ombros bateram na parte inferior de suas orelhas.

— Sim, não se preocupe. Eu só estava indo para tomar ar fresco.

— Ah. Certo. — Eu ri. Na calçada, paro desajeitadamente, olhando para a rua, e depois me viro para ele. — Então, eu já vou. Obrigada pelo jantar. — Não tenho ideia

do que estou fazendo, o que parece ser um tema recorrente quando estou com ele. Mas eu faço isso de qualquer maneira. — Você sabe como você me disse para dizer oi para Frankie?

A risada ressoa em seu peito enquanto ele passa o polegar sobre um lábio inferior macio.

— Sim.

— Eu não disse.

— Por que não?

— Eu estava pensando que você mesmo poderia dizer a ela algum dia.

Ele se esforça tanto para conter seu sorriso e falha. Tenho quase certeza de que é a única coisa em que ele falha.

— Eu poderia fazer isso. Eu teria que verificar minha agenda. Talvez eu possa lhe dar meu número, e você pode me enviar uma mensagem em algum momento.

— Com certeza. Frankie vai adorar a visita. — Pego meu telefone e entrego para ele.

Enquanto digita, ele diz:

— Qualquer coisa por Frankie. — Quando ele entrega meu telefone de volta para mim, ele puxa o dele do bolso com meu número piscando na tela. — Espero que você não se importe que eu mandei uma mensagem para mim mesmo. Agora, eu tenho o seu número.

— Me mande uma mensagem com os especiais. — Começo a recuar na direção oposta e digo: — Você nunca me contou sobre esse final feliz.

— Como eu disse, é algo que eu tenho que te mostrar.

— Talvez na próxima vez.

Ele alcança a porta.

— Está bem.

Não sei por que meus pés parecem cheios de chumbo, mas cada passo que dou é doloroso. Meu telefone vibra na minha mão com uma mensagem dele: *esqueci de te dizer uma coisa.*

Eu: *O quê?*

Joshua: *A segunda coisa.*

Eu me viro para encontrá-lo parado no meio da calçada com um sorriso que me deixa com os joelhos fracos porque fui eu quem o colocou lá. Eu levanto meus braços, e de meio quarteirão para baixo, eu grito:

— O que?

— Meu sobrenome é Evans.

Percebendo que todas as coisas instiladas em mim enquanto crescia voaram pela

janela no dia em que o conheci, começo a me perguntar se *ele* é o que está faltando na minha vida.

— Joshua Evans — eu digo bem longe de seu alcance, apenas gostando do som disso. Mas meus pés estão se movendo, e embora ele tenha dito que eu tinha que confiar nele naquele final feliz um dia, é tarde demais para o decoro. Eu me sinto viva. Quero outro gostinho dessa felicidade hoje.

Eu corro com minha mochila balançando, escorregando e caindo aos seus pés enquanto voo para seus braços. Nossos lábios se encontram em pura paixão, levados ao limite por brincadeiras sedutoras como preliminares. Com os braços em volta da minha cintura, seu corpo está pressionado ao meu sem espaço para interpretações erradas.

Meus braços se apertam ao redor dele, e tudo que sinto é seu calor contra meus lábios, entre minhas pernas e nesse beijo. Nossos lábios se separam e nossas línguas se encontram, abraçando-se como um amante familiar do passado. Quando todo o ar sai dos meus pulmões, eu o beijo por mais tempo, respirando-o em vez disso.

Desta vez, quando nossos lábios se separam, ele não me coloca no chão, mas me olha no nível dos olhos. Sem fôlego e ofegante, eu digo:

— Chloe Fox. Esse é o meu nome.

E de repente aquele sorriso não é ofensivo ou arrogante. É infeccioso, fazendo com que eu exiba um dos meus.

— É um prazer conhecê-la, Chloe Fox.

— É um prazer conhecê-lo também, Joshua Evans.

6

Joshua

Beijar Chloe Fox se tornou meu novo passatempo favorito.

Eu não sei o que aconteceu no restaurante no início da semana, mas no momento em que nossos lábios se encontraram, algum tipo de beijo e jogo de ataque começou. Eu não a considerei espontânea, considerando sua personalidade tipo A, mas na quarta-feira, descobrimos que ambos temos aulas perto da Torre de Biologia Kline às duas. Vamos apenas dizer que estávamos *quase* atrasados para nossas próximas aulas depois de nos beijarmos em uma sala de laboratório vazia por meia hora. Se eu aprendi alguma coisa sobre ela na semana passada, é que ela é regimentada. Empurrar seus limites pode ser minha segunda coisa favorita agora. Quinta-feira, porém, eu era o único culpado. Me matou ter que parar de beijá-la na seção de fotografia da galeria de arte antes de correr para o trabalho. Tudo sobre ela me chama. Ela é inteligente e suave.

Estou morrendo de vontade de tocá-la o dia todo, sentindo a coceira nas palmas das mãos, então desta vez, quando a vejo reabastecer sua garrafa em um bebedouro, fico atrás dela e finjo esperar minha vez. Este foi o meu primeiro erro.

Virando-se para correr de volta pelo corredor, ela corre direto para mim, seu cabelo balançando ao redor de seus ombros enquanto a água espirra em minha camisa.

— Oh não! — Ela suspira horrorizada. Seu olhar desliza pelo meu peito e então um pequeno sorriso travesso aparece. Eu vejo quando as engrenagens desonestas começam a girar. Esfregando a mão na minha camisa, ela diz: — Sinto muito por isso — não parecendo nem um pouco arrependida.

— Eu aposto que você está. — Meu abdômen começa a apertar com a água fria picando minha pele, e eu a pego pelo cotovelo, movendo-a para o lado. — É engraçado como não nos vemos nos três anos em que estamos aqui juntos, mas agora estamos nos encontrando em todos os lugares.

— É verdade, mas eu não estava olhando antes. — O espaço entre nós é muito grande, e sabendo que nós dois teremos aula em breve, eu chego ao que estava em minha mente. — Eu estive pensando em você...

— Pensamentos bons ou ruins?

— Por que eu teria pensamentos ruins sobre você? — As pequenas bordas recortadas de seu top branco destacam uma inocência, combinando com seu rosto,

mas então ela usa calças pretas apertadas com ele, deixando-me adivinhando. É só isso. Não consigo fazer uma leitura sólida sobre ela.

Ela parece ser de boas ações e pecado, despreocupada, mas comedida. Ela se tornou um enigma que eu quero resolver.

Seus olhos seguem as pessoas andando atrás de mim quando seus ombros sobem e depois caem. Seus olhos voltam para mim, e ela diz:

— Eu não sei. Eu não te conheço bem o suficiente para saber o que você pensa sobre mim.

— É só isso. Quero que nos conheçamos melhor. — Ela balança para trás, então eu pego seus pulsos e me aproximo. — Eu gosto de beijar você...

— Oi, Josh.

Merda. Fale de péssima hora.

— Ei — eu murmuro, pegando os olhos de Trish ainda em mim quando ela passa. Um encontro há dois anos não levou a lugar nenhum, mas isso nunca parece bom para outras mulheres, o que geralmente acaba mal para mim.

Mas a Chloe está lá como se não tivéssemos sido interrompidos. Por mais que isso me fascine, estamos com pouco tempo.

— Você estava me lisonjeando com palavras doces de que eu gosto de ficar com você. Estou sentindo um *mas* chegando.

— Mas eu quero passar mais tempo com você.

Sorrindo, ela se aproxima ainda mais. Seus lábios tão próximos, nossa diferença de altura é a única discrepância.

— Isso é um bom mas.

Eu estive morrendo de vontade de tocá-la o dia todo, sentindo o desejo de me envolver em torno dela, senti-la contra mim. Enquanto eu seguro seu quadril, nós dois aproximamos nossos corpos, e um desejo começa a se agitar profundamente. Porra, ela está me deixando louco. Eu tenho que usar minha cabeça, mas meu coração de repente está enlouquecendo no meu peito, os nervos batendo. E se ela disser não? E se beijar for tudo o que ela quer de mim? E se estivermos apenas ficando, e eu estiver lendo tudo errado?

Seu peito sobe e desce, cada respiração parece antecipar o que tenho a dizer.

Porra. Eu engulo tão embaraçosamente alto. Ou estou fazendo isso, ou não estou. Desembucha, Evans.

— Eu tenho que trabalhar hoje à noite, mas eu queria saber se você gostaria de ficar junto neste fim de semana?

— Você está me convidando para sair?

— Ou ficar em casa. O que você quiser. Eu só quero passar um tempo com você.

Tenho certeza de que a ouço engolir em seco desta vez enquanto ela pega uma parte seca da minha camisa com a mão livre, me segurando mais perto. O sangue bombeia em minhas veias como um carro de corrida. A julgar pela luxúria em seus olhos, estou pensando que não fodi tudo completamente.

— Eu adoraria passar mais tempo com você, Joshua. Nós deveríamos nos beijar para selar isso.

— Pare de roubar minhas falas, senhorita. — Antes que ela tente controlar isso como das outras vezes que ela roubou meus lábios tão sensualmente para seus próprios propósitos, completamente para meu benefício, devo acrescentar, eu a beijo. Eu quero que ela sinta como ela me fez sentir esta semana, vivo e não tímido para mostrar afeto a alguém com quem comecei a me importar. Eu quero ser aquele que a beijou aqui para todos verem, para mostrar a ela o que ela significa para mim. Ela não é apenas mais uma garota; ela é quem capturou minha imaginação.

Eu a beijo novamente. E novamente, enquanto eu corro minhas mãos sobre suas costelas, tocando, explorando, memorizando quanto espaço ela ocupa, *não muito,* seu corpo relaxa contra o meu. Seus lábios amolecem em saudação e depois firmam quando ela me beija, sua língua explorando minha boca tanto quanto eu gosto do calor do que está reservado para a próxima vez que estivermos sozinhos.

Empurrando seu cabelo para trás, aprofundo o beijo, certificando-me de que cada parte dela se lembre de mim. Se ela merece alguma coisa nisso, é ser beijada como se fôssemos as duas únicas pessoas no mundo.

O som de pés arrastando atrás de mim sinaliza que nosso tempo acabou. Ela se abaixa, pés no chão e sussurra:

— Preciso ir. Eu tenho que correr para a aula.

Eu não quero que ela vá. Quero passar um tempo com ela agora, mas sei que é impossível. Exalando uma respiração profunda, coloco espaço entre nós e aceno.

— Eu também.

— Vejo você neste fim de semana?

— Sim, absolutamente.

Ficando na ponta dos pés mais uma vez, ela beija minha bochecha, seus lábios queimando minha pele para que eu não esqueça como isso também é.

— Tchau, Joshua.

— Tchau, Chloe. — Eu a observo se afastar, ocasionalmente olhando para trás até que ela vira uma esquina depois de um pequeno aceno.

Vou até a fonte e jogo água no rosto, precisando me refrescar. Minha mente está acelerada, me perguntando por que tudo parece tão diferente com ela... este ano.

De alguma forma, eu não tinha notado o quão pesado meus pensamentos se

tornaram até que a leveza que ela traz me varreu. Mas por mais divertido que tenha sido beijar Chloe, eu meio que quero saber tudo sobre ela. Quero saber o que ela come no café da manhã. Quero saber o que ela quer da vida. O que ela levaria para uma ilha deserta? Esta é a merda que enche minha cabeça, e eu quero saber tudo. *Tudo isso.*

Ela vai contra tudo o que eu imaginei que ela seria, mas ela é exatamente quem ela diz que é. Os fatos são que eu sei pouco sobre ela, exceto que ela é uma veterana de Newport que tem um bonsai. Ter dois de três em comum não justifica como estou começando a me sentir em relação a ela. Quero dizer, merda, antes de nos beijarmos do lado de fora do restaurante, eu pensei que a garota me odiava.

Passei mais tempo com ela na minha cabeça do que pessoalmente, então nada disso faz sentido para mim. Tipo, por que parece que ela acabou de descobrir as alegrias de beijar? Como se ela nunca soubesse como é perder seu corpo no de outra pessoa. Para nós, cada toque de nossos lábios é um pouco ou pedaço de nós compartilhando algo mais. Ou talvez ela seja selvagem como a filha de um pregador, formal e apropriada nas ruas e uma megera nos lençóis.

Meu instinto me diz que não é o caso, mas o que eu sei hoje em dia? Eu tenho sobrevivido no último ano em Yale com charme e fazendo corpo mole. Eu tenho que me organizar.

Depois que eu penduro meu avental e vou bater o ponto, encontro Bryant enchendo um copo cheio de refrigerante enquanto Todd gira em um banquinho no balcão. Todd e Bryant são meus amigos mais próximos desde o jardim de infância. Se uma briga por causa de Becky Norris não nos separou na sexta série, ninguém vai ficar entre nós agora.

— O que mais tem nesse copo?

— Uísque — responde Bryant. — Você tinha alguma dúvida? — Se havia um garoto na escola de quem todos queriam ser amigos, era Bryant Eldridge. Não porque ele era a estrela do futebol (*esse título ainda me pertence*), ou poderia conseguir qualquer garota que ele quisesse (*ok, eu também*), mas porque ele era o cara mais legal do mundo. Amigos de todos, facilmente entretido e a pessoa mais descontraída que conheço.

Todd diz:

— Estamos indo para o lago. Você está dentro? — Todd Berenger conhece bem esta cidade. Ele é a sexta geração de New Haven e vive do outro lado das pistas proverbiais. Não estou dizendo que ele tem dinheiro, mas eles não estão indo muito mal. Seus pais também o cortaram financeiramente alguns anos atrás, quando ele decidiu que queria tirar um tempo para descobrir o que queria fazer com sua vida. Ele

ainda não sabe.

Ambos fazem entregas para o restaurante em meio período e para a pizzaria na esquina. O que me faz pensar em Chloe novamente. Eu não entrego comida há mais de um ano, mas quando a caminhonete de Todd quebrou, eu tive que cobrir. Ela foi minha primeira vez no trabalho de novo.

Eu definitivamente tive alguns pensamentos mais profundos sobre como isso funcionou, mas não vou ceder a analisá-los demais. Nada de bom viria disso, já que meu caminho foi traçado anos atrás.

— Quem está indo? — Eu pergunto, esfregando minha mão sobre meu queixo.

— Mick, Jim, Sanders...

— Dana e aquelas garotas — Bryant acrescenta e é prontamente acotovelado.

— Agora ele não vai, seu filho da puta — Todd repreende. — Nós estamos indo, Evans. O resto deles não importa.

Ver Dana não está no topo da minha agenda.

— Eu realmente não quero lidar com ela esta noite. Se eu estiver com vocês, ela estará em cima de mim. Se eu levar alguém...

— Quem você levaria? — Bryant pergunta, pulando no balcão.

— Nós a conhecemos? — Todd entra na conversa.

Eu rio.

— Eu disse *se* e não vou. Tenho algumas coisas para cuidar.

Todd é um tubarão que sentiu o gosto de sangue.

— Uma dessas coisas seria uma garota que você conheceu?

Sem vontade de mentir para eles ou esconder o que estou pensando, eu me inclino contra a parede e chuto meu pé na lateral do balcão.

— Na verdade, eu a conheci quando estava cobrindo sua bunda no domingo passado.

— Droga, de verdade? Ela é gostosa?

Eu o nivelo com um olhar.

— Claro, ela é gostosa, ou por que eu me incomodaria? — Eu pareço um idiota, mesmo para mim. Como ela chamou minha atenção na primeira vez que nos encontramos, se tornou secundário para como ela me faz pensar e me faz sentir perto dela. Não posso relaxar e não me esforçar com ela como faço com todos as outras. Ela não vai deixar, e eu gosto disso. Ela está me mantendo no padrão que minha mãe também acredita em mim. Mas sim, eu não preciso pensar demais em um bom momento ou tê-lo arruinado por esses caras. Em seguida, eles vão querer vê-la, e eu nunca vou ouvir o fim disso.

— Ela estuda comigo. É... — Como descrevo o que Chloe e eu somos? — Novo.

Bryant é muito mais fácil de enganar porque ele geralmente não se importa muito, mas Todd, por outro lado, é quem vai ver através de uma mentira. Novo não é corações e flores, mas também não é mentira. Eu finjo indiferença para meu próprio benefício. Ele pergunta:

— Como se isso estivesse se tornando uma coisa?

— Como você chegou até isso comigo chamando de novo?

— Porque você nunca disse isso antes. Se você está apenas ficando com ela, você diria isso.

Eu respondo com um encolher de ombros, me esforçando para manter a falta de cuidado e falhando.

— Ainda não sei muito sobre ela.

Desinteressado, Bryant se levanta e acena para a porta.

— Está ficando tarde. Vamos lá.

Nos dirigimos para a porta.

— Até logo, T.

— Tenha uma boa noite, Josh — ele chama da cozinha. Eu tranco e sigo os caras até a caminhonete.

A janela do lado do motorista desliza para baixo e Todd inclina o braço.

— Não vá se apaixonar, Josh. Eu cometi esse erro por todos nós.

O sorriso que aparece em seu rosto é algo que levou muito tempo para se ver depois de seu término ruim no ano passado. Uma garota de Yale partiu seu coração, nos deixando para varrer os cacos. Isso afeta muito intimamente por algum motivo. Chutando o pneu dele, eu volto para a calçada novamente.

— Apenas me divertindo, meu amigo. Tenha uma boa noite e não me ligue pedindo dinheiro para fiança.

— Não vamos. Você nunca tem dinheiro.

Eu rio, caminhando para o meu Bronco estacionado na parte de trás. Entre os caras me provocando por não ir e minha mente se concentrando em um certo par de olhos verdes, eu entro no carro e me sento.

Refletindo sobre a última semana, eu propositadamente deixei Chloe liderar. Foi ela quem me puxou para o laboratório e me beijou como se estivéssemos prestes a ser pegos. Ela adora controlar tudo, incluindo nossos encontros, o que me faz pensar que ela se safou disso por muito tempo. Ninguém em sua vida a desafia? Ela é esperta e seu humor é seco como um deserto e sempre me faz rir. Ela sabe se segurar, se expressar e aguentar a resposta.

Com aquele corpo matador, ela é basicamente a mulher perfeita.

Então por que ela está solteira?

Ainda há muito para descobrir sobre a divina senhorita Fox, mas ainda fico imaginando o que vai acontecer quando ela perder a vantagem.

Acho que só há uma maneira de descobrir.

7

Chloe

COLOCANDO O PIJAMA, prendo o cabelo em uma toalha na cabeça e escovo os dentes antes de me sentar na beirada da cama para passar creme hidratante. Meu olhar dispara para o relógio na mesa de cabeceira. Você pensaria que tomei café hoje à noite pelo quão desperta estou. Eu geralmente estaria na cama agora. Em vez disso, minha mente está conectada.

Depois de perder uma hora sonhando com os lábios e a língua de um certo cara, e o jeito que ele segura minha cintura como se eu pudesse escapar fez com que meus pensamentos se desviassem da minha rotina, então tomei um banho à temperatura ambiente na esperança de me refrescar sem ficar muito frio.

Isso não tirou minha mente dele, no entanto. Só piorou as coisas. Estou começando a soar como Ruby. Eu preciso tirar minha mente do sexo e voltar aos meus objetivos. Graduação. Escola de Medicina. Columbia. *Foco, Chloe.*

Mas beijá-lo entre as fotos da galeria me fez sentir poderosa e atrevida, algo que nunca senti antes. E eu gostei. Eu ainda gosto. Comecei a elaborar planos, desculpas na verdade, para beijá-lo novamente. Como uma infinidade de planos para ter aqueles lábios contra os meus o mais rápido possível.

Estou começando a me perguntar como seria dormir com ele.

Uma palavra: inflamável.

Eu bufo, deitada na cama, totalmente frustrada comigo mesma. Perdi tempo que não tinha de sobra, e tenho certeza de que literalmente o objetifiquei. Eu sou um ser humano terrível. Ainda bem que Frankie não pode ler minha mente.

Oh, bom Deus. O que eu me tornei?

Eu não estou muito perdida. Posso citar pelo menos três outras qualidades que comecei a admirar em Joshua Evans.

1. Embora fosse uma caixa de terra, o presente para Frankie foi um dos mais atenciosos que já recebi.

2. A camaradagem entre ele e sua mãe é bastante cativante.

3. Ele não finge ser algo que não é. Embora eu possa argumentar que você recebe mais do que vê.

E para a rodada de bônus, a maneira como ele vive, *sem medo,* é invejável. Ele cria suas próprias regras. Conta para mim encontrar equilíbrio se eu encontrar alguém que me equilibre?

Cansada demais para lidar com a secagem do meu cabelo, eu me levanto e vou até a sala com a toalha empilhada no alto da minha cabeça. Na cozinha, eu poderia me chutar por não ter ido ao supermercado hoje. Com uma caixa de ovos, queijo e azeitonas, não tenho muita seleção. Azeitonas então. Eu puxo o pote e tento enfiar meus dedos quando uma série de mensagens rápidas fazem meu telefone vibrar sobre a mesa de centro.

Abandonando o pote de azeitonas, me apresso para alcançar. Minhas suspeitas de que seja Ruby em outro encontro ruim estão erradas.

Lá no meu telefone está a palavra *Alma Gêmea* olhando para mim acima das mensagens de texto.

Quem é alma gêmea?

No momento em que digo isso, sei quem é. Bem, isso e a mensagem me deram uma pista: *sinto falta dos seus lábios nos meus.*

Sorrindo de orelha a orelha, digito: *Quem é?*

Meu telefone toca. Ignorando as mensagens anteriores, respondo:

— Alô?

— O que você quer dizer com quem é? Quantos caras fortes e de 1,80m você está beijando hoje em dia?

Eu iria rir, mas torturá-lo é mais divertido, então mantenho minha reação firme.

— 1,80m? Você tem certeza sobre isso?

— Positivo...

— Vou levar uma fita métrica na minha mochila para a próxima vez que te ver...

Knock. Knock.

Eu praticamente pulo de vertigem por ele ter vindo me ver até perceber que estou de pijama sem um pingo de maquiagem e uma toalha enrolada na minha cabeça molhada. Entro em pânico e corro pelo apartamento, mas não há nada para limpar.

Relembrando como a vida de Ruby é vista em sua decoração desde os sininhos acima da janela até as almofadas coloridas. Olho em volta e não tem vida. Este não é o apartamento de uma estudante que é divertida e sedutora, fazendo coisas excitantes e com histórias para compartilhar.

Este lugar me classifica como uma *chata*. E Joshua está prestes a descobrir isso em primeira mão. Não importa que ele esteve aqui antes. Ele estava na porta, não gastando tempo suficiente para psicanalisar minhas tendências esquisitas.

Tiro a caneca do armário e a deixo no balcão ao lado das azeitonas. Inspirada, corro, ao som de outra batida na porta, até meu armário e puxo um lenço vermelho que nunca usei e o coloco sobre o abajur da minha cadeira na sala de estar. Eu não tenho tempo para pensar demais, o que provavelmente é uma coisa boa.

Não há tempo suficiente para continuar em pânico antes que ele bata novamente. Resolvida, ajeito meu top de algodão e puxo meu short para baixo, esperando que cubra minha bunda, e vou para o olho mágico. Com ele olhando para o corredor, tenho uma visão de vigia daquele grande maxilar dele. O músculo marcado é um bônus.

— Quem é? — Eu rio, um pouco sem fôlego.

— Oi.

— Eu não pedi comida. — Toda a configuração é o presente que continua dando.

Ele segura uma sacola.

— Isso é ruim. Eu tinha uma entrega especial para Chloe Fox.

Eu não o deixo esperando. Abro a porta e inclino a cabeça para o lado sob a corrente para vê-lo.

— Você joga sujo.

Com uma mão pressionada no batente da porta, ele se inclina com um grande sorriso suculento e diz:

— Eu jogo para ganhar.

Deus, eu quero beijar seu rosto. Ou tirar seu sorriso com um tapa, mas beijá-lo é mais divertido. Eu solto a corrente e me afasto.

— Entrez-vous?[2]

— Oui. S'il vous plait.[3]

Eu fico surpresa.

— Você sabe francês?

— É de má qualidade na melhor das hipóteses. — Eu pego seu braço e o puxo de volta antes que ele passe, dando-lhe as boas-vindas com um beijo rápido. Meus lábios formigam como pequenos fogos acesos sob minha pele. Quando o liberto, deslizo minha língua sobre meu lábio inferior para amortecer a chama. Como ele mencionou, eu quero conhecê-lo. Pode ser difícil resistir a esses lábios magníficos, mas não tenho dúvidas de que valerá a pena esperar.

Fechando a porta, eu a tranco e me encosto na parte de trás dela.

— Para alguém tão arrogante, às vezes você pode ser muito autodepreciativo. É agradavelmente surpreendente.

— Que bom que você notou, mas mais importante, de que lado de mim você gosta mais?

— Seu lado de trás. Não retruca.

— Bom saber que você notou minha bunda. — Ele fica lá descaradamente me olhando da cabeça aos pés.

— Bem, eu não iria tão longe. — Eu dou de ombros. — Mas pode haver alguma verdade nisso. Fique à vontade.

Aproximando-se do sofá, ele examina o lugar como se pudesse levar o dia todo.

— Seu apartamento é tão limpo.

De costas para mim, arrasto um chinelo na passarela para aumentar a bagunça.

— Eh.

Olhando para trás, ele pergunta:

— Você mora sozinha?

— Sim.

Dando-se permissão, ele olha ao redor da sala.

— Belo prédio.

— Gosto da localização. Minha amiga Ruby encontrou. — E então, porque ele não diz nada, continuo divagando: — Posso andar até a escola e estou perto do comércio.

— É uma ótima localização.

— Ruby mora ao lado.

Seu interesse é despertado quando ele se vira para mim.

— Sério? Por que vocês não moram juntas?

Agora estou procurando respostas no apartamento porque não tenho certeza do que dizer.

— Nunca pensei nisso.

— Economizaria algum dinheiro.

— Mais importante — eu começo enquanto pego meu telefone e mostro a tela para que ele possa ver. — Você pode me explicar isso? — Seus olhos cor de uísque não conseguem esconder seus pensamentos internos. Nem o sorriso dele. — Devo ter perdido a parte em que você se rotulou como alma gêmea em meus contatos.

Movendo-se em direção à janela, ele espia um lado da rua e depois outro.

— Compreensível. Você estava distraída com o potencial de um final feliz.

— Eu não estava. — Eu pareço petulante até para mim.

Com uma sobrancelha levantada, ele olha para mim.

— Tem certeza disso?

— Honestamente, não — eu digo, cruzando os braços. — Eu não tenho.

O riso ressoa em seu peito.

— Pelo menos você é honesta.

Na maioria das vezes, penso, pensando na mentira que contei sobre minha idade.

Ajoelhado, ele cutuca a terra no vaso.

— Frankie fica bem em sua nova casa. Ela gosta da janela.

Sento-me no sofá e o vejo olhar para esta planta como se fosse um paciente dele. A doçura não passa despercebida. Nem é o fato de que mamãe me disse para fazer a mesma coisa.

— Ela é uma diva. Ela está se arrumando para você a semana toda.

Levantando, ele está sorrindo, e eu simplesmente gosto disso.

— Você é engraçada, você sabia disso?

— Eh — eu digo, acenando para ele. — O que tem na sacola?

— Foi um plano para ganhar entrada porque não achei que você me apreciaria como a entrega especial. — Batendo as mãos, ele estoura o saco de papel.

— Isso é decepcionante.

A preocupação aparece em sua expressão enquanto ele se senta no sofá.

— Por que? Está com fome?

— Não. Que você pensaria que eu não apreciaria você.

Olhando para minhas pernas nuas, ele diz:

— Vem cá, Fox.

Eu vou porque isso me beneficia também. Por mais que tenha sido divertido dar uns amassos por todo o campus nos últimos dias, esta noite parece diferente. Não é sobre o físico, mas a conexão emocional. Sento em seu colo, e seus braços me envolvem com tanta facilidade. Eu descanso minha mão em sua bochecha, notando como meu coração pula uma batida.

Mesmo com pouca luz, suas pupilas se alargam quando ele me observa.

Eu dou a ele um tempo difícil sobre todas as provocações, mas eu juro que posso ouvir seu coração batendo como o meu. O tempo mais calmo entre nós é único, e eu saboreio o silêncio enquanto olhamos nos olhos um do outro. Duas respirações depois, sussurro:

— O que você quer, Evans?

A pressão de seus dedos no meu quadril deixa meu corpo em alerta máximo. Minha respiração fica lenta quando sinto o acúmulo desses beijos se instalando.

Acariciando minha orelha, sua respiração aquecendo meu pescoço, ele pergunta:

— Por que você cheira a azeitonas?

Como o saco de papel, eu estouro, rindo e rolando para mais perto dele.

— Eu estava cavando em uma jarra antes de ser rudemente interrompida por uma sequência de mensagens e uma sacola de comida de cavalo de Tróia.

— Eu vou fazer um acordo com você. Já que eu te enganei para me deixar invadir sua noite, que tal eu fazer algo para você?

— Fazer o quê?

Rindo, ele beija minha bochecha.

— Comida. Eu vou cozinhar alguma coisa, e você não precisa fazer nada além de ficar aqui e apreciar a vista.

— Serei digna de medalha de ouro com esta missão. Vai logo. Estou com fome.

— É pra já. — Quando ele me vira de costas no sofá, meus pés voam no ar e a toalha se desenrola, caindo no chão.

Em um ataque de risos, eu coloco minhas pernas para baixo e apoio minha cabeça em minhas mãos. A distância entre nós me dá o espaço para respirar que eu preciso.

— O que você vai cozinhar para mim?

Abrindo a geladeira, ele responde:

— Depende do que eu encontrar aqui. — Ele olha para trás por cima do ombro enquanto se inclina para a geladeira aberta. — Você quer cozinhar comigo?

— Para sua segurança e a de Frankie, é melhor eu ficar aqui... no sofá, apreciando a vista. — Um sorriso que ele não quer me dar não pode esconder de seus olhos. Eu sorrio, grande e livre. — Suas palavras. Jogo justo. De qualquer forma, sou um desastre na cozinha.

— Vou deixar você escapar esta noite, mas tenho a sensação de que você não é tão ruim quanto pensa que é.

— Meu pai poderia argumentar o contrário, mas não precisamos entrar em meus problemas.

Ele fica quieto por um momento e então vasculha os armários, eventualmente retornando à geladeira para pegar os ovos e o queijo. Eu nem sabia que tinha tomate cereja, mas o recipiente está no balcão.

— Faz dias que não faço compras.

— Está tudo bem — ele responde de costas para mim. Os músculos sob a camiseta sobem e descem como as teclas de um teclado enquanto ele realiza suas tarefas, concentrando-se na comida.

Por mais divertido que seja ver um cara gostoso cozinhar para mim, quero saber o que está acontecendo na cabeça dele. Eu deslizo pelo chão e me encosto contra o balcão. Meu cabelo molhado está uma bagunça, mas ele não me fez sentir menos do que bonita em suas olhadelas e olhares descarados.

— O que você quer fazer com economia?

Seus olhos permanecem na panela à sua frente enquanto ele mexe os ovos.

— Não tenho certeza. Estive pensando no lado dos negócios do restaurante, algum aspecto da hospitalidade, mas prefiro cozinhar do que empurrar canetas sobre uma mesa.

— Por que você não se torna um chef?

Desta vez, ele olha na minha direção.

— Não está na pequena lista de opções que meu pai pagará.

— Parece o meu. — Meu estômago cai com a admissão, e eu me viro, segurando o balcão de pedra fria atrás de mim.

— Oh, é?

Afastando-me, vou até a janela. Eu zombo, acenando como se não fosse grande coisa.

Atrás de mim, ouço o clique do fogão e o armário se abre novamente. Como da primeira vez, sua presença preenche meu espaço e acaricia minhas costas. Mas não é apenas sua presença; suas mãos acariciam meus ombros, e ele coloca o beijo mais gentil na lateral do meu pescoço.

— Eu não sei qual é a situação entre você e seu pai, mas você pode falar comigo, Chloe. Você pode dizer qualquer coisa, e isso ficará entre nós.

— Não sei por que isso me deixou triste. Ele está pagando para que eu possa me tornar uma médica. Não há nada melancólico nisso.

Quando seu corpo pressiona a parte de trás do meu, sinto o calor dele trocado. Me encontro recostando nele, contando com ele para o apoio que me falta. Parada lá por um momento, eu finalmente digo:

— Se eu pensar muito sobre isso, vou desmoronar, e isso me assusta mais do que lidar com isso.

— Você pode desmoronar. Eu vou recolher os pedaços. — Estou segurada protetoramente, seus braços em volta da minha cintura como um cinto. Suas palavras me fazem descansar minha cabeça contra ele.

— Meu pai e eu temos sonhos semelhantes para mim. É apenas o caminho em que discordamos.

— O que ele quer para você?

— Para eu seguir seus passos. Ele é um neurocirurgião bem conhecido.

— O que você quer?

As palavras batem no peito, meu coração aperta. Eu me viro em seus braços, envolvendo os meus ao redor dele. Sussurro:

— O que eu realmente quero... Eu quero trabalhar em um pronto-socorro.

Mãos grandes esfregam minhas costas, e então ele se inclina para trás apenas o suficiente para ver meus olhos.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim.

— Para ele, é.

— Parece incrível para mim.

Podemos não ter uma longa história, mas anoto mentalmente a hora e a data, e a maneira como ele me segura como se fossem anos e não dias. Vou lembrar desse

momento para sempre.

Depois de uma semana de beijos, foi bom desacelerar, o ritmo mais como minha velocidade habitual. Eu balanço para trás, notando os dois pratos de comida na mesa de centro.

— Devemos comer antes que esfrie.

Ele não adiciona nenhum fardo ou me pressiona por mais, apenas aceita. É inebriante.

Sentados no sofá, pegamos nossos pratos nas mãos e começamos a comer, não desesperados por uma distração, mas bem na paz.

Enquanto mastiga, ele olha ao redor do apartamento.

— Você mora sozinha. Você é puro TOC, e você está de banho tomado e vestida para a cama — ele diz, olhando para o meu laptop com um tomate nos dentes de seu garfo. — Você é uma aluna melhor do que deixa transparecer, não é?

— Todos em Yale tiram boas notas. Foi assim que eles chegaram aqui. — Minha débil tentativa de parecer mediana... normal para os padrões dos estudantes universitários não o engana. Todo mundo sabe que você tem que ter mais de 4,0 em nota média e 10 quase em linha reta. Talvez eu tenha uma vantagem genética, mas ainda trabalhei duro para chegar aqui. Mas então o mesmo aconteceu com todos os outros alunos.

— Verdade. Deixe eu perguntar a você, Chloe. Por que você não tem um namorado?

A pergunta misturada com a forma como seu olhar castanho se aprofunda mais do que a superfície da minha pele tem meu estômago amarrado em nós de excitação. Coloco o prato na mesa e me levanto para pegar água.

— Acho que não encontrei o cara certo.

— Tem certeza disso? — O comentário me fez virar para olhar para ele. Ele está preso naqueles ovos como se não tivesse colocado uma bomba aos meus pés.

O entrego uma garrafa de água e sento lentamente, suas palavras ainda causando estragos em minha mente. Percebo que estou sentada ao lado de um cara que não sabe *quem* eu sou. Ele não tem expectativas baseadas em quem é meu pai. Eu sou simplesmente Chloe Fox para ele. É...

É... é incrível. Quase sinto que deveria passar mais tempo conhecendo-o, mas faz anos, ok, um dia, desde que fui beijada, e estou ansiando por isso. *Por ele. É muito ousado atacá-lo no sofá?*

Ele não é tímido para mostrar seu interesse através do calor de seus olhos caramelo e eu tenho certeza que não é a comida que está fazendo isso com ele.

— Hum, não? — Eu aceno, estupidamente, incapaz de desviar o olhar. Eu nem sei

o que estou dizendo. Ele tem meu coração batendo tão forte que Ruby provavelmente pode ouvi-lo no apartamento ao lado.

Uma risada profunda vibra em seu peito. Colocando o prato na mesa, ele se aproxima, nossos dedos se chocando na almofada. O calor passa por mim e ele pergunta:

— Eu gostaria de me candidatar ao emprego.

— Você tem experiência? — Eu pergunto, soando um pouco sem fôlego e desesperada. — Preciso ver seu currículo.

— Que tal eu mostrar a você em vez disso? — Sua mão cobre a minha enquanto ele se inclina para frente e me beija.

E lá se vai meu coração novamente.

8

Joshua

Me afastar de Chloe Fox é uma das minhas piores decisões, e fiz muitas escolhas ruins ao longo dos anos. Ainda sentindo seu gosto na minha língua, eu sorrio.

Ela é uma das melhores que eu fiz em muito tempo.

Me colocar na linha não é fácil, então, no passado, eu não fazia isso. Eu gosto das cartas empilhadas a meu favor. *Fácil.* Mas passar um tempo com ela parecia certo desde o início. A cada vez, ainda melhor. O beijo é ótimo, mas também conversamos. Sobre a escola e a vida. Ela perguntou sobre mim e crescer em New Haven. Eu poderia me acostumar com a forma como ela olha para mim. Como se eu fosse bom. Como se eu tivesse algo a oferecer ao mundo. Como se eu fosse importante em vez de ser desprezado como um cidadão da cidade, mesmo quando sentado ao lado deles na aula.

Eu sei que não é apenas como ela me faz sentir. É também como ela mantém tanto trancado dentro de si. Eu quero ser a chave que desvenda seus segredos. Eu quero ser o cara que sabe quem ela realmente é e quer ser, para descascar as camadas.

Ela me deu um gostinho, mas avidamente, eu quero mais.

Sentado na minha caminhonete com o motor em marcha lenta, olho para as janelas do terceiro andar. Nenhuma porra de cortina pendurada para proteger o que está dentro, fazendo meu estômago revirar.

As luzes ainda estão acesas, e não posso deixar de querer vê-la mais uma vez. Eu desligo o motor e buzino duas vezes antes de sair do Blazer. Quando ela não aparece, eu buzino novamente até sua silhueta preencher a janela da sala. Fecho a porta e fico ali na rua com as pessoas olhando enquanto passam, mas há muito tempo desisti de dar a mínima.

Ela desliza a janela para cima e se inclina para fora.

— O que você está fazendo, Joshua? Acordando a vizinhança?

— Não, apenas você.

— Fala baixo, idiota — um cara grita de um prédio. Ok, então sim, os vizinhos também.

Aproximo-me, olho para cima e digo:

— Queria ver você de novo.

Luz suficiente do poste se estende para que eu veja aquele sorriso doce dela. Pressionando as mãos no parapeito, ela está se inclinando o suficiente para eu me

perguntar se devo me preocupar.

— Aqui estou, Joshua Evans.

Sim, lá está ela com o cabelo solto, uma bagunça emaranhada das minhas mãos minutos antes, e a lua brilhando sobre ela. Ela é minha Julieta.

— Eu quero te beijar um pouco mais.

Descansando as mãos no parapeito, ela ri.

— Bem, o que você está esperando?

O que estou esperando? Subo as escadas em dois degraus e pouco antes de bater, a porta se abre. Pijamas quadrados ainda cobrem seu corpo, mas ela não consegue esconder aquela faísca em seus olhos. Segurando a porta aberta, ela pergunta:

— Por que você demorou tanto?

Envolvendo meus braços ao redor de sua cintura, eu a beijo e então me inclino para trás para ver aqueles lindos olhos verdes.

— Fiz alguns desvios na vida, mas finalmente cheguei aqui.

Ela segura meu rosto e me beija novamente.

— Antes tarde do que nunca.

Eu chuto a porta e a coloco no sofá, dando uns amassos como um bandido. Nossos lábios pressionados. Nossas línguas explorando. Cada um de nós reivindicando com nossos corpos e mãos. Nossos corações batendo juntos. Eu não sei onde eu termino e ela começa, mas quando nos acomodamos no sofá, sou rapidamente lembrado.

A bainha de sua camisa está inclinada para cima, e minha mão encontra a pele macia de sua cintura. Ela sussurra:

— Deus, sim. — Um pequeno gemido se segue, me encorajando. Eu quero ela. Eu preciso tanto dela. Deitado no sofá entre as pernas dela, meus quadris buscam a liberação que eu tanto desejo.

Suas mãos percorrem minhas costas e pousam na minha bunda enquanto ela me segura perto. Investir contra jeans é o pior, mas eu vou fazer isso se isso me der alívio no final. Eu a foderia em um piscar de olhos, mas eu sabia que era uma mentira assim que o pensamento se materializou.

Já fiz sexo com garotas por toda a cidade, mas ela não é como elas. Ela não é alguém que deu em cima de mim no Lucky's, foi para o ensino médio comigo, ou me perseguiu depois de comer no restaurante. Elas não veem meus resultados de testes ou minhas notas, ou me perguntam sobre minha vida de forma alguma.

Eu não uso roupas de grife ou dirijo um carro esportivo caro. Não é isso que elas querem de mim. Elas querem realizar sua fantasia de bad boy antes de se estabelecerem com um cara chamado Chet que trabalha em Wall Street e

eventualmente terá uma crise de meia-idade com sua assistente que tem metade da idade delas.

Chloe não me trata assim. Ela não se importa com o que estou vestindo, seja um avental ou uma camisa de flanela. Sou tratado igualmente, se não recebo mais respeito do que mereço. Ela me chamou a atenção por julgá-la, por colocar minhas inseguranças em sua cabeça, quando eu presumi, que ela não viu nada além da minha aparência.

Isso aí me diz que isso é mais do que flertes casuais da parte dela. E o zumbido que recebo quando estou perto dela me diz que não é diferente para mim também.

Definitivamente há mais coisas envolvidas, o que deveria me assustar, mas não. Chloe me faz querer desacelerar, sair, levá-la ao lago e ver o pôr do sol.

Meus quadris desaceleram, e minha mão desliza sob sua camisa para sentir a pele quente de sua cintura. Eu chego mais alto até que estou segurando um seio na minha mão, macio, flexível e um encaixe perfeito para mim. Cada aperto provoca outro gemido até que ela está se esfregando em mim.

Suas mãos deslizam para meus ombros, quentes ao toque mesmo através do algodão fino.

— Eu não quero apressar isso — eu digo, mas quando eu alcanço seus olhos, eu paro.

Sua raiva é legível, a ira pisca.

A felicidade molda os cantos, inclinando-os para cima.

Até mesmo sua curiosidade a faz se envolver comigo através do toque ou pela forma como seus olhos se prendem aos meus.

Apenas quando eu acho que estou lendo ela corretamente, uma nova expressão aparece. Isso é... Confiança? Confiança em mim? Não há dúvidas em seus olhos, e seu corpo está livre para eu explorar. Chloe está confiando em mim.

E pela primeira vez, eu a vejo tão claramente, e nos vejo refletidos de volta para mim. Correndo meu polegar suavemente sobre sua bochecha, eu descanso minha testa na dela, meu coração trovejante ainda alto em meus ouvidos.

— Você me fascina, Chloe.

— Bom ou ruim?

A pergunta arranca uma risada leve de mim. Ela não consegue ver o quão fraco eu sou perto dela? Como ela é demais para mim?

— Bom. Sempre bom.

— Bom — ela responde. — Isso me faz feliz.

Eu beijo sua têmpora assim que a sensação de sua mão desliza entre nós e se enfia no topo do meu jeans. Um botão é aberto, fazendo com que minha respiração fique

estagnada. Outro e eu estou respirando em dobro. O terceiro me deixa desesperado para me livrar desses jeans sufocantes. Quatro, e eu estou duro como pedra por ela, meus quadris empurrando por conta própria.

Meu olhar desliza de volta para seu rosto, bochechas rosadas e lábios vermelhos inchados de beijos.

Eu sou rápido para colocar minha mão sob sua camisa, querendo empurrar até que nós dois encontremos alívio.

— Continue. Mais forte — ela sussurra em meu ouvido.

Tão perto já. Tenho orgulho do meu trabalho, mas caramba, até eu estou impressionado. Aposto que é toda aquela energia reprimida de estudar. Eu também fico inquieto, e mais ainda esta semana pela fome de vê-la novamente, tocá-la, sentir aquela eletricidade como se eu finalmente tivesse aberto meus olhos depois de uma longa hibernação.

Segurando meu rosto, ela me beija novamente enquanto nossos corpos encontram um ritmo que vai me levar ao limite também. Ela empurra meu jeans para baixo o suficiente para raspar as unhas sobre o tecido da minha cueca boxer. O atrito é bom, bom demais para eu me concentrar em qualquer coisa além de perseguir a liberação.

Sua cabeça se inclina para trás e sua boca se abre.

— Sim — ela respira, seu corpo tenso enquanto ela aperta os olhos fechados.

Observá-la desmoronar debaixo de mim tem meu orgasmo rasgando meu núcleo antes que eu possa controlá-lo.

— Porra — eu grunhi, minha testa caindo contra seu pescoço, meu corpo um fio vivo exposto ao ar. Perdendo-me, devoro a escuridão que acende a vida.

E então a exaustão me leva para baixo.

Meu pescoço é beijado, uma e outra vez, então eu levanto em meus antebraços, não querendo sufocá-la. Suas bochechas estão vermelhas rosadas, seus lábios oficialmente inchados, mas são seus olhos que me deixam louco. Como se ela prendesse a luz do sol lá dentro, eles brilham como pedras preciosas.

— Como você está? — Eu pergunto, minha voz rouca.

— Nunca estive melhor. — Ela tenta ser casual como se eu não estivesse em cima dela. Nota 10 pelo esforço, mas ouço a provocação em seu tom. — Você?

Eu levanto e me equilibro precariamente na beirada do sofá. Segurando-a, eu beijo seu ombro. Um sorriso estúpido cruza meu rosto antes que eu possa lutar para não parecer um idiota que acabou de beijar uma garota pela primeira vez, muito menos o que acabamos de fazer.

— Não quero ser excessivamente confiante nem nada, mas acho que mandei

muito bem nesta entrevista.

Ela começa a rir. Fugindo para o lado para dar uma olhada melhor em mim, seus braços permanecem soltos e em volta do meu pescoço.

— Você definitivamente acertou em cheio. Quando você pode começar?

— Acho que já comecei. — Eu a beijo. Cansado de estar à beira de cair, desço as pernas e me levanto. *Maldito inferno.* Vendo a mancha molhada que deixei nela... isso é simplesmente embaraçoso. Eu puxo meu jeans para cima e pergunto: — Banheiro?

— No quarto.

Oferecendo-lhe uma mão para levantar, eu a ajudo a pousar em seus pés e beijo o lado de sua cabeça.

— Você precisa ir?

— Você pode ir primeiro.

Abro caminho pelo apartamento de um quarto, notando que ela não tem cortinas em nenhum dos cômodos. A cama está bagunçada como se ela tivesse tirado uma soneca, mas todo o resto está guardado. Ela é a garota mais limpa que eu já conheci.

Quando termino no banheiro, saio para encontrá-la enrolada em um roupão esperando na cama.

— Você precisa de cortinas. As pessoas podem ver dentro.

— Você está preocupado comigo?

— Claro que estou preocupado. — Eu sento ao lado dela. — Isso é o que os namorados fazem. Ei — eu digo. Quando ela olha para mim, eu envolvo meu braço ao redor de suas costas. Ela descansa a cabeça no meu ombro. — Eu sei que estávamos brincando mais cedo, mas o que você acha de ser minha namorada? — Os nervos passam por mim, e tudo parece tão real. Estou muito nervoso, muito nervoso, porque e se ela disser não. E se, mesmo que ela nunca tenha me feito sentir o contrário, ela não me *quer*?

Seu cabelo ainda está molhado, porém, não nos incomodou alguns minutos atrás no sofá. Os emaranhados estão se formando, mas acho que nunca a vi mais bonita. Inclinando a cabeça, ela pega minha mão e rabisca na minha palma com a unha. As cócegas leves são boas, a atenção para partes de mim que nunca recebem amor. Amor? *Porra.* É muito cedo para isso.

Ela diz:

— Eu gostaria disso.

— Eu também. — Levo sua mão à minha boca e beijo sua palma, esperando que possa fazê-la sentir o mesmo, dando-lhe atenção semelhante à palma da mão.

Nós nos deitamos, nossas mãos entrelaçadas entre nós, e ela pergunta:

— O que fazemos agora? Fazemos planos juntos?

Eu poderia dormir bem aqui. Não estou abusando da sorte pedindo para ficar, mas depois do dia que tive, esfrego o rosto para ficar acordado.

— O que você quer fazer?

— Me surpreenda. — Seus olhos se fecham, e eu sei que essa é a minha deixa. Eu me sento e a puxo de pé.

Caminhando até a porta com ela debaixo do meu braço.

— Eu verifiquei a programação e vou fechar o restaurante nas próximas quatro noites...

— Vou esperar acordada.

Simples assim, ela está se dobrando em minha vida.

— Mesmo?

Ficamos na porta, embrulhados um no outro.

— Com certeza.

E lá estou eu me moldando à dela.

— Ok. Posso vir depois? — Eu a beijo duas vezes, uma para mim e outra para ela antes de voltar para o corredor, olhando minha namorada. — Droga, eu sou um homem de sorte.

Ela me dá uma boa olhada, encostada na porta com um sorriso no rosto.

— Não tão sortudo quanto eu.

9

Joshua

— COMO FOI SUA SEMANA? — minha mãe pergunta quando eu chego.

— Muito boa — eu respondo, sem elaborar enquanto deslizo o avental sobre minha cabeça. Ela não precisa saber como minhas aulas são chatas ou como tenho passado todas as noites da última semana na casa da Chloe. Ela me dá minha privacidade, as vantagens de ter uma entrada separada para o porão, onde eu moro.

Ela limpa o balcão e diz:

— Preciso de você limpando as mesas hoje à noite.

— Por que? — Eu pergunto com a mão na porta da cozinha.

— John ligou dizendo que estava doente. T cobrirá a cozinha. Trina e eu serviremos.

Por mais que eu queira discutir porque nunca gostei de limpar as mesas, eu faço isso. Minha mãe lutou para que este restaurante fosse um sucesso. Eu nunca vou causar sua dor. Os moradores deram a ela o suficiente ao longo dos anos.

Quando as pessoas não sabiam que eu era filho dela, ouvia os rumores. Ela foi xingada, selvagem e imprudente, por ter engravidado e ter um filho bastardo. Um garoto com quem fui para a escola repetiu o termo de sua mãe para minha mãe na minha cara; ele a chamou de lixo. Fiquei de castigo por ter sido expulso, mas ela nunca me fez pedir desculpas por socar o merdinha.

Sua família nunca voltou ao restaurante e, felizmente, naquela época, os processos não eram abertos para crianças brigando no playground. A última vez que o vi, ele estava fumando maconha antes de um jogo de futebol. Tornou-se a decepção do New Haven Ravens quando ele perdeu aquela bola.

Não posso dizer que senti pena dele ou por ter ficado com a namorada dele mais tarde naquela noite.

Eu chego ao trabalho, querendo que as horas passem para que eu possa ver Chloe novamente.

Alguns universitários entram, barulhentos e querendo atendimento mais rápido do que Trina pode chegar até eles, por volta das oito. Ela geralmente consegue lidar. Ela trabalhou aqui tempo suficiente para lidar com os desordeiros do campus.

— Ei — eu digo, enquanto ela enche alguns copos de refrigerante. — Você não teve uma pausa. Eu cubro suas mesas.

— Universitários ricos — ela responde, olhando para eles. — Eu preciso da

gorjeta.

— Pode deixar. Tire uma pausa.

Como se eu tivesse acabado de fazer o dia dela, ela coloca a mão no quadril.

— Você é bom demais para mim, Josh. Obrigada.

— Sem problemas.

Ela entrega os refrigerantes em outra mesa, e eu limpo minhas mãos no pano amarrado no meu cinto. Aprendi há muito tempo a não julgar um livro pela capa. Eu sou um excelente exemplo desse clichê. Mas posso dizer pelo ar de arrogância que os cerca que esses caras se aproveitam de outros que podem não ter o mesmo privilégio.

Eles são os futuros idiotas sentados no topo de conselhos da cidade enquanto todo mundo faz o trabalho pesado. Me lembra do meu pai.

Eu nunca fui amargo por outras pessoas terem dinheiro. Eu adoraria o luxo de jogar algum dinheiro como se não fosse nada. Quem não gostaria? Mas eu nunca vou tratar os outros como minha mãe já foi tratada. Então, apesar das golas de cor pastel escorregando sob os moletons de Yale que eu não podia pagar, pergunto:

— O que posso trazer para vocês?

— A garçonete de volta — diz o segundo cara à minha direita na cabine. — Ela é muito mais bonita de se olhar. Sem ofensa.

— Não ofendeu. É verdade, mas estão presos comigo. — Eles têm bebidas, então eu cutuco: — Prontos para pedir?

Um cara de cabelos claros com cabelo penteado para trás à minha esquerda diz:

— Você parece ter uma batata em seu ombro. Não estamos aqui para causar problemas. Estamos apenas com fome.

Não querendo começar uma briga também, então tiro a poeira do meu ombro e digo:

— São apenas migalhas de limpeza dos nossos outros convidados.

Ele ri.

— Sim. Ok. Quero o hambúrguer, sem picles e maionese. Segure o queijo e uma salada com o vinagrete da sua casa, qualquer que seja.

Eu puxo o bloco do meu avental, sem perceber antes dele pedir o quão complicado seria. Anoto e depois anoto os outros pedidos. Não adianta ficar mais tempo do que o necessário, então pego alguns talheres e coloco na mesa.

Felizmente, eles não ficam muito tempo depois de terminar, e Trina já está de volta. Ao sair, o cara que pediu a salada de acompanhamento para.

— O dinheiro está na mesa.

— Beleza. Obrigado.

Outro cara chama por ele:

— Vamos, Trevor.

— Estou indo — diz ele, empurrando a porta.

Eu limpo a mesa, deixando a gorjeta para Trina, e começo a lavar a louça. Pouco antes das onze, minha mãe me encontra nos fundos.

— Por que você não vai embora e nós terminamos?

— Tem certeza?

— Positiva.

Eu aprendi a não ficar e questionar muito, ou vou acabar sendo dito para ficar.

Empurrando a porta dos fundos com pressa para chegar até Chloe, paro quando vejo duas figuras encostadas no meu Blazer nas sombras. Todd se afasta para me jogar uma garrafa fechada de uísque.

— Presente para você.

A adrenalina ainda está correndo por mim quando respondo:

— Gosto de presentes como esses.

Dirigindo-se ao velho Chevy de Todd, Bryant diz:

— Vamos ao Lucky's. Hora de jogar sinuca e para você perder um pouco desse dinheiro suado.

Eu não sou esse tipo de cara, geralmente, que se gaba da minha garota, mas estou sentindo a necessidade de dar-lhes um aviso.

— Terá que ser outra hora. Já tenho planos.

Todd pergunta:

— Qual é o nome dela?

É bom rir com meus amigos.

— Perceptivo. — Nenhum deles sente a necessidade de ignorar isso, então eu digo: — Chloe.

Bryant, que está empoleirado na porta, olha por cima da caminhonete.

— Você só está se divertindo ou ficando sério?

Parece uma traição ao que Chloe e eu estamos construindo para tratá-lo menos do que realmente é na frente dos meus amigos.

— Está ficando sério.

Ele bufa, suas mãos caindo no teto de metal da caminhonete. Olho em volta para ter certeza de que não há ninguém por perto ou a polícia pode ser chamada por ser desordeira. Ele acrescenta:

— Bem, para que você foi e começou a fazer isso?

— Eu gosto dela. — Abrindo minha porta, coloco a garrafa atrás do meu assento em um balde para prendê-la.

— Então traga-a para Lucky's — diz ele —, para que possamos conhecê-la.

— Você quer que eu a leve para aquele buraco de merda?

Todd ri, ligando o motor.

— Deixe-me adivinhar. Yaley? Boa demais para morar na favela com a gente da cidade?

— Ela não é assim. Ela gosta de mim como eu sou.

Ele diz:

— Parece uma porra de uma canção de amor, mas uma palavra de advertência, Evans. Você não pode esconder suas raízes. Traga-a de qualquer maneira. Vamos jogar sinuca e nos comportarmos melhor. — Ele já está recuando. O braço de Bryant sai pela janela, levantando seu dedo do meio para mim.

Eu retribuo o favor antes de puxar meu telefone do bolso de trás

Tanta coisa pesa sobre mim de repente, o que eles vão pensar dela? *Yaley*? Essa é uma nova que me faz revirar os olhos. Eu sou uma porra de Yaley se participar é o critério deles. Apesar de algumas contravenções, meus amigos são bons rapazes, leais a uma falha, apesar de estarem presos em uma cidade que nunca quis que eles tivessem sucesso. As trilhas que dividem esta cidade poderiam ter quinze metros de altura. Eu só superei por causa do meu sobrenome. Eu nunca teria chance sendo filho de Patty Russo. Mas David Evans segurou o peso.

Estou um pouco ansioso, dois lados se encontrando... talvez colidir seja uma palavra melhor. Tenho certeza que os caras vão gostar dela porque eu gosto, mas o que ela vai pensar deles? Tenho a impressão de que, como nunca lhe ocorreu arranjar uma colega de quarto, Chloe Fox não está acostumada a sair com um bando de vagabundos.

Eu quero desistir do tempo sozinho com ela, no entanto? Resposta simples: não. Vendo as luzes traseiras antes que eles façam a curva, sou leal a eles também. Se isso vai funcionar com Chloe, esta noite será um bom teste para nós. Eu mando uma mensagem para ela: *Acabei de sair do trabalho. Quer sair?*

Quando não recebo uma resposta imediatamente, começo a me perguntar se ela não gosta da mudança de planos. Demais e antes da hora?

Chloe: Sim. Eu vou me vestir.

O pensamento dela nua me faz morder meu punho. Estamos tão perto de fazer sexo que o pensamento de desviar esta noite se torna doloroso nas minhas calças. A oportunidade de vê-la em um lugar novo, de sair com meus amigos, ameniza um pouco.

Leva apenas três minutos, então espero um pouco mais para dar mais tempo a ela. Enquanto estacionado na frente, olho para o prédio. A localização por si só carrega um preço alto.

Então é fácil supor que por ela chamar Newport de casa e que seus pais pagam por tudo, ela vem do dinheiro. Inferno, se ser um médico de emergência não é bom o suficiente para o pai dela, eu tenho certeza que eles são ricos. Com esse conhecimento em mente, ela não precisa gostar de salões de sinuca, mas espero que ela goste dos meus amigos.

Eu subo até o seu apartamento. Quando eu bato na porta, ela leva um momento para responder, mas quando ela o faz, meu coração para.

10

Joshua

Puta merda.

Eu esperava um certo visual de Chloe. Roupas casuais ou pijamas... Ok, então eu não tenho uma longa história para puxar, mas geralmente, é sem maquiagem, mais natural na aparência. Ela chamou minha atenção na noite em que apareci entregando comida.

Aquela noite, ou qualquer outra depois, não me preparou para ela fazer esse tipo de esforço por mim. *Mas caramba estou feliz que ela fez.*

Vestida com jeans pretos que abraçam seus quadris, ela usa um Converse preto, que parece estranho para ela pelo que testemunhei. Com sua estrutura ágil, esses sapatos colocam aqueles verdes lindos na altura do meu queixo. Gosto da diferença de tamanho. Eu sempre gostei. Ela se encaixa em meus braços, deixando espaço para protegê-la.

Que. Porra. É. Essa?

Eu já estou tão longe assim? Ninguém que eu namorei antes dela mexeu com esses mares desconhecidos dentro de mim. Primeiro a falta de cortinas, que ainda não foram compradas, e agora eu protegendo ela?

Sim, eu sou um caso perdido.

— Você está bem? — ela pergunta, preocupação se contorcendo em sua expressão.

— Tudo bem. — Eu corro minha mão pelo meu cabelo. — Por que?

— Você está me encarando como se estivesse bravo.

Merda.

— Desculpe, não estou bravo com você. — Arrumando meu rosto, eu sorrio. — Longe disso. Eu só tenho muita coisa em minha mente. Isso é tudo. Você está incrível.

— Obrigada. — Agarrando uma jaqueta de couro do gancho ao lado da porta, ela desliza os braços para dentro e a deixa repousar sobre uma regata folgada com alças finas. Estou tentado a puxar a bainha do tecido crocante, meio que desejando que estivéssemos no apartamento e nos beijando novamente.

Chloe Fox é deslumbrante em qualquer luz e hora do dia, mas caramba se ela não parece sexy vestida de couro. Eu a beijo porque, como namorado dela, título oficial que deve constar no currículo com ousadia, levo meu trabalho muito a sério.

— Acho que prefiro nós nos beijando quando nos vemos.

Ela ri.

— Bem, eu estou pronta para você.

Deixá-la sem fôlego, ou incentivá-la a voltar, parecem ser meus principais objetivos desde que nos conhecemos. Ela não faz nada pela metade e consegue me deixar sem fôlego também. Perfeccionista. Digo:

— Estou começando a me arrepender de termos decidido sair.

— Será divertido. — Ela tranca a porta e depois enfia a chave e o cartão de crédito no bolso interno da jaqueta. Eu quase a paro na escada e digo que quero ficar, mas ela parece tão feliz por sair.

Observando aquela bunda sexy, eu respondo:

— Você não conheceu meus amigos. Você pode se arrepender de dizer sim para mim. — Uma sobrancelha se ergue, mas ela não consegue esconder seu sorriso malicioso antes de se virar.

— Isso é um aviso?

Eu quero tocá-la por toda parte, aquela coceira familiar que tenho por ela precisando ser coçada, mas mostro alguma contenção. Agarrando uma presilha de cinto enquanto ela contorna as escadas, eu a puxo para parar.

— Ainda há tempo de te salvar.

Inclinando-se para trás, ela passa as mãos ao longo da minha cintura e sob a camiseta, então me puxa para perto.

— E se eu não quiser ser salva? E se eu escolher você apesar do aviso? — Couro a torna travessa. *E eu realmente gosto da Chloe travessa.*

Eu corro minha mão pelo lado da suavidade de seu pescoço. Expondo-o para mim, ela fecha os olhos. Sua vulnerabilidade voluntária é servida para mim sem condições. Tão tentador levá-la de volta para cima e foder a noite toda. Mas não é isso que eu quero com ela. Eu quero mais do que esta noite.

Então eu pressiono meus lábios em sua pele, inalando o perfume floral, e então expiro lentamente. Um calafrio a percorre, fazendo com que seu aperto fique mais forte. Eu sussurro:

— Eu não vou decepcioná-la.

Levantando o queixo, ela beija minha bochecha.

— Eu sei. — Nossos olhos se encontram, mantendo-nos imóveis por segundos que passam antes que ela comece a andar novamente. — Você é noturno, então estou tentando me ajustar a esse novo horário de ficar acordada todas as horas da noite, então vamos, animal festeiro. — *E ainda assim ela está saindo porque eu a chamei.* Eu sorrio.

Do lado de fora, ela olha ao redor, me fazendo perceber que ela nunca esteve no

meu Blazer.

— Estou estacionado ali embaixo. — Eu vejo como seu queixo levanta, e ela olha para as estrelas.

— É uma noite agradável.

— Se não fossem as luzes da rua, poderíamos ver mais estrelas.

— Em casa, às vezes eu colocava o alarme para uma da manhã só para poder sair para ver a lua e as estrelas no seu estado mais brilhante.

Chegamos ao meu SUV.

— Parece uma fuga.

— Provavelmente, mas eu quero me divertir esta noite. Esta é a sua picape? — Eu amo ouvir excitação tingindo seu tom.

— É sim. — Eu a mostro com orgulho. — Ela é uma Chevy Blazer 85. — Eu me movo para abrir a porta. — Parece uma merda com a pintura faltando em alguns lugares, mas ela vai ser uma beleza quando ela for restaurada um dia.

Arrastando as pontas dos dedos ao longo da parte dianteira, seus olhos observam o veículo.

— Eu gostei. — Ela se levanta, e então eu subo atrás do volante. — Você nunca me disse para onde estamos indo.

— Você já esteve no Lucky's?

Pegando ela sorrindo, eu vejo como ela parece estar em casa ao meu lado.

— Nunca estive. O que é Lucky's?

— Eu provavelmente não deveria levar uma boa garota para o Lucky's.

— Eu não sou uma boa garota. — Ela parece ofendida, como uma boa garota estaria.

O ronco do motor me faz desejar poder comprar o resto das peças. Não quero perder uma palavra dela. Olho para vê-la me observando.

— Você carrega a inocência como uma jaqueta chique.

— E se eu não for tão inocente?

Se eu pudesse, estaria olhando para ela em vez da estrada.

— É aqui que você me diz que é uma garota má que adora quebrar as regras para se vingar dos pais?

Com os cantos dos meus olhos, eu noto ela mexendo nas bordas de sua jaqueta.

— Eu não quebro as regras. Nada de bom viria disso se eu fizesse isso.

— As regras são estabelecidas para que as pessoas possam controlar uma situação.

— Fodam-se eles. — Eu mudo de marcha. — Desde que não estejamos machucando ninguém, quem se importa?

— Eu me importo — ela responde, afastando-se de mim.

— Por que?

Ela parece se livrar de um pensamento, alisando a testa.

— Estou começando a me perguntar isso.

Ela aumenta o volume da música e abaixa a janela. Com o meu vidro abaixado, o vento sopra forte, nos fazendo companhia. Perto da periferia da cidade, o ruído do estacionamento de cascalho compete com o motor.

Estaciono em um ângulo ao lado do antigo armazém convertido e desligo o motor.

— Não há nada de errado em quebrar as regras às vezes, Chloe, mas se isso faz você se sentir melhor, podemos começar a dobrá-las primeiro.

Saio e dou a volta pela traseira da caminhonete, enxugando as palmas das mãos suadas no jeans antes de ajudá-la, esperando que ela não perceba meus nervos à flor da pele. Ficar nervoso é algo com o qual não estou acostumado, mas essa reunião importa e o peso dela é sentido.

Olhando para o prédio, ela pergunta:

— Isso é um bar?

— Sim. — Eu pego sua mão, mas seus pés permanecem plantados.

— Mas eu não trouxe minha identidade.

Ela não parece se importar quando eu a puxo um pouco mais perto de mim, no entanto.

— Não se preocupe com isso. Eles não pedem aqui de qualquer maneira. É um lugar dos moradores. A maioria das crianças em Yale nunca se aventura tão longe do campus.

A hesitação desaparece, e ela diz:

— Poderia muito bem começar a quebrar as regras hoje à noite...

— Malditamente certo.

A música, as bolas de bilhar batendo juntas, risos e conversas enchem o ar quando entramos no prédio mofado. A fumaça permeia as paredes desde quando ainda era legal fumar aqui, e o chão está um pouco pegajoso por causa do álcool derramado.

De olho em Chloe, estou interessado em ver sua reação às paredes revestidas de painéis e aos letreiros de néon da cerveja, a jukebox que toca de tudo, desde Patsy Cline até o último dos The Crow Brothers. Eu digo:

— Este é o tipo de lugar onde as pessoas sabem seu nome.

— Ei, Josh! — Seth, o barman, chama enquanto enche uma jarra de chope.

Ela ri e então pergunta:

— Você pagou a ele para fazer isso?

— Vou dar uma gorjeta extra a ele. — Vejo meus amigos do outro lado do bar. —

Vamos. Quero apresentá-la aos meus amigos.

Para mim, é estranho tê-la no meu espaço. Eu não trago garotas para meus lugares regulares. Mas Chloe me faz querer levá-la a todos os lugares, exibi-la e fazer com que ela conheça as pessoas que moldam minha vida. Ela conheceu minha mãe, até mesmo Barb, então esta reunião esta noite está muito atrasada.

Conduzindo-a pelo bar com olhos familiares em nós, eu ignoro os frequentadores, não me importando com o que eles pensam. Só espero que Todd e Bryant gostem dela. Se não, eles foram bons amigos porque depois de beijar Chloe, estou muito longe.

Eu ri, trazendo-a para mais perto.

— Chloe, este é Bryant e o outro idiota é Todd.

— Oi. — Ela sorri educadamente. — Prazer em conhecê-los. — Eu já tinha percebido que um bar não é sua cena regular, mas aposto que ela conversa muito bem com essas maneiras, impressionando os pais e a multidão do clube de campo.

Eu bato punhos com Todd e me movo para apertar a mão de Bryant finalizando com um toque que estamos fazendo há anos. Ele se senta em uma banqueta, encostando as costas na parede.

— Não é à toa que Josh está desaparecido. É bom conhecê-la.

Ela coloca a bolsa na mesa e dá de ombros.

— Você também.

Segurando para cima um copo com um gole sólido, ele diz:

— Você está comprando a próxima rodada, certo, Josh?

Todd nunca foi tão barulhento quanto Bryant, mas ele valoriza um bom jogo de sinuca.

— Ei — ele cumprimenta Chloe, entregando-lhe um taco. — Quer jogar?

— Absolutamente. — Ela pega o taco e vai até a mesa para riscar a ponta. — Eu vou quebrar.

Virando-se lentamente para mim, ele pega outro taco de sinuca.

— Caramba. Evans não brinca quando se trata de trazer as grandes armas.

— Se você quiser — Chloe diz, rindo —, eu vou deixar você quebrar.

Ele responde:

— Primeiro as damas.

— Próxima rodada por minha conta. — Eu volto para o bar e aponto para ela. — O que estamos bebendo?

Sob longos cílios, ela me olha enquanto se inclina. Sua risada me atinge como música no bar movimentado pouco antes de ela quebrar, seguido de um estalo alto.

— O que você estiver bebendo.

— É pra já. — Eu a observo do outro lado do cômodo, como ela anda com os caras como se ela os conhecesse há algum tempo. Estou pensando que ela acabou de assumir a liderança porque Bryant a cumprimenta. Ela se sente à vontade naquela mesa, e vê-los se dar bem acaba com qualquer preocupação que eu tinha.

Eu me viro para pedir, não tendo que ficar de olho nos caras. Eles são conhecidos por serem brutos. Eu geralmente sou tão culpado quanto, mas eles parecem estar em seu melhor comportamento.

Quando volto, coloco tudo na mesa.

— Uma rodada de uísque.

— Eu nunca tomei uma dose de uísque antes.

Eu gostaria de dizer que estou surpreso, mas acho que estou me acostumando com essas pequenas bombas que ela solta. Entregando-lhe um, eu digo:

— Me conte mais sobre não ser uma boa menina de novo?

Para ser honesto, eu mereci o soco no braço. Flexionando meu bíceps, porém, estou mais preocupado com a mão dela. Eu o beijo para melhorar e, em seguida, levanto o copo.

— A que devemos brindar?

Não demora muito para um sorriso irônico aparecer.

— Quebrar as regras. De novo — ela responde tão inocentemente que eu sou atraído para beijar aquele sorriso em seu rosto.

Eu não a beijo. *Ainda não*. Mas eu chego perto, quase tocando meus lábios no dela, e sussurro:

— E aqui eu pensei que estávamos apenas dobrando elas?

— Qual é a graça nisso? — Ela bate seu copo contra o meu e o inclina para trás, fechando os olhos e esvaziando-o. Uma respiração áspera é disparada quando ela agarra sua garganta. — Isso queima.

Depois de esvaziar meu copo, eu rio e a beijo. A mistura intoxicante de seus lábios mergulhados em uísque me faz pensar se ela já fez sexo em um estacionamento. Porque porra, ela me excita. Empurrando-se contra mim, ela arrasta a barra da minha camisa para baixo, esticando o algodão. Como posso me importar com a camisa, porém, quando o roçar de seus dedos contra minha pele faz meus músculos do estômago se contraírem? Cada toque uma dose de adrenalina indo para o sul. Eu chupo o suficiente para manter meu abdômen duro antes de entrelaçar meus dedos com os dela e beijar o topo de sua cabeça. Então eu me acomodo em uma banqueta.

Bryant passa mais quatro doses e diz:

— Mais uma rodada está para acontecer. Saúde.

Segurando o copo, ela diz:

— Eu sou conhecida por ficar um pouco selvagem quando embriagada. Tem certeza de que pode lidar comigo?

Deslizando minha mão sob sua jaqueta, eu desço minha mão logo abaixo da parte superior de sua calça jeans e a seguro perto.

— Não se preocupe, baby. Eu posso lidar com você. — Os segredos guardados em seus olhos começam a se desvendar quando ela se inclina contra mim. Batendo em seu copo, acrescento: — Manda pra dentro. — Imagens sujas vêm à mente enquanto nossos olhos ficam travados enquanto a bebida desce.

Captar as notas de uma música que ela gosta evoca um sorriso logo antes de ela colocar o copo na mesa e começar a balançar os quadris. Eu gosto de vê-la se mover como se ela estivesse sozinha, dançando para si mesma. Ainda é controlado, mas está aumentando enquanto ela se move entre as minhas pernas e fecha os olhos. Suas mãos descansam em minhas coxas, prendendo-a a mim, a esta terra como se ela estivesse prestes a flutuar para longe.

Ela lentamente os abre e me pega olhando. Deslizo minhas mãos sobre seus quadris e depois enfio em seus bolsos traseiros.

— Você me chamou de baby. Eu nunca fui o bebê de ninguém antes.

Meu olhar mergulha em seus lábios, lembrando do jeito que eles pegam os meus quando ela lidera e como eu posso sentir a paixão que ela coloca em cada um dos nossos beijos. Arrastando minha língua ao longo do meu lábio inferior, então pergunto:

— Como você se sente sendo *minha* bebê?

A elevação de seus olhos e a esperança que vejo por dentro me fazem mover para segurá-la ao redor de suas costas. Ela beija meu queixo e então suas pálpebras se fecham enquanto ela beija minha boca. Com nossos lábios ainda juntos, ela sussurra:

— Como se eu estivesse vivendo em um sonho.

— É real, baby. Assim como nós somos. — Eu poderia desenhar um mapa do corpo dela de memória, mas, Deus, eu quero saber tudo sobre essa garota. — Me conte sobre você ficar bêbada.

Rindo como se uma memória divertida retornasse, ela diz:

— Ruby e eu ficamos bêbadas com o vinho, mas nunca bebemos as coisas fortes. Desta vez ela me visitou em Newport, ela caiu na água tentando ligar o motor deste pequeno barco que pegamos emprestado dos vizinhos. — Ela ri.

— Emprestado? Acho que isso se chama roubar.

Todd grita do outro lado da mesa:

— Estamos jogando ou o quê?

— Dê a ela um minuto. Eu quero ouvir essa história. — Voltando a ela,

acrescento: — Talvez eu tenha julgado você mal. Quero dizer, se você está disposta a infringir a lei, o que são algumas regrinhas?

Pegando o taco na mão, ela o contorna uma vez. Ela é uma provocadora, mas ainda não tenho certeza se ela percebe isso.

— Eu disse que não sou tão inocente.

Se ela soubesse o quanto eu já estou afim dela, ela não teria que me vender. Eu já estou comprando. Eu a toco, puxo-a rapidamente e sussurro em seu ouvido:

— E aqui eu pensei que era problema.

— Você é um problema, Joshua Evans. — Ela passa a mão pelo meu braço e pelas minhas costas. — Você é exatamente o tipo de problema que eu preciso.

— Ele é problema, está bem.

Porra.

Eu deveria saber que Dana apareceria. Deixe para ela arruinar uma boa noite.

11

Chloe

Já vi filmes suficientes para saber como isso acontece. Joshua é um local com uma reputação construída muito antes de eu aparecer nesta cidade. Todas as garotas aqui estão de olho nele desde que ele entrou e me encarando com adagas. Então, acho que é seguro assumir que essa mulher é uma das muitas que tiveram o coração partido. *Por ele*, ainda continua a ser definido.

Sua mão não deixou meu quadril, mas sua irritação pela intrusão está escrita em seu rosto. Ele diz:

— Não estou procurando briga, Dana.

Com as mãos para cima em rendição, ela diz:

— Nossa, só passando para dizer oi. — Se o sorriso tenso não fez isso, o olhar mortal em minha direção contradiz a indiferença que ela está tentando retratar. Não é preciso um psicólogo para descobrir que ela sofre de sentimentos persistentes.

— Oi — ele responde, olhando para ela.

— Não vejo você há um tempo. Onde você tem se guardado? — Quando ela se aproxima, me sinto estranhamente possessiva e me inclino contra ele.

O calor de sua mão é sentido através do jeans enquanto ele o desliza pela parte inferior das minhas costas e o prende na minha cintura.

— A escola começou, trabalhando... — Ele me olha. — Passando tempo com minha namorada.

Percebo como a voz dele permaneceu educada e firme, apesar de ela tentar obter uma reação dele. Eu ainda não gosto de estar no meio disso.

— Namorada? Isso é novo para você.

Ele se levanta e diz:

— Se você nos der licença... — Nós nos movemos para o outro lado da mesa, e ele se inclina contra uma coluna. Finjo assistir Todd jogar, mas mantenho meus olhos na outra mulher enquanto ela tenta manter uma conversa com Bryant, que parece desinteressado. O aborrecimento acaba levando a melhor sobre ela, e ela sai, o cabelo loiro balançando.

Estou feliz que nos movemos. O desconforto de Joshua estava se tornando meu. Ele diz:

— É a sua vez.

— Filha da puta — Todd reclama. —, eu afundei a bola branca.

Minha atenção volta para o feltro verde, e eu mexo meus ombros em comemoração.

— Vou aceitar a vitória.

Joshua ri, mas eu sei que ele ainda está lidando com as consequências desse confronto porque não alcança seus olhos.

— Um para Fox.

Todd pergunta:

— Outro jogo?

— Feliz de chutar sua bunda duas vezes. — Eu pego o taco e coloco giz de novo enquanto ele bate. Volto para Joshua e pergunto: — Quer jogar?

— Estou gostando de ser espectador. Você é boa.

Sem a distração da outra mulher, o jeito doce como ele me chamou de baby me fez flutuar nas nuvens.

— Você sabe disso, baby. — Eu pisco, servindo essa doçura de volta.

Todd olha para mim.

— Pronta para quebrar?

— Tentando não quebrar — eu respondo de improviso.

Ele não entende, mas estou pensando que Joshua sim, porque ele me puxa de volta contra ele, enrolada em meu traseiro.

— Você já se machucou antes, Fox?

Eu giro em seus braços.

— Sentimentos feridos com certeza, mas não um coração partido. — Eu balanço minha cabeça levemente. — Não tive a sorte de experimentar esse tipo de emoção.

Gentilmente beliscando meu queixo, ele olha nos meus olhos. Ele inala, me bebendo com seus olhos mocha. Eu nunca pensei que seria o tipo de garota que usa comida ou clima para descrever as características de outra pessoa, mas aqui estou eu, sentindo o vapor tecer entre nós no abraço. A seriedade se dissipa e seus olhos se estreitam como se eu estivesse falando uma língua estrangeira.

— Não ter um coração partido é sorte?

— Não. Eu simplesmente nunca experimentei sentimentos profundos o suficiente para me prejudicar quando terminar. — Percebendo, com ele, o potencial está lá, eu recupero o fôlego, tentando regular isso. — Devo parecer louca.

— Não. — Mergulhando até o nível dos olhos, ele diz: — Vou contar um segredo para você. — Meu coração está batendo no limite de cada respiração quando ele abaixa as mãos para meus quadris, enfiando os dedos nas presilhas do meu cinto. Ele me tem exatamente onde ele me quer, exatamente onde eu quero estar. — Eu também nunca me senti assim com ninguém.

— Você nunca? — Eu sussurro. — E com...

— Ninguém.

Acabando com minha curiosidade com uma palavra, estou começando a acreditar que estamos nisso juntos.

— Veja isso, Josh — diz Bryant.

Ele não move um músculo como se eu fosse perder a fé se ele o fizer. Eu não vou. Eu já estou muito fundo. Eu digo:

— Diga-me uma coisa. Se todo mundo te chama de Josh, por que você nunca me corrigiu de te chamar de Joshua?

Depois de uma rápida varredura ao redor do lugar, ele achata as mãos em volta da minha cintura, seus polegares tocando a pele na parte superior do meu jeans e enviando uma emoção através de mim.

— Eu gosto do som do meu nome quando você o diz.

O giz bate em seu ombro. Seguindo o caminho de onde veio nos leva a Todd, que dá de ombros.

— Solte ela, cara. É jogo.

Estou prestes a dar a minha vez, mas sou pega pelo pulso e puxada para trás. Beijos cobrem meu pescoço.

— Chute a bunda dele. De novo.

— Pode deixar. — Eu passo para o outro lado da mesa enquanto Bryant e Joshua começam um jogo de dardos. Eu me inclino para alinhar minha tentativa. Eu estouro a bola, errando. — Droga. — Eu me afasto para que ele possa tomar sua vez.

Olhando para mim, ele diz:

— Ele gosta de você.

Embora sua honestidade seja refrescante, eu me pergunto por que ele está me contando.

— Eu gosto dele.

Ele afunda uma bola e, em seguida, prepara sua próxima tacada. Todd é bom em não trazer muita atenção para a conversa, mantendo-a discreta. Curvando-se sobre a mesa, ele se vira para olhar na minha direção.

— Ele nunca trouxe alguém como você antes.

— Como eu? — Eu seguro minha raiva, dando a ele o benefício da dúvida.

Quando ele erra a próxima tacada, ele vem para ficar ao meu lado, mantendo os olhos na mesa de feltro.

— Josh não é como o resto de nós. — Não importa como ele expresse isso, eu sei que não sou parte do *nós* que ele quer dizer.

Depois de um jogo casual de sinuca e algumas doses, foi fácil fingir que me

encaixava, mas tenho a sensação de que não sou eu quem percebe as diferenças, mas eles. Isso é um aviso sem que Joshua ouça? O caroço no meu peito está crescendo, mas tento esconder a insegurança. Apoiando-me na beirada da mesa, pergunto:

— Como ele é então?

— Como você. — Agarrando sua cerveja, ele toma um gole, então continua: — Ele é esperto pra caralho. — Alívio lava através de mim. Isso é inesperado. — Mas ele nunca agiu de forma diferente. Sua mãe e ele sempre lutaram para sobreviver. Ambos trabalham duro para ter o que quiserem. Eles ganharam cada merda que eles têm. — Uma varredura rápida ao nosso redor termina em mim. — Exceto quando se trata de escola. Aquele garoto nunca estudou. Ele não precisava. Ele até recebeu sua carta de aceitação para Yale mais cedo. Nunca se gabou ou fez um grande negócio. Bryant e eu sabíamos que ele entraria, mas para muitos moradores, ele era apenas mais um problema.

Rindo para si mesmo, ele continua:

— Não me entenda mal. Ele criou um inferno como o resto de nós, mas eu gostaria que ele tivesse deixado esta cidade. Muitas pessoas estão esperando que ele falhe. — O olhar aguçado que ele dá na direção de Dana não passa despercebido.

Eu lidei com muitas inseguranças ao longo dos anos sobre meu lugar em Newport. As pessoas eram minhas amigas porque sou uma Fox ou porque sou eu? Mas eu nunca senti que alguém queria que eu falhasse. Eu sentia o contrário. Eles querem que eu tenha sucesso. Bem, o sucesso da minha família, tecnicamente.

Quando volto meu olhar para Joshua, todos com quem o vi interagir gostam dele, então é difícil entender por que alguém iria querer que ele falhasse.

— Isso é inveja — eu respondo.

Ele diz:

— Parece que você conhece o sentimento.

Uma garçonete serve mais duas doses. Ela diz:

— Seth enviou isso. — Todd levanta seu copo para o barman.

— Eu também não me encaixava em casa — digo, aproveitando a oportunidade e bebendo. Este desliza para baixo.

— Sinto muito por ouvir isso.

— Está bem. Eu me encaixo com...

— Bryant não tem habilidades com dardos — diz Joshua, arrastando um banquinho. — Não foi nem um desafio. As suas são as listradas, Chloe? Você está indo bem.

Eu acaricio sua bochecha, a leveza desaparecendo enquanto suas feições suavizam para mim.

— Eu me encaixo com você.

— Você faz. Nós nos encaixamos.

Assentindo, eu então o beijo.

— Por que você nunca se apaixonou antes?

A pergunta parece pegá-lo desprevenido. Rindo, ele pergunta:

— Por que você não fez?

— Touché.— Sabendo que é minha vez, estudo a mesa, tentando descobrir um movimento calculado que me levará a outra vitória. Apertando os olhos, estou tentada a testar o vento. A quem estou enganando? Eu só jogo por diversão.

— Ei, Chloe?

— Sim? — Eu respondo, levantando meu olhar da mesa para Joshua.

— Eu não quero estabelecer linhas com você. Eu quero saber como alguém tão bonita e divertida não foi arrebatado pelo cara errado?

— O que faz você pensar que eu me apaixonaria pelo cara errado?

Sorrindo, ele enfia as mãos nos bolsos. Eu gosto que haja confiança com uma pitada de incerteza. Eu também sinto isso. Ele diz:

— Porque você disse sim para mim. Além disso, você nunca respondeu minha pergunta.

— Você nunca respondeu a minha. — Eu bati na bola.

— Provocadora.

Eu desatei a rir.

— Agora, isso é algo que eu nunca fui chamada antes. — Com seus olhos nos meus, um olhar que me despiu no fogo por dentro, me faz pensar que estou pronta para passar um tempo sozinha com ele. Mas primeiro, preciso vencer. Eu tomo minha vez e afundo três bolas antes de Todd embolsar quatro.

A competição é dura, mas uma cerveja que Joshua trouxe me impede de ficar chateada. Eu sou exatamente o oposto, na verdade. Eu arranho, perdendo para Todd.

— Vitória superficial.

Ele responde:

— Não foi superficial quando você ganhou da mesma maneira.

— Isso é porque eu ganhei. — Eu rio e digo a ele: — Bom jogo.

— Você também, Fox. Se você quiser jogar, me dê um toque.

— Ei. Ei.— Joshua se aproxima com os braços abertos. — Caso você não tenha notado, eu estou bem aqui.

Ele pode estar apenas brincando, mas eu adoro vê-lo com ciúmes de mim. É ruim que isso me excita? Uau, é definitivamente hora de ir. Pressionando contra ele, eu sussurro:

— Estou pronta.

Sua mão planta na minha bunda, seu polegar esfregando ao longo da costura do meio do meu jeans.

— Pronta para que?

A conexão faz meu coração disparar e meu corpo formigar. Acho que ninguém me tocou tão intimamente, e meu corpo está em alerta máximo, reagindo à eletricidade dele.

— Pronta para ficarmos sozinhos.

Borboletas no estômago, palpitações no coração e leve tontura. Os sintomas me levam a acreditar que estou tonta ou tendo um ataque cardíaco. Espero que seja o primeiro. Eu rio, uísque fazendo minha cabeça girar.

— Você está lendo minha mente. — Seu tom é cheio de insinuações, e estou aqui para isso.

Como? Como é possível ter sentimentos florescentes por este homem que mal conheço? *Como?* Apesar da minha cabeça, eu pego sua mão, meu coração pronto para segui-lo para qualquer lugar.

12

Joshua

O QUE EU ESTOU FAZENDO? Embora a fome de fazer sexo com ela seja esmagadora, quero fazer isso direito por ela. Tem sido uma luta não tocá-la, seu rosto, aqueles lábios, suas mãos. Eu poderia tê-la atacado no Lucky's se ela me deixasse.

Um sorriso enfeita seus lábios, um dia perfeito refletido em seu lindo rosto. Ela enfia a chave na fechadura, deixando escapar uma risadinha como se nunca tivesse tido a chance de rir assim antes. *Por quê?*

Eu tenho tantas perguntas para ela, um desejo profundo de saber quem é Chloe Fox e como sou eu que tenho o prazer de descobrir essa jóia.

O que ela está pensando quando ela franze os lábios para o lado? Ela sacode a fechadura.

— A chave fica presa às vezes. — Ok, isso responde a essa pergunta, mas eu quero saber o segredo por trás de cada um de seus sorrisos.

A ambição não a motiva. É uma bondade construída dentro dela, uma das minhas características favoritas. Ela me faz sentir uma pessoa melhor só de estar perto dela. Não me entenda mal. Não sou nenhum anjo, mas com ela tentarei me comportar da melhor maneira possível.

A porta do corredor se abre, e uma garota de cabelo escuro e uma camiseta comprida cruza os braços enquanto se inclina contra o batente.

— Bem, bem, bem, se não é o infame Joshua Evans.

— Você deve ser Ruby.

O lado de sua boca sobe com uma sobrancelha levantada.

— Você já ouviu falar de mim?

Olho para Chloe que está radiante, seja de felicidade ou uísque, eu aceito. Ela diz:

— Ruby Darrow, este é Joshua...

Ruby pergunta:

— O *infame* Joshua Evans?

Eu pergunto:

— Então, *você* já ouviu falar de mim? — e rio.

Com um encolher de ombros, ela responde:

— Chloe fala.

Batendo os dedos, ela vira os olhos para Chloe.

— Você estava certa. — Quando seu olhar volta para mim, ela acrescenta: —

Admito que estava começando a pensar que ela havia dado o nome ao vibrador. — Chloe e eu não ficamos exatamente quietos nas últimas semanas, mas caramba, essa garota não é tímida. *Devidamente anotado.*

Enquanto ela ri com as bochechas vermelhas em chamas, os olhos de Chloe se arregalaram.

— Oh meu Deus, Ruby. Isso é informação demais. Não vamos fazer barulho.

Sem dar a mínima, sua amiga se sente em casa aqui no corredor.

— Por favor, não — Ruby responde com um aceno de braço. — É a única ação que estou tendo nos dias de hoje, então continue para que eu possa viver indiretamente.

O trinco estala e Chloe abre a porta.

— *Eeee*, com isso, nós vamos entrar.

Eu digo:

— Boa noite.

— Noite. — Antes que nossa porta se feche, Ruby diz: — Vou precisar de cada detalhe, Chloe. *Cada.* Detalhe.

— Boa noite — Chloe chama de dentro de seu apartamento, me puxando para dentro. — Eu quero você, Joshua. — Seus lábios estão em mim, suas mãos vagando como se ela estivesse me procurando. Estou tentado a resistir só para ver se vou ser algemado.

Pegando seus pulsos, eu os seguro entre nós.

— Eu não estou indo a lugar nenhum.

Segurando firme na minha camisa como se ela fosse me perder, ela pergunta.

— Estamos indo rápido demais?

— Nós podemos desacelerar...

— Desculpe — diz ela com uma risada leve. — Eu estou nervosa. Eu não quero que você seja um caso de uma noite.

— Se estamos numerando nossos encontros, este não será o primeiro.

Ela inclina a cabeça, diversão alcançando seus olhos.

— Como você sabe?

— Eu estive aqui pelo menos sete ou oito vezes. Você foi ao restaurante duas vezes. O Lucky's esta noite. A Galeria de Arte. Edifício Kline, e a vez que te encontrei junto à fonte de água. Isso é... — Eu acho que é isso. — Estou esquecendo alguma coisa?

Com os braços apertados em volta do meu pescoço, ela diz:

— Eu vou com treze então.

— Exatamente. Tecnicamente, este é um caso de treze noites.

— Número da sorte treze.

— O mais sortudo. — Não digo que sou eu porque pretendo mostrar a ela esta noite. Eu me inclino para beijá-la, sentindo falta daqueles beijos frenéticos.

Afastando-se rapidamente, ela pressiona o dedo nos meus lábios. Finjo mordê-lo, tomando cuidado. Ela diz:

— Nunca fui sobre a quantidade, mas a qualidade, e você dá excelente qualidade.

— Vou aceitar o elogio. Mas eu quero que você lembre, isso entre nós pode ser rápido para alguns, mas nós estabelecemos nosso próprio ritmo. Então, se é bom e você está feliz, eu estou feliz. Apenas diga a palavra se você sentir o contrário.

— Você me faz feliz. Além disso... — Ela beija meu queixo. — Eu nunca tive treze encontros com ninguém.

— Perda deles. Minha vitória.

— Me beija, Joshua?

Eu libero sua mão para acariciar sua bochecha.

— É tudo que eu queria fazer a noite toda.

— É?

— Eu não parei de pensar em você desde que fiquei do lado de fora daquela porta com uma entrega.

Suas pálpebras baixam lentamente, e o menor sorriso, um que parece existir para mim, aparece. Quando ela olha para cima, cílios longos inclinando perto de sua testa, ela dá um suspiro de alívio.

— Eu também.

Segurando-a mais perto, eu me inclino, fechando meus olhos e pressionando minha boca na dela. É preciso toda a minha força de vontade para recuar em vez de levar isso adiante, no entanto. Desta vez eu grunho e descanso minha cabeça contra a dela.

Ela sussurra:

— O que há de errado?

— Eu preciso de um lençol.

— Huh? — Suas sobrancelhas se dobram um pouco e eu só quero beijá-la.

— A janela. Não quero ninguém nos observando.

— Não há ninguém lá fora — diz ela com uma risada, caminhando em direção a ela, deslizando a jaqueta pelos braços. Ela cai no chão, e ela alcança a bainha da blusa.

— Ah, não, não. — Corro até lá, bloqueando a janela com meu corpo.

A camisa é deixada enquanto seus ombros tremem com a cabeça inclinada para trás em uma risada. Eu digo:

— De qualquer forma, não podemos fazer nada com Frankie assistindo.

Ela espia a planta atrás da minha perna, ainda rindo.

— Ela não se importa, mas se isso deixar você mais confortável, podemos nos mudar para o quarto.

— Sim. — Eu a sigo para o quarto escuro.

Com as luzes apagadas, vou até a janela e olho para um lado da rua e depois para o outro. É uma rua tranquila, considerando o quão perto estamos de alguns dos pontos de encontro populares.

Ela vem para descansar contra minhas costas, a sensação de seu peito e sua bochecha pressionada na minha pele. Eu estendo um braço para segurá-la para mim, percebendo que ela está nua. Virando-me, sussurro:

— Você começou sem mim. — Eu me abaixo e a levanto. Nossos lábios se encontram em paixão ardente enquanto suas pernas envolvem minha cintura.

Suas coxas apertam, levantando-a mais alto. O raspar de suas unhas ao longo do meu couro cabeludo é tão bom, mas eu sei que não são apenas suas unhas. É ela. Ela é tão boa. Eu não posso fazer isso com ela contra uma parede.

Deslizando minha mão por sua espinha, eu me movo para a cama em dois grandes passos e nos derrubo. Em um ataque de riso, ela diz:

— Essa foi a reviravolta que eu não esperava, e tão sexy.

— Eu vou te mostrar sexy. — Eu me levanto e, em seguida, abro o botão de cima de sua calça jeans antes de tirá-la em um movimento rápido. — Ah, porra, você que me mostrou. — Eu puxo meu jeans para baixo porque a mulher mais sexy que eu já vi está deitada na minha frente, me chamando para a cama. Raposa. Deusa. *Minha.*

Pela gola de trás, puxo minha camisa sobre minha cabeça e a deixo cair enquanto tiro meu jeans o mais rápido que posso. Ela se arrasta até a cabeceira da cama, depois enfia as pernas sob as cobertas.

Uma vez que o lençol cobre seu peito, ela esfrega o colchão de cada lado dela, parecendo orgulhosa como um pavão.

— Venha aqui, baby — ela ronrona com um sorriso malicioso.

Foda-se o jeans. Com meus tornozelos ainda presos, eu mergulho direto naquela cama e manobro sobre ela, prendendo-a na cabeceira da cama com um beijo. Chutando meu jeans, finalmente liberto um tornozelo e saio do outro. *Obrigado porra.*

Não que eu me importasse com o jeito que ela segura meus ombros, me pedindo mais. Fizemos praticamente tudo o que podemos com roupas, mesmo quando minimamente vestidos, até agora. Ver seus ombros expostos, porém, me lembra que não vamos nos beijar. Estaremos fazendo amor. Eu beijo seu pescoço, uma batalha furiosa entre o instinto de correr para frente e ir devagar e romântico.

Eu me afasto para olhar em seus olhos.

— É isso que você quer? — Eu preciso desse *sim*, que ela esteja onde eu estou em relação a nós, pronta para não apenas compartilhar nossos corpos, mas uma cama que eu possa dormir e acordar com ela ao meu lado. Eu provavelmente não deveria querer isso tanto quanto eu quero, mas eu quero com ela.

— Somos nós. Quero você.

— Tudo o que vem com namorar você, eu quero isso. Eu quero você, Chloe. — Eu a beijo mais fundo do que fizemos na porta antes de descermos juntos no colchão, apenas um cobertor e uma calcinha entre nós.

O pulso delicado em seu pescoço me faz pressionar meus lábios nele, querendo sentir cada parte dela. Seus dedos deslizam pelo meu cabelo, e ela sussurra:

— Você vai ser tão ruim para os meus planos. — Acariciando minha bochecha, ela chama minha atenção. Ela me beija, deixando seus lábios permanecerem contra os meus. — Mas tão bom para mim.

Deslizando meus dedos em seus cabelos sedosos, eu a beijo e a rolo para o colchão embaixo de mim.

—Vou me certificar de que sou bom para ambos.

— Não pare de me beijar.

Eu não paro.

Eu não poderia.

Até que ela pergunta:

— Joshua?

Eu me movo para o lado dela e viro minha cabeça. Com o luar entrando, vejo as sardas mais doces espalhadas pelas maçãs de seu rosto. Meu olhar mergulha para o arco na ponta de seus lábios e como eles estão separados um pouco. Acariciando seu rosto, esfrego o polegar levemente sobre sua pele. Ela é deslumbrante em todas as luzes, mas a necessidade de tê-la em meus braços toma conta.

Seu cabelo comprido, mais escuro na luz suave, espalha-se sobre o travesseiro. Ela descansa seus suspiros melódicos e sorriso suave, o peso de sua confiança caindo sobre mim.

— Sim?

Ela descansa a mão no meu peito e sussurra:

— O que estamos fazendo?

— Nos apaixonando. — Talvez eu devesse ter hesitado, mas não seria certo negar meus próprios sentimentos.

— É essa a sensação?

— Sim — eu confesso, beijando-a até que uma faísca reacende o calor entre nós.

Mas não é com a minha boca que estou preocupado. Mas com o fogo que ela acendeu na barriga da minha alma.

13

Chloe

O PESO DE SEU CORPO, a flexão de seus músculos quando eu corro meus dedos sobre eles, seus lábios nos meus como se tivessem se tornado um, o paraíso é encontrado no beijo de Joshua Evans.

Apesar do álcool tentando entorpecer as bordas, não há como eu não me sentir viva em seus braços enquanto cada nervo do meu corpo desperta para a vida. Essa é a mágica da qual ouvi falar, essa sensação de abandonar minha vida por algo que parece tão certo.

Ele parece tão certo.

Eu suspiro, liberando minha mente de pensar demais e, em vez disso, me concentro no sentimento.

A liberdade é encontrada na queda.

Liberação selvagem para este homem corre através de mim.

Como se uma bandeira quadriculada fosse acenada, ele se aproxima para me beijar com uma paixão insaciável. Nossas línguas se misturam à medida que exploramos novos territórios, nossos corações se unem a cada doce abraço de nossas línguas.

Novo território, novo mundo... *nosso*. Aquele que criamos juntos quando achávamos que era apenas diversão.

Juntos.

Sempre foi um conceito tão estranho, perdido em dias e anos. Joshua me inspira a sentir cada segundo, a definhar seus braços e em seu toque. Quero conversar na cama a noite toda e dormir com ele. Eu nunca vi o amor chegando, mas eu o sinto varrendo como uma tempestade de verão, o cheiro de orvalho, a mudança no ar. Eu quero dançar na chuva dele, me tornar um com este homem. *Ri. Ama*.

Tudo. Tudo. Eu quero tudo com ele, mesmo a única coisa que parecia proibida. Eu não quero segurar.

Eu não quero me apegar a algo que parece que foi feito para ele o tempo todo. Este é o homem que eu quero lembrar pela minha primeira vez.

— Você é tão boa.

Com um joelho, ele abre minhas pernas e me beija enquanto se acomoda entre elas. Sua respiração atinge o rastro molhado que ele deixou da minha boca a minha orelha, enviando arrepios pelo meu peito e pelos meus braços. Eu empurro contra ele, querendo o atrito. Precisando muito mais dele.

— Dói — é sussurrado em meu ouvido.

— Dor de verdade? — Eu pergunto, meus olhos se abrindo.

Ele ri.

— Não. Eu ia dizer que te quero muito. Então, não há necessidade de ligar para a emergência, doutora. Existem métodos naturais para me curar. — Minhas bochechas queimam de vergonha. Ele não perde o ritmo e acrescenta: — Você é a cura para minhas doenças. — Um sorriso irônico se situa em seu rosto bonito.

Entrando no papel de médica obscena, continuo a encenar.

— O que mais te aflige?

— Meu coração, doutora. Ele acelera quando eu vejo você. É pesado no meu peito quando estamos perto. — Eu o ouço engolir em seco, mas ele não se segura. — Parece que vai sair do meu peito.

— Eu sofro da mesma condição, os efeitos colaterais de estar com você.

— Podemos ser salvos?

Eu não escondo meu sorriso perverso.

— Não, me desculpe. É tarde demais para nós.

— Eu estava com medo disso. — As piadas são deixadas de lado enquanto ele acaricia meu rosto, olhando para mim como se eu tivesse pendurado a lua. Verdade pontilha sua íris como as estrelas cobrindo uma noite de Newport, me convencendo de que eu pendurei a lua para ele. Assim como ele colocou o sol no céu azul para mim.

Já fomos os dias um do outro, mas não terminamos no pôr do sol ou só existimos ao nascer do sol. Nós nos tornamos as horas entre o crepúsculo e o amanhecer, o meio-dia mais claro, a meia-noite mais escura, as horas douradas. Juntos, estamos todas as horas com o coração em chamas.

Joshua é uma fresta de esperança que apareceu do nada a tempo de me lançar uma tábua de salvação. Eu nem percebi que estava me afogando.

— Eu também.

Segurando meu rosto entre as duas mãos sem espaço de manobra, ele me beija e depois encosta a testa na minha.

— Eu... *Eu me importo com você,* Chloe.

Olhos abertos, a dor em sua voz é evidente, mas é ouvida como se ele tivesse se entregado a algo que nunca viu acontecer. Eu entendo, arrastada para um destino de alma gêmea que eu nunca esperava encontrar, muito menos nesta idade.

Alma gêmea.

Talvez ele tenha nos visto chegando.

Levantando, ele procura meus olhos, precisando de minhas palavras tanto quanto eu preciso das dele.

— Eu me importo com você também — eu digo. Enquanto meu coração se prende ao dele, eu te amo é pregado silenciosamente para apenas eu ouvir, mas minha fraqueza é revelada quando uma lágrima escorre pelo meu rosto.

A ponta de seu polegar a recolhe e a leva aos lábios, sua língua mergulha para provar minha vulnerabilidade.

— Eu prometo que nunca vou te machucar. Sem mais lágrimas.

Eu aceno, nunca me sentindo mais segura do que em seus braços. Para ele, eu sou Chloe; não da dinastia Newport Fox, não do futuro cirurgião, não do legado de Yale. Sou aquela com quem ele relaxa depois de um longo dia, prefere beijar a estudar, e não preciso de pedigree para ele me amar. Ele ri dos meus trocadilhos ruins e brinca alegremente com minhas insinuações sexuais. Seja eu uma estudante ou sua namorada, *ele me vê* e quem eu sou por dentro.

Isso é empoderador.

Eu mergulho debaixo das cobertas, tomando-o em minhas mãos primeiro e depois minha boca. Profundo e lento, exatamente como os vídeos me ensinaram. Ele enche minha boca, e eu me concentro na respiração, bem como em sua reação para me guiar.

Quando suas mãos cobrem a parte de trás da minha cabeça, não há pressão nelas, mas a necessidade de me tocar. Isso me estimula, me fazendo querer agradá-lo, dar tudo o que ele precisa. Isso não é submissão. Ele está me dando sua força e se curvando aos meus pés.

O poder é inebriante.

Eu me movo mais rápido, chupo com mais força até que seus dedos se dobram em meu cabelo, e os gemidos são altos.

— Tão bom. — Tudo o que ele dá de si mesmo, sua confiança, cuidado e honestidade, eu pego e engulo.

Deitamos um ao lado do outro, parados e quietos, nos recuperando. Beijando-me uma e outra vez no peito, ele continua se movendo mais para baixo, fazendo minha respiração travar com o pensamento dele lá embaixo e a sensação de seus lábios.

Respirando fundo, eu corro meus dedos pelo seu cabelo. Não vou me esconder dele apesar de alguma vergonha inexplicável que mantenho enterrada dentro de mim. Abraçar a vida significa abraçar Joshua, e aquele olhar em seus olhos que me diz o quão bonita eu sou sem palavras me dá uma visão de quem ele pensa que eu sou. *Por que eu me esconderia disso?* Eu abro minha coxa direita, me abrindo para ele, *por ele*.

Ele empurra as cobertas, o ar condicionado chicoteando sobre mim enquanto seus olhos traçam meus seios, minha barriga e meu corpo.

— Você sabe como você é linda, Chloe?

Não estou bêbada, mas ele me faz sentir assim. Meus seios estão expostos, o quarto frio endurece meus mamilos. Inclinando-se, ele beija cada um deles e depois desce até a minha barriga.

Minha parte interna da coxa.

Meu joelho.

Canela.

A parte de cima do meu pé.

Estou coberta de beijos até ficar totalmente gelatinosa em suas mãos. Fomos rápidos em todos os outros aspectos, mas desacelerar faz sentido. Quero sentir cada parte do meu corpo despertada por seus lábios.

Ele recua a outra perna. Eu tinha pensamentos sobre isso acontecer, no fundo desejando que acontecesse quando eu vestisse aquela roupa para ele, e agora que estou nua diante dele, não tenho absolutamente nenhum arrependimento.

— Tão sexy — ele murmura enquanto beija os montes dos meus seios.

Os olhos de xarope de bordo mantêm uma doce apreciação quando me olham, observando minha reação. O meu meio fica mais apertado, meus lábios se separam, minhas pálpebras pesadas de desejo. Suas mãos me seguram sem reservas, apertando, amassando, levemente acariciando meus mamilos antes de cobri-los com a boca.

Minhas costas arqueiam, e eu suspiro quando seus dentes provocam os brotos.

— Deus, como eu quero você — eu digo sem hesitar enquanto coloco minhas mãos na parte de trás de seu pescoço. Ele é bom demais para libertar. Com ele reposicionado entre minhas pernas e sua dureza pressionando contra mim, eu balanço meus quadris, empurrando contra o medo que tenho com essa sendo a minha primeira vez. Eu o acolho. — Eu quero sentir você dentro de mim. — Minha garganta está crua como as palavras, uma necessidade insatisfeita me deixando com sede de mais. Mais abaixo, o som de implorar confunde minha mente, as palavras se repetem conforme a necessidade inunda minhas veias.

A alegria familiar que sempre sinto com ele toma conta, e como se meu corpo não fosse meu, movo meus quadris com o dele. Sua boca está no meu ombro, mas sinto a conexão em cada centímetro da minha pele.

— Você tem camisinha? — ele sussurra.

— Na gaveta — eu respondo como se já tivesse dito isso antes.

Eu observo os músculos em seus braços em exibição e estendo a mão para tocá-los. Ele coloca duas na cama sem pensar duas vezes e se move para pairar sobre mim novamente. Eu empurro o cabelo que caiu sobre sua testa para o lado e, em seguida, empurro levemente em seus ombros. Por mais que eu o ame olhar por cima de mim, quero tentar algo novo.

Quando eu me movo em cima dele, ele passa as mãos pelos meus seios e segura meus ombros, me trazendo para ele para beijar. Beijar até ficarmos sem fôlego. Beijar até meu corpo desejar mais.

— O que você quer, baby?

— Você — eu respondo.

Mãos fortes deslizam pelos meus braços, me cobrindo de arrepios.

— Eu estou bem aqui.

Lendo nas entrelinhas, ele me quer, mas quer que eu lidere. Nunca fui uma seguidora. *Tímida?* Claro. Mas eu conheço anatomia, e ele é um espécime perfeito.

Eu me movo para trás apenas o suficiente em suas coxas para ter sua ereção na minha frente enquanto ele me observa, me estudando com a intensidade de um artista. Eu tenho falhas, mas você nunca saberia pelo jeito que ele olha para mim. Ele me alcança.

— Vem cá.

Assim que estou bem debaixo do cobertor e lençol com ele, ele se pressiona contra o meu lado.

— Você sente o que você faz comigo?

— Sim — eu respondo sem fôlego, estendendo minha mão para tocá-lo. Eu fiquei com ele, mas desta vez é diferente. Eu deveria estar nervosa, mas não estou.

Seus lábios carnudos pressionam a minha boca uma vez, e então, como se ele não pudesse decidir onde me beijar em seguida, ele pousa no canto da minha boca. Movendo minha mão, eu mantenho um aperto firme. Meu coração bate rápido e forte no meu peito enquanto ele luta para se concentrar.

Perdendo-se momentaneamente, seu corpo se apressa, empurrando contra mim.

— Porra — ele pronuncia baixinho.

Meu quadril está abandonado. Sua mão não escorrega, mas propositalmente reivindica o ápice das minhas pernas. Segurando, provocando, deslizando um dedo dentro de mim.

— Ah — eu gemo, esquecendo tudo o que estava fazendo.

— Não pare, ok? — ele diz.

Eu tomo o caminho mais longo até a ponta de sua ereção e desço devagar novamente.

— Ok.

Mas a ponta de seu dedo me deixa à beira de queimar em êxtase.

— Joshua... — A parte de trás da minha cabeça cava no travesseiro.

Subindo mais alto no colchão, ele beija meu pescoço exposto e me abandona. Minha cabeça dispara para ver para onde ele está indo.

— O que você está fazendo?

— Eu quero cuidar de você.

— Você estava. — Eu não quero explodir, mas estou tão apertada que me deixa ansiosa.

Um sorriso maroto desliza com diversão.

— Com a minha boca.

— Oh! — Eu me deito sem discutir, mas meus olhos estão bem abertos e meu corpo está rígido como uma tábua.

Deve ser óbvio porque ele ri.

— Você me quer aqui embaixo? — Eu aceno, e suas palmas lentamente abrem as minhas pernas. — Relaxe para mim. Ok?

— Ok — Eu consigo murmurar, soltando o aperto que tenho nos lençóis e esticando meus dedos. Aninhado entre as minhas pernas, ele assume o controle do meu corpo com um simples beijo entre as minhas pernas, sua boca firme e determinada.

Medicamente falando, eu sei como meu corpo funciona, mas eu não sabia que ele podia ronronar até agora. Sua língua mergulha para dentro, e eu gemo em resposta, minhas costas arqueando.

Rodar meus dedos por seu cabelo provoca sua própria resposta. Os sons de sua respiração pesada e calor quente flutuando pela minha pele me levam ao limite. Um orgasmo bate rápido, e eu caio com força antes de afundar no colchão.

Alcançando um preservativo, ele não se incomoda com as palavras, mas a pressão de sua mão no meu estômago me impede de me afastar muito. Cada toque no meu corpo, cada beijo, lambida e mordida é preenchido com confiança, construindo minha antecipação.

Quando ele está coberto, seus músculos ficam tensos enquanto ele se move sobre mim novamente. Arrastando as pontas dos meus dedos sobre os mergulhos e picos de seus bíceps me faz respirar fundo, pronta, tão pronta para tê-lo dentro de mim. Eu fecho meus olhos...

— Olhe para mim, Chloe.

Faço apenas para ser cumprimentada com uma intensidade que ele mal consegue segurar.

— Fique comigo — ele murmura.

A luz do quarto se afoga em seus olhos comoventes, e meu coração aperta sob o peso. Se eu não pudesse sentir cada milímetro de onde seu corpo toca o meu, eu acreditaria que ele estava segurando meu coração em suas mãos. Tomando posse, possuindo-me.

Ele empurra, o suficiente para fazer minha boca se abrir e chupar uma respiração. Beijando-me novamente, seus quadris empurram para frente, seu corpo um com o meu novamente enquanto ele rouba minha respiração como ele roubou meu coração na noite passada.

O alargamento.

A queimação.

Meu coração dispara em direção a uma linha de chegada imaginária.

Eu aguento tudo se eu conseguir ele no final. Eu estava preocupada com a dor, mas é diferente do que eu esperava. Recebo a queimadura, querendo sentir tudo dele.

Dedos fortes correm ao longo do meu queixo, seguidos de beijos.

— Respire, Chloe.

Os tons suaves de sua voz me acalmam, e encontro um ritmo com ele enquanto nossa respiração se mistura e nossos corações batem forte. Tudo é sentido no impulso suave de seus quadris, seus sussurros revestindo minha pele como um pecado sendo lavado. Eu me inclino para ele, deixando-o reivindicar partes de mim, corpo e alma, que foram feitas para ele, esperando por ele.

Joshua Evans marca cada centímetro de mim, por dentro e por fora, com uma tatuagem de minha escolha que permanecerá por muito tempo depois desta noite.

Com meus braços ao redor dele, eu levanto meus quadris, encontrando os dele. Com um impulso, ele rouba minha respiração e meu coração. Mas quem se importa com essas coisas quando penso que morri e fui para o céu?

— Você é tão boa — Ele sussurra contra a concha do meu ouvido antes de beijar meu ombro. — Eu não sei se você é um anjo enviada para me salvar ou um acerto de contas pelos meus pecados. Só sei que não importa. Você importa. Isso entre nós.

Estou tão perto de dar a ele cada pedaço de mim, as partes que os outros não veem e as que só existem para ele. Eu preciso dessa aceitação, me afogar em suas palavras, seus braços, e ser puxada para baixo com essa felicidade. Eu preciso dele como ele precisa de mim. A embriaguez me faz querer me sentir assim para sempre.

Investida após investida tem nós nos segurando juntos até que sua mão mergulha entre nós, e ele me esfrega tão bem que eu caio sob seu feitiço novamente. Outro beijo é colocado no meu pescoço enquanto a plenitude me oprime.

A luz suave que entra pela janela me dá o presente dele quando abro os olhos. Uma veia em sua testa revelando a intenção que ele está procurando. Seguro mais forte em volta de seu pescoço, eu pressiono minha bochecha na dele e inclino meu meio.

— Tão bom, Chloe — ele ofega com uma respiração irregular.

Com cada movimento, impulso e beijo, eu desfruto de sua paixão por mim e me

deleito com a minha por ele. Seus gemidos se reúnem enquanto nossos corpos empurram, puxam, provocam e dão prazer. Seu gemido de completude me arrasta da minha liberação a tempo de pegar a dele, sua cabeça mergulhando e a barba por fazer raspando minha pele. Nossos corpos estão cobertos por um brilho de suor quando seu peso cai sobre mim.

Eu o abraço, amando a sensação e enfiando minha cabeça no canto de seu pescoço. Estou presa entre o sono e as consequências de dar toda a minha alma a este homem, e meu coração confessa *: eu te amo.*

14

Joshua

ELA PODERIA FACILMENTE SE TORNAR UM VÍCIO... *ela já é.*

O cheiro desvanecido do perfume permanece em sua pele, cítrico e flores, misturado com suor e sexo. Eu tomo meu tempo para apreciar seus lábios adequadamente, como eles sentem contra os meus, movendo-se comigo, contra mim, me fazendo ansiar por ela de maneiras que podem não ser o mesmo que um cara legal.

Eu tento ser legal com ela. Ela merece isso, e eu não mereço algo bom? *Alguém como ela?* Se fiz algo certo, espero que tenha sido ganhar a confiança dela. Eu a beijo até estarmos envolvidos um no outro novamente. Mas a noite foi longa, e nós ganhamos um pouco de descanso enquanto a exaustão se instala. Ela se enrola no canto do meu braço.

Ela é tão pequena em meus braços que tenho que lutar contra meus impulsos neandertais de protegê-la porque ela é capaz de cuidar de si mesma. Ela provou isso várias vezes, então não entendo porque de repente estou querendo fazer isso por ela.

— Eu nunca conheci ninguém como você, alguém com quem eu quero passar cada minuto de cada dia e não consigo parar de pensar quando não estou com você.

O riso se contorce fora dela.

— Estou tão feliz por não estar sozinha. Acho que estou obcecada por você. Você é tão... — Abaixando a cabeça no meu peito, ela suspira feliz. — Tudo o que eu poderia sonhar.

Talvez porque são duas da manhã e estou exausto, mas tento ver a lógica.

— Isso é rápido.

— As pessoas vão nos chamar de loucos.

— Talvez sejamos, mas... — Eu esfrego a parte de trás de sua cabeça até ela olhar para cima. — Mas parece que não há outro caminho para nós.

Um bocejo lhe escapa e ela diz:

— Vamos ficar loucos juntos.

Eu sou rápido em descartar o preservativo e cair de volta ao lado dela.

— Tem sido um longo dia. Da escola ao trabalho e ao Lucky's. — Verificando a hora, acrescento: — Estou feliz por podermos dormir.

Ela beija meu peito e então coloca uma pequena distância entre nós.

— Joshua? — Na luz baixa, posso ver seus olhos em mim. — Eu preciso te contar uma coisa.

— Já estamos compartilhando. — Eu beijo sua testa. — Pode dizer.

— Isso é grande.

Eu poderia responder com a conversa que acabamos de ter sendo algo muito grande, mas posso dizer pelo seu tom abafado que não é a mesma coisa.

— O que é?

— Eu era virgem — ela deixa escapar.

Posso identificar o momento exato em que parei de respirar. Foi logo após sua admissão que ela era virgem. Sim, a mulher com quem acabei de fazer sexo como se tivéssemos feito um milhão de vezes antes nunca tinha feito isso. Como se fosse assustá-la com qualquer movimento rápido, deslizo meu braço e empurro para cima para olhar para ela.

— Você é virgem?

— Não — diz ela, sorrindo. — Não mais. Graças a você.

Estou lutando para racionalizar o que aconteceu através de seu grande sorriso e da risadinha que lhe escapa, mas a piscadela me fez perder o raciocínio.

— Por que você não me contou?

— Não achei que fosse uma informação necessária.

Subindo na cama, eu descanso minhas costas contra a cabeceira da cama.

— Como não seria uma informação necessária?

— Biologicamente falando, nos encaixamos da mesma forma, seja eu virgem ou não. Não é como se eu nunca tivesse tido um orgasmo, como você sabe, ou clinicamente falando, meu hímen estava intacto.

— Não. Não estamos falando de medicina. — Talvez seja a hora da manhã, o uísque de mais cedo, ou ter transado pela primeira vez, mas ela está o mais relaxado que eu já vi. Ela desliza ao meu lado com uma risada suave vibrando através dela. — Acabamos de fazer amor.

— Nós *fizemos* amor. — Sua voz é efervescente como se ela estivesse esperando por esse momento toda a sua vida, e correspondeu às expectativas.

— Fizemos amor — repito tanto para mim quanto para ela. Já sentindo tanto por ela, se eu não tomar cuidado, aquelas três palavrinhas vão escorregar na minha língua e deslizar para fora.

Normalmente, eu me daria um tapinha nas costas com o elogio de ter feito ela gozar, mas é diferente com Chloe. Não quero me vangloriar de alguma conquista fraca. Ela tem o direito de gozar assim como eu. Eu não deveria receber um prêmio de participação por fazer a coisa certa. Mas eu não vou deixá-la me desviar novamente.

— Parece que há um *mas* em algum lugar — diz ela, procurando meus olhos por uma resposta que não tenho certeza se posso explicar.

— Sem *mas*, desta vez. Uma epifania. — Ela está de repente muito interessada, então eu confesso: — Acho que nunca fiz amor antes. — Ela pode ouvir o tom tênue enquanto eu entro no desconhecido? *Ela vai pensar menos de mim por isso?*

Prazer brilha em seus olhos. Ela é sem vergonha, mas eu não a culpo. Não tenho vergonha de nada que acabamos de fazer. Só preciso de um minuto para não sentir que peguei algo que não era meu para roubar. Ela inclina a cabeça no meu ombro.

— Talvez eu devesse ter dito a você. Eu não sabia que você se importaria.

Estou sendo ridículo. Eu ganhei sua confiança, se não através de palavras, então através de minhas ações.

— Ei? — Seus olhos encontram os meus novamente, e eu digo: — Você não me deve um pedido de desculpas ou uma explicação. Era seu para fazer o que quisesse. Mas...

— Eu sabia que havia um mas! — Ela ri, me cutucando no peito.

— Não é um *mas* ruim. Eu queria agradecer por me escolher para compartilhar isso com você.

— Aww. Isso é muito fofo. — Sua mão cobre a minha enquanto eu a descanso na lateral de seu pescoço. — Não há mais ninguém com quem eu prefira compartilhar minha primeira vez. — Ela sorri, me admirando com a felicidade que tem o riso brilhando em seus olhos. — Devemos estar cansados — diz ela, batendo no meu peito. — Devemos dormir?

— Nós deveríamos comer. Estou morrendo de fome.

— Ótima ideia. — Ela joga as cobertas e entra no banheiro. Não demorando muito, ela sai apertando o cinto do roupão na cintura. Nós nos beijamos quando passamos um pelo outro.

Depois de vestir minha boxer, eu a encontro de pé na cozinha. Pegando duas garrafas das fileiras arrumadas no balcão, ela me joga uma garrafa de água. Eu torço a tampa e tomo um gole, olhando ao redor, sofá bege, almofadas azuis e aqueles livros didáticos gigantes.

— Não é uma omelete chique, mas eu tenho batatas fritas — diz ela.

— Batatas funcionam.

— Estou com tanta fome — ela responde, puxando um saco de batatas fritas da geladeira.

Leva um segundo sólido, mas minha mente finalmente alcança o fato de que ela mantém água no balcão e batatas fritas na geladeira.

— Por que você guarda batatas fritas na geladeira?

— Elas ficam frescas por mais tempo. — Ela não sente a necessidade de continuar, embora eu meio que precise que ela o faça.

— Eu nunca tive um pacote que durasse o suficiente para me preocupar. — Eu bebo metade da água enquanto deixo meu olhar saltar ao redor da sala novamente. — Você sempre sai de New Haven no verão?

— Sim. — Eu a pego me olhando, mas ela é rápida em se virar e comer algumas batatas fritas. Segurando o pacote, ela oferece — Batata

Aceito a oferta, enfiando a mão no pacote em busca de batatas fritas inteiras. Com alguns na mão, eu digo:

— Obrigado. — Encostado no balcão, descubro que a sala escassamente cheia não me diz nada sobre ela, embora possa representar sua ambição. Ela é incrível, atenciosa, engraçada e focada.

Acho que estou acostumado com a casa da minha mãe, que depois de vinte anos morando nela, tem bugigangas e fotos emolduradas de nossas vidas. Eu atravesso a sala para borrifar Frankie, então pressiono meu dedo no solo.

— Você está cuidando bem dela.

— É meio trabalhoso. Os bonsais precisam de muita atenção.

Eu volto, inclinando no balcão ao lado dela.

— Eles precisam. Deveria ser uma atividade zen.

— É estressante. Eu me pego pensando nela quando estou na aula, preocupada que vou matá-la.

Esfregando seu ombro, eu digo:

— Vou me certificar de que você não faça isso.

— É bom ter reforço. Manteiga de amendoim e geléia?

— Proteína e sabor, tudo em um. A comida perfeita.

Ela puxa os potes e o pão. Mergulhando em uma gaveta para pegar uma faca, ela diz:

— Que bom que você aprova.

Tão meticulosa, ela cobre cada milímetro.

— Você vai ser uma ótima médica.

Rindo, ela diz:

— Espero que sim.

Quando ela termina, ela levanta metade do pão, deixando-me morder a maior parte antes de se virar para mim e comer um pouco. Termino meu sanduíche cerca de dez mordidas antes que ela coma o dela. Ela diz:

— Você come rápido demais.

— Eu tenho um pouco mais de tamanho do que você, baby. Se minha mãe não tivesse um restaurante, ela estaria quebrada por me alimentar.

— Gosto do seu tamanho. — Suas mãos correm sobre meus ombros, me sentindo

antes de envolver meu pescoço. — Muito.

— Eu gosto muito de você. — Eu mergulho minha cabeça pronta para beijar seu pescoço, mas então ouço sua respiração presa. Olhando para sua pele cremosa, quase posso ver o pulso dançando para mim. Fechando meus olhos, eu a respiro, enchendo meus pulmões com o cheiro dela antes de passar a ponta do meu nariz pela curva de sua mandíbula e atrás de sua orelha.

Sua respiração acelera enquanto espero para beijá-la, saboreá-la do jeito que eu quero. Doce tortura provocante parece ser o caminho para seu coração.

Mais corajosa do que antes, ela passa as mãos sobre minhas costelas e depois desce e volta para o topo da minha bunda. Ataco seu pescoço com beijos e depois sob sua orelha. Ela sussurra:

— Você não me machucou, se está preocupado.

— Eu estava. — A noite repete como eu queria protegê-la mais cedo. Mais uma vez, provando que ela não precisa disso de mim. Ela só me quer. Apesar da minha falta de dinheiro, ela nunca me olhou menos do que digno.

Meu coração aperta e voltamos para a cama.

Seu sorriso só vacila sob um bocejo quando voltamos para a cama, o sono nos alcançando. Puxando as cobertas sobre o ombro, ela se aconchega em mim e pergunta:

— Deveria estar tão cansada?

— Sim — eu respondo, arrogância se infiltrando.

— E dolorida?

Agora me sinto mal.

— Desculpe.

— É um bom dolorido. Como um treino sólido para músculos que nunca são usados.

Eu bocejo, meus próprios músculos implorando por descanso.

— Olhando pelo lado positivo?

— Existe alguma outra maneira de ver isso quando estou feliz?

Deitado ao lado dela, eu já sei que meu mundo foi balançado em um novo eixo, um que se alinha com o dela. Ela capturou mais do que eu pensei que tinha para dar, e eu vou deixá-la ficar com isso, ficar com tudo de mim porque ela me deu uma paz recém-descoberta que eu nunca conheci até nos conhecermos.

Beijando sua cabeça, fecho meus olhos e enterro meu nariz na parte de trás de seu cabelo e inalo.

— Bons sonhos.

Começo a deixar a fadiga me arrastar para o sono quando a ouço sussurrar:

— Bons sonhos.

15

Chloe

JOSHUA EVANS NÃO É UM MENINO.

Não há nada nele que não seja todo homem. Minha nossa, ele faz meu coração girar e meu corpo se sentir vivo. Ele é uma droga, um vício. Ele é tudo que eu nunca soube que existia. Toda aquela bondade e lindo pacote de covinhas de sol, olhos de chocolate derretido e um corpo que me abraça como se o mundo estivesse em chamas e eu sou a última gota de água que ele precisa para sobreviver. O que ele tem que me faz sentir assim?

Eu posso pensar em um milhão de coisas, mas o jeito que ele é doce comigo e me olha, realmente me olha e vê além do meu nome, além do meu rosto, me faz sentir especial.

Talvez eu não devesse ter caído tão rápido ou tão forte, mas ele tem um jeito de me fazer sentir como uma nova versão de mim. Sempre tive uma mente focada em minha futura profissão, mas ele me mostrou que posso ser mais do que uma carreira. Eu também posso ter uma vida. Minha mãe e Ruby estavam certas, mas até eu experimentar em primeira mão, eu não entendia. Agora sim, e estou gostando desse novo eu.

Delirante e cansada depois do melhor fim de semana da minha vida, me pego sorrindo no meio de uma palestra. Eu simplesmente não consigo parar de pensar nele. Meus olhos permanecem grudados no quadro-negro em frente ao auditório, mas escondo a boca atrás da mão. Acho que estou fazendo um bom trabalho em manter essa felicidade contida até que uma risadinha faça com que me pedem para ficar calada.

Eu? Calada.

O assistente do professor olha na minha direção, e o professor para de ler o livro no púlpito.

Caramba. Estou presa ao meu assento com um olhar.

O que eu estou fazendo? Eu sorrio.

Eu não perturbo minhas aulas.

Eu não passo fora das linhas.

Eu não quebro as regras.

Pelo menos eu não costumava...

Eu sempre fiz o que eu deveria fazer. Agora, isso significa ouvir a professora

Tracey. Mas namorar com Joshua é muito mais interessante. Por ele ou por causa dele, estou borrando a linha entre minha antiga e minha nova vida.

A tela do meu telefone acende apenas com o nome invadindo meu dia. *Alma gêmea*. Ele torna fácil acreditar em tais coisas. Levo o telefone para o colo para tentar ler a mensagem às escondidas: *não consigo parar de pensar em você.*

Eu digito*: O mesmo para mim. Melhor. Final de semana. De. Todos!*

Joshua: *Eu voto por uma repetição.*

Eu: *Estou dentro.*

Joshua: *As previsões macroeconômicas e financeiras não se comparam a comer batatas fritas frias e beber água morna com você.*

A euforia me consome e, pela primeira vez, entendo por que os gregos chamavam o amor de loucura dos deuses. É isso que estou fazendo? Depois de um encontro e algumas mensagens me dizendo que sou melhor que o curso dele? Eu estou... é isto? Deslizando na cadeira, eu mordo meu lábio, sentindo essa loucura tomar conta, e eu voluntariamente deixo.

O amor não é uma ciência ou algo que eu possa dissecar. É uma emoção que oprime e não pode ser explicada. Ela só pode ser sentida. E estou sentindo algo que nunca senti antes. É como se meu cérebro tivesse sido reprogramado para receber a direção do meu coração.

Confiança combina com a alta. Eu flerto de volta e digito: *E aqui estava eu pensando no sexo.*

Joshua: *Kkkkkkk. Vale a pena repetir também, embora eu esteja surpreso que você tenha energia. #insasiável #maisforte #maisrápido #todosospedidos #raposa*

Risos brotam do meu estômago. *Oh droga!*

Eu recebo um olhar feio de praticamente todo mundo, menos o cara dormindo duas fileiras abaixo. Segundos depois, sou salva pela dispensa da turma. Enquanto desço as escadas do auditório, meu humor é sequestrado quando a professora me chama:

— Chloe?

Eu passo para o lado.

— Sim?

— Explosões são inaceitáveis na minha classe. Por favor, mantenha as distrações fora deste auditório.

— Sim, senhora. — Ela se vira, movendo-se para levantar a tela. Eu me apresso, percebendo que mesmo ter problemas pela primeira vez na minha vida não diminuiu meu bom humor. Parando ao sol, inclino minha cabeça para o céu azul.

— Chloe?

Nossa, de repente meu nome é a palavra mais comum na língua inglesa. Desta vez é Ruby, então não me importo.

— Ei. Indo para casa?

— Você não vai acreditar no que acabou de acontecer.

Começamos a caminhar juntos.

— O que?

Mostrando-me seu copo, ela diz:

— Então, estou na fila para tomar um café no Perky Beans, e esse cara gostoso está atrás de mim. Eu sou a próxima a fazer o pedido e ele começa a conversar comigo sobre não poder faltar a uma aula, mas me ver faz com que seu dia pareça melhor.

Joshua torna meus dias, e minhas noites, melhores. Não consigo imaginar ninguém mais sonhador do que aquele homem, mas ela não precisa me ouvir falar sobre ele.

— Chloe!

— O que? — Eu olho ao meu lado para encontrá-la não lá. Parando, eu volto.

Com as mãos nos quadris e as sobrancelhas unidas, não preciso olhar para saber que ela está irritada.

— Você está mesmo ouvindo? — Ela está feliz em me dizer ela mesma.

— Estou ouvindo. Cara gostoso. Café preto. Sofisticado. Entendi.

Bufando, ela se junta a mim, ajustando sua mochila e continuando de onde parou.

— Então, eu disse, ei, acabamos de pedir o mesmo café. Caramelo macchiato com leite de coco e uma dose extra de café expresso. Tipo, como isso é possível? — Esbarrando em mim, ela ri. — Romântico. Como o destino.

— Almas gêmeas, com certeza. — Eu bato de volta e rio. Não ouso mencionar minha vida amorosa, ou ela vai se fixar nela, e não estou pronta para isso. No entanto, acho sua linha de pensamento absolutamente fascinante.

— Você acredita em sorte? — ela pergunta.

— Sorte sempre teve uma conotação tão negativa para mim. O destino parece mais esperançoso.

Ela aperta o botão na faixa de pedestres e, enquanto estamos ali, ela diz:

— Há uma discussão para ambos, mas vamos com esperança. O que você acha?

— Você está me perguntando se eu acredito que você vai começar a namorar esse cara, se apaixonar loucamente em um romance relâmpago, voar ao redor do mundo após a formatura realizando seus sonhos tremendamente legais, e então um dia olhar um para o outro e decidir se estabelecer, ter cinco filhos, uma garagem para três carros e um pedacinho do paraíso em Connecticut?

— Sim.

Eu dou de ombros.

— Pode ser. Você precisa de uma garagem para três carros?

Isso a faz rir.

— Eu estava pensando em quatro, mas pensei que soaria pretensioso se expressasse.

A placa de pedestre se acende e atravessamos a rua até o nosso quarteirão. Envolvendo meu braço em torno dela, eu digo:

— Nunca.

Isso me faz pensar no casamento dos meus pais. Eles pensaram que ficariam casados para sempre quando se casaram. Pequenas dúvidas começam a surgir. Como será diferente para mim? Estamos sendo ingênuos pensando que nosso amor é diferente? Não.

Estudei cada parte da anatomia. Os dois órgãos mais poderosos são o cérebro e o coração. Não importa o que leva você, o outro segue. Então, embora nossos corações estejam liderando essa carga, sei que estamos pensando racionalmente.

De qualquer forma, um erro nunca seria tão bom.

Abro a porta do meu apartamento e paro, meus pés, meu coração, minha respiração. E encaro, tentando processar como há um cara sexy e sem camisa parado na minha janela.

— Olá. — Eu coloquei minha bolsa no pé do sofá. Joshua não reage, mas então vejo os fones de ouvido enfiados em seus ouvidos.

Ele é uma visão e tanto, e eu não quero perder um segundo disso. Sem fazer barulho, eu me enrolo no sofá e assisto com interesse extasiado enquanto ele pendura uma toalha na minha janela. Seu traseiro é uma coisa de beleza. A definição muscular deixaria um deus grego com ciúmes.

A melhor parte? *Ele é meu*.

— Tenho certeza que você não estava procurando meus olhos, mas por via das dúvidas — diz ele, apontando para os lindos olhos castanhos de parar o coração. — Eles estão aqui em cima.

Meu olhar desce egoisticamente para baixo novamente e desta vez continua para aquela bunda firme.

— Estou bem. — Eu ri. — Você pode continuar o que estava fazendo.

— Tudo feito. Quando você chegou em casa?

Casa.

Eu sorrio.

— Não por tempo suficiente para apreciá-lo adequadamente. Você roubou uma toalha para ter privacidade?

— Eu fiz — ele responde com orgulho. Puxando levemente, ele parece impressionado com sua obra. — Deve segurar até que você tenha cortinas. Eu também posso pendurá-las para você. Usei um lençol no quarto.

— Você não parece se desculpar, então você tem sorte de ser gostoso ou eu poderia estar brava. Então me conte mais sobre esse negócio de ser faz-tudo. É um lado totalmente novo de você.

— Eu sou útil, tudo bem. — Ele vem para o sofá e se senta ao meu lado. Nós nos reunimos e nos beijamos. — Bom te ver.

— É bom ser vista por você, especialmente porque ninguém mais pode agora. — Eu sinalizo em direção à janela. O lado direito da minha boca se inclina para cima. — Se sente melhor?

— Sim, em relação às janelas. Não, porque eu preciso ir trabalhar. — Os olhos de Joshua são gentis quando ele olha nos meus. — Queria poder ficar.

— Eu também.

Ele rouba outro beijo e, em seguida, puxa a camisa sobre a cabeça. Eu me encosto com as mãos atrás da cabeça.

— Não me entenda mal. Eu não estou reclamando. Apenas curiosa, por que você estava sem camisa pendurando a toalha?

Um pequeno encolher de ombros bate sob o sorriso em seu rosto.

— Achei que você estaria em casa em breve.

Eu jogo uma almofada nele.

— Provocador.

— O que é bonito é para se mostrar — Eu jogo outra almofada nele e, em seguida, beijo seu braço enquanto vou até Frankie. — A violência por aqui é intensa — acrescenta ele, rindo.

— Eu acho que você pode lidar com algumas almofadas.

Ele prendeu a ponta da toalha em um prego, um belo detalhe para a cobertura improvisada. Eu me inclino contra ele, não querendo que ele vá.

— Inteligente. — Pegando Frankie, eu a carrego até a pia para um bom banho. — Como é o seu bonsai?

— Dwayne Evans? Ele tem um tronco forte e galhos retos e largos.

— Parece alguém que eu conheço. — Eu ligo a água. Olhe para mim nutrindo minha planta. Minha mãe ficaria tão orgulhosa. Como Joshua está olhando para mim agora. — Mas vamos voltar para a parte de Dwayne Evans. — Eu levanto uma sobrancelha, totalmente entretida por esse nome.

— É uma homenagem ao The Rock.

— Isso faz um pouco mais de sentido. — Fecho a torneira e volto para o sofá. —

Ainda não inteiramente. Vou precisar de mais informações.

O ridículo da nossa conversa não passa despercebido para ele, mas algo escurece sua expressão.

— Quando eu tinha doze anos, costumava ficar acordado a noite toda nos fins de semana assistindo seus filmes. Ele parecia um herói da vida real para mim. Se quisermos aprofundar, gostaria que ele fosse meu pai, mas não por causa da fama ou do dinheiro. Ele era engraçado e fodão, igualmente. Parecia um bom pai para ter se eu tivesse que escolher um. Minha árvore me lembrou ele, alto e volumoso, ereto, então o chamei de Dwayne, mas mantive meu sobrenome.

Há um nó na minha garganta, e eu não percebi que estava segurando minhas mãos com tanta força. Quando eu solto, meus dedos estão rígidos. Eu me levanto e o abraço. Não tenho certeza se ele precisa ou mesmo quer, mas seus braços vêm ao meu redor, e nós ficamos lá em silêncio. Não tenho certeza do que dizer, então volto ao que nos fez apaixonar um pelo outro em primeiro lugar.

— Então, vamos colocar o sobrenome de nós dois?

Ele começa a rir.

— Sim. Dwayne Evans é uma espécie formal de bonsai. — Eu amo a risada dele. Soltando-me, ele diz: — Eu preciso ir.

— Por mais que você tenha saído de sua casa, talvez você devesse considerar trazer Dwayne Evans aqui. Ele pode passar um tempo com Frankie.

Quando abro a porta, ele deixa a mochila no chão ao sair.

— Isso é um pouco rápido. Quero dizer, posso perguntar a ele. — Outro encolher de ombros vem com uma porção de um sorriso irônico. Ele bate na ponta do meu nariz. — Mas sem garantias. Ele é um verdadeiro homem das mulheres.

Eu toco seu nariz de volta.

— Ele não é um homem, na verdade.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Eu sou beijada, não refletindo nenhuma das brincadeiras que estamos fazendo, seus lábios saboreando os meus e eu retribuindo o favor. A luta é ouvida em um suspiro pesado quando ele se força a se afastar. Eu sinto aquela tristeza corroendo meu estômago também. Eu pergunto:

— Ei, como você entrou de qualquer maneira?

— Eu tenho minhas maneiras, Fox.— Pouco antes de sua cabeça estar fora de vista, seus olhos encontram os meus e ele acrescenta: — Vou adicionar outra mais tarde.

— Ah. — Ele arrombou a minha fechadura. Suas habilidades vão muito além de uma sala de aula da faculdade. — Mantenha-me informada sobre Dwayne Evans.

Sua risada ecoa pela escada.

— Eu vou. Até mais.

Voltando para dentro, caio de volta no sofá, precisando reavaliar o caminho que estou escolhendo versus o curso criado por outros e a vida que todos esperam de mim.

Tenho os mesmos objetivos desde os quinze anos, e então conheci Joshua Evans. Agora estou colorindo fora das linhas pela primeira vez. Ficar acordada até tarde e experimentar como é compartilhar minhas noites.

Chloe Evans tem um bom toque.

Calor varre minhas bochechas porque sim, eu acabei de fazer isso, e eu gosto do som disso. Como já estou traçando um novo curso, posso brincar com o título de Sr. e Sra. na cabeça. É claro que, para mim, *Dra.* Evans soa muito melhor.

Meu coração pulsa com uma alegria que nunca senti antes. Estou mais feliz do que nunca, e é por causa do homem que acabou de pendurar uma toalha na minha janela para me proteger. Um diabo encantador de um partidão e eu o peguei. Acho que vou adorar andar no lado selvagem se estiver andando com ele.

16

Joshua

— JOSH? — Minha mãe chama da frente da lanchonete.

A pressa do jantar não começou, então eu empurro a porta da cozinha para encontrá-la. Ela está na área principal, mas vejo porque ela me chamou.

— O atendimento por aqui é uma merda. — Bryant bate as mãos no balcão onde ele e Todd ocupam espaço

— Fodidos. Não diga isso. Isso faz minha mãe ficar mal.

Ela volta, dando-lhes aquele olhar de *não me testem* que me disse que eu estava em apuros quando era mais jovem. Ainda funciona em mim. Eu rio, sabendo que ela está brincando com eles, no entanto. Ela não consegue segurar esse olhar por muito tempo, sempre gostando dos meus amigos. Ela pergunta:

— O que vocês estão aprontando hoje?

Todd responde:

— Verificando nosso garoto. Além da vez que ele e sua dama nos agraciaram com suas presenças no Lucky's, ele está desaparecido durante a maior parte de setembro, incluindo seu aniversário.

— Também estamos com fome — acrescenta Bryant, que nunca recusa uma refeição grátis. — Mas o que Todd disse também. Primeiro aniversário que não bebemos à beira do lago há anos.

Eu não posso dizer a eles por que eu não pude ir, mas lembrar o quão sujo nós ficamos naquele chuveiro dela não deixa espaço para nada menos do que um sorriso culpado.

Minha mãe pergunta:

— Você levou a Chloe para o Lucky's? Não é o lugar mais elegante, Josh.

— Bebidas baratas e mesas de sinuca. Não precisamos de muito. De qualquer forma, ela se divertiu. — Eu tento esconder meu sorriso enquanto penso em como aquela noite terminou, sexo e lanches. *Bons tempos.*

— Eu nem quero saber por que você tem esse sorriso no rosto. — Uma toalha acerta minha cabeça, fazendo-me rir. Voltando para os caras, ela pergunta: — Hambúrgueres?

— Sempre, Sra. Russo. — Todd descansa os braços no balcão.

— Eu vou cobri-los, mãe. — Girando a espátula na minha mão, eu levanto uma sobrancelha. — Acho que sei como vocês gostam de seus hambúrgueres. Ganhei o

suficiente ao longo dos anos para pagar Yale. Se eu tivesse sido pago, isso é.

Voltamos para a cozinha porque sei que minha mãe preferiria que tivéssemos nossas bocas sujas fora do alcance da audição dos clientes pagantes. Eu bato os hambúrgueres na grelha enquanto eles voltam depois de lavar as mãos. Na minha frente, eles se encostam na pia. Todd começa:

— Vamos falar sobre Chloe Fox.

— Que tal não? — Eu respondo, sabendo muito bem que isso não vai satisfazê-lo.

— Boa tentativa — Bryant responde.

Esta conversa está muito atrasada, e não posso dizer que os culpo por serem curiosos, já que tenho passado tanto tempo sozinho com ela.

— Meu tempo com Chloe foi bom. *Muito* bom.

— Muito bom, hein? — Bryant ri, cutucando Todd. — Acho que nosso garoto está perdido.

Cozinhar me permite evitar seus olhares de julgamento. Eu mergulho as batatas fritas na fritadeira. Todd finalmente vai direto ao ponto e pergunta:

— Vocês estão juntos há algum tempo. É mais do que bom?

— Sempre o detetive. — Eu olho para cima. — Você passou tempo com ela o suficiente para ver porque eu gosto dela.

— Você quer dizer no Lucky's como um mês atrás, e então quando você parou na semana passada para pegar os quarenta dólares que eu devia a você. Se essa é a linha de base, então com certeza, ela parece legal nas duas vezes que saímos. Você ama ela?

É errado admitir isso em voz alta para eles antes de dizer a ela? *Provavelmente.*

— Eu, hum... — Voltando para a grelha, mexo fazendo muito barulho à toa. — Estamos chegando lá.

Rindo, Bryant cobre sua orelha e se inclina.

— Diga mais alto para as pessoas lá atrás.

Todd o empurra.

— Ele não precisa. O mestre da evitação não pode evitar admitir a verdade. Ele ama ela. Merda, isso é um flash de notícias que eu não esperava.

— Que seja, cara. Podemos largar isso?

— Nós estamos dando a você um momento difícil — diz Todd, pegando um banquinho e sentando-se. — Mas então você sabe, se você gosta dela, ama, tanto faz. Estamos bem.

Bryant soca meu braço.

— Ela é legal, mas cara, eu nunca pensei que veria o dia em que você estaria fora do mercado. Chloe Fox faz jus ao seu nome, a propósito.

Balançando a cabeça, eu sei que eles não vão deixar isso de lado.

— Vá em frente e tire isso de seus sistemas.

Eu rio até que Bryant acrescenta:

— Você sabia que ela é o fenômeno médico de Newport em formação depois de seu pai. É outro nível, cara.

— Eu sei que isso é o que ele quer — eu respondo defensivamente, não gostando que eles estivessem procurando por podres dela. — Sabe como? Eu perguntei a ela. Como você sabe? — Jogando queijo nos hambúrgueres, eu trabalho no prato da comida. A refeição pode ser por conta da casa, mas ainda me importo com a apresentação.

Ele responde:

— Eu estava entediado na outra noite. Caso ela não tenha lhe contado isso, papai Fox não é apenas podre de rico. Ele é rico pra caralho.

— Ela vir do dinheiro não me assusta. — Rindo, eu pergunto: — E o fator de distinção entre esses dois são?

Todd diz:

— Old money.

— Então? — Eu dou de ombros. — Isso é metade de New Haven.

— Mas estamos na outra metade — acrescenta Bryant. — Exceto esse cara.

Ele aponta para Todd, que diz:

— Mas eu cheguei aqui tão rápido que eles puderam me cortar.

— Quer saber? — Eu começo: — Eu já recebi a conversa da minha mãe, então não precisam se preocupar comigo.

Todd diz:

— Não esqueça que ela vai embora depois da formatura, então não saia correndo e se case tão cedo.

Depois de colocar as batatas fritas no prato, pego os hambúrgueres e adiciono as coberturas. Algumas coisas eu quero manter entre mim e Chloe por enquanto, como descobrir coisas que eu aprendo com ela e não com a internet.

— Obrigado pelo conselho — eu respondo secamente.

Bryant sempre tem que dar a última palavra.

— Para o registro, ficamos desapontados ao encontrar tão pouco sobre ela. Ela é quem diz ser. Formou-se cedo no ensino médio e agora é uma estudante de Yale. Coisas chatas.

— Ela é tudo menos chata para mim. — Entregando-lhes os pratos, eu paro. Suas palavras tocando de volta. — O que você quer dizer com se formou cedo?

— Sim — diz Bryant, sem perceber minha preocupação. — Você tem sorte de não ter sido pego no Lucky's. — Agarrando o prato com uma mão, ele esfrega o estômago

com a outra. — Estou esfomeado.

— Sim, sorte.

Voltamos para a frente e eles se sentam no balcão enquanto eu pego suas bebidas, a idade de Chloe ainda em minha mente. Eu tinha certeza que ela disse que tinha vinte e um anos. Eu estava distraído com tudo em nosso primeiro encontro no restaurante. Com minha mãe tentando nos apaixonar por ela, Barb e T batendo palmas onde Chloe não podia ver. Graças a Deus. Isso teria sido mais embaraçoso do que já era. Ainda acho que não ouvi Chloe errado. Enquanto os caras comem, eu pego a vasilha e começo a limpar as mesas vazias, me sentindo incomodado. Eu tenho uma memória muito boa...

— *Que tal uma rodada relâmpago de perguntas para te conhecer?*

— *Estou dentro. Posso ir primeiro? Idade?*

— *Vinte e dois no próximo mês. Idade?*

— *Vinte e um.*

— *Nós temos a mesma idade...*

Certo. Eu até notei como nós tínhamos a mesma idade. Tenho certeza de que ela disse vinte e um, mas vou perguntar a ela sobre isso de qualquer maneira.

Depois de despejar os pratos na parte de trás, volto para o balcão. Minha mãe dá um tapinha no meu ombro.

— Obrigada, filho. — Ela reconcilia a conta e pergunta a Todd: — Você está fazendo as entregas para mim esta noite, certo?

— Sim, senhora. Estarei de volta às seis.

Bryant diz:

— Eu estou de manhã. Eu posso abrir se você quiser dormir mais, Sra. Russo.

Eu bati nele com um olhar sujo.

— Pare de flertar com minha mãe, cara!

Ele ri, mas eu não. Minha mãe, por outro lado, ri. *Risadas!* Ela diz:

— Agradeço a oferta, mas Barb está abrindo para mim nas próximas duas manhãs. — Colocando guardanapos no balcão, ela acrescenta: — Seja pontual. Preciso de você amanhã para a galera do brunch.

— Pode deixar. — Ele me ignora quando ela vai checar os clientes e murmura: — Sua mãe é gostosa.

Eu soco ele.

— Idiota.

Eles ainda estão rindo quando volto a trabalhar na cozinha, precisando preparar o jantar. Eu ligo a água quente assim que meu telefone vibra no meu bolso e o puxo para fora. Não importa o que senti dois segundos antes, estou sorrindo no momento

em que vejo o rosto dela na tela sob o nome *Alma gêmea*... Se o sapato se encaixa, e é um ajuste perfeito para Chloe.

O rosto de Chloe está contorcido, mas ela não consegue esconder sua beleza atrás de rostos bobos. A mensagem diz: *Como eu estou?*

Eu digito: *Frustrantemente linda.*

Ela responde: *Frustra você que você me ache linda?*

Eu: *Fico frustrado por não poder estar com minha linda namorada.*

Chloe: *Me mande uma foto do que você está fazendo agora. Eu quero ver meu namorado sexy.*

Eu seguro o telefone acima de mim para que ela tenha uma boa visão de quão sexy eu posso ser e tiro a foto.

Chloe: *Um homem lavando pratos, se acalme meu coração pulsante. Eu tenho algumas coisas que você pode lavar.*

Eu: *Algumas coisas... tipo você?*

Chloe: *Que horas você sai?*

Eu: *Isso é com você.*

Chloe: *Danadinho. Danadinho. *pondera as possibilidades**

Eu: *Não comece sem mim, baby. Estou saindo daqui às onze.*

Outra foto dela deitada na cama, seu cabelo uma bagunça e espalhado sobre o travesseiro, uma alça pendurada em seu ombro e a outra tombada. Tão sexy como ela é, meu peito aperta só de olhar para ela. Estou sem palavras que se encaixem no quão impressionante ela é.

Eu: *Eu...*

Eu apago e lambo meus lábios, embora seja minha garganta que ficou seca olhando para ela.

Eu: *Obrigado.*

Chloe: *Pelo quê?*

Engolindo o nó na minha garganta, meus dedos pairam sobre a tela. Eu quero dizer a ela tantas coisas, mas meu coração aperta com a possibilidade de eu não conseguir mais do que este ano com ela. Eu odeio a semente da dúvida que os caras plantaram. Eu quero um futuro após a formatura. Uma vida juntos. Eu quero dizer a ela.

Eu: *Pelas fotos. Elas serão tudo em que penso durante o meu turno.*

Eu me acovardo.

Chloe: *O prazer é meu.*

Meu telefone toca. Dando as costas para a porta para ter privacidade, sussurro:

— Oi.

Ela diz:

— O prazer foi meu. Eu estou o mais feliz que já estive com você.

Respiro fundo, a conversa anterior com Todd e Bryant tentando seguir seu curso.

— Joshua, você está aí?

— Estou aqui. O que estamos fazendo?

— Eu estava estudando. Você está trabalhando.

Olhando em volta para ter certeza de que ninguém pode ouvir, eu sussurro:

— Eu realmente me importo com você, Chloe.

— Eu também me importo com você. — Sua risada vem pela linha, mas depois se acalma. — Espere, algo está errado?

— Nada está errado. É nisso que tenho pensado. Tem sido bom.

O riso mais suave retorna.

— Eu não posso raciocinar sobre isso sozinha. Estou tão perdida quanto você, então estou seguindo meu coração.

Pratos ressoam na pia, fazendo-me olhar para cima.

— Está ficando ocupado aqui.

— Se você precisa ir...

Suspiro, desejando poder passar um tempo com ela.

— Sim, mas quero que saiba que estou nessa com você.

— Não fique muito sentimental comigo ou nós dois seremos idiotas. Eu preciso que você seja o forte.

Ela é a pessoa mais forte que eu conheço, mantendo-se sob uma montanha de expectativas, e saber que ela se formou um ano antes é incrível.

— Para você, eu serei o mais forte. — Rindo, eu desencosto da parede. — Vejo você depois do trabalho.

— Tenha uma boa noite.

Uma ideia surge um segundo tarde demais. Como já desligamos, mando uma mensagem para ela: *Você está pronta para uma aventura?* Eu sei que ela vai perguntar o que ela deve vestir, então eu acrescento*: roupas casuais.*

Não espero que ela diga não, já que aniquilei completamente sua rotina no momento em que começamos a namorar. A mensagem de Chloe aparece na tela: *Eu preciso do meu sono da beleza.*

Eu: *Confie em mim, você não precisa. Você é linda por dentro e por fora.*

Chloe: *Tudo bem, seu grande encantador. Estarei pronta.*

Minha mãe empurra a porta, e eu me atrapalho com meu telefone. Pegando-o, eu o enfio no bolso de trás. Ela sabe que eu não estava fazendo nada de bom.

— Eu preciso me preocupar?

— Não. Nada para se preocupar.

Conectando o pedido no clipe, ela diz:

— Bom. Sanduíche de peito de peru, levemente tostado.

— Professor Carroll?

— Sim. — O professor de matemática se apaixonou pela minha mãe desde que assumiu o cargo há quatro anos. Ele até comemorou no restaurante. Esse ponto fraco que ele tem por ela é bom para os negócios, mas acho que será preciso mais do que servir uma mesa para fazê-la cruzar essa linha.

— Um dia, ele vai criar coragem e te convidar para sair. O que você vai dizer?

— Atravessarei essa ponte quando ela chegar. Quanto a você, você é muito jovem para sossegar. Namore. Ame. Divirta-se, mas não cometa os mesmos erros que cometi.

— Ela não é um erro.

— Não foi isso que eu disse. Eu adoro Chloe. Eu amo ver você tão feliz, e posso dizer que ela é a razão disso. E por isso sou grata. — Ela se vira com a porta pressionada contra suas costas. — Só não...

— Eu sei.

Ela me olha por um longo momento e depois sorri.

— Te amo.

— Te amo.

A porta fica balançando atrás dela. Ela sempre teve um jeito de ler minha mente. Minha mãe pode me conhecer melhor do que eu, vendo meus pensamentos sobre Chloe e trazendo-os para a luz. Tenho a sensação de que é porque ela já passou por isso antes. Só posso esperar que Chloe e eu tenhamos um final melhor.

Girando o papel com o pedido, pego a comida e volto ao trabalho.

— Sanduíche de peito de peru, chegando.

Trabalhar em um longo turno é fácil quando estou ocupado, e o sorriso de Chloe é uma grande distração para não cozinhar o mesmo especial repetidamente. Eu não tenho certeza de qual sorriso dela é o meu favorito. O sorriso suave que ela tem quando eu a pego dormindo, ou a inclinação do sorriso travesso que eu peguei quando ela derrotou os caras na sinuca, espere. *Eu sei!* Meu favorito ainda pode ser o que ela tinha quando correu para me beijar pela primeira vez na calçada. Não. Eu sou parcial para seu sorriso depois do sexo. Esse é o meu favorito... espera, é? Porra, quem estou enganando? Todos eles são perfeitos.

Depois do trabalho, entro na loja da esquina para pegar alguns pacotes de preservativos. Chloe e eu temos uma química que não podemos negar. Não importa o dia ou a hora, um ou ambos querem sexo. Achei que seria o instigador, mas estava

errado. Ela se segura e se esgueira em quase nada para me levar para o quarto. Truques sujos, cara. Ela sabe que não consigo resistir, mesmo depois de um longo turno.

O fato de que ela era virgem ainda nubla as bordas da mente. Acho que se eu soubesse, teria feito as coisas um pouco diferente. Mais lento, mais gentil, seduzir ela mais. É tarde demais? Antes tarde do que nunca. Esta noite é uma boa noite para fazer as pazes com ela.

Pequenas flores amarelas fazem fronteira com o estacionamento da loja. Elas são bonitas, delicadas como ela. Caminhando para o lado do prédio onde a grama não é pisoteada, encontro o canteiro perfeito e escolho um monte. Eu encontro um fio velho de um toca-fitas rasgado atrás do meu assento e o enrolo em volta das hastes, então coloco as flores no assento ao meu lado.

Demora alguns passeios para cima e para baixo em sua rua antes que eu encontre um lugar abaixo da porta da frente de seu prédio. Eu verifico todos os suprimentos que eu tenho e então vou buscá-la. A porta se abre e ela vem correndo em minha direção com um grande sorriso e braços abertos. Eu a pego, girando sob as estrelas em um abraço apaixonado. Lábios pressionados nos meus, ela me segura em volta do meu pescoço com as pernas em volta do meu meio. *Céu em meus braços.*

— Sentiu minha falta? — Eu pergunto quando nossos lábios se separam, não querendo colocá-la no chão ainda.

— Muito. — Quando seus pés tocam o chão, ela pula vertiginosamente. — Para onde você está me levando?

— É uma surpresa. — Eu seguro sua mão e a levo até minha caminhonete. — Localização secreta.

— Eu odeio surpresas. — Ela não parece brava, no entanto, o que é um bom sinal. — Mas eu amo lugares secretos.

— Acho que você vai gostar desse.

Assim que abro a porta, ela engasga. Alcançando, ela pega as flores.

— Isso é para mim?

— Sim, elas são.

Um suspiro suave é liberado quando seu sorriso se suaviza.

— São as flores mais bonitas que já recebi. — Levantando-se, ela me beija novamente. — Obrigada.

— De nada. — Eu nunca vi alguém, além da minha mãe, tão feliz em receber flores escolhidas a dedo. A maioria das garotas que eu namorei quer as caras rosas vermelhas, aquelas produzidas em massa sem cheiro. Como se fosse uma coisa de status ou algo assim. Eu sou culpado de dá-los, mas elas não são o que eu enviaria para Chloe. Ela merece flores silvestres, cores que combinam com a primavera, rosa como

seus lábios, verdes como seus olhos. Amarelo como o sol.

Ela merece algo que está fora da norma... como eu. Esses outros caras ricos podem enchê-la de flores, mas eu quero dar a ela algo que eles nunca dariam, algo para ela, não para eles. Meu coração está em suas mãos enquanto ela as admira.

Eu amo ela.

Deus, como eu a amo.

Enquanto ela entra, eu digo:

— Chloe? — Ela olha para mim antes de entrar. O que estou fazendo? Meu coração está na minha garganta, e falar do futuro balança na ponta da minha língua. Eu não tenho ideia de como fazer isso, nunca querendo ser tão aberto, tão direto, tão honesto com ninguém. Então eu ouço as palavras da minha mãe... *Quanto a você, você é muito jovem para sossegar. Namore. Ame. Divirta-se, mas não cometa os mesmos erros que eu cometi.* Então, eu me seguro.

— Também senti sua falta.

A lua brilha em seus olhos, estrelas em seu sorriso.

Eu estava errado antes.

Esse. Esse é meu favorito.

17

Joshua

— De jeito nenhum! — Chloe afirma desafiadoramente e então dá alguns passos para longe da borda, virando as costas para ela como se isso fosse fazê-la desaparecer. Cruzando os braços sobre o peito, ela balança a cabeça em protesto. Por cima do ombro, ela me lança um olhar que poderia nivelar um homem comum. — Você quer que eu vá lá?

Ainda bem que não sou um homem comum.

— Sim, eu quero — eu falo para ela de volta. — Venha comigo. Você vai ficar bem.

Seu *huff* atinge seus ombros para extra drama. Olhando de volta para o lago, ela observa as ondas que banham suavemente a praia rochosa.

— Eu não estou usando um maiô. Você não me disse que íamos nadar. Você disse para vestir casualmente!

— Não é uma conspiração, Chloe. — Eu realmente gostaria de poder parar de rir, mas ela torna isso muito duro. Duro em todo lugar se estou sendo sincero. — Ninguém está por perto no meio da noite e olha para aquele lago...

— Eu já olhei e não posso acreditar que você quer entrar lá, e nu ainda por cima.

A comida foi recolhida e a garrafa de vinho esvaziada. Os copos de Red Solo e os cupcakes restantes da Hostess estão no cobertor estendido na frente do carro. Somos só nós e a noite.

— Eu não preciso de um lago para te querer nua. Vamos lá. Vai ser divertido.

Olhando para trás, ela pergunta:

— O que há no lago?

— Tubarões — digo inexpressivo.

— É com isso que estou preocupada. E cobras?

Embora eu nunca tenha me preocupado com o que está ao meu redor no lago, ela me faz dar uma olhada na linha das árvores.

— Eu nunca vi uma cobra. De qualquer forma, você cresceu em Newport. Há água em todos os lugares. Você nada?

— Eu nado. Mas durante o dia e em água que posso ver através, se tiver escolha.

— Você não nada no oceano? — Por favor, me diga que ela experimentou água de verdade na natureza.

— Prefiro as Bermudas ou as Maldivas, não o Atlântico, e não entro em um lago

desde que tinha dez anos no acampamento de verão. Um peixe tocou minha perna e nunca mais voltei.

— Para acampar ou em um lago?

— Ambos.

Eu já tirei minhas roupas e entrei até a cintura.

— Não posso prometer que um peixe não vai achar você interessante, mas farei o meu melhor para protegê-la.

Seu olhar abaixa, olhando a onda suave com os olhos arregalados. Ela até mergulha um dedo do pé e depois todo o pé. Cada vez que estamos juntos, ela se torna mais ousada, não inclinada a esconder o que gosta ou não.

Eu adoro isso.

O que eu não amo é a distância entre nós. Estou pronto para sentir aquela adrenalina que só tocá-la me dará. Eu estendo minha mão em direção a ela, silenciosamente implorando para ela se juntar a mim. Se o fizer, a vitória será tão doce.

— Confie em mim, Chloe. — Sim, isso é uma coisa baixa para fazer com ela, mas eu joguei confiança lá fora de qualquer maneira porque eu sou um idiota.

O debate em seus olhos atinge seus lábios quando ela incomoda o inferior com os dentes.

— Não sou uma boa nadadora. Eu estou com medo.

Ganhar sua confiança em novas situações é um afrodisíaco.

— Estarei bem aqui. Eu vou te segurar. Não precisamos ir mais fundo do que isso.

Apesar de expressar seus medos, ela não parece estar assustada quando entra mais fundo na água, eventualmente pegando minha mão.

— Você não vai me soltar?

— Eu nunca vou deixar você ir. — Falado do meu coração para o dela.

Ela acena com a cabeça e, em seguida, alcança o fecho de seu sutiã. Devo notar que tirar sua camisa e jeans foi a parte mais fácil. Isso foi antes de ela saber que eu queria que ela viesse nadar. Eu vou aceitar ela quase nua do que completamente vestida qualquer dia.

— E se formos pegos?

Eu dou de ombros.

— Então seremos pegos.

Suas mãos voam para seus quadris.

— Não é engraçado, Joshua.

Estou rindo porque sei que não há ninguém ao redor desta parte do lago. Não deveria haver.

— É propriedade privada.

— Esse é meu argumento. Ser pego e infringir a lei não fazia parte dos meus planos esta noite.

— Eu não sabia que você tinha feito planos esta noite.

A preocupação enruga sua testa.

— De verdade, Joshua. Não quero ter problemas.

A música flutua pelas janelas abertas do Blaze, acompanhada por um coro de grilos e o som da natureza.

— Estamos bem.

Ela faz um bom show, mas mesmo o pensamento de ser pega não manteve as roupas no corpo.

— Então por que você está nervosa? Você já nadou pelada antes?

— É quase outubro e está frio, mas além disso, você age como se tivesse me entendido completamente, Evans.

A curva de sua cintura me lembra uma lua crescente. Por mais que eu queira abraçá-la para sentir o calor que criamos juntos, não vou forçá-la a ir mais fundo.

— Estou bastante confiante de que sim.

Cada passo que dou, ela segue, a água lambendo seus quadris e fazendo-a estremecer.

— Está frio.

— Você vai se acostumar com isso. Se não, eu vou aquecê-la.

Dando passos de bebê enquanto ela vai mais fundo, ela solta minha mão.

— O fundo do lago é sujo e nojento.

— Não me incomoda. Eu cresci nadando neste lago.

Chegando até a cintura, ela pergunta:

— Me diga o que você descobriu sobre mim.

Eu sorrio.

— Você é minha garota doce e inocente.

— Você sempre diz isso. — Meu olhar desliza sobre suas curvas e pousa em seus olhos, a luz baixa brilhando neles. Minha linda namorada. A Deusa Afrodite.

Uma vez que ela entra, ela nada um pouco até chegar a mim. Raios de lua dançam em sua pele, mamilos firmes da água fria, me fazendo querer tocá-la.

— Você também não é tão culpada. Você poderia ter viajado pelo mundo pelo que eu sei, mas você se diverte comigo, minha caminhonete decadente. Fascinada pelo lago e sexo.

Choque acerta sua expressão.

— Eu... — Ela parece se controlar, seus olhos erguendo-se para o céu em pensamento. Quando eles voltam para mim, um sorriso travesso aparece naquela boca

sexy dela. — Tudo bem. Eu gosto de sexo — ela diz incisivamente. — É mais divertido do que eu pensei que seria. — Subindo em meus braços com as pernas em volta da minha cintura, ela ri. — Eu posso até te culpar por esse fascínio.

— Vou levar o crédito, mas é bom porque somos nós. — Segurando-a pela bunda, eu digo: — É aqui que entra a confiança.

— Eu confio em você para me manter a salvo dos tubarões do lago.

Eu rio.

— Claro, mas eu estava me referindo ao fato de que eu sou a razão pela qual o sexo é tão bom.

Eu sou golpeado, e ela me empurra. Indo debaixo d'água, ela balança os pés para cima como uma barbatana de sereia antes de sua cabeça quebrar a superfície novamente.

— Você é ridículo, você sabe disso, Evans?

— Eu sei. — Eu nado mais perto enquanto ela me provoca nadando para trás. — Você é natural. Do que você tinha medo?

— Vida. — Pisando na água, ela me deixa alcançá-la. Nossos joelhos, pés e mãos ocasionalmente batem debaixo d'água, mas mantemos uma pequena distância entre nós, nossas cabeças são a única parte exposta.

Culpando a lua e alguma noção romântica que se infiltrou, eu confesso:

— Eu te amo, Chloe. — Eu não digo isso levianamente, e eu nunca disse isso para uma mulher que estou namorando. Eu me apaixonei por ela como se eu fosse sua âncora, então me colocar na linha não parece tão arriscado.

Isto é, até que uma lágrima escorre por sua bochecha e ela funga, me deixando preocupado que seja cedo demais. Nado até ela, a segurando em meus braços novamente.

— O que está errado?

— Você apenas... você disse isso sem aviso. — Ela parece brava.

— Porque eu senti.

Ela se inclina em meu abraço, me abraçando forte. O ar frio, mas seu corpo quente.

— Eu também te amo, Joshua — ela sussurra com sua bochecha pressionada na minha.

O conforto não é encontrado apenas em seus braços, mas em suas palavras, permitindo-me respirar mais facilmente. Eu poderia nadar um oceano com essa adrenalina.

— De verdade?

— Tanto. — Embora seus olhos sejam mais marcantes quando ela chora, eu

nunca quero ver esse tom de verde se a dor for a causa.

— Então por que você está chorando?

— Eu nunca disse essas palavras para ninguém com o mesmo significado por trás delas, mas elas não parecem ser suficientes para explicar o que eu sinto por você.

— Elas são suficientes — eu asseguro, beijando a trilha que as lágrimas deixaram para trás. Eu giro na água, segurando-a com força. — Você é tudo que eu preciso, Chloe.

Estou louco por confessar tanto? Não parece que estou sozinho, o que é reconfortante. Em vez de compartilhar os pensamentos que correm pelas minhas veias, eu só quero senti-los em silêncio por um tempo. Esse desejo de dar a ela tudo o que ela poderia querer ou precisar é algo novo para mim.

Com um bom aperto sobre ela, o suficiente para que ela se deite de costas abrindo os braços, flutuando na superfície. Seios livres para o ar beijar e as estrelas para ver.

Eu me viro, balançando-a pela água na minha frente, gotículas rolando por sua pele cremosa ao luar. Quando a puxo para cima, beijo os montes macios, depois tomo um mamilo entre os dentes. Meu corpo dói por ela, estar dentro dela, vê-la desmoronar sob as estrelas, mas isso pode ter que esperar até que estejamos aquecidos dentro da caminhonete novamente.

Seus braços voltam a me envolver, seus olhos se fecham momentaneamente enquanto gemidos suaves enchem o ar. Quando ela se levanta, ela olha nos meus olhos e diz:

— E só para você saber, eu nunca vou me cansar deste lago, daquela caminhonete velha, ou sexo com você, porque você, Joshua Evans, roubou meu coração.

Inclinando minha cabeça contra a dela, eu confesso:

— Nossas origens não importam, e o passado é deixado para nossas memórias. Você é mais do que eu poderia ter pedido. A outra metade do meu coração que eu estava sentindo falta.

Enquanto seus dedos deslizam no meu cabelo, ela suspira.

— Me sinto vazia quando estamos separados.

Assim mesmo.

— Eu me sinto exatamente assim. — Eu acrescento: — Você é minha primeira e única.

Minha bochecha é beijada e depois meu queixo. Outro segue exatamente onde eu quero sua boca, na minha. Nossos lábios se juntam e nosso abraço se aperta enquanto nossas línguas se abraçam.

Eu engulo seu corpo esguio em meus braços, desejando que ela estivesse cerca de cinco centímetros mais abaixo... *Não importa*. Ela acerta o ponto, movendo contra

mim, sua respiração roubando a minha no processo. Eu anseio por essa conclusão, nunca querendo que nos separemos.

Seu cabelo brilha na noite clara, me fazendo olhar, admirando suas feições delicadas. Mergulhamos juntos e depois voltamos para tomar ar. Quando a água sai de seus olhos, deixando os cílios escuros ainda molhados, ela pergunta:

— Você já fez sexo em um lago? — Quando hesito, sua boca se abre. — Você já?

— Não — eu digo, rindo. Alcançando atrás dela e para baixo, eu agarro bem sua bunda novamente. — Você está dando em cima de mim?

Ela responde:

— Mais do que isso. Estou esfregando completamente.

Alavancando suas coxas em volta de mim, ela levanta, olhando para mim. Eu beijo sua clavícula antes de baixá-la na água novamente.

— Não precisa esfregar. — Eu tenho uma caixa de preservativos na caminhonete, mas de jeito nenhum eu vou transar com ela no lago. Pelo menos não esta noite. Esta noite é sobre romance, mas tremer não é romântico. — Vamos lá. — Eu aceno para o carro. — Podemos usar o cobertor para secar.

Nós nos movemos pela água em direção à margem, e eu corro para pegar o cobertor para ela, sacudindo-o. Mesmo que eu o enrole em seus ombros, isso não impede um arrepio que já estava subindo por sua espinha, mas espero que mantenha os outros afastados.

Reunindo nossas roupas, deslizo em meu jeans antes de pegar todo o resto e colocar na parte de trás da caminhonete. Chloe ainda está de pé perto da água e diz:

— Olha lá. — Eu olho além dela, seguindo seu olhar enquanto ele desliza pelo lago. — Isso é mangata.

— O que é?

— Vê o raio de luar no topo da água? Uma estrada prateada que leva à lua. Isso significa rua da lua em sueco.

— Mangata. Eu nunca ouvi sobre isso.

— Não importa em que lugar do mundo eu estivesse, se eu estivesse perto da água, eu poderia fingir atravessar a água para alguma terra mágica. — A vergonha toma conta e ela abaixa a cabeça com um sorriso ainda no rosto. — Bobo, mas algumas noites era bom ter uma fuga.

As folhas enrugam sob meus pés quando me movo na frente dela. Quando ela olha para cima, eu seguro seu rosto, inclinando minha cabeça contra a dela.

— Se eu pudesse fazer um desejo, desejaria que um dia você não precisasse de uma fuga.

— Como agora — ela responde com os olhos lacrimejantes olhando para os meus.

— Como no mês passado com você.

Eu aceno e me inclino para beijá-la, devagar e doce, como ela precisa no momento. Como eu preciso dela. Nossos lábios se separam, mas nossas cabeças permanecem juntas. Com os olhos fechados, eu a respiro, o som da água por perto e a noite que deveria estar acabando, mas parece que de repente nos deram oportunidades ilimitadas.

— Chloe — digo apenas querendo sentir a forma do nome dela na minha língua novamente.

Ela abre os braços e me traz para seu colo com o cobertor me envolvendo.

— Joshua — ela sussurra.

Galhos estalam sob os pneus logo antes de faróis nos pegarem.

— Porra — eu falo entre os dentes cerrados.

Agarrando-se a mim, ela espia por cima do ombro.

— Vamos ser presos?

— Não — eu digo, reconhecendo o caminhão quando ele passa pela clareira. — Ele é um idiota, no entanto. Não diga nada. Tudo bem, Chloe?

— Eu estou assustada.

Eu a coloco atrás de mim, deixando minha mão em seu quadril.

— Não precisa. Eu vou lidar com isso.

Seus braços cobertos estão em volta da minha cintura enquanto ela sussurra nas minhas costas:

— Nós não podemos ser expulsos da escola. É o nosso último ano.

Virando-me para ela, dou um aperto em sua mão.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo. Apenas me deixe falar.

A porta do caminhão se abre, precisando de uma boa lubrificação, e o motorista sai ajustando o boné de beisebol do Red Sox. Atingindo a Blazer ao passar, Jon Dwight diz:

— Deveria saber que era você. Achei que tivéssemos um entendimento, Josh? — Ele ergue uma sobrancelha quando vê Chloe. — Tentando impressionar alguma garota no meu tempo? Eu estava até os joelhos no jogo de Notre Dame e tive que arrastar minha bunda até aqui.

Ele sempre apoiou os times errados, como estar na folha de pagamento do meu pai. Eu esperava que ele tirasse a noite de folga ou dormisse no trabalho. Imaginei que ele ficaria sabendo de mim aqui embaixo e queria me dar trabalho.

— Pelo que me lembro, o acordo era que você parasse de me assediar, Dwight.

— Você está invadindo. Eu posso chamar a polícia se você quiser que eles resolvam isso. — Jon olha por cima do meu ombro e a ousadia de que ele acha que

tem o direito de olhar para Chloe me faz cerrar as mãos. — Ou seu pai...

— Chame a polícia se quiser. — Meu olhar duro o faz parar essa linha de pensamento. Jon sabe melhor do que usar meu pai contra mim. O fato de ele estar fazendo isso agora o torna mais idiota do que já é. A última coisa que quero é que Chloe saiba sobre meu pai com esse idiota.

O corpo trêmulo de Chloe pressiona contra mim.

— Não diga isso. — Olhando para ela por cima do meu ombro, vejo seus olhos baixos. Ela sussurra: — Vamos.

— Ouça ela, Josh.

Levando-a para o lado do passageiro da minha caminhonete, abro a porta.

— Se aqueça. — Ela segura o cobertor fechado em sua garganta, assentindo. Ela não está mais tremendo, mas posso ver a preocupação em seus olhos.

Volto para a frente da caminhonete e pego o resto de nossas roupas. Colocando meu jeans, eu pergunto a ele:

— Você vai olhar como um maldito pervertido?

Você pensaria que ele era da polícia pela forma como ele coloca as mãos ao lado do corpo e me olha de cima.

— Eu poderia acabar com essa configuração confortável que você está fazendo. Eu sugiro que você mostre um pouco mais de respeito, garoto.

— Você não pode acabar com merda nenhuma, *garoto* — eu respondo já que ele tem a minha idade. — Você é um lacaio na melhor das hipóteses e um cão de guarda na pior. Você foi contratado para me irritar.

Ele ri.

— Está funcionando.

Eu puxo minha camisa sobre minha cabeça, mas o pego olhando para Chloe.

— Olhos aqui, filho da puta.

— Você acha que é dono desta cidade, mas Evans não quer dizer nada por aqui mais.

— Diga isso ao meu pai.

— Um caso de uma noite pode ter lhe dado esse sobrenome, mas você nunca terá a influência que o precede.

Não preciso de influência e não me importo com a reputação que meu pai deixou para trás. Eu sou meu próprio homem.

— Cai fora, Dwight.

— Eu vou quando você sair daqui, *Junio*, e parar de invadir.

Não estou com vontade de discutir com um idiota do ensino médio que está sentindo o gosto do poder. Quero tirar Chloe daqui, então levo nossas coisas para o

carro e entro.

Pela janela aberta, eu o ouço dizer:

— Tenha uma boa noite, Evans — mas a sinceridade está seriamente ausente em seu tom.

Ligo o motor e dou ré, voltando para o caminho que seguimos. Mostrando o dedo do meio, eu respondo:

— Vai se foder muito, Dwight.

Chloe permanece quieta até eu parar na estrada principal.

— Um velho amigo seu?

— Não.

Estou prestes a esclarecer as coisas, mas então ela diz:

— Nunca me senti mais atraída por alguém do que estou por você agora. — *Huh?* — Você estava tão... *Gah*. Tão quente. Achei que você poderia acabar em uma briga.

— Espere, estou confuso. — Olhando para ela, pergunto: — Você queria que eu entrasse em uma briga?

— Não, de jeito nenhum, mas ver você pronto para me proteger é a coisa mais sexy que eu já testemunhei. — Ela está se contorcendo em seu assento como se não pudesse controlar a adrenalina, ou talvez seja o desejo que vejo em seus olhos.

Eu mudo para o lado da estrada e estaciono.

— Eu lutaria por sua honra qualquer dia.

Ela se aproxima.

— Estou tão excitada agora.

— Isso é o que acontece quando você tem o melhor sexo. Você anseia por isso.

— Eu iria revirar os olhos, mas você está certo. Me beija, Joshua.

Eu me inclino e a trago para mais perto. Pouco antes de nossos lábios se encontrarem, ela diz:

— Espere.

— O que?

— Nós não estamos em apuros, certo? Nossos nomes não estão na lista ruim, estão?

— Lista ruim? — Eu levanto uma sobrancelha e sorrio. — Porra, sim, seu nome está na lista ruim. Você é uma garota má, muito má.

Sua boca colide com a minha, força e intenção a conduzindo. Afastando-se de mim, sua respiração é pesada e alta como a minha. Aquele fogo em seus olhos é um inferno.

— Eu quero você — ela ronrona.

— Agora?

Assentindo animadamente, ela ordena:

— Agora.

— Aqui?

Ela olha em volta para os carros passando, a emoção em seus olhos começando a diminuir.

— Não — ela responde sob uma risada nervosa. — Em algum lugar onde ninguém possa nos ver.

Volto para a estrada e faço um desvio para primeira estrada de terra que encontro e paro.

— Que tal?

Seu cinto de segurança voa e ela está vindo para mim.

— Coloque o assento para trás.

O assento não fica plano, mas desce o suficiente, e estou deitado em menos de dois segundos. Tirando o cobertor de seus ombros, ela ainda está nua por cima, mas a calcinha molhada se foi.

— Você é uma deusa.

— Sem calças.

— Me fode — eu gemo, tão pronto para estar enterrado dentro dela.

— Esse é o plano, gatinho.

18

Chloe

— EU SABIA que havia uma garota má sob aquelas roupas de garota boa.

Abrindo meus olhos, eu me levanto, descansando em meus cotovelos na parte de trás do Blazer. Não havia espaço suficiente na frente para fazermos as coisas corretamente.

— O que exatamente são roupas de boa garota?

Com a tampa do porta-malas abaixado, posso vê-lo quase todo, todas as coisas boas, pelo menos. Joshua puxa o jeans para cima, deixando a trilha que leva à parte inferior exposta.

— Esses suéteres doces que você usa. Os brincos de pérolas e diamantes. Os sapatos que você tem em todas as cores. — Agarrando sua camisa, ele a puxa para baixo sobre sua cabeça. Seu cabelo está uma bagunça sexy com a onda suave mais definida depois de nadar. — Eles são mais conservadores. Mais Rhode Island.

— Connecticut não é exatamente selvagem, então o que você está dizendo?

— Eu gosto quando você usa jeans e tênis, aquela jaqueta de couro que você tem, e eu não sei. Não leve a mal. Eu gosto das roupas de boa menina em você também. Eu gosto de tudo em você. *E fora.*

Agarrando meu sutiã e camiseta, começo a me vestir.

— Não se preocupe. Eu não estou ofendida. Eu vejo o jeito que você me olha quando saímos, quando minhas roupas são mais justas ou mais reveladoras. Eu uso o que me faz sentir bem, mas aquele olhar, aquele que você usa perto de mim, me faz querer ser muito ruim.

Um sorriso irônico reduz o ar nas proximidades. Ele tem um jeito de roubar meu fôlego sem nem tentar.

— Eu gosto muito de você, Chloe, mas você pode ser o que quiser comigo. — Colocando seus sapatos na cama do SUV, ele sobe e passa por cima do meu corpo. — Roupas não importam para mim. Você importa. — Ele me beija devagar, o meu cheiro ainda enfeitando seus lábios, e então se senta, colocando suas meias e sapatos.

Ele me deu felicidade pura e não adulterada.

— Joshua?

— Sim? — ele responde sem olhar para trás enquanto termina.

Eu me aproximo e toco seu braço, esperando até que seus olhos encontrem os meus novamente. Quando o fazem, os cantos suavizam. Eu digo:

— Eu te amo. Essas palavras nunca serão suficientes para o que sinto por você, mas saiba que o significado está dentro delas.

— Eu te amo. Maior que o céu.

Minha deglutição está muito alta quando deixo meu humor ditar o som. Eu meio que odeio como meu coração bate tão pesado por ele. Isso me faz sentir fraca, vulnerável de maneiras que nunca me senti. E não parece haver remédio para isso a não ser estar com ele. Eu me atrapalho para me vestir, deixando aquele momento vagar pelas árvores onde os grilos cantam.

Colocando-nos nos bancos da frente, ele abaixa o vidro e liga o motor, então eu abaixo o meu também. Ele entra na estrada com a mão apoiada na minha perna. Meu coração não é meu, mas dele, o peso dele me mantendo como se eu fosse desaparecer se ele não me segurasse aqui.

— Eu me encaixo no seu mundo?

— Você é meu mundo. Você é diferente, Chloe — ele diz, parecendo terminar nossa conversa de antes. — A vida não te queimou ou te enterrou em algum buraco do qual você teve que sair. — Ele esfrega meu joelho. — É uma coisa boa. Você teve sorte na vida e não ficou com cicatrizes emocionais.

Penso nas feridas que ele não pode ver, aquelas que me impediram de experimentar a vida até certo ponto. A falta de amigos de verdade até conhecer Ruby, e a desconfiança sempre foi uma aliada. Ele diz:

— Não pense demais. Foi uma observação improvisada. — Meu joelho é suavemente apertado. — Você não está danificada. É uma coisa boa. É divertido ver o mundo através dos seus olhos.

Quando o vento sopra pela janela, é uma sensação boa contra a minha pele. Eu me inclino para ela com os olhos fechados enquanto o cheiro do outono se infiltra, a chuva pairando nas nuvens que flutuam acima. Abro os olhos incapazes de ver a lua, mas posso ver Joshua no brilho fraco do painel. Descansando meu braço na abertura da janela, eu digo:

— Eu não sou uma pessoa boazinha, que faz tudo certo. — Eu odeio o jeito que eu pareço tão imatura e tiro os fios rebeldes da minha testa.

Seus olhos estão na estrada, mas sua mente está em outro lugar completamente. Estou tentada a falar e preencher o espaço vazio entre nós, mas quero saber o que ele está pensando e isso significa dar a ele espaço para semear seus pensamentos. Ele finalmente pergunta:

— Por que você se importa com o que os outros pensam?

— Eu não me importo — eu digo, saboreando a mentira. Dediquei tanto tempo e energia para me importar com o que *todo* mundo pensa, meu pai, minha mãe, os

chamados amigos da escola, professores, meus professores e agora Joshua. Não é justo colocar esse fardo sobre ele. Ele me mostrou que eu posso ser eu da forma que eu quiser com ele, e isso é o suficiente.

— Tem certeza?

Meus ombros revelam o enfraquecimento da minha postura enquanto eu me esgueiro no meu assento.

— Todo mundo se importa até certo ponto.

— Eles fazem, mas você só deve se importar com as opiniões das pessoas que importam para você.

A injustiça colocada sobre ele começa a me consumir. Claro, ele está certo, mas não percebi isso com ninguém no passado. Eu me inclino. Eu poderia beijá-lo se este cinto de segurança tivesse mais elasticidade.

— Como você. Sua opinião é importante para mim.

— Isto é o que eu gosto de ouvir. — Ele sorri. Em um semáforo, ele se estica pelo espaço vazio entre nós e rouba um beijo. Ele não tinha que roubá-lo, no entanto. Eu daria a ele o que ele quisesse. — Sua opinião também importa para mim.

Enquanto eu crio as mudanças que estou fazendo na minha vida, ele já chegou ao destino, tão certo de quem ele é. É invejável. E atingível, especialmente com ele me apoiando.

— Bom — eu respondo, voltando para o meu lado do SUV. Com toda essa honestidade, a culpa ressurge. Por que eu menti? Eu deveria ter contado a ele em primeiro lugar e no mínimo, quando confessei minha virgindade. Aqui estou eu na mesma situação, mas desta vez, ele tem o direito de estar brava. — Joshua, eu...

Virando na minha rua, ele dirige mais devagar e dá uma olhada.

— Você o que?

— Tenho vinte anos — digo, arrancando o curativo.

Sua expressão permanece firme, e ele se vira para estacionar em uma vaga. Depois que ele desliga o motor, seus olhos começam a se estreitar enquanto ele olha para frente, parecendo digerir a admissão. Então sua cabeça se inclina para mim.

— Eu sei que você tem. — Seus olhos me deixam enquanto ele olha pelo para-brisa, descansando os antebraços no volante. — Por que você mentiu? — Sua voz é profunda, suas palavras vêm mais devagar.

Odeio quando não consigo lê-lo. Primeiro, sua expressão e agora, seu tom. Enquanto tropeço nas razões, nenhuma parece mais legítima o suficiente para justificá-la.

Ele diz:

— Eu te levei ao Lucky's. Isso não é dobras as regras, Chloe. Isso é infringir a lei,

então estou tentando descobrir por que você me deixou. Você mentiu sobre ser virgem e agora...

— Eu não menti sobre isso. Você não perguntou.

Torcendo o volante, ele lança um olhar duro na minha direção.

— Por que eu deveria?

— Exatamente. Não passou pela sua cabeça que eu poderia ser.

Ele suspira, recostando-se.

— Olha, as coisas são como são. Se eu pudesse voltar atrás, eu poderia ter feito as coisas de forma diferente, armado com as informações que tenho agora. Para você. Mas eu gosto da nossa primeira vez, e você parecia gostar também, então não estou tentando me debruçar sobre o que fizemos. Mas por que parece que você está escondendo coisas de mim? Essa é a parte que eu não entendo. — Quando seus olhos voltam aos meus, ele diz: — Eu poderia ter sido preso por lhe dar álcool no Lucky's.

Torcendo minhas mãos, começo a entrar em pânico, mas então ver seus ombros relaxarem me aliviam em resposta. Ele diz:

— Eu bebo desde os dezessete anos, mas me incomoda você não me contar detalhes importantes sobre você. Não faz sentido por que você mentiu sobre sua idade.

— Eu senti que você não olharia para mim da mesma forma, como antes.

— Que forma?

Preciso lembrar que ele sempre me aceitou como sou, pelo valor nominal, confiou em mim e agora me deu a oportunidade de explicar meu lado das coisas.

— Como você está olhando para mim agora.

— Isso é decepção.

— Eu sei. Estou muito familiarizada por estar no lado receptor com meu pai. Eu posso suportar ver isso nele. Eu não posso suportar isso com você.

A culpa obscurece seus olhos, e sinto que estou perdendo ele. Sua mão esfrega minha perna, e ele se inclina com uma gentileza tomando conta de sua expressão.

— Eu sinto muito.

— Você não precisa. Você não fez nada errado. Eu sou a única que está arrependida.

— Então, quando você disse que não tinha sua identidade, você quis dizer que não tinha uma falsa, certo? — Eu aceno, culpada. Ele acrescenta: — Isso faz sentido.

Ele abre a porta e dá a volta para abrir a minha.

— Olha, eu quero que você saiba que sua idade não muda nada além de talvez não irmos no Lucky's até seu aniversário. Há muito o que fazer legalmente até então. — Seus olhos se movem para o prédio ao nosso lado. — Que tal começarmos de novo e

não mentirmos mais um para o outro?

Eu saio e me inclino contra a porta fechada.

— Eu não vou mais.

Sua mão cobre os quilômetros da minha cintura.

— A verdade é que, se você tem vinte ou vinte e um anos, eu te amo, Chloe. Estou do seu lado.

— Eu também te amo. — Eu aperto a frente de sua camisa, puxando-o para mais perto.

— Com todo esse amor entre nós... — Levada para cima, sou jogada sobre seu ombro, minha voz ficando rouca de tanto rir quando me abaixo para bater em sua bunda.

— O que você está fazendo? Você vai se machucar, Evans.

— Você é leve como uma pena, Fox.

Levando-me até a porta, ele acrescenta:

— Tenho muitas ideias, mas nenhuma delas inclui estar aqui embaixo.

Eu finalmente recupero o fôlego, minhas bochechas doendo de tanto sorrir. Chegamos ao segundo andar antes de eu ficar de pé. Começando o próximo voo, dou de ombros, cutucando-o no peito quando passo.

— E aqui eu pensando que você malhava.

— Eu vou te mostrar um treino — diz ele, me perseguindo pelas escadas. — Assim que entrarmos naquele apartamento.

Eu corro mais rápido.

— Você tem que me pegar primeiro.

Ele me alcança. Assim que chego à porta, sou girada, minhas costas pressionadas contra a parede, seus lábios em mim. Apesar do beijo abrasador, suas mãos são gentis, arrastando-se pelos meus braços até alcançar meus pulsos. Presa pela cintura, ele junta nossas palmas contra a parede.

Quando ele inclina a cabeça para o lado da minha, sua respiração é áspera contra meu ouvido. Eu me viro para plantar beijos suaves no canto de sua boca enquanto meus braços descem e envolvem seu pescoço.

— Chloe? — Sua respiração ainda está irregular, as pupilas mais escuras anulando o chocolate derretido quando ele olha nos meus olhos.

Beijo.

Beijo.

Eu me envolvo em torno dele.

— Sim? — Eu sussurro, a pergunta é apenas uma respiração.

— Eu nunca quero ficar sem você. Nunca.

Não é o tom dele, mas a sinceridade e a intensidade em seus olhos que me fazem acreditar nele.

19

Joshua

A PORTA no corredor se abre, e assim que Ruby nos pega em ação, sou puxado para dentro.

Ruby grita:

— Você não é divertida, Fox.

— Ele é apenas para minha diversão, Darrow. Encontre seu próprio chef gostoso. — Ela chuta a porta fechada.

— Cozinheiro — eu corrijo, beijando a pele macia de seu pescoço e me movendo mais para baixo.

— Tudo o que você cozinha é incrível. — Afastando-se, ela segura meu rosto. — Se você quisesse, poderia ser o maior chef que o mundo já conheceu.

O significado de sua crença em mim é maior do que ela imagina. Como minha mãe me apoia, significa muito que ela acredita em mim. Como uma decepção para meu pai, só posso esperar que ela nunca me veja como o filho bastardo com quem ninguém se importa o suficiente para querer ter sucesso. Estou prestes a ficar mole, mas porra, ela é distraidamente sexy.

— Agora, onde estávamos?

Excitação cintila através de seus olhos.

— Amor. Estávamos dizendo o quanto nos amamos. — Ela me puxa com força, tão perto até que estou pressionado contra ela, fazendo a porta chacoalhar nas dobradiças. — E isto.

Nós nos beijamos, e quando eu começo a descer, nossas bocas se separam sem querer. Eu desabotoo sua calça jeans e a puxo sobre seus quadris, beijando seu osso do quadril e depois em sua barriga. Tirando os sapatos, ela se mexe para fora do jeans enquanto se equilibra em mim. Eu seguro o arco de seus quadris, colocando pressão suficiente para mantê-la imóvel enquanto beijo uma coxa e depois a outra antes de passar para o ápice.

Quando olho para cima, seus olhos permanecem nos meus. Tanta beleza em um pacote tão pequeno. Beijando seu centro macio, eu então coloco seu joelho sobre meu ombro e o levo mais fundo com minha língua, querendo que ela se desfaça por mim como ela fez na parte de trás do Blazer.

Ela é totalmente perturbadora da melhor maneira possível, seu corpo flexível e acolhedor, seus gemidos de prazer enquanto ela se contorce em reação. O gosto dela.

Porra, mal posso esperar para que ela me tome naquela boca doce dela.

Seu corpo treme, meu nome saindo em ondas de sua língua enquanto ela goza na minha. Suas mãos batem uma vez contra a madeira antes de ficarem brancas com a pressão. De pé, eu a pego em meus braços e a levo para a cama.

Ela se deita sobre os cotovelos com as pernas penduradas sobre a borda, a respiração constante fora de alcance. Observando-me despir, ela diz:

— Me diga algo que eu não sei.

— Não é sábio usar seu coração na manga.

— Mesmo se eu usar apenas para você?

Eu mudo para a cama e deito ao lado dela.

— Sim. — Com ela enrolada ao meu lado, o silêncio da sala me faz pensar em estar no lago. É então que percebo que fiz a mesma coisa de que a acusei: mentir por omissão. Eu beijo sua cabeça, e meu braço aperta ao redor dela. — Sabe, eu não contei exatamente a minha história de vida, contei? Fiquei incomodado porque você escondeu parte do seu passado, mas agora vejo que, se estou pedindo toda a verdade e para confiar em mim, preciso fazer o mesmo. — Respiro fundo, exalando a parte mais sombria da minha vida: — Meu pai está na minha vida, mas poucas pessoas sabem.

Sua camisa está pendurada em seu ombro enquanto ela levanta a mão e olha para mim.

— Ele está?

— Pouco, mas ele é um fantasma que ronda, assombrando minha vida. Meus amigos e outras pessoas me dizem que eu deveria ser grato, mas não sou. Estou amargurado mesmo que ele esteja financiando meu futuro.

— Eu não fazia ideia.

— Ele nada mais é do que um corretor da bolsa que acompanha seu investimento. — Eu dou de ombros. — Não há apego emocional nem nada. Segundo ele, preciso ser consertado. Eu sou um problema não resolvido.

— Eu não entendo, Joshua. — Ela se senta novamente, pressionando a mão na minha perna para acalmá-la. Eu nem sabia que estava balançando. Mesmo tiques que geralmente ficam enterrados podem aparecer sem permissão quando acionados. Meu pai é esse gatilho.

— Porra. Eu não deveria ter dito nada.

— Não, eu estou feliz que você tenha — ela responde, deitando-se ao meu lado. Nossos corpos não estão se tocando, e eu não gosto da distância. — É estranho como a dor permanece com você, quase te fazendo acreditar que você ainda está vivendo a vida normalmente.

Eu tiro sua mão de seu estômago e a seguro. Não temos que tocar para fazer sexo,

mas na hora que nos expõe, é gostoso sentir o calor dela.

— Você diz isso como se tivesse experimentado em primeira mão.

— Admitir a dor às vezes ajuda a me manter com os pés na realidade. — Ela olha para mim. O amor de que falamos anteriormente ainda brilha em seus olhos. — Nunca pensei que conheceria alguém que me fizesse querer compartilhar meus segredos também.

Também.

É um pequeno deslize que encapsula o sentimento.

Estivemos nessa relação, dentro de uma bolha perfeita e intocável pelos problemas do nosso passado. Talvez isso tenha sido um erro. Ver um ao outro com falhas, cicatrizes invisíveis aos olhos, mas que moldaram nossas vidas, só aprofundará o que já compartilhamos.

— Medo e dor são os mesmos hoje em dia — diz ela —, eu costumava temer perturbar meu pai. Agora temo perder você.

Eu tenho esse mesmo medo. Eu disse a ela que ela é o meu mundo, mas como eu me encaixo no mundo dela em casa? Não é errado o pai dela querer o melhor para a filha, e eu não sou o melhor. Ele vai ver através de mim no minuto em que nos encontrarmos.

Isso não vai me impedir de amá-la. Eu vou amá-la até o dia que eu morrer.

— Não viva com medo. Viva com amor. — Sua bochecha direita chuta em um sorriso. Pegando a mão dela, eu a seguro entre nós e digo: — Se isso faz você se sentir melhor, estou profundamente envolvido.

— Isso pode ser ruim para você, mas é bom ouvir. — Ela encontra conforto, descansando a cabeça no travesseiro ao meu lado. — Que contato você tem com seu pai?

— Não muito além do cartão de aniversário usual, dinheiro de Natal. Fui visitá-lo uma vez. — Eu olho para ver seus olhos fixos em mim com total atenção. Volto meu olhar para o teto. — Ele mora nos Hamptons a maior parte do tempo, mas mantém um apartamento de oito milhões de dólares em Manhattan para quando tem *obrigações de trabalho* no escritório. — Eu não posso deixar de balançar a cabeça toda vez que penso nisso. — O homem está carregado. Por isso, está pagando minha escola, mas até eu sei que é só porque eu carrego o sobrenome dele. Ele provavelmente perde o sono ao pensar em mim, manchando-o.

— Você sabe disso ou...

— Eu fui visitar um verão quando eu tinha treze anos. Disseram-me para deixar meus sapatos do lado de fora da porta da frente e minhas roupas embaladas. Eu deveria ficar lá por um mês para conhecê-lo.

Seu braço me envolve protetoramente como se ela pudesse manter a dor longe.

— Não deu certo?

Ela está certa, eu estou carregando esses ressentimentos como se eu devesse dinheiro a eles. Eles podem ter me mantido com os pés no chão, mas eles não são bons para se agarrar.

— Não. Eu o ouvi dizer à esposa que minha mãe era uma interesseira. Ele só queria ter ouvido seus pais naquela época. Ele não estaria nessa bagunça se tivesse.

Seu suspiro suave é seguido por um beijo no meu ombro.

— Eu sinto muito.

— Não sinta. A verdade só me motiva.

— O que você fez?

Eu rio.

— Peguei meu caminho de volta para Connecticut. Minha mãe estava doente de preocupação, mas eu tive uma boa vantagem de três horas antes que meu pai percebesse que eu estava desaparecido.

Sentando-se abruptamente, ela cobre a boca, um olhar de horror em sua expressão.

— Oh meu Deus! Você é louco?

Eu rolo em cima dela.

— Louco por você.

— E com tesão. Sempre tão excitado.

— Diz a garota mais excitada que eu conheço. — Eu sou empurrado para longe e deixado rindo.

Ela acrescenta:

— E forte.

— Pra caramba.

— Eu meio que adoro sua versão de palavrões. — Eu continuo rindo. Sua risada fica mais leve, e eu vejo como a simpatia entra em suas pupilas e se espalha. Essa é a última coisa que eu quero dela. Eu rolo para minhas costas.

— Não faça isso. Estávamos nos divertindo. Está bem. Não sinta pena de mim.

Seu toque é hesitante, mas não com menos propósito do que quando ela me abraça. Eu não vou me afastar dela, mas eu gostaria de me esconder dessa conversa, me arrependendo de ter comentado sobre meu pai.

Ela diz:

— Meu coração dói por você, Joshua, mas não sinto pena de você. Estou orgulhosa de você. — Meu olhar volta para ela. — Você fez o melhor de uma situação ruim enquanto ainda estava indo bem na escola.

Tudo bem. Eu desisto. É fácil quando tenho a melhor namorada do mundo.

— Vem cá. — Ela o faz, deitando seu peito em mim e mantendo seus olhos fixos nos meus. Eu pergunto: — Você sabe o quão incrível você é?

— Você está fazendo isso ser sobre mim, mas estou tão impressionada como você superou tanto.

— Eu falando sobre o quão incrível você é não muda... — A ponta de seu dedo pressiona meus lábios.

— Não. Não. Odeio ser o centro das atenções.

Eu beijo a ponta do dedo dela.

— Posso compartilhar uma coisa, e então podemos deixar pra lá?

Revirando os olhos, ela suspira.

— Tudo bem. Uma e pronto.

Entrelaçando minhas mãos em seu cabelo, eu inclino para que eu possa ver aquelas esmeraldas brilharem para mim. Colocando o cabelo atrás da orelha, adoro ver o rosto inteiro sem maquiagem. Tão malditamente lindo.

— Você me faz querer ser um homem melhor, Chloe. — Esfregando meus dedos sobre aquele sorriso que faz meu coração bater, ela me morde levemente. — E você é geniosa.

Meu dedo é liberado quando um beijo pousa na minha bochecha.

— Pelo que vale, você já é um homem melhor do que qualquer outro que eu conheça.

Seu cabelo ainda está úmido quando deslizo meus dedos sobre sua nuca. Não importa a nossa aparência, ou o que nos trouxe a este momento no tempo. Importa apenas que chegamos aqui.

— Um dia, eu vou me casar com você.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

— Não se preocupe com isso, baby. — Pressionando minha palma em seu peito, sinto a batida rápida combinando com a minha. — Sempre cumpro minhas promessas.

20

Chloe

— Como você me convenceu a isso? Eu pareço uma bagunça — eu digo, chicoteando meu cabelo em um nó no topo da minha cabeça.

— Uma linda bagunça. — Ele segura minha mão e nos aproximamos do balcão enquanto a fila avança. Apesar de estarmos juntos há algum tempo, minha mão é segurada sem ser escondida de ninguém, embora eu quase entenderia se ele o fizesse. Apesar de nossas declarações em particular, ainda somos novos para o resto do mundo, nossos círculos mais íntimos são os únicos a par.

Enquanto ele beija minha mão, a fome um pelo outro mais cedo ainda permeia a conexão. Ele pergunta:

— O que você gostaria?

Enquanto ele olha para o menu do quadro-negro, eu o encaro. Eu quero ele. Eu quero isso. Eu quero que meu mundo seja fazer amor à noite, café e muffins pela manhã.

— Chloe?

— Sim? — Não me importo que minha voz esteja melancólica enquanto o admiro. Tenho certeza que ele está acostumado com isso de qualquer maneira.

Ele ri.

— É a nossa vez.

A garota atrás do balcão não parece tão divertida quanto ele. Procuro algo que soe apetitoso.

— Café preto e um muffin de mirtilo.

Joshua diz:

— Eu quero o mesmo. — Antes que eu tenha tempo de abrir minha bolsa, ele está entregando seu dinheiro. — Pode deixar. — Ele beija meu pescoço, e meus olhos se fecham para desfrutar da doce sensação. Ele me beija por puro desejo, reivindicando meu coração na frente de todos.

Quando abro os olhos, encontro a atenção de outras pessoas focada em nós, incluindo as conhecidas. Ruby acena de uma mesa perto das janelas. Ela tem seu laptop com a maior caneca de café que eu já vi, vazia, e um prato com migalhas restantes.

Eu corro minha mão ao longo do bíceps de Joshua, sentindo-me extra ao redor, física e emocionalmente, com este homem.

— Ruby está no canto. Vou sentar com ela.

Pegando o recibo, ele se vira para mim.

— Vou lá quando receber o pedido. — Quando ele se move para o outro lado do balcão, corro para a mesa de Ruby.

— Eu não sabia que você acordava antes do meio-dia? — Eu provoco, sentando em frente a ela.

— Primeiro de tudo, não, não estamos falando de mim quando você está andando pela cidade com o cara mais gostoso em seu braço como se não fosse grande coisa. Basta olhar para Josh. — Ela suspira sonhadoramente, deixando seu olhar fixo no meu homem.

Eu rio porque ela está certa. Virando-me, dou uma boa olhada nele enquanto ele espera.

— Eu nem sei o que dizer sobre isso, então vou deixar você cozinhar seus sentimentos por ele por enquanto.

— São meus sentimentos por você que estou cozinhando. Isso se chama inveja. — Se não fosse pelo sorriso enorme, eu pensaria que ela estava falando sério. Quando seus olhos voltam para mim, ela se levanta, sua coluna rígida como uma tábua. — Oh meu Deus! Eu quase esqueci. Como vai o sexo? Parece que está indo bem do meu lado da parede. — Olhando para Joshua, ela o olha da cabeça aos pés. — Eu entregaria minha virgindade para ele bem aqui, se ainda a tivesse.

Ela ri e continua:

— Teria derrotado Newman Howard no segundo ano na cabana da casa de seus pais em Hamptons. — Agarrando meu pulso, ela ainda está falando a mil por hora. Não tenho certeza se ela quer saber de mim, mas prefere a emoção de viver indiretamente. — Então me conte. Como você consegue sair da cama alguns dias quando você tem aquele pedaço de homem bonitão deitado ao seu lado? Além disso, além de um *foi bom*, nunca consegui os detalhes suculentos da sua primeira vez. Eu tenho um milhão de perguntas.

Olho em volta, sentindo os olhos em nós. Ruby não entende o uso de uma voz interna.

— Desculpe — eu murmuro para uma mulher próxima alimentando seu bebê. Inclinando-me para mais perto, sussurro para Ruby: — Foi melhor do que eu esperava e nada parecido com o que li online. Se você insiste em ouvir um detalhe... Eu me sinto vazia sem ele. Mesmo sentada aqui.

— Sem ele dentro de você? Garota, você está me fazendo sentir falta daquele sexo de relacionamento novo. É tão diferente do sexo de uma noite.

Descansando meus antebraços sobre a mesa, estou aqui para esta discussão.

— Como?

— Se você sabe que é só pegação, é como *Velozes e Furiosos*. O sexo no relacionamento varia de fazer amor a foder até aprender o que o outro gosta e o que excita. — Ela encolhe os ombros. — Confie em mim, está tudo bem. No entanto, um caso de uma noite nunca me deixou sentindo como se estivesse perdendo uma parte de mim.

É isso. Olho para trás mais uma vez para ter certeza de que Joshua não nos ouve conversando.

— Sim, é exatamente assim que me sinto.

— Ah, Clo. Acho que é mais do que sexo. Acho que você está apaixonada. — Ela estende a mão, cutucando minha mão. — Essa é a coisa mais doce de todas. — Sentando-se novamente, ela acrescenta: — Agora, por favor, me diga que ele vai para o centro.

— Nova Iorque?

Estalando os dedos, ela então os aponta para baixo.

— Sua vagina, Chloe.

— Ruby. — Eu escondo meu rosto entre as mãos protetoras. — Mudança de assunto. Como estava a rosquinha?

Ela é uma oponente difícil com um olhar firme e espírito implacável.

— Não brinque comigo, senhorita. Preciso dos detalhes.

— Ok. Sim. — Minha risadinha se estende além da nossa mesa. — Ele vai para o centro.

— Centro de New Haven?

Eu me encolho quando ouço seu tom suave, tão inocente para a conversa em questão, que olho para Ruby entre as pálpebras apertadas. Ela responde à minha pergunta silenciosa.

— Sim, ele está atrás de você.

Pois bem, já que ele *ouviu,* posso ser honesta.

— Estávamos falando sobre minha vagina, Joshua. — Eu recebo dois olhares ofendidos do casal mais velho de uma mesa.

— Ah — ele responde, tomando a cadeira ao meu lado. Colocando o café na mesa, ele sorri para si mesmo. — Eu me ofereceria para deixar vocês terminarem essa conversa sem mim, mas qual é a graça disso?

A mão de Ruby voa para fora.

— Exatamente. E a propósito, eu gosto de você. — Os olhos de Joshua se arregalam até que ela acrescenta: — Não desse jeito. Bem, desse jeito, mas eu não mexo com os OS das minhas amigas.

Seu braço vem ao meu redor enquanto ele se encosta na cadeira, se sentindo em casa.

— Eu sou seu outro significativo, Chloe?

— Por que eu sinto que vocês dois vão se dar bem como uma casa pegando fogo?

Isso os deixa rindo e, embora tenhamos vindo aqui para pegar nosso pedido e ir embora, ficamos. O café é descarregado da bandeja e os muffins de mirtilo são retirados do saco. Enquanto eu pego pequenas mordidas de passarinho, Joshua não se segura e pega grandes pedaços de seu muffin, terminando-o em algumas mordidas.

Puxando minha cadeira para mais perto, ele beija logo abaixo da minha orelha, me fazendo rir e corar. É tão diferente ser livre na frente dos outros como somos quando estamos sozinhos juntos.

Um suspiro pesado de Ruby chama minha atenção.

— Isso de viver indiretamente não é tão divertido quanto eu pensava. Eu preciso encontrar um homem para mim. Os aplicativos de pegação para esta cidade são uma droga.

— Tenho amigos — diz Joshua —, que ficariam felizes em ajudá-la. Na verdade, você estaria fazendo um favor a eles.

Rindo, ela diz:

— Obrigada pela oferta. Ainda não cheguei lá, mas vou mantê-lo informado.

Estou gostando da minha melhor amiga e meu namorado se dando bem, mas estou começando a me sentir culpada por tirar um tempo dos meus estudos.

— Tenho muita pesquisa para fazer. Meu pai ia enlouquecer se soubesse que eu desperdicei a manhã.

Contentemente caído contra a parede, Joshua desliza a mão para a parte inferior das minhas costas, seu polegar esfregando a pele logo abaixo da barra da minha camisa.

— Por que ele é tão duro com você?

— Porque os Fox não falham.

— Eles nem tiram nota 8 — Ruby insere.

Seus olhos não deixaram os meus. Não tenho certeza se vejo empatia enterrada neles, mas definitivamente vejo curiosidade.

— Você sempre tira notas 10, Chloe?

— Sim — eu sussurro como se estivesse envergonhada. Meu pai é duro comigo, mas eu sei que é porque ele me ama. Não consigo imaginar não tê-lo em minha vida. Eu nunca senti vergonha das minhas conquistas, então por que sinto agora?

Sua mão desliza para a minha perna e ele diz:

— Acho sua inteligência incrivelmente sexy.

Acho que me derreto na cadeira, tornando-me uma poça de mingau em suas mãos.

— Me disseram que pode ser intimidante.

— Ser inteligente não é intimidante. É excitante. — Ele sempre me faz sentir especial, como o centro de sua galáxia.

Mãos acenando chamam nossa atenção.

— Oláááá — Ruby canta. — Ainda estou aqui. — A felicidade borbulha dentro de mim. Eu nunca tive isso antes, esse sentimento de aceitação e que encontrei minha tribo, até agora.

Ruby descansa e continua:

— Ela é inteligente e sexy, bla bla bla. De volta para mim. Tenho uma redação de dez mil palavras para entregar antes do meio do próximo mês. Eu mal consigo acompanhar minhas outras aulas no início do semestre, e então o professor joga isso na mistura. — Seus olhos se fixam em Joshua. — Seus professores também são idiotas?

Estou interessada em ouvir sobre sua escola também.

— Como vão suas aulas?

— Nada fora do comum para relatar. Escola. Trabalho. Chloe. Este ano não foi tão ruim.

Esbarrando em seu braço, eu apenas murmuro porque não tenho nada inteligente a dizer sobre isso.

— Todd disse uma vez que a escola sempre foi fácil para você e que você nunca teve que estudar, mesmo naquela época.

Ele me olha de lado. Não chateado, mas entretido.

— Todd não sabe do que está falando.

Intrigada, Ruby apoia os braços na mesa e pergunta:

— Então ele está errado?

Esfrego o tecido macio e gasto que envolve seu braço e o músculo duro por baixo.

— Ele não está errado, mas não é tão fácil quanto ele pensa. Eu estudo quando preciso. Finanças não é meu sonho, mas quero um bom emprego, então sigo o dinheiro. Ajuda que eu tenha uma boa memória porque não me interessa.

Ruby apoia o queixo na mão.

— Você é sortudo. Eu tenho a pior.

Testando as águas, eu digo:

— Você seria um ótimo chef. — Esse parece ser o sonho que ele nunca admite.

— Não há dinheiro no negócio de restaurantes a menos que você encontre um pote de ouro no final de um arco-íris. Isso é raro.

— Falando em não ter dinheiro, espero sair e tirar fotos mais tarde.

— Ruby é uma fotógrafa incrível. — Quando ela acena para mim pelo elogio e então me sinaliza para continuar, eu rio.

Joshua pergunta:

— Você quer fazer isso profissionalmente?

— Fiz um acordo com meus pais. Vou me formar, mas depois tiro um ano de folga para me dedicar à fotografia. Se não der certo, tenho meu plano B.

São momentos como esses que não entendo porque meu pai insiste em que eu seja igual a ele. Trabalhar no pronto-socorro ainda é ser médico.

Joshua pergunta:

— Qual é?

— Marketing. Eu nunca mudei.

Colocando o guardanapo amassado de volta na bolsa, ele balança a cabeça.

— Fiz um acordo semelhante, mas o meu não permite um plano B. Há apenas um plano. Eu trabalhando em finanças após a formatura. — Ele sorri, mas não é aquele que costumo ver, aquele que tem a felicidade construída dentro. — Às vezes fazemos o que temos que fazer para sobreviver — acrescenta, como se tivesse que justificar o comentário anterior.

— E a sua felicidade? — Eu pergunto.

Seu olhar é suave quando pousa em mim, sua mão firme quando ele segura minha mão debaixo da mesa.

— Isso importa se o que você está fazendo dá felicidade a outra pessoa?

— Sim. Você não pode sacrificar tudo o que importa para você para fazer outra pessoa feliz. Isso é uma correção temporária...

— Aceite seu próprio conselho, Clo. — Os dedos impacientes de Ruby batem para cima e para baixo enquanto ela atira as palavras em minha direção.

Atirando-lhe um olhar duro, eu cerro meus dentes:

— Ponto tomado.

Ela se levanta.

— Vou pegar outro café, mas saiba que disse o que disse porque me importo. Todos nós temos sacrifícios a fazer, mas também temos apenas uma vida. Precisamos viver aquela que nos faz felizes.

Eu sei que ela tem boas intenções, mas ela também está bem ciente da pressão que meu pai coloca em mim. Não preciso de nenhuma extra, embora aprecie que ela esteja disposta a defender meus sonhos.

— Nós precisamos — eu começo. — Nós vamos decolar. Já estou pronta para uma soneca.

Na calçada, Joshua diz:

— É bom ter amigos que te apoiam, não importa o que aconteça.

— É sim. — Atravessamos a rua, mas não consigo esquecer algo, então o puxo para a porta de um banco que está fechado.

Com as costas pressionadas contra a janela, a vontade de beijá-lo é forte demais para ser apropriada.

— O que estamos fazendo, Chloe?

— Eu, hum...

Um sorriso brincalhão se coloca bem em seu rosto bonito. Tomando-me pelos quadris, ele desliza as mãos em volta do meu traseiro, me segurando exatamente onde eu o quero. Meu coração dispara enquanto olho em seus olhos, minha respiração superficial e minhas mãos... bem, eu quero tocá-lo, senti-lo, agarrá-lo e beijá-lo.

Então eu faço.

Eu o beijo e, quando me afasto, acrescento:

— Sua felicidade importa, Joshua. Pode não importar para o seu pai, mas importa para muitas outras pessoas. Você não é menos que ninguém, então você precisa tirar isso da sua cabeça.

— Você é muito convincente, senhorita Fox. — Parecendo impressionado, ele se aproxima com um sorriso irônico. — Não é tarde demais para entrar em Direito.

— Não estou interessada em Direito. Só estou interessada em você. — Apertando meus braços ao redor dele, saboreio este momento que parece roubado em uma rua movimentada. — Espero que seja assim para sempre.

— Será. — Sua resposta vem rápida e firme como se ele já visse nosso futuro juntos.

Eu me agarro à mesma fé.

— Nada pode nos tocar.

— Nunca.

21

Chloe

ENTRAMOS CADA VEZ MAIS em outubro e, como o clima, a mudança em Joshua e eu, como casal, é evidente. Nossas vidas são vividas em uma bolha de nossa própria criação.

Eu não percebi o quão tênue aquela bolha poderia ser até que eu recebi uma mensagem na noite passada.

— Eu sou o único que deveria estar estressado, então por que você está preocupada? — Joshua pergunta, passando a mão pelo cabelo pela décima vez desde que estacionou na esquina.

— Eu nunca apresentei alguém que amo para minha mãe antes. — Paro na calçada e me viro para ele. — Como estou?

— Bonita. Seja honesta, Chloe. — Ele mexe com a bainha do meu suéter. — Como ela vai se sentir ao me conhecer? Não sou um Newport chique... — Sua mão acena sem rumo entre nós. — Quaisquer que sejam as pessoas chiques em Newport. Eu sou do lado errado de New Haven, e isso vai aparecer.

Levantando, eu seguro seu rosto, minha ansiedade se transformando em animação.

— Você conquistou sua vaga em Yale, então não deve explicações. Quanto à minha mãe, ela vai amar o que te faz diferente.

— O que é?

— Sua consideração e, o mais importante para ela, o quão bem você me trata.

Quando ele me beija, parece que mais do que o brunch de domingo está em sua mente. Ao contrário do clima, ficamos mais quentes quanto mais o tempo passa. E estou aqui para isso, beijando-o de volta e aprofundando.

Um pigarro chama nossa atenção. Quando vejo minha mãe parada a menos de três metros de distância, segurando sua bolsa preta YSL, limpo minha garganta em resposta, dou dois passos para trás e, nervosamente, coloco meu cabelo atrás da orelha.

— Mãe — eu digo, internamente me repreendendo por soar como uma menina de dez anos que foi pega brincando de se vestir com suas jóias.

— Oi. — O brilho em seus olhos revela que ela absolutamente captou tudo. Aproximando-se com a mão estendida, ela diz: — Você deve ser Joshua?

— Sou, senhora — ele responde. Uma rachadura em seu tom me fez conter uma

risada. Pobre cara. Eu nunca o vi nervoso antes desta manhã. Eu pego sua mão livre, sem medo de mostrar apoio a ele na frente da minha mãe. — É muito bom conhecê-la, Sra. Fox.

— É *Srta.* Desde o divórcio, mas você pode me chamar de Cat.

Eu sou rápida em acrescentar:

— Ela insiste em *Cat Fox* hoje em dia.

Dando de ombros sem pedir desculpas, ela diz:

— Eu fui Catherine Fox por mais de vinte anos de casamento em Rhode Island. Agora que estou em Manhattan, me sinto mais como Cat.

Acho que conseguimos o ponto sem as garras.

— Ela ficou muito atrevida desde que se mudou para a cidade. — O fato de ela não ter se aventurado muito longe do guarda-roupa de St. John's ainda me faz rir. Sempre um clássico apesar da mudança de nome e localização.

— Não é atrevimento. — Ela acaricia minha bochecha. Tenho a sensação de que ela está admirando seu trabalho, *eu*. — É liberdade, querida, e tem um gosto divino.

Joshua tenta reprimir a risada, falhando miseravelmente enquanto eu a abraço.

— É bom ver você, mãe.

— Você também. — Então ela sussurra — Ele é bonito — mas eu tenho um pressentimento de que não foi baixo o suficiente quando eu o vejo sorrindo presunçosamente enquanto ele passa as unhas na camisa.

Presunçoso.

Sexy.

Encantador.

Agora sou eu lutando para não rir.

— Perdoe minha mãe. A vida de solteira combina com ela.

— Não é necessário pedir desculpas. Só temos uma vida. Devemos viver o melhor que pudermos — diz ele.

— Ah, eu gosto dele, Chloe. — Minha mãe aponta para ele antes de enlaçar o braço com o dele. Enquanto caminham em direção ao café, ela pergunta: — Minha filha não é linda? E tão inteligente.

— Ela é.

Eles parecem esquecer que estou aqui, mas tudo bem porque pelo o que parece, ela aprova. Quando ele segura a porta aberta, eu cutuco seu abdômen duro enquanto corro para o restaurante. Sinto-me culpada por não comer no da Patty, mas Joshua também não queria isso. Ele disse que sua mãe provavelmente correria para casa para pegar as suas fotos de bebê se deixássemos.

Lá fora, no pátio, o tempo flui para mais uma hora, e nós colocamos uma segunda

jarra de mimosas sem minha mãe dizer uma palavra sobre eu beber o coquetel de champanhe. Rindo das histórias compartilhadas da infância de Joshua e minha, e suas aventuras em Nova York. Eu poderia ter feito sem a menção da minha *fase estranha* no primeiro ano do ensino médio, no entanto.

— Em minha defesa... — eu começo.

— Catherine? Chloe?

Conheço a voz antes de confirmá-la visualmente. Por reflexo, seguro a mão de Joshua antes de olhar por cima do ombro.

Surpresa angula o rosto da minha mãe.

— Trevor, o que você está fazendo aqui? — *Mamãe nunca gostou dele.*

— Almoço com amigos.

Ela responde:

— Esqueci que você estuda em Yale.

— Eu estudo. Não esperava ver as adoráveis Foxes...

Ele se abaixa para abraçá-la e depois se vira para mim.

— Bom te ver, Chloe.

— Você também — eu respondo automaticamente. Vinte anos de programação é difícil de consertar.

A mesa fica quieta quando Trevor aparentemente acaba de perceber Joshua.

— Trevor League.

— Josh Evans — meu homem responde.

Permanecendo na mesa, Trevor continua olhando.

— Você parece familiar. A gente se conhece? — O reconhecimento colore sua expressão, e ele estala os dedos e aponta. — Espera. Você não é o garçom daquele restaurante no centro?

— Eu cozinho e entrego também. — Eu ouço uma nota de orgulho apesar do temperamento de Joshua endurecer.

— Ele também é um estudante. — Eu sou rápida para adicionar.

Colocando as mãos nos bolsos, Trevor fica confortável demais para o meu gosto enquanto pergunta:

— Ah, sim. Onde?

Minha mãe responde:

— Yale.

Antes que Trevor possa corrigir sua surpresa, esbarro em Joshua.

— Ele cursa economia, como você. — O orgulho que sinto por ele passa por mim também. — E legado, como eu.

O comportamento de Trevor muda como se ele entrasse em uma sociedade

secreta com um convite dourado.

— Legado, hein? Por que você está trabalhando naquele lixão se você é um legado, cara? — Eu me encolho, sentindo-me doente por Joshua, quando Trevor estende a mão para apertar as mãos como se de alguma forma ser um legado rendesse a Joshua o respeito que ele deveria ter recebido desde o início.

Joshua ainda está segurando minha mão.

— Aquele lixão é o restaurante da minha mãe. É um marco nesta cidade que ela se esforçou para comandar nos últimos dez anos. Eu sou um estudante, como você, mas também sou um cidadão orgulhoso. Então me diga novamente como você realmente se sente.

Eu me levanto.

— Joshua..

— Joshua — Trevor imita como se estivesse memorizando tudo sobre ele até nossas mãos unidas. — Você e Chloe estão namorando?

— Estamos apaixonados — eu deixo escapar antes de lembrar que minha mãe está sentada na nossa frente.

A mandíbula de Trevor endurece, e então ele se vira.

— Tenho amigos esperando lá dentro. Foi bom vê-la novamente, Catherine.

— Srta. Fox.

E é por isso que minha mãe é minha heroína.

Com uma carranca, ele olha para Joshua mais uma vez, e depois para mim.

— Tenham um bom almoço. — Ele é rápido para desaparecer. *Bom.*

Palmas batem na mesa, sacudindo os talheres.

— Bem, isso foi um monte de bobeira. — Pregando a leveza, minha mãe começa a encher meu copo. — Ele é um idiota. Não é à toa que vocês não namoraram por muito tempo.

— Estou surpreso que você ao menos sairia com ele. — Joshua ri, mas detectando a falta de leveza em seu tom, eu sei que é para o benefício da minha mãe. — Então, ele era... típico?— Joshua pergunta.

Eu respondo:

— Sim, para Newport, mas ele não é meu tipo.

Minha mãe acrescenta:

— Ele é igual ao pai quando tínhamos a idade de Chloe. Esnobes arrogantes, tão cheios de si. A única coisa que mudou é o primeiro nome, que me lembra por que deixei aquela vida para trás. Estou ainda mais feliz que Chloe tenha feito isso.

Ela não está errada, mas não tenho certeza se percebi o quanto ela está certa. *Isso não é mais quem eu sou, ou nunca fui. E eu posso ver por que é uma coisa boa eu ir*

embora. A mão de Joshua ainda está em volta da minha quando ele me olha.

— Estou feliz que ela também tenha. — Mudando de posição, ele diz: — Preciso ir trabalhar. Vejo você mais tarde?

— Sim. Definitivamente. — Eu não quero que ele vá. Eu gostaria que ele não precisasse, especialmente tão logo após a partida de Trevor.

Minha mãe dá um grande abraço em Joshua. Então ele me beija antes de se levantar.

— Te amo — ele sussurra.

Ele permanece curvado enquanto eu o seguro para mim.

— Eu sei que você não está perguntando, mas eu quero que você saiba. Foram dois encontros, e então terminamos.

Seu sorriso me aquece.

— Bom saber.

— Te amo. Diga oi para a sua mãe.

— Eu vou. — Quando ele sorri, meus pulmões ficam mais leves e eu respiro mais fácil. *Deus, eu amo esse homem.*

Minha mãe e eu voltamos para o meu apartamento, embora eu esteja tentando lembrar o estado em que o deixei. Pego o boné de Joshua do sofá onde ele caiu quando nos beijamos por horas na noite passada. Minha calcinha foi retirada do chão de onde saiu logo depois. Pelo menos a toalha está dobrada para o lado, nos dando luz natural.

Ela coloca sua bolsa na mesa de centro e olha em volta enquanto eu entro no quarto para esconder as provas no cesto. Quando eu volto, ela está olhando pela janela, mas ela me ouve, e seus olhos se conectam com os meus.

— Talvez eu esteja atrasada para descobrir isso, mas ver vocês juntos e se beijando na calçada não é a mesma impressão que eu tive do relacionamento. Você está apaixonada por ele.— Não há acusação, apenas curiosidade em sua expressão. — *Há* quanto tempo vocês estão namorando?

— Há um tempo.

— Você mencionou estar saindo com alguém, mas o que eu vi hoje cresceu além disso.

Eu me inclino contra o braço do sofá.

— Se tornou sério.

Ela se move para o sofá e se senta, ajustando a almofada atrás dela.

— Eu posso ver o quanto ele se importa com você. Foi difícil para ele manter os olhos longe de você. Você sabe que estou feliz por você estar encontrando equilíbrio em sua vida, mas como esse relacionamento funciona em seus planos?

— Estou confusa. Você queria que eu namorasse e, quando eu fiz isso, você quer que eu estude? — Apontando para Frankie, digo: — Estou cuidando da planta. Isso não é suficiente?

— É o suficiente. Você está fazendo um ótimo trabalho com a planta e sua vida. O que estou tentando dizer é que sei que a escola é administrada. Eu também sei que você é uma força motriz quando se trata de seus objetivos. Ele vai para Nova York com você?

— Temos tempo para descobrir. Se eu for aceita, não tenho que estar lá até agosto.

— Você não está preocupada com um plano tão frouxo para o futuro?

Pego duas garrafas de água do armário.

— Você está parecendo muito com o papai.

— Seu pai... — Ela para, parecendo morder a língua. Quando olho para ela, a preocupação atingiu o canto de seus olhos abatidos, tecendo preocupações nas linhas suaves de sua testa.

— Mãe? — Sento-me ao lado dela, colocando as garrafas na mesa. — O que é?

Quando seus olhos voltam aos meus, ela diz:

— Seu pai veio me ver na cidade no último fim de semana.

— Ele veio?— Eu mexo com a minha camisa. — Ele odeia Nova York.

— Eu não queria mentir para ele, mas não contei muito a ele, Chloe. Ele sabe que você está saindo com alguém, mas não mais do que isso, que era tudo que eu sabia na época.

— Ele queria sujeira de mim?

— Não — ela responde, balançando a cabeça. — Ele está preocupado.

Frustrada, cruzo os braços e afundo no sofá.

— Por que? Eu não lhe dei nenhuma razão.

— Você sabe que ele quer você focada na escola.

— Ele ficaria mais feliz se eu fosse freira. Ou aderindo ao seu plano. Qualquer desvio vem com repercussões.

Isso a faz rir sem humor.

— Talvez não seja uma freira, mas ele ficaria feliz se você não namorasse até os trinta anos.

— Demorou vinte anos, mas finalmente consegui decepcioná-lo. — Eu nunca fui capaz de desapontar nenhum deles sem que a culpa me chutasse rapidamente de volta à linha. E desta vez? Joshua? Nova Iorque? O pronto-socorro? Puxando meu lábio inferior sob os dentes, começo a me preocupar.

Estendendo a mão, ela dá um tapinha na minha perna.

— Ele não está desapontado. Eu acho que ele está mais curioso se isso vai parar o grande plano que ele tem para você.

— É isso. É o *meu* plano agora, e Joshua faz parte dele.

Seu cabelo cobre brevemente seus olhos quando ela olha para baixo como se a realização tivesse acabado de atingi-la. Colocando o cabelo atrás das orelhas, ela suspira, um sorriso retornando enquanto ela descansa novamente.

— Eu não posso ficar muito mais tempo, então eu adoraria ouvir sobre você e Joshua e esse plano.

Meu coração bate à vida com a mera menção dele, uma memória de estar com ele no lago e o jeito que ele olhou para mim naquela noite correndo de volta. Eu sorrio, não escondo, mas deixando que combine com o sol da tarde que entra pela janela.

Em vez de minimizar o quanto esse relacionamento é importante para mim, libero meu coração para confessar todos os segredos que guardei para mim mesma.

— Nunca conheci ninguém como ele. — Embora eu me sinta transparente como celofane, a vontade de colocar em palavras esses sentimentos me domina. — Nós... — A dúvida volta, engrossando minha garganta, esperando que isso não azede nossa conversa.

Ela abraça minhas mãos e diz:

— Você pode me dizer qualquer coisa, querida.

— Eu fiz, *faço* sexo com ele. Nós fazemos amor, e eu sinto isso. Eu sinto o quanto ele me ama profundamente.

O sorriso nunca vacila, mas os cantos de seus olhos suavizam, como seu tom.

— Eu acho que você está confundindo sexo e amor, querida. Ambos podem ser muito esmagadores...

— Sinto isso quando não estamos juntos dessa maneira também. — Seu sorriso me permite baixar minhas defesas, e a onda de alívio é bem-vinda. — Embora agora eu saiba por que as pessoas se fixam nisso. Estudar sobre é bem diferente do ato em si. Eu pareço boba?

— Não. De jeito nenhum. É uma bela maneira de se conectar com alguém que você ama, e parece que é isso que é para você. Vendo vocês dois juntos, não há como esconder o amor que vocês compartilham. — Nossas mãos se entrelaçam e ela acrescenta: — Está escrito em cada olhar. — Seu sorriso é gentil e sincero.

— Você não está brava?

— Por que eu ficaria brava? Você tem vinte anos e é uma veterana tirando 10 direto em uma universidade da Ivy League. Você encontrou alguém que te trata como você merece, alguém que te faz sorrir por dentro e alguém que apoia seus sonhos. Joshua falou mais sobre você do que sobre si mesmo. O que mais eu poderia querer

do que você estar com alguém que te trata como uma prioridade?

Eu me levanto para abraçá-la.

— Obrigada.

— Apenas certifique-se de estar usando proteção.

— Eca. Eu sabia que era bom demais para ser verdade — eu respondo, horrorizada enquanto me acomodo em frente a ela.

Dando de ombros sem pedir desculpas, ela diz:

— Eu não seria uma boa mãe se pelo menos não dissesse isso.

— Você sempre foi uma boa mãe, mãe.

— Obrigada. Agora, sobre seu pai...

A preocupação aperta meu intestino.

— Se estiver tudo bem, não podemos falar sobre ele agora? Eu só quero aproveitar esse tempo com você em vez disso.

— É claro. — Inclinando-se, ela esfrega meu braço. — Estou tão feliz por você, Chloe. Eu só tenho uma pergunta. — Espero que ela pergunte: — Por que tem uma toalha pendurada na janela?— Começo a rir, com todo o coração.

Saber que ela apoia não só a mim, mas também a Joshua e a mim como casal me faz sentir mais leve. Eu estava preparada para ela reagir ao fato de eu estar apaixonada, de namorar um homem que se tornou parte dos meus planos, mas o que eu nunca esperava era encontrar uma aliada, e hoje encontramos.

22

Chloe

ALGUNS MESES foram suficientes para que este pequeno apartamento a algumas ruas do campus, das lojas e do restaurante se transformasse de *meu* para *nosso*.

Não tenho certeza de quando ele parou de voltar para a casa da sua mãe, provavelmente quando Dwayne Evans se mudou. Ele encontrou uma nova casa ao lado de Frankie no parapeito da janela, e Joshua encontrou uma comigo. Provavelmente aconteceu rápido, como nós nos apaixonamos. Fomos pegos pela maré e puxados para o mar antes de percebermos a profundidade que havíamos chegado. Perdemos nosso rumo quando nos perdemos um no outro.

Eu não tenho nenhum arrependimento.

Exceto um que forma um nó na minha garganta quando me apresento na frente do auditório depois da aula, conforme solicitado. Novamente. Agarrando as alças da minha mochila, eu digo:

— Oi, você queria falar comigo?

— Sim — diz a professora Tracey, parecendo exausta enquanto folheia sua bolsa volumosa. Finalmente olhando para cima, ela acalma as mãos. — Fiquei surpresa ao ver a última tarefa que você enviou. Não estava à altura dos seus padrões habituais.

O pânico se instala quando eu solto uma desculpa:

— Eu preenchi os requisitos da redação. Eu até verifiquei duas vezes.

— Eu sei que você não se contenta com o mínimo e queria checar com você. Está tudo bem?

— Estou bem. — Minha voz guincha defensivamente. — Achei que os requisitos foram atendidos.

— Eu dou muito espaço para interpretação nos requisitos da minha aula, mas suas notas estão caindo a cada tarefa. — Ela puxa uma pasta da bolsa. Eu a reconheço instantaneamente pelo título como minha. Embora enviemos projetos on-line, ela é antiquada e imprime tudo. — Na verdade, está faltando a folha-chave, que foi vital para a explicação do tópico que você decidiu abordar. Devido a esse elemento ausente, tive que reprovar você nesta tarefa.

Meu intestino torce.

— Me reprovar?— Eu pergunto, olhando para o 0 vermelho marcado na frente.

— Há tempo para aumentar sua nota. Sugiro que você gaste mais tempo no programa restante e certifique-se de estar melhor preparada para as provas.

Envolvendo meus braços sobre meu estômago, sinto minhas pernas tremerem debaixo de mim.

— Eu ainda posso tirar um 10 para a matéria se eu fizer isso?

Seus ombros caem, combinando com os meus.

— Esta tarefa em particular teve mais peso do que as restantes. Então, infelizmente, não. Você pode ganhar um 8 se trabalhar duro, no entanto.

— 8? Mas...

— Isso é tudo, senhorita Fox. — Sua atenção se volta para outro aluno esperando a alguns metros de distância, deixando-me ali.

Com a pasta na mão, ando em direção à porta, dormência se instalando. Meus passos são lentos no início e depois aumentam até que a vergonha conduz minha motivação para chegar em casa.

A porta mal fechou quando meu telefone toca, me dando tempo para desmoronar e processar isso. Largando minhas coisas na minha mesa, pego meu telefone e faço uma pausa. *Pai.*

Isso é estranho.

Está prestes a ir para o correio de voz, e estou tentada a deixar. O momento não poderia ser pior, mas tenho a sensação de que não pode ser melhor para ele. Atendo porque sei que ele não vai parar de ligar até que eu o faça.

— Pai, oi?

— Ainda bem que peguei você, Chloe.

Indo para a cozinha, paro para perguntar:

— O que há de errado?

— Tenho uma consulta em cinco minutos, mas este é o único intervalo que tenho. Dia cheio.

Ele é um workaholic, outra razão para o fracasso do casamento com minha mãe.

— Não são todos? — Tento agradá-lo, mas não funciona, então acrescento: — O que está acontecendo?

Sorrio quando vejo as árvores bonsai ao lado da pia. Joshua cuida tão bem deles. Pego Frankie com uma mão e a devolvo ao parapeito.

— Seu resultado chegou hoje — ele responde.

— Que resultado?— Eu seguro Dwayne Evans.

— O teste prático do MCAT que você fez no mês passado.— Meus pés param, deixando-me chocada entre o sofá e a mesa de centro. *Oh droga.* Como eu poderia esquecer que os resultados são enviados para endereços permanentes. Ele continua: — Estou preocupado, Chloe. Você tem apenas alguns meses antes do teste. Com essa pontuação, você terá sorte de ser aceita em qualquer uma das melhores faculdades de

medicina.

— É tão ruim assim?— Eu pergunto, colocando a planta na mesa e, em seguida, andando de um lado para o outro da minha sala de estar. Tropeço na ponta do tênis de Joshua deixado atrás do sofá. Recuperando, eu me abaixo e o pego para devolvê-lo ao seu parceiro na porta.

— Pior. Estou preocupado. Eu realmente esperava mais. — Sua decepção ressoa através da linha. — Eu te mandei uma cópia por e-mail. Eu sugiro que você gaste algum tempo descobrindo o que deu errado. Se precisarmos contratar um tutor, nós o faremos.

Além de ser atingida por esta notícia, não sei o que dizer. Não tenho outra desculpa a não ser que não estudei tanto quanto deveria.

— Vou estudar mais. Vou estudar todo o feriado de Ação de Graças e Natal também. Você não precisa se preocupar...

— É tarde demais para isso. Você lida com isso, ou eu vou.

Reajustando o telefone no meu ouvido, a concha começando a doer com a pressão, eu bufo.

— Eu sou uma veterana na faculdade. Eu acho que posso lidar...

— Então faça!— O bater de seu punho contra aquela mesa de mogno que eu tinha medo de sentar do outro lado enquanto crescia ainda provoca medo. — Não é hora de jogar fora uma vida inteira de trabalho duro por um garoto que não se importa com o seu futuro.

Atordoados, meus pés criam raízes na madeira abaixo deles. Minha respiração é superficial enquanto minha mente se recupera de suas palavras.

— Ele se importa. — O tremor domina minha voz, mas eu sigo em frente. — Isso não é sobre ele. Ele não quer nada mais do que...

— Capturar uma Fox.

— Isso não é verdade — eu respondo, balançando a cabeça. — Você não conhece Joshua. Ele gosta de mim por mim. Ele não sabia meu sobrenome quando nos conhecemos. Ele não sabia sobre você ou nossa família quando começamos a namorar.

— Então o que ele sabe?

— Ele *me* conhece, pai.

— Eu não acredito que isso seja tudo. Não seja ingênua. Eles sempre querem alguma coisa. — Eles? Joshua, o amor da minha vida, foi relegado a um *eles*. Se a pontuação ruim não me fez sentir doente, isso faz. Faço uma pausa para respirar fundo, precisando do momento para controlar as emoções que querem se enfurecer. — Chloe?

— Ele me quer. Eu sei que é difícil de acreditar, mas isso é tudo. — Engolir dói minha garganta. Vou até a janela e olho para fora, desejando que ele estivesse voltando para casa depois da aula em vez de ir trabalhar. — Nada mais.

Sua respiração pesada é ouvida através da linha antes que ele diga:

— Você não entende que você é uma Fox por completo, o dinheiro, a reputação, as propriedades, o futuro? Se ele pega você, ele pega tudo.

Meus joelhos vacilam sob mim, então eu agarro o canto da parede e deslizo para sentar no chão, meu peito tão vazio quanto minhas pernas agora. Não tenho palavras nem explicações. Nada o fará entender como Joshua e eu nos sentimos um pelo outro. Ele nunca olhou para mim com cifrões nos olhos. Ele me vê no nascer do sol que um novo dia traz, esperança para o futuro e amor no presente.

— Você tem uma consulta — eu lembro, precisando terminar isso antes que ele me ouça chorar.

— Mantenha seus objetivos em foco — diz ele, seu tom calmo, mas firme. — A linha de chegada está à vista, Chloe.

— Ok. — É tudo o que posso reunir.

— Você está inscrita para outro teste prático quando estiver em casa nos feriados. Prepare-se para isso. Nos falamos em breve. — Ele desliga, deixando-me pendurada no silêncio.

Sento-me ali olhando para o telefone na minha mão por não sei quanto tempo, e começo a duvidar de mim e das minhas decisões. Eu não perdi meu objetivo, mas eu perdi minha rotina.

O estresse se aloja no meu peito antes do pôr do sol e permanece até que esteja escuro como breu no meu apartamento.

Talvez correr ajude a aliviá-lo. Isso é o que eu costumava fazer. Antes de Joshua. Trocando de roupa, aperto os cadarços e ligo a esteira. Parei de usá-la todos os dias e sei que vou ser punida por isso antes que esta sessão termine. Eu quero ser, no entanto. Eu quero alimentar o estresse dentro de mim a cada passo.

O primeiro quilômetro é difícil, o arrasto da correia sob meus pés é perceptível em comparação com a leveza de correr ao ar livre com Joshua nos fins de semana.

Um 0

Eu empurro por três quilômetros.

Um resultado ruim de prova.

Quatro quilômetros.

A derrota de decepcionar meu pai afunda.

Lágrimas se formam em meus olhos no quilômetro quatro, minhas falhas deslizando pelo meu rosto.

No quinto quilômetro, estou com raiva novamente.

De mim mesma.

De Joshua.

Do meu pai.

Com a maldita pressão que ele coloca em mim.

De tudo.

Estou perdendo minha vantagem, minha motivação. A parte superior da minha calça de treino cava na carne macia da minha cintura. Notas ruins *e* ganhei peso. Acho que notei que algumas peças estavam mais apertadas, mas achei que era inchaço, não ganho de peso. Não tenho certeza de quando isso aconteceu, mas tenho a sensação de que sei quando começou.

Eu não desisto. Eu corro mais rápido, me esforçando mais até meus pulmões queimarem e minha garganta ficar seca. Aperto o botão de parar antes de desmoronar. À beira de um colapso, saúdo a dor, a luta para controlar minha respiração e o vazio que sinto na minha barriga sabendo que estava tudo certo para alcançar uma meta novamente.

É assim que preciso enfrentar todos os obstáculos.

Embora eu tenha tentado chegar a um acordo com meu corpo em mudança e ficar feliz por queimar meus sentimentos, nada disso corrigiu minhas notas escorregadias ou me serviu bem na prova. Nem a raiva, mas ajudará a conduzi-la. Voltar aos meus velhos hábitos é a única maneira de salvar minha nota média.

Pouco depois das onze e meia, olho para o som da chave entrando na fechadura. Eu assisto enquanto Joshua se esgueira.

— Oi.

Quando ele me encontra no sofá, ele diz:

— Desculpe. Eu não queria te acordar.

Algo no ar entre nós mudou. Não tenho certeza se é meu humor, o telefonema ou a nota ruim, mas posso sentir isso se infiltrando em nosso espaço.

— Como foi o trabalho? — Eu observo enquanto ele coloca outra bolsa branca, assim como as outras que ele traz para casa depois de cada turno. A raiva contra ele oscila na minha língua, então eu a mordo.

Esfregando o rosto depois de trancar, ele responde:

— Longo. Por que você está aqui? Por que você ainda está acordada?

— Estudando.

Seus olhos permanecem fixos em mim por um longo momento. Tenho certeza de que ele está procurando a fonte da irritação que ouve na minha voz. O apartamento se tornou seu em todos os sentidos de como ele entra em sua rotina noturna. Pegando

um copo de água da torneira. Desembalando a bolsa. Ele se move como se fosse o dono do lugar. Segurando o que parece ser uma sopa, ele pergunta:

— Quer um pouco?

Eu não percebi que estava olhando através dele até que meus olhos começaram a queimar. Eu pisco rapidamente e volto para o 0 na minha redação virado para cima na mesa.

— Não.

— Você parece chateada.

— Você acha?

— Hum. — A curta reação me fez olhar para ele novamente. — Você comeu alguma coisa hoje à noite?

— Comida? É sobre isso que você está me perguntando?

Ele coloca o recipiente para baixo.

— Sim.

Eu estreito meus olhos, meu intestino torcendo.

— Comida. Comida. Comida. Isso é tudo com que você se importa? — Eu bato minha mão nos papéis, mas nenhuma satisfação é encontrada. Empurrando para cima, eu entro no quarto.

— O que há de errado, Chloe?

A raiva circula em espiral dentro de mim, me chicoteando.

— Você não pergunta sobre minhas notas. *Ou, ou, ou* meus planos.

A confusão percorre as linhas de sua testa enquanto suas sobrancelhas se juntam.

— Falamos sobre a escola. — Ele vem em minha direção, mas é inteligente o suficiente para manter alguma distância. — O tempo todo.

— Não o suficiente — eu respondo, revirando os olhos enquanto minhas mãos se plantam em meus quadris.

— Nós não falamos sobre isso o suficiente? Para quem? Você? Seu pai? Estudamos todas as noites.

— Não vire isso contra nós. Você é o culpado. — Desta vez, sua cabeça balança para trás. — Você me pegou de surpresa e...

— Porque nos conhecemos? — A confusão é apagada por uma brasa do meu fogo acendendo uma dentro de seus olhos.

— Sim. Eu tinha um plano...

— Você ainda tem isso, Chloe. — Ele pergunta: — Deixe-me adivinhar, você tirou uma nota ruim e está me culpando? Isso é ótimo. — Ele zomba. — Você está começando uma briga comigo para tirar a culpa de si mesma. — Seus braços se abrem. — Vá em frente, baby. Me acerte com o seu melhor.

A frustração estrangula meu raciocínio, e eu inclino meu queixo para cima, olhando para ele.

— Você acha que isso é sobre você?

— Eu não faço ideia sobre o que isso é. — Uma risada maçante segue, dando vida à sua raiva. — Mas você precisa jogar isso em alguém, então vá em frente. Estou bem aqui.

Puxando minhas mãos, a invasão de sua ira indesejável, e não haverá paz neste campo de batalha.

— Isso é irrelevante.

— O que isso significa, porra?— ele pergunta, me seguindo. — Com o que você está realmente brava?

De pé no banheiro, grito:

— Não xingue!

— Então não desconte seu mau humor em mim. Você está procurando uma briga e encontrou uma, mas estou cansado e quero ir para a cama. Se você não me quer aqui, então eu vou para a minha casa.

Um suspiro queima minha garganta.

— Então é assim? Você vai embora ao primeiro sinal de problema?

— Não há problema, Chloe. Só não sei por que diabos estamos brigando. Eu entrei e perguntei se você queria uma porra de sopa.

— Talvez seja o jeito que você estava me julgando em seu tom com seu *hum*.

— Meu *hum* estava julgando?

— É isso que eu quero dizer. Não consigo pensar logicamente perto de você.

— Eu também não consigo, mas estou bem com isso porque eu te amo, e não temos que fazer sentido aqui — diz ele, batendo na minha cabeça. — Porque aqui nós fazemos aqui. — Ele bate no meu peito. Suas palavras doces diminuem a tensão dentro de mim, mas quando ele se aproxima, ainda há mais briga correndo pelas minhas veias, então eu me afasto. — Me diz o que aconteceu. Coloque pra fora, baby.

— Toda essa comida que você está trazendo para casa está me engordando.

O silêncio preenche o espaço entre nós, e depois de um momento de nós olhando um para o outro, ele olha para baixo, esfregando a ponta do nariz. Quando ele finalmente ergue os olhos para mim, sua expressão não é tensa, mas paciente, o oposto do que eu espero de qualquer pessoa em sua posição. Ele lambe os lábios e diz:

— Você nunca falhou em nada, e aparentemente tirou uma nota ruim. Está ferrando com a sua cabeça. — Seu toque na minha bochecha é cauteloso enquanto ele diminui a distância. — Você não está gorda. Não coloque como você se vê em mim. Acho que você pode se dar ao luxo de comer sobremesa ou carboidratos ou o que

quiser no jantar, no almoço ou no café da manhã. Você precisa de novos olhos. Você está saudável.

Beijando minha mão, ele acrescenta:

— Você é inteligente. — Suas mãos deslizam sobre meus quadris. — Sexy. — Lábios no meu ouvido, ele sussurra — Carinhosa — suavizando minha postura. O arranhão de sua bochecha desalinhada contra minha pele sensível causa arrepios no topo dos meus braços enquanto eu tiro a armadura e abaixo minhas armas. — Você não precisa ser perfeita em tudo. Você já é perfeita para mim.

O furacão dentro de mim morre tão rápido quanto cresceu. Eu descanso minhas mãos em seu peito e finalmente olho em seus olhos, me sentindo um lixo por começar esta briga.

— Eu sinto muito.

— Você não precisa. Estamos no mesmo time. Então, da próxima vez, que tal falarmos sobre isso?

Deslizando meus braços ao redor dele, eu descanso minha cabeça em seu ombro. Eu me sinto péssima por tantas coisas hoje, mas por escolher essa briga com ele está no topo da lista. Inclinando a cabeça para o lado, ele levanta meu queixo com o dedo e depois beija meu lábio inferior trêmulo.

— Não chore. Eu não estou bravo.

— Tudo está limpo e organizado na minha vida — digo, fungando —, exceto você, mas quer saber? Eu não gostaria que fosse de outra maneira.

— Nós nunca jogamos pelas regras de outras pessoas. Eu gosto de nós como somos. Não vamos mudar por ninguém.

Meu corpo começa a derreter de quão bom esse homem é. Ele me ama, e eu o amo.

— Ok.

Esfregando o polegar na minha bochecha, ele pergunta:

— Me diga o que aconteceu hoje?

— Você estava certo. Tirei uma nota ruim e preciso estudar mais.

— Então vamos estudar mais.

Eu poderia continuar e contar a ele sobre meu pai, mas qual é o sentido de perturbá-lo mais do que eu já fiz. Teremos apenas que provar que nosso amor não vai arruinar meu plano, mas melhorar minha vida.

Abraço-o o máximo que posso, preciso senti-lo, sentir nossos corações batendo juntos mais uma vez.

— Obrigada.

— Estou sempre do seu lado. Não perca isso de vista, mesmo se você estiver com

raiva. — Pegando minha mão, ele beija cada junta antes de girá-la para dar um beijo no meu pulso. Com a cabeça baixa e os olhos fechados, seus lábios permanecem contra a pele macia e pálida. — Estive pensando em fazer uma tatuagem.

Eu não esperava essa admissão, mas encontro alívio com a mudança de assunto.

— Oh, sim? Que desenho?

— Uma âncora. É para você.

— Porque eu arrasto você para baixo? — Pode ter sido cedo demais para piadas, mas seu sorriso me tranquiliza. Nossos dedos caem juntos como laços.

— Você é minha salvação, Chloe.

Uma confissão tão direta pode intimidar alguns, mas eu me agarro a ela como uma tábua de salvação. Meu coração nunca está preparado para as coisas doces que esse homem me diz. Visões de uma âncora sobre ele fazem meu olhar rolar sobre sua pele.

— E você é minha esperança.

Fazer uma tatuagem já está passando pelos meus pensamentos.

— E se eu fizer uma também? — Algo totalmente para mim. Algo que ninguém pode tirar ou usar como vantagem contra mim. — Algo para nós — eu digo, olhando para nossas mãos unidas. — Duas metades de uma âncora na parte interna de nossos dedos, onde eles se tocam agora.

— Juntos, eles completam a imagem completa.

— Destino.

Meu pai estava errado.

Joshua está aqui para Chloe, *não* Chloe Grace Fox, me ajudando a descobrir quem eu sou enquanto complementa o sonho que sempre tive. Agora estou mais determinada do que nunca a realizar meu sonho com o apoio dele e colocando o trabalho de volta nos meus estudos. Por causa do desconhecido pela frente, e apesar da luta, ele me deu algo para me agarrar, *ele mesmo*. Eu sorrio, não nervosa ou assustada. *Excitada. Animada. Esperançosa.*

Acima de tudo, tenho certeza de uma coisa. Joshua é parte integrante do meu novo plano, e estou disposta a pintar minha pele por ele.

23

Joshua

No segundo em que a agulha toca sua pele, seu telefone vibra e o pânico entra em seus olhos enquanto ela olha para a tela.

— É meu pai. — Sua mão começa a tremer a ponto de o tatuador parar. Olhando para mim para aplacar seus medos, Chloe pergunta: — O que eu faço?

— O que você quer fazer?

— Não quero falar com ele agora.

— É o seu direito.

Ela deixa ir para o correio de voz com um sorriso indiferente. Chloe deixar de lado as coisas que a incomodam foi um grande passo para ela. Nossa briga abriu meus olhos para o estresse que ela guarda dentro de si. Isso abriu seus olhos para a ideia de que *encontrar equilíbrio* não é apenas uma frase, mas algo que ela precisa buscar. Temos estudado mais nas últimas semanas, definindo cronômetros e depois fazendo pausas merecidas, como esta para o estúdio de tatuagem.

A artista continua, mas menos de um minuto depois, ela limpa uma mancha de sangue e diz:

— Terminei.

— Isso foi rápido — diz ela. Eu a ajudo a se sentar, mas ela vai ser médica, então eu deveria saber que ela ficaria bem.

Segurar meu dedo no dela a faz sorrir.

— Sem arrependimentos?

— Nenhum mesmo.

Eu pago e quando saímos, pergunto:

— Você vai ligar de volta para o seu pai?

— Não. — Sua resposta soa tão definitiva, quase diferente dela, ou talvez este seja um novo lado dela. Quando entramos na caminhonete, ela acrescenta: — Não quero que você mude, Joshua.

Um pouco perdido por que esta conversa desviou, eu respondo:

— Não se preocupe. Eu sou teimoso.

O humor vem no caminho, e ela sorri.

— Quando você for a Newport para visitar, não seja alguém que você não é quando conhecer meu pai. Deixe-o ver quem você é comigo quando for a Newport. Ok?

— Bom ou ruim, baby, ainda serei eu em três semanas.

Ela se inclina e me dá um beijo.

— Ser você mesmo incrível vai conquistá-lo. É o bastante. Você é o suficiente.

Eu ligo a Blazer e olho para ela mais uma vez antes de sair.

— Eu vou fazer ele me amar pra caralho.

Rindo, ela passa os dedos pelos pêlos no meu peito.

— Isso é mais do que posso pedir.

Bryant e Todd não são os únicos que podem fazer pesquisas.

Eu tive seis dias sem Chloe e nenhuma pista até que nos separamos o quanto eu me tornei dependente dela. Não de um jeito maluco e negativo, mas senti falta da minha amiga. Senti falta da vida que construímos um com o outro, acordar com ela, beijá-la, fazer sexo com ela e adormecer com ela enrolada ao meu lado. Estudar e fazer a lição de casa não são minhas coisas favoritas, mas fazer isso com ela torna menos doloroso.

Sinto falta das conversas aleatórias que temos e de assistir filmes com ela. Cozinhar para ela é algo que estou ansioso para fazer. Os pratos mais simples sempre ganham elogios. Compromissos ou correr juntos, é tudo melhor porque estou com ela.

Com ela em Newport para o feriado, tive muito tempo em minhas mãos para me debruçar sobre os avisos que ela deu em relação ao pai. *Não seja alguém que você não é quando conhecer meu pai. Deixe-o ver quem você é...* Essas palavras ficaram comigo. Não gastei muito tempo pesquisando, mas fiz o suficiente para saber que Norman Fox, o pai dela, é exatamente como previsto, cirurgião cerebral, figurão no mundo da medicina, superstar em Newport e rico pra caralho. Chloe e Cat podem ter me recebido de braços abertos, mas tenho a sensação de que o Dr. Fox será outra história.

Norman Fox é movido pelo ego e pelo dinheiro. Suas expectativas são inatingíveis, mas todos têm que cumprir suas regras. Deus, ele me lembra tanto meu pai. Se há uma coisa que notei desde que conheci Chloe, é que ela começou a abrir as asas. Existe uma maneira de garantir que ele não a arraste de volta? Não vai ser fácil, mas farei o que puder para conquistá-lo se isso a mantiver voando.

Andando fora do aeroporto, o céu nublado torna fácil encontrar o único raio de sol de que preciso. Vestida com uma saia laranja e suéter branco com pequenos tênis brancos, ela abaixa o cartaz que está segurando para mim no momento em que cruzamos os olhos, e ela corre. Minha mala é esquecida quando pego minha garota, braços se abraçando e lábios se fechando.

Meu coração bate forte, ar fresco me revigorando, e a vida parece completa agora

que estou com Chloe novamente. Colocando-a no chão, olho em seus olhos brilhantes e sorrio porque estou com minha garota novamente.

— Eu senti tanto sua falta.

— Faz apenas uma semana.

— Eu nunca quero um minuto sem você nele. Feliz aniversário, baby.

Afundando contra mim com um sorriso doce que coloquei lá, ela inclina a cabeça em mim, os braços apertando, seu coração batendo selvagem. Quando ela dá um passo para trás, ela segura a placa na frente dela.

— Isso mesmo — eu digo e, em seguida, a beijo novamente.

Ela suga uma respiração, inclinando-se para trás com o cartaz de *Alma Gêmea* caindo no chão.

— Foi um beijo e tanto, Joshua.

— Como eu disse, eu senti sua falta.

— Eu também senti sua falta. — Agarrando o cartaz, ela então me puxa em direção ao veículo. — Preparado? Estamos ali.

Eu alcanço a mala, mas ela se foi, sendo carregada na parte de trás de um carro preto brilhante estacionado no meio-fio. O motorista está vestido com um terno encimado por um chapéu. Então é assim que a outra metade vive?

Pego minha carteira, mas ele levanta as mãos.

— Obrigado, mas nenhuma gorjeta é necessária, senhor.

— Sério?

Ele ri.

— Sério.

Eu aperto sua mão assim que Chloe chama da parte de trás do carro:

— Vamos, Joshua. — Voltando para a porta aberta, entro, sentando ao lado de Chloe. Mesmo nas sombras dos vidros escuros, ela brilha, linda em sua felicidade.

— Nunca fui apanhado no aeroporto antes. — Esfrego o couro macio do assento. — Eu posso me acostumar com isso.

Isso a faz rir, o som é música para meus ouvidos. Conversamos todos os dias, várias vezes ao dia durante o feriado de Ação de Graças, mas nada substitui estar com ela.

Ela desliza pelo assento, praticamente subindo no meu colo. Seus braços em volta do meu pescoço enquanto ela olha nos meus olhos. O brilho nos olhos dela reflete o amor nos meus.

— Você teve um bom voo?

— Eu tive. Obrigado pela passagem. — Uma parte de mim se sente envergonhado por ela ter comprado. A outra parte só quer ficar com ela, e se isso significa que ela me

compre uma passagem aérea, então eu aceito. — Você não precisava fazer isso.

— Você está aqui por mim. Esse é o melhor presente de aniversário que posso pedir.

— Como está a família?

— O Dia de Ação de Graças foi interessante. Meus pais ainda queriam ficar juntos por mim e, como você sabe, minha mãe nunca cozinhou um peru antes. Enviamos uma cesta de presente para sua mãe. Ela foi um salva-vidas e tão doce por nos guiar pela receita. — Ela ri para si mesma.

— Ouvi dizer que ficou ótimo.

— Foi tão bom. Meu pai não lhe deu nenhum crédito, mas isso é típico. Você teria ficado orgulhoso de mim por ajudar. Na verdade, foi meio divertido. — Olhando nos meus olhos, ela diz: — Aposto que sua refeição foi incrível.

— O restaurante fica sempre lotado no Dia de Ação de Graças, mas deu tudo certo. Nada como uma refeição caseira para servir a todos.

— Como está sua mãe?

— Toda envolvida com o professor.

Beijando meu queixo, ela sussurra:

— Eu entendo o sentimento.

Eu aperto meu abraço em volta de sua cintura e a beijo, profundamente, memorizando o formato de sua boca e a sensação de seus lábios, o que eu tolamente não fiz antes que ela partisse. Ela está sem fôlego quando as pontas de seus dedos tocam meus lábios.

— Você sentiu minha falta.

— Eu senti. Não vamos fazer isso de novo.

— Beijar? — ela pergunta, surpresa arregalando seus olhos.

— Não. Ficar longe um do outro.

Descansando a cabeça no meu ombro, ela pega minha mão na dela, nossas tatuagens pressionadas juntas quando cruzamos os dedos.

— Nunca.

Chloe deita de costas, me arrastando com ela pela frente da camisa.

— O que você está fazendo, garota sexy?

Seu cabelo está espalhado sobre o couro, a bainha de sua saia subindo pelas coxas para expor aquela pele que eu amo beijar. Eu estava duro de vê-la, mas porra, ela vai me deixar louco. Passando os dedos sob minha mandíbula, ela responde:

— Mostrando o quanto eu senti sua falta.

Seus lábios estão pressionados nos meus por um segundo quando eu me afasto apenas o suficiente para olhar para o motorista no banco da frente.

— Com uma plateia?

— Não se preocupe com Kenneth. Ele é pago por sua discrição.

Discrição é uma palavra tão suja. *Ele é pago para ficar quieto?*

É difícil se importar com ele quando esta linda criatura está me beijando não tão discretamente. *Foda-se.* Não vou deixar ninguém me impedir de me reconectar com minha garota. Nem esse cara e nem o pai dela.

Pressionando minhas mãos no assento de cada lado de sua cabeça, eu a beijo como faria se estivéssemos em casa no sofá, apreciando as curvas de seus lábios se moldando aos meus e a maneira como suas mãos tateiam sob minha camisa como se ela não tivesse um autocontrole. Nós dois somos culpados.

— Faz muito tempo desde que eu estive dentro de você — eu sussurro, mergulhando em seu pescoço e reprimindo o desejo que tenho de marcá-la para todos verem. Especialmente o cara no banco da frente que parece estar nos dando privacidade como ela disse.

Estou tão preso nela, perdendo a noção dos quilómetros percorridos e o tempo que passou. Uma semana é muito tempo para não senti-la se movendo debaixo de mim, como ela está agora, seu corpo implorando pelo meu. Enquanto estou memorizando o interior de sua boca, traçando as linhas, ouço uma garganta limpar, e o carro de repente para abruptamente.

A porta é aberta antes que eu possa me levantar.

— Papai! — Chloe se esforça para se sentar enquanto eu agarro sua mão para puxá-la para cima comigo. Nós nos movemos rapidamente, mas é tarde demais para desfazer o dano.

Porra.

— Saia do carro, Chloe — diz ele, sua voz severa e olhar inflexível em mim.

Balançando as pernas para fora, ela endireita a saia e puxa o suéter enquanto pega a mão dele.

Eu tremo. Esta não era a primeira impressão que eu queria. Nem um pouco. Sim, eu realmente fodi tudo isso. Quando começo a sair, ele permanece, impondo seu corpo alto quando nos encontramos cara a cara. Ele não é mais alto, mas ele se sustenta, lembrando-me brevemente do meu próprio pai. Novamente.

— É bom conhecê-lo, senhor...

— *Doutor*. Dr. Fox.

— Sim. Minhas desculpas, senhor. — Já que ele é inabalável, eu me movo ao redor dele, esperando colocar esse desastre de trem de volta nos trilhos. — É um prazer conhecê-lo, Dr. Fox. Chloe me contou muito sobre você. É ótimo conhecer alguém da sua estima. — Eu vejo mais de Chloe em Cat com seus olhos verdes combinando e

altura do que seu pai.

O cabelo grisalho que cobre suas costeletas se mistura a uma cabeça bastante cheia de cabelos castanhos. Eu estou assumindo um corredor casual por sua construção. Apto, mas não excessivamente. Os antebraços bronzeados e as mãos pálidas de usar luvas podem me fazer apostar que ele também é um jogador de golfe.

— Como o quê? — ele pergunta, finalmente apertando minha mão.

— O que? — Meus olhos correm para Chloe em busca de ajuda.

— O que minha filha te contou sobre mim?

Envolvendo o braço ao redor dele, ela o vira em direção à casa.

— Eu estava contando a Joshua como você pescou um peixe-espada no verão passado nas Bermudas.

— Era um Blue Marlin — ele corrige, olhando para mim antes de subir os degraus.

Eu expiro, balançando a cabeça enquanto estou na frente da grande mansão. Minha boca se abre quando percebo que estou tão fora do meu alcance, mais do que pensei inicialmente.

— Puta merda.

O motorista diz:

— Sim. É uma casa e tanto. — Eu olho para ele, e ele esfrega os dedos. — Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro.

Ao olhar para esta propriedade, eu concordo. E eu aqui pensando que meu pai era rico.

Chloe me chama:

— Vamos, Joshua.

— Se cuida, cara.

Ele se encosta no carro.

— Boa sorte.

Pego a mala e subo os degraus para alcançá-los. Seu pai pergunta:

— Você pesca, Joshua?

— É Josh.

Lançando um olhar irritado para Chloe, ele volta seu olhar para mim com curiosidade.

— Então por que Chloe te chama de Joshua?

— É uma história engraçada. — Eu sorrio porque Chloe mal consegue conter a risada. — Ela pensou que esse era o meu nome porque...

— Não é? — ele pergunta, nem um pouco divertido.

— Não, é. — Desistindo de explicar isso, eu digo: — Você pode me chamar de

Josh ou Joshua. E sim, eu pesco. Temos um grande lago, bem, não um dos *Grandes* Lagos, já que é Connecticut, mas é um lago de pesca muito bom fora da cidade. Robalo, carpa, peixe-gato, perca amarela são os mais comuns capturados.

Nós o seguimos para dentro. Inclinando-me na direção de Chloe, sussurro:

— Estou fodendo muito com tudo.

Ela balança a cabeça e esfrega meu ombro.

— Você está indo bem — ela sussurra.

Eu paro na entrada da sala de estar, colocando minha mala no chão enquanto eles entram no maior cômodo que eu já vi em uma casa. O oceano é definido em um vasto gramado como pano de fundo. Uau. Este lugar é incrível.

Esta casa me faz sentir pequeno e insignificante, como a casa do meu pai nos Hamptons. Eu me pergunto como isso faz Chloe se sentir. Seu pai para em frente a uma das janelas e diz:

— Ainda não tivemos neve. É imprevisível nesta época do ano, embora eu suspeite que não teremos nenhuma enquanto você estiver visitando.

— Tudo bem — eu digo, e então limpo minha garganta na tentativa de sufocar a sensação de estar aqui, provocando inseguranças que meu pai incutiu. Serei suficiente para qualquer um deles? — Temos nossa parte em New Haven.

— Sim, eu lembro. Preciso voltar ao trabalho. — Virando-se para a filha, ele diz: — Você vai mostrar a casa ao nosso convidado?

— Sim — ela responde, voltando para mim.

Virando-se para mim, ele aperta minha mão novamente.

— Eu espero que você aproveite a sua estadia. O nascimento da minha filha sempre merece uma comemoração. Ela vai se tornar uma cirurgiã incrível um dia e salvar muitas vidas.

O rosto de Chloe é o de mais indiferença. Para mim, a decepção sombreia os centros dourados.

— Obrigado pelo convite.

Quando ele desaparece em um corredor com painéis de madeira escura, Chloe se move na direção oposta.

— Eu vou te mostrar o seu quarto. — Ela gira em torno do corrimão e começa a subir as escadas.

— Chloe?

Ela se vira, olhando para mim com a grade entre nós.

— Sim?

Cobrindo suas mãos na madeira, pergunto:

— Você está bem?

— Estou bem — ela responde, estampando um sorriso que imagino que visita esta casa regularmente.

Subindo as escadas, paro dois degraus abaixo dela.

— Não importa o que ele diga. Você também salvará vidas trabalhando no pronto-socorro. Não se trata de fama para você, mas da capacidade de servir. — Eu dou outro passo, então deslizo minhas mãos ao redor de sua cintura. — E embora seja só eu, e não tenho certeza se isso tem peso para o seu pai, mas acho que você já é incrível.

Ela segura meu rosto e me beija.

— Obrigada. — Seus olhos brilham novamente, e meu trabalho aqui está feito. — Vamos. Você vai adorar este quarto.

— Por que?

Ela corre como uma criança no Natal correndo para os presentes, e eu sou o presente no topo de sua lista de desejos.

— Porque eu estarei lá nua.

— Nua, é? Estou dentro. — Pego minha mala e corro atrás dela. Eu faço um tour rápido pela localização de sua porta antes que ela saia novamente. Eu a encontro deitada na cama no último quarto à direita. Uma raposa sexy procurando fazer mais do que quebrar algumas regras.

— Feche a porta e tranque — diz ela.

Fazendo o que me disseram, então ando até a beirada da cama king-size. Mesmo um suéter volumoso não impede os pensamentos sujos que estou tendo sobre ela ou o desejo de lamber a curva onde sua cintura encontra seus quadris logo abaixo da bainha.

— Me seduzindo com seu papai lá embaixo, senhorita Fox? Você é uma garota muito má.

Tirando o suéter, ela o joga, batendo no meu rosto, e então enfia a mão no bolso e joga dois preservativos na cama na minha frente.

— Grandes planos, cowgirl?

Aproximando-se, ela se esfrega contra minha ereção crescente.

— É bem grande. — Eu sou empurrado para trás, e ela sobe, montando em mim. A ponta de seu dedo desce pela ponte do meu nariz e depois para no centro da minha boca. — Você acha que podemos manter nossas vozes baixas?

— Nós podemos tentar.

Ela desliza para fora da cama, e sua saia desce, assim como o resto de suas roupas. As minhas são arrancadas logo em seguida. Quando a camisinha é jogada na minha barriga em uma sugestão não tão sutil, fico feliz em obedecer, já tão pronto para ela, e

coloco-a. Sentando-se, ela arrasta a língua sobre o lábio inferior sexy e, em seguida, esfrega as mãos sobre seus seios fantásticos, provocando a mim e a si mesma. É uma visão gloriosamente sexy de se ver.

Posicionada sobre mim, ela trava os olhos nos meus com as palmas das mãos pressionadas no meu peito, deslizando lentamente pelo meu comprimento. Mas a sensação domina, fazendo com que sua cabeça caia para trás e sua boca se abra. Eu entendo porque meus olhos se fecham, e eu saboreio a sensação dela me montando.

Envolvendo meus braços ao redor dela, eu me sento enquanto ela se move em seu próprio ritmo em cima de mim. Ela acaricia meu rosto, deixando escapar pequenos gemidos junto com respirações contra minha pele. Eu aprendi seus desejos e necessidades. Ela gosta de contato visual no início e, em seguida, um pequeno puxão de cabelo que expõe seu pescoço. Seu desejo me faz desejar mais.

Levando-me mais fundo, ela levanta e abaixa, seus dedos torcendo o meu cabelo. Eu agarro a parte de trás de sua cabeça e trago sua boca para a minha, nossas línguas provando o prazer que cada um oferece.

— Joshua — ela geme à beira do êxtase. Deslizo minha mão entre nós e circulo seu clitóris enquanto beijo seu pescoço. Uma respiração dura é tomada antes que seu corpo comece a tremer com meu nome em seus lábios. — Eu te amo. — Sem fôlego, ela cai logo em seguida.

Deitamos juntos debaixo das cobertas, olhando pelas janelas pitorescas. Um brilho de suor nos cobre apesar do tempo ficar tempestuoso do outro lado do vidro.

— Eu provavelmente deveria sair antes que alguém perceba. — Virando-se para olhar para mim, ela diz: — Mas você torna difícil sair desta cama.

— Bom. — Eu a seguro com mais força, não estou pronto para ela ir. — Fica. Podemos tirar uma soneca.

Ela se mexe, empurrando-se para descansar em seus cotovelos.

— Eu preciso tomar banho e me encontrar com minha mãe. Ela deveria estar em casa, e eu estou ajudando com a preparação final da festa. — Apontando para o banheiro, ela acrescenta: — Eu tenho algo para você esta noite.

— Você tem algo *para mim* no seu aniversário? Eu acho que você está confusa sobre como isso funciona — eu digo através de uma risada.

— Bem, você mal me deixou comemorar o seu e se recusou a me deixar te dar qualquer coisa.

Balançando minhas sobrancelhas, eu sorrio.

— Eu ganhei algo muito bom, melhor do que qualquer presente que você possa comprar.

— Se você considera sexo um presente, então estou feliz em mimá-lo. Quanto ao

do banheiro, espero que goste mesmo assim. — Sob uma risada musical, ela sorri e depois me beija no peito antes de sair da cama. — Bata na minha porta às seis, e podemos ir à festa juntos.

— Por que isso de repente parece um evento maior do que eu pensava?

— Você conheceu minha mãe. Ela não faz nada discreto.

Ela veste a saia e depois o suéter.

— Alguns balões e um bolo e bum, você tem uma festa. — Começo a descansar os olhos, mas então percebo a dica, sentando-me abruptamente. — Espere, isso é uma grande festa ou uma reunião normal para sua família?

Carregando seu sutiã e calcinha em direção à porta, ela ri.

— Esta é uma festa dos Fox.

Eu não tenho certeza do que isso significa, mas estando perto de garotos ricos o suficiente em Yale, eu estou imaginando que esta não será uma festa comum.

24

Chloe

— O amor combina com você, Chloe.

Eu olho para minha mãe enquanto ela arruma as flores em um grande vaso na ilha da cozinha. Não sei como ela conseguiu encontrar peônias em novembro, mas o vaso está cheio da minha flor favorita em vários tons de rosa. À menção de amor, tenho a sensação de que minhas bochechas combinam com as flores mais escuras.

— Os últimos dois meses foram um turbilhão — eu admito, movendo-me ao lado dela, longe dos fornecedores. Parece natural vê-la trabalhando na ilha, mas então me lembro que ela tem uma nova vida, completamente o oposto desta, correndo paralelamente em Nova York. Foi bom tê-la aqui para mim, mas espero que ela esteja feliz. — Você acha que eu sou muito jovem para estar tão apaixonada?

— Você acha? — Assim que ela me vê mordendo meu lábio inferior, ela diz: — Pegue um casaco. Vamos dar um passeio no gramado como costumávamos fazer.

Depois de vestirmos nossos casacos, saímos para a varanda e descemos os degraus. Depois de tomar o ar fresco, ela sorri para mim.

— Sinto falta do cheiro do oceano, mas gosto da vibração da cidade.

— Estou feliz que você encontrou um lugar que se sente em casa.

— Você é minha casa, Chloe. — Começamos a caminhar em direção ao extremo e ela pergunta: — Como você se sente sobre o relacionamento?

— Não me arrependo de um segundo que passei com Joshua, mas depois de sua visita, comecei a me preocupar em ir para a faculdade de medicina. Acho que ele ainda não tem certeza do que vai fazer depois da formatura. Ele provavelmente viria para a cidade comigo, mas eu sei que ele nunca me pediria para ficar. Ele nos sacrificaria se isso me beneficiasse.

— Isso é nobre.

— Eu acho isso de partir o coração, na verdade. — Eu quero ver o bem no gesto, mas a dor penetra apenas com o pensamento.

— Porque você tem medo de perdê-lo?

Eu aceno, não querendo expressar o pensamento em voz alta. Não sou supersticiosa, mas não estou disposta a divulgar isso ao universo.

— Mas também não quero me perder.

Ela diz:

— Parece que você está no mesmo nível, tentando equilibrar essa mudança em

seus planos. Equilíbrio.— Me cutucando, ela sorri suavemente. — Não há nada mais que eu desejaria para você em um relacionamento do que alguém que te trata como igual ou melhor. É algo que eu nunca tive, então se você está comparando nosso relacionamento com o seu por causa das idades semelhantes em que ficamos juntos, apague esse pensamento.

— Mas você se apaixonou por ele...

— Aos dezessete. Com a sua idade, estávamos casados. Nunca culpei seu pai por minhas escolhas. Eu o culpava pelo fim do nosso casamento. Ele me disse para viver a vida antes de me estabelecer. Ele queria que eu experimentasse o namoro e desenvolvesse amizades fora dele, mas eu simplesmente não dei ouvidos. Eu era jovem e ingênua. — Paramos na beira onde a grama encontra a praia. — Você é mais inteligente do que eu.

— Não sei como navegar pelos sonhos que tenho e pelo relacionamento que quero. A formatura estará aqui antes que percebamos, e eu não gosto do desconhecido.

— Você nunca gostou. Se você pudesse controlar seu mundo inteiro, você o faria, mas isso não deixa muito espaço para descoberta. Ou amor. Ou Josh. — Olhando através do que parece ser o oceano inteiro e um milhão de memórias, ela acrescenta: — Ele é seu primeiro amor. — Virando-se para mim, ela pega minha mão. — Ele pode não ser seu último, mas você não pode viver com medo disso. Você não deve questionar o que parece certo. Apenas experimente pelo que é, de todo o coração.

Quando nós duas morávamos aqui, não éramos assim. Eu estava sempre estudando, e minha mãe estava... movendo-se pela vida sem nenhuma faísca real em seus olhos. Essa nuvem escura se dissipou desde o divórcio. Ela assume a responsabilidade, mas também culpo meu pai por abandoná-la e o casamento deles. Sim, ele proveu *financeiramente* para nós duas. Mas minha mãe é vibrante, romântica e apaixonada por experimentar a vida ao máximo.

E por causa de quão aberta ela está agora, ela se tornou alguém em quem confio. Eu sei que ela quer o melhor para mim profissionalmente e pessoalmente, não apenas como minha mãe, mas também como minha amiga. Continuando, ela acrescenta:

— Eu disse que o amor combina com você, mas talvez seja a felicidade que brilha em seus olhos. Eu nunca vi você parecer mais bonita do que ver você se tornar a mulher que você ama. Seja sozinha ou com ele, ame a vida em que você está.

Isso faz. Agora estou oficialmente piegas. Com lágrimas brotando em meus olhos, eu a abraço, descansando minha cabeça em seu ombro.

— Obrigada.

— Feliz aniversário, docinho.

— Obrigado, mãe.

Voltando juntas, voltamos para a casa antes que o frio atinja nossos ossos. Logo na porta, dou-lhe mais um abraço.

— Significa muito para mim saber que você está do meu lado.

— Sempre. — Afastando-me, ela diz: — Melhor se preparar. A convidada de honra não pode se atrasar para sua própria festa.

— Achei que estava na moda chegar atrasada aos eventos? — Eu provoco.

— Não, apenas má etiqueta. — Ela sorri, mas eu sei que no fundo ela acredita nisso. Mesmo que ela esteja fazendo uma nova vida para si mesma, algumas coisas nunca vão mudar. Ela sempre erra do lado da propriedade.

— Já estou indo. — Corro pelas escadas tentada a continuar indo para o outro lado do corredor, mas também não quero acordá-lo. Joshua vai precisar de energia para a longa noite na cama que planejei depois desse baile.

— Estou tão atrasada — murmuro duas horas depois, enfiando a haste do brinco na minha orelha. Eu aparafuso a parte de trás e adiciono o outro. Dando uma última olhada, eu toco as pontas do meu cabelo, amando como o estilista me deu ondas suaves do velho glamour de Hollywood de um lado e prendeu o outro com grampos de cabelo incrustados de cristal.

É um visual diferente para mim, mas só faço vinte e um uma vez, e minha mãe estava certa. Pareço uma estrela no tapete vermelho neste vestido que ela encontrou para mim na cidade.

Não é decotado na frente e na verdade esconde todo o meu decote, mas o vestido foi feito para uma ocasião especial. As tiras de espaguete que passam pelos meus ombros se cruzam até que o tecido recomeça logo acima das covinhas da parte inferior das minhas costas. O tecido é fluido e a cor sonhadora em um rico roxo. Não tenho certeza de como meu pai vai se sentir sobre isso, mas me sinto incrível.

Os brincos de um quilate em cada orelha adicionam brilho suficiente para não competir com os lindos sapatos prateados cobertos com cristais Swarovski. O olho esfumaçado faz o verde dos meus olhos saltar e, enquanto corro a mão pela frente do meu corpo, nunca me senti mais sexy ou mais crescida.

Uma batida na porta puxa minha atenção do espelho.

— Chloe, você está aí?

— Sim, estou saindo. — Abro a porta animada para vê-lo, mas suspiro quando o faço.

Joshua Evans é muitas coisas, incluindo bonito, inteligente, charmoso e, oh, tão

doce para mim. Mas santo inferno, eu não estava esperando isso. Seu queixo está inclinado para baixo, uma faísca tímida em seus olhos enquanto ele olha para mim.

— Uau — diz ele, passando a mão na parte de trás de seu cabelo penteado para trás enquanto seu olhar varre sobre mim. — Você está... — Ele soa engasgado quando diz: — Você está linda, Chloe.

— Obrigada. — Agora sou eu quem se sente tímida, não só pelo elogio, mas por ele ficar tão incrível de terno. Eu beijo seus lábios deliciosos e, em seguida, ajusto o nó de sua gravata. — Você parece muito afável.

Ele me aproxima sob sua admiração.

— Como vou manter minhas mãos longe de você?

— Você não precisa. Você é meu namorado. Vantagens do trabalho.

O calor penetrando de suas mãos grandes pode ser sentido através da seda fina acariciando minhas costelas enquanto ele me abraça.

— Eu gosto das vantagens do trabalho quando se trata de você. — Mergulhando a cabeça, ele beija meu pescoço. — Eu poderia devorar você. Você está tão linda.

— Vou aceitar essa oferta mais tarde.

Levantando a cabeça, ele ri.

— Você é travessa em Newport, senhorita Fox.

— Graças a você, também sou travessa em New Haven.

— Isso é verdade.

— De qualquer forma, é meu aniversário. Eu posso ser indecente se eu quiser — eu canto. Eu agarro sua bunda, mantendo-o pressionado contra mim. Meu corpo anseia por ele tanto quanto meu coração. Ele foi a chave para me despertar, me mostrando o mundo através de novos olhos. Eu nunca quero voltar à vida antes dele. — Eu também estou completamente apaixonada por você, Sr. Evans.

— Palavras tão doces de uma boca sexy. — Nós nos beijamos, e então ele sussurra: — Ninguém nunca te disse que é perigoso usar seu coração na manga?

— Sim, você, mas ainda não consigo resistir a você, então estou jogando a cautela ao vento e escolhendo você de qualquer maneira.

— Eu gosto que você me escolha. — Nossos dedos podem ter curado, mas a conexão acende em minhas veias quando nossas mãos se unem e nossos lábios se encontram. Como nossos corações, nos tornamos um novamente.

— Você está pronto?

Seu cotovelo sai quando ele se move para a porta.

— Nasci para isso.

Você pode ouvir a festa em pleno andamento, conversas, risos, copos de cristal tilintando, antes de chegarmos ao topo da escada. Tomando nosso tempo, descemos,

o tecido leve como uma pluma flutuando atrás de mim. Eu o paro quando ele está um passo abaixo, ainda escondido dos convidados, e digo:

— Eu te amo, Joshua.

Eu sei que ele pode ouvir a preocupação em meu tom em como ele está procurando em meus olhos o significado oculto. A tranquilidade entra no dele, e ele diz:

— Eu também te amo, aniversariante.

— Maior que o céu.

Beijando-me novamente, ele sussurra:

— Maior que o universo. — Meu coração começa a acelerar, mas não tenho certeza do porquê. Eu odeio ser o centro das atenções, mas não parece esse tipo de pavor. Atravessando o mármore preto e branco, sinto uma sensação desconcertante passar por mim. — Aqui vai nada.

A sala irrompe em aplausos quando nos vê. Eu gostaria de dizer que estou surpresa que toda a cidade de Newport parece estar aqui, mas esta festa é padrão para os Fox. Encontro confiança no braço de Joshua, permitindo-me aproveitar o momento em vez de me esconder dele.

Ele pergunta:

— Pronta para sua primeira bebida? — O sarcasmo se infiltra enquanto ele pisca.

— Sim, estou tão curiosa sobre o que é esse álcool que você fala — brinco, mas consigo uma cara séria. Um garçom tem um timing impecável e passa com duas taças de champanhe.

Batendo-as juntas, Joshua diz:

— Feliz aniversário, baby.

— Eu vou beber a isso. — Tomo um gole e olho para as lindas flores que adornam os vasos ao redor da sala e os candelabros dourados pingando cristais. — É tão lindo que me sinto uma princesa.

— Nenhuma despesa foi poupada.

— É estranho que eu sinta que esperei minha vida inteira por esse dia?

— Cuidado com o que você deseja. Ser adulto não é tudo o que dizem ser. — Ele me cutuca de brincadeira nas costelas, me fazendo rir.

— Deveria ser arco-íris e corações, noites selvagens e dias cheios de aventura. Não estrague a ilusão antes que a festa acabe. — Agarro sua mão e começamos a atravessar a grande sala em direção aos meus pais. — Me dê uma noite para acreditar que o resto de nossas vidas será cheia de belas festas. Eu de vestido bonito e você de terno.

— Eu vou te dar tudo o que você sempre sonhou. — Quando olho em seus olhos, acredito nele. Ele faria isso por mim. Ele faria qualquer coisa por mim como eu faria

por ele. Ele puxa a lapela. — Eu não te agradeci por isso.

Todas as pessoas nesta sala poderiam desaparecer, e eu ficaria contente nos braços desse homem. Ele é um sonho tornado realidade que eu nunca soube que precisava. Agora não consigo imaginar a vida sem ele.

— Você não precisa. — Quando começo a andar de novo, minha mão está paralisada, fazendo com que eu volte.

— Eu sei que você não espera que eu faça isso, mas eu quero. Obrigado.

Apesar dos simpatizantes disputarem minha atenção, eu volto para ele.

— De nada. — Apertando sua mão, acrescento: — Agora pare de mexer com sua gravata e vamos nos divertir.

— Sim, senhora.

— É sexy quando você se torna um cavalheiro sulista comigo. — No momento em que as palavras saem da minha boca, percebo como o armei. — Não diga uma palavra.

Com as mãos para cima em rendição, ele responde:

— Eu não ia. — Mas então ele passa uma em meu cabelo, causando arrepios na minha espinha, e ri. — Mas agora eu vou. Estou mais do que feliz em estar com você, no sul ou no norte, na costa leste ou oeste.

Reviro os olhos, embora não admita que minha mente esteja lembrando alegremente do nosso tempo na cama mais cedo hoje. Mas sim, este não é o momento nem o lugar para essas memórias deliciosas.

Colocando nossas taças em uma bandeja de passagem, alcançamos meus pais. Saúdo meu pai com um beijo na bochecha. O gelo em seu copo ressoa contra as paredes de cristal, o líquido âmbar praticamente se foi.

— É um vestido e tanto — diz ele, a desaprovação ainda conseguindo romper o tom monótono.

Eu olho para baixo, pega de volta por seu flagrante desrespeito pelos meus sentimentos. Embora talvez eu não devesse estar mais. Joshua segura minha mão, me dando força. Eu recupero o fôlego e mantenho minha posição.

— Eu amo este vestido.

— Eu acho que você está linda, Chloe — minha mãe se empolga, sua doce admiração mal contida. — Feliz aniversário.

— Obrigada, mãe.

Meu pai termina sua bebida e diz:

— Você não deveria encorajá-la a se vestir escassamente. Ela vai ser uma médica, pelo amor de Deus.

— Pai, pare. — Ele não apenas plantou as sementes das minhas inseguranças, mas

as regou diariamente, incentivando-as a crescer. Deus, eu superei isso. Eu nunca vou ganhar com ele. — É meu aniversário. Um dia por ano. Deixe-me aproveitar.

Minha mãe acena para ele e depois me abraça.

— Ignore o Sr. Zangado e tente se divertir. — Vindo ao meu redor, ela abraça Joshua. — Você parece muito elegante, Josh. — Ele volta para o meu lado, deslizando o braço em volta da minha cintura enquanto ela acrescenta: — Vocês dois formam um casal tão bonito.

Joshua diz:

— Obrigado, Cat.

Mas meu pai interrompe:

— Srta. Fox.

— Pai — eu aviso, surpresa com seu comportamento exigente. — Joshua é um convidado.

— Respeito deve ser dado aos seus anfitriões — ele reclama.

Minha mãe retruca:

— Calma, Norm. Eu pedi para ele me chamar de Cat.

Cobrindo a mão de Joshua com a minha, eu a seguro exatamente onde está pressionada na minha pele. A partida de tênis verbal entre meus pais é algo que eu nunca quero com meu parceiro. Olho para Joshua. Seus lábios estão apertados até que ele me vê e então um pequeno sorriso aparece. Seus dedos acariciam com uma pressão suave, e algo me diz que nunca seremos como eles.

Mais resmungos do meu pai são apimentados, e então ele pergunta:

— O que é esse negócio de Cat, afinal?

Imitando meu revirar de olhos anterior, minha mãe diz:

— Eu preciso de champanhe. Eu não posso com você.

— Não pode *o que* comigo?

Ela se vira para sair, mas volta cheia de fogo.

— Eu juro que você é um dinossauro. — Não só é engraçado, mas eu gosto da coragem dela. Defender-se é algo que ela não fez quando eles se casaram. É uma boa mudança.

Eu afasto Joshua, usando suas brigas como uma fuga. Enquanto caminhamos para o bar, o ar perfumado chega ao meu nariz, flores e velas misturando-se pela sala. Examinando a festa, vejo muitos rostos amigáveis, mas não *meus* amigos.

Lendo minha mente, Joshua pergunta:

— Ruby está vindo?

— Ela está presa em Manhattan.

Os colegas do papai e a realeza de Newport não são minha ideia de diversão.

— Acho que parte dessa multidão veio no *Titanic*.

Estou começando a perceber que esta foi uma ocasião para meu pai, que insistiu no grande evento, se acotovelar com os ricos de Rhode Island. Sempre fui a filha perfeita, uma excelente aluna e bem ensaiada em meu papel como legado do Dr. Fox.

Que se dane suas expectativas. É hora de sair das sombras do famoso neurocirurgião e ser uma mulher de minha própria autoria. Hoje não é apenas um dia para comemorar meu nascimento, mas meu renascimento.

25

Joshua

Às vezes, beber seus problemas é a melhor coisa a fazer. Não é o conselho mais sábio para o fígado a longo prazo, mas uma garrafa de qualquer coisa que eu pudesse colocar em minhas mãos me ajudou a passar por alguns momentos difíceis.

Então julgar Chloe por querer fazer o mesmo não é algo que eu possa fazer.

— Por que você não bebe comigo? — Ela pergunta, seu pescoço de cisne em plena exibição enquanto sua cabeça se inclina para trás, seu corpo solto por causa de muitos cosmopolitans.

Esta minha gravata com a qual ela se importava tanto cerca de uma hora atrás está atualmente enrolada em seu pulso e enrolada em seus dedos enquanto ela me segura perto.

— Uma dose, Joshy. Por mim. É meu aniversário.

Joshy? Como ela está tão bêbada? Eu sorrio porque ela também é adorável.

Ela pega uma dose do bar e me entrega, e depois pega a outra.

— Para...

— Para você — eu digo, brindando nossos copos juntos. Nós dois bebemos o líquido âmbar sem muito cuidado, a canela não é minha favorita, mas uísque é uísque e desce suave. Talvez não tão suave para ela, a julgar pela cara que ela está fazendo. Então o mistério desvenda.

— Você comeu hoje?

— Sem tempo. — E ela se pergunta por que eu pergunto...

Devolvendo os copos ao bar, ela gira, segurando sua saia. Revelar suas pernas sensuais é um efeito colateral feliz.

— Eu tinha que ficar bonita para você.— Um lábio inferior carnudo se destaca. — Você acha que eu sou bonita?

— Você é sempre linda para mim, baby. — Beijando aquele lábio, acrescento: — Mas você precisa de comida.

— Chloe? — Seu nome é seguido por um grito de proporções de aniversário.

Jogando as mãos para o ar ao ver Ruby correndo pela multidão, Chloe grita de emoção. Eles se abraçam, girando em um círculo. Aproveito a oportunidade para me esgueirar atrás dela para dizer ao barman:

— Faça as bebidas dela um pouco mais fracas, ou vamos limpá-la do chão.

— Vou fazer — ele responde, me entendendo.

— O que você está fazendo aqui? — Chloe pergunta a Ruby.

— Eu não perderia o seu grande dia. — Dando um passo para trás para dar uma boa olhada em sua amiga, Ruby exclama: — Caramba, mulher. Você é uma rainha arrasando neste aniversário. É melhor este vestido voltar para New Haven com você. Vou encontrar uma festa só para poder usá-lo. — Ruby bate em mim. — Sua garota ficou bem.

Sorrindo com orgulho, sei que Chloe não precisa de vestidos extravagantes. Eu a amo, não importa o que ela veste. É a garota dentro da roupa que me conquistou.

— Ela ficou.

Com um abraço de lado, Ruby e eu nos abraçamos.

— Bom te ver.

Ela sorri.

— Você também, garanhão.

Fico feliz em ficar para trás e deixar as amigas se atualizarem. Assim que tomo uma bebida, esbarram no meu ombro. Normalmente, isso não me incomodaria. Afinal, é uma grande festa.

Mas desta vez, sim.

Passando por mim, Trevor pressiona toda a mão nas costas nuas de Chloe como se tivesse esse direito. Ele tem sorte que eu não dou um soco nele. Felizmente para ele, eu não preciso. Ela é rápida para se esquivar de seu toque e se agarrar a mim.

— Eu não sabia que você estava aqui.

A saudação fria é soco suficiente para mim.

A rejeição não cai bem, a julgar pela ira em seus olhos.

— Eu vim para lhe desejar um feliz aniversário — diz ele, me ignorando.

— Obrigada — ela responde mais cordialmente do que eu seria.

— Eu estava na cidade no Dia de Ação de Graças e meus pais estão aqui, então eu vim.

Afastando-nos dele, estou gostando da sua atitude de não dar a mínima.

— Obrigada por ter vindo. Divirta-se.

A determinação entra em seus olhos, e ele diz:

— Alguns membros da turma estão na varanda. Eles estão procurando por você.

— Estou aqui no mesmo lugar há uma hora. — Seu tom é firme, mas posso ver como seus ombros começaram a cair. Eu alcanço e envolvo meus dedos ao redor dos dela.

Ele continua:

— Bem, você sabe como eles odeiam sair para essas coisas. — Um olhar para ela e qualquer um que a conhece pode dizer que ela está ferida.

Estou prestes a intervir para acabar com isso, meu coração doendo por ela e com raiva por ele estar tão cego para como ela está se sentindo, mas ela diz:

— Você se lembra do meu aniversário de dezesseis anos, Trevor?

Ele pelo menos lhe dá a cortesia de fingir que tenta se lembrar.

— Não.

— Tudo bem. Eu faço. Você e a *turma* passaram por aqui. — Ele realmente parece satisfeito consigo mesmo, como se tivesse feito um favor a ela. — Fui dizer aos fornecedores que precisávamos de mais comida e, quando voltei para a casa da piscina, todos tinham ido embora.

Seu sorriso presunçoso cai. *Bom.*

Ele diz:

— Tenho certeza que pensamos...

— Não — diz ela, levantando a mão. — Eu não estou tentando fazer você se sentir mal por ter saído naquela época, mas não sinta que você tem que ficar esta noite. Tenho certeza de que você tem coisas muito melhores para fazer do que comemorar meu dia especial.

Provavelmente estou enganado, mas esse remorso está escrito em seu rosto?

— Chloe...

Ela sorri. Minha namorada de bom coração dá a ele o que ele nunca fez por ela, o deixa ir fácil.

— Obrigada por ter vindo. Espero que gostem da festa.

Segurando minha mão, ela me puxa para mais perto, juntando-se a Ruby no bar e deixando Trevor ali parado como o idiota que ele é.

Caras como ele não aceitam a rejeição de ânimo leve. Ele não decepciona.

Batendo contra mim novamente, ele para, seus olhos para frente.

— Você pode usar um terno alugado, mas isso não vai mudar quem você é ou de onde você vem, Evans. Todo mundo sabe que você não pertence aqui. — Ele vira sua carranca para mim. — Você não pertence ao mundo dela. Saia antes de derrubá-la com você, *caipira.*

Ele não pode quebrar a fundação que Chloe e eu construímos. Somos sólidos. Inclinando a cabeça para vê-lo por cima do ombro, respondo:

— Tenho certeza de que seu conselho é dado no melhor interesse de Chloe e não de você.

Ele toma um gole de seu copo e depois mastiga o gelo.

— É claro.

Idiota.

Fico feliz quando ele vai embora. Seu ego estava sugando o oxigênio do ar. Dr. Fox

bate um copo na sala, chamando a atenção de todos. As conversas diminuem lentamente e ele pede que Chloe se junte a ele.

Tonta, ela pula animadamente.

— Eu já volto — ela diz, correndo pela sala. Ela está absolutamente deslumbrante em sua felicidade, o rosa de suas bochechas e o brilho em seus olhos quando ela olha nos meus.

Ruby vem para ficar ao meu lado e diz:

— Você a faz feliz, Josh. Eu sempre vi quem ela era, mas agora o resto do mundo também pode ver. Ela vai fazer grandes coisas na medicina, mas você deu a ela uma vida fora disso.

Eu aceno, meu olhar permanece com Chloe.

— Obrigado, mas se eu puder dar a ela um pingo de como ela me faz sentir, estou fazendo um bom trabalho.

Enquanto Chloe apaga as velas do bolo, me lembro de como nossos mundos são realmente diferentes. Meu aniversário era um bolo que minha mãe faria, e ela me deixaria colocar cobertura e confeitos. Eles sempre ficam melhores com granulado.

Aquele bolo na frente dela provavelmente custou mil dólares e não tem um granulado nele.

Que se dane o bolo, o pai de Chloe não perde tempo presenteando-a com uma pulseira de diamantes. Pendurando um chaveiro, a luz brilha no símbolo da Mercedes quando ele diz:

— Decidi te dar seu presente de formatura mais cedo. Feliz aniversário, querida.

Eu nunca a vi pedir nada, então sempre a considerei a última pessoa que precisa ou quer presentes extravagantes. Ela é a pessoa mais satisfeita que eu conheço, mas talvez isso venha de ser capaz de pagar qualquer coisa que você queira.

— Obrigada — diz ela, beijando sua bochecha enquanto aplausos ecoam ao nosso redor.

Eu aplaudo lentamente, observando-a abrir caminho de volta para mim. Ruby diz:

— Garota não precisa de outro Mercedes.

— O que ela precisa? — Eu falo antes de pensar duas vezes.

Ela bebe seu champanhe.

— A aprovação dele.

Ruby acerta em cheio, mas não seria correto confirmar. Correndo para mim, Chloe me joga o chaveiro.

— Quer dar uma volta?

Eu nunca dirigi um Mercedes, então o desejo de dirigir um carro de última

geração é tentador.

— E a festa? — Seus olhos estão vidrados, me deixando feliz por ela ter me dado a chave.

— Apenas um passeio rápido — diz ela, agarrando minhas mãos e me puxando em direção à porta da frente. — Nós já voltamos, Ruby — ela diz por cima do meu ombro.

Ruby se inclina contra o bar quando olho para trás. Ela diz:

— Divirtam-se. Vou ver se esse gracinha é solteiro.

Chloe já está me arrastando em direção à porta da frente.

— Vamos.

— Estou bem aqui com você, baby. — Embora eu esteja começando a me perguntar se isso é uma má ideia. — Que tal irmos ver o carro e depois subirmos?

— O que há lá em cima que não podemos fazer no carro? — Ah, ela é boa. Mais rápida que a maioria, considerando a quantidade de álcool em seu sistema. Empurrando-se contra mim, ela diz: — Podemos batizar o carro. — Acho que ela acredita que está sussurrando, mas pela expressão horrorizada de uma senhora mais velha por perto, ela não está. E é fodidamente delicioso.

— Nós podemos fazer isso também — eu começo, totalmente divertido com sua paixão por esta excursão. — Mas talvez devêssemos fazer isso amanhã, quando você se lembrar.

Ainda tentando desviá-la, eu a trago mais perto do pé da escada.

— Lembrarei. Ainda posso sentir o alongamento do meu corpo de antes. — Ela mordisca meu queixo, suas mãos percorrendo minha bunda. — Você é tão grande, Joshua. Eu me sinto vazia sem você.

Ruby vem atrás dela.

— Ok. Hora de mudar o show de sexo para outra sala. Você está assustando os convidados.

Eu tomo uma abordagem mais direta e pego a mão de Chloe.

— Vamos. Vamos lá para cima.

Seus olhos giram para as escadas antes de olhar para a festa.

— Leve-me para um passeio, Joshua. Estaremos de volta antes que alguém perceba. — Minha força de vontade me escapa, fraqueza por ela ultrapassando meu bom senso. Ela sabe que seus métodos estão funcionando porque ela insiste ainda mais. — O sol se pôs, mas a lua ainda está nascendo. É lindo das falésias. Se nos apressarmos, podemos pegá-la antes que se estabeleça acima durante a noite.

— Assistir ao nascer da lua vai fazer você feliz?

As vezes em que ela falava sobre mangata e encontrava conforto em olhar pela

janela... Eu pensei que era coisa normal, coisa de garota. Estou começando a perceber que a lua pode ter sido sua amiga, aquela que manteve sua solidão sob controle. E isso parte a porra do meu coração.

Seu corpo está solto, a rebelião brilhando em seus olhos.

— Vai me deixar muito feliz. Por favor.

Então não posso dizer não. Beijando sua mão, eu a seguro firme na minha enquanto nos dirigimos para a porta.

— Vamos perseguir a lua.

— Avante, vamos. Perseguindo a lua.

Ruby permanece na porta depois que saímos. Colocando a mão em concha ao lado da boca, ela grita:

— Tomem cuidado.

O cabelo de Chloe gira quando ela se vira com atrevimento em seu passo.

— Nunca — ela brinca.

Risadas da casa.

— Divirtam-se, crianças malucas.

Girando para longe de mim, Chloe levanta o braço no ar, e então ela gira de volta.

Um laço vermelho do tamanho do capô facilita encontrar seu presente entre outros carros.

Parte superior conversível.

Prata elegante que brilha.

Interior bege claro.

Assentos de couro.

Rodas cromadas personalizadas.

Eu corro meu dedo ao longo da porta antes de abri-la para ela.

— Belo carro.

Arrancando o laço do capô, ela o joga no gramado.

— É bonito, mas desnecessário. — Ela desliza para dentro do carro, depois passa as mãos pelo painel. — O que vou fazer com isso em Nova York?

— Bom ponto. — Eu fico atrás do volante e ligo o carro, o motor ronronando para a vida. — Droga, esse é um som sexy.

— Isso é. Vamos aproveitar antes que eu devolva amanhã.

Atordoado, eu dou uma olhada duas vezes.

— Por que você devolveria?

— Este carro é a maneira dele de sugerir que eu vá para a escola onde ele quer que eu vá, que não é a Columbia. — Cruzando a longa entrada em direção ao portão, eu não colocaria acima dele tentar manipulá-la. Ela não é a garotinha ingênua que ele

acredita que ela seja. Ela vê seus defeitos e o ama apesar deles. Isso é o que ele deve apreciar.

Eu não entendo como forçar a vontade dele sobre ela não vai afastá-la. Porra, não é como se eu não quisesse mantê-la para mim, mas os pensamentos dela escolhendo ficar comigo ao invés de forçar o assunto é muito mais tentador.

Ela acrescenta:

— Ele acha que pode me comprar coisas e mudar minha mente.

— Minha mãe sempre disse, não confie em pessoas que podem comprar sua saída de qualquer coisa.

— Eu adoro sua mãe.

— Ela te adora.

O frio do início da noite me faz frear antes de sairmos da propriedade. Eu alcanço para levantar a parte de cima, mas sua mão pousa no meu antebraço.

— Eu quero que fique abaixado.

— Está frio, Chloe. Você está com quase nada.

Descansando a cabeça no banco, ela me olha nunca parecendo mais feliz.

— É bom sentir tanto.

Meu ego não gosta do aperto.

— Eu pensei que eu fazia isso por você?

Com a mão ainda no meu braço, ela diz:

— Você me faz sentir tudo bem. O frio em Newport desperta minhas veias.

Tenho certeza de que há um monte de coisas psicológicas por trás desse sentimento, profundo demais para eu decifrar em um momento, então começo a tirar meu paletó.

— Você pode usar isso?

Ela aceita, sem discutir. Enfiada dentro dele, ela cantarola e depois sussurra:

— Perseguindo a lua. — Contentamento.

Enviando-me na direção certa, ela acrescenta:

— Siga esta estrada até ver a placa para os penhascos.

Está frio, mas ela abre a fenda do vestido e puxa o telefone de algum compartimento secreto perto da barriga.

— Você é como uma agente secreta. O que mais você escondeu nesse vestido?

Sentando-se, ela diz:

— Você é bem-vindo para descobrir.

— Eu faria, bem aqui em uma estrada de terra se estivéssemos em New Haven. — Eu sou um canalha porque há muita verdade nessa afirmação.

Ela estende a mão e passa ao longo do interior da minha coxa.

— Você me excita. — Talvez eu não seja tão ruim, afinal.

Eu acaricio a parte de trás de sua cabeça, preferindo olhar para ela em vez de olhar para a estrada.

— Lembra quando fizemos sexo perto do lago?

Um sorriso brilha em seu rosto, seus olhos cheios de luz da lua. Uma sobrancelha se ergue.

— Podemos fazer isso de novo. Devemos.

Embora ela esteja virada de lado, enrolada, o vento chicoteando seu cabelo faz dele um furacão de fogo ao redor de sua cabeça. Através de olhares rápidos, não consigo ver muito do rosto dela, mas posso apenas distinguir o sorriso bonito. Pensamentos de beijá-la, e mais, me mantém focado em chegar ao nosso destino.

— Você está com muito frio?

— Está congelando, mas nunca me senti melhor — diz ela, suas palavras desaparecendo no vento. — Por que?

— Porque você está vivendo por você agora.

— Experimentar a vida em meus próprios termos. — Fechando os olhos, ela inala a liberdade que colocou aquele sorriso no lugar. Sua mão encontra a minha, e nossos dedos se entrelaçam. Ela diz: — A vida é perfeita. Me prometa que a vida sempre será tão boa, que sempre nos sentiremos tão apaixonados, Joshua.

Trazendo sua mão aos meus lábios, eu a beijo, demorando lá.

— Eu prometo sempre te amar tanto quanto hoje e deixar isso crescer a cada dia depois.

Ela sorri tão brilhante que a lua nascente quebrando o topo da linha das árvores não pode competir. Desafivelando o cinto de segurança, ela se aproxima.

— Eu não mereço você.

— Você entendeu tudo errado, baby. — Eu aperto seu joelho suavemente. — Quer colocar o cinto de segurança de volta?

— Não — ela responde, o diabo preso em seus olhos. Sua mão vai direto para a mercadoria, pousando um pouco bruscamente no meu pau, então eu a pego rápido e levanto.

— Fique aí.

— Desculpe — diz ela, movendo-se para pegar o lóbulo da minha orelha entre os dentes. — Não seria louco se fizéssemos sexo enquanto dirigimos?

— Sim, seria — eu comento, suas emoções bêbadas levando-a em um passeio de montanha-russa que eu não posso desacelerar. — Louca.

Seu peito arfa contra meu braço.

— Me fode como se você não me amasse, Joshua.

Eu me afasto, precisando ver seus olhos porque nunca a ouvi falar assim.

— Você não sabe o que está dizendo, Chloe.

— Eu sei. Eu quero você. — Seus olhos travam nos meus enquanto ela estremece. — Eu quero que você me mostre como é isso, como seria um caso de uma noite.

Eu sou a favor de foder, mas não posso fodê-la como se ela não importasse para mim. Olho no espelho retrovisor, me perguntando se devo voltar. Talvez seja hora de ela ir para a cama.

— Eu preciso que você acredite em mim quando digo que te amo. Eu não posso te mostrar como seria o sexo sem emoção ou na mão de alguém que não se importa com você. Eu não sou capaz de desligar meus sentimentos para foder você descuidadamente.

Ela se afasta, não exagerando, mas a mudança é sutil, uma vez que lava sua expressão, a preocupação desaparecendo de suas feições. Ela sorri, ainda olhando para mim enquanto descansa a cabeça no banco de couro.

— Eu acredito em você.

Meu olhar voa entre a estrada à frente e ela ao meu lado. As pontas de seus dedos correm pelo cabelo na minha nuca e eu me inclino em seu toque, precisando, querendo mais do que ela percebe no estado em que está. Mas ainda preciso que ela esteja segura.

— Você pode me dar o cinto de segurança, Chloe?

Enquanto a calma rola por suas veias bêbadas e a turbulência se dissipa, ela finalmente puxa o cinto de segurança sobre o ombro para eu pegar.

— Eu te amo maior que o céu, Joshua.

Eu a coloco no lugar com uma mão e lanço um último olhar em sua direção.

— Maior que o universo.

Em um instante, seu sorriso desaparece enquanto seus braços voam para frente.

— Cuidado!

26

Joshua

MINHA CABEÇA LATEJA com um som familiar que não consigo identificar, o som ou a música. Meus olhos ardem quando eu aperto minhas pálpebras fechadas para fazer a dor ir embora. Mas mesmo isso não pode combater a dor maçante, então eu me arrisco a encontrar a luz e rastrear aquela porra de som.

Abrir os olhos é uma luta e minha pálpebra direita não parece querer cooperar. À medida que a vida entra em foco, o som se torna um dinging.

O medo acelera a batida do meu coração quando percebo que estou no escuro do carro.

Carro...

A porta.

O chaveiro da Mercedes.

O volante que deveria estar na minha frente.

Nada está onde deveria estar.

O ding de uma porta entreaberta fica mais alto à medida que a neblina se dissipa. *Merda!* Eu agarro o lado da minha cabeça quando uma dor aguda atinge minha têmpora, me fazendo fechar os olhos novamente. Visões piscam através da escuridão...

O sorriso dela.

Baque.

Aqueles olhos que vêem por baixo do caipira.

Baque. Baque.

Um cervo. Seu grito.

Baque. Baque. Baque.

Quando olho para baixo, o vermelho mancha o couro, o que me faz levar a mão à cabeça novamente. Achei que era suor escorrendo pela minha bochecha. Suor quando meu corpo treme de frio? Leva um segundo para eu perceber que não faz sentido.

Por que é vermelho?

Eu empurro minha palma para minha testa, a manga rasgada caindo, e puxo para trás com sangue cobrindo minha pele. Minha tábua de salvação se torna um rio raso agarrado ao líquido.

— Chloe? — Eu chamo de novo, minha dor se tornando secundária quando o pânico se instala. — Chloe? — Minha voz é fraca, mas minha determinação é forte.

Meu pescoço se contorce quando olho para a direita muito rápido. Sou recebido com um galho de árvore onde Chloe deveria estar. *Ah, porra.* Eu tento empurrar para cima, mas minha mão desliza contra o assento, e meu corpo protesta.

— Chloe?

Um para-brisa quebrado.

Vidro quebrado. Fragmentos brilham contra minha pele.

Um pingo de alívio é encontrado em um pequeno detalhe, posso sentir minhas pernas presas sob o airbag, embora a memória do que aconteceu esteja falhando.

Sua Mercedes.

Aniversário dela.

Um coração perdido não tem batida. Meu peito está vazio enquanto procuro no carro a única coisa que importa: ela. Seu nome vem em ondas de respirações superficiais sendo exaladas.

O carro está esmagado, então começo a rezar para que ela esteja viva. Procuro uma saída, uma maneira de encontrá-la.

— Chloe? — Minha voz está arranhada, o som não viaja para onde eu preciso.

Alavancando meu braço contra o console do meio, coloquei todo o meu peso por trás do esforço. Foda-se a dor. Foda-se as lágrimas. Foda-se este mundo inteiro se eu não posso chegar até ela.

— Você pode me ouvir, Chloe?

Meu coração. A porra da minha vida inteira. Minha alma.

— Por favor, me responda, Chloe.

Saindo de debaixo do airbag, eu caio do carro, minhas costas batendo na porta antes de cair no cascalho.

— Porra! — Eu choro, apertando meus olhos fechados para evitar a dor. Não tenho tempo a perder, gemendo até minhas pernas caírem ao meu lado. *Onde ela está?* — Chloe?

Eu me agarro a uma grama de esperança, meu telefone. Apalpo meus bolsos, mas está vazio. O cascalho cortando minhas costas não me incomoda. Não saber onde diabos a Chloe machuca.

— Chloe? — Nenhuma resposta em troca mexe com minha cabeça. Eu luto. Eu me empurro para cima e rastejo para a frente do carro.

A dor não pode me parar.

Sangue escorrendo pelo meu rosto não vai.

Eu tenho que encontrá-la, chegar até ela. Para salvá-la.

— Chloe? Me responda, caramba!

Um telefone toca ao longe, o toque dela, não o meu.

— Porra. — Eu me esforço para ficar de pé e então cubro o chão que me separa da tela iluminada. Nenhum carro passa, nenhum sinal de vida em lugar algum. Mal estou aqui, mas consigo gritar — Socorro! — esperando ouvi-lo ecoar nos ouvidos de outra pessoa.

Caindo de joelhos, caio na frente do telefone.

— Ruby? — Eu atendo, repetindo o nome na tela. — Ajuda. Ligue para a emergência.

Eu seguro o telefone no meu ouvido, procurando por qualquer sinal de Chloe.

— Josh? Josh, onde você está?

— Chame uma ambulância. — Eu luto com as palavras, minha visão desaparecendo.

— Onde está Chloe?

É uma pergunta tão simples. Uma que eu deveria saber facilmente a resposta. Eu falhei com ela, custou-lhe uma vida, um futuro... Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto procuro freneticamente na área.

Uma visão dela contente e sussurrando *perseguir a lua* corta minha mente, me impedindo de pensar de forma coerente.

— Me ajude a encontrá-la... Havia um cervo...

— Onde você está? — A voz dela é rouca, machucando meu ouvido.

— Não sei. Não consigo encontrá-la, Ruby. Não consigo encontrá-la.

Minha mente gira, a tontura se instalando enquanto os músculos do meu braço cedem, e eu caio no chão. O telefone salta fora de alcance, mas posso ouvir a voz de Ruby ainda me chamando.

— Josh? Josh! Fique na linha.

Não é o telefone que chama minha atenção, no entanto. Algo brilha nas proximidades.

— Chloe? — Eu corro, lutando contra meu corpo querendo parar. Logo além da borda do ombro, encharcado de luar, encontro meu doce anjo. — Chloe. *Chloe.* Você pode me ouvir?

Sua respiração é regular, sua expressão fixa em paz. Se eu não estivesse enganado, pensaria que ela estava dormindo, mas meus olhos devem estar me pregando peças. Eu a acaricio, absorvendo o sangue que risca seu rosto e, em seguida, beijo sua testa, nariz, bochecha e lábios. Seus olhos não abrem enquanto procuro a fonte de sangue espalhada em sua pele. Um corte abaixo de sua sobrancelha parece menor, mas sua inconsciência me preocupa.

Inclinando-me novamente, eu seguro minha orelha sob seu nariz apenas para sentir sua respiração novamente.

— Chloe? — Eu sussurro, silenciosamente implorando a seu corpo sem vida para acordar.

Uma lágrima escorre do meu queixo para sua bochecha enquanto repito seu nome através dos meus apelos perfurados.

Pressionando meu ouvido em seu peito, posso ouvir seu batimento cardíaco. É sutil, mas existe.

— Baby. Chloe? Espere. Por favor, fique comigo. Por favor — eu imploro para o que quer seja para que a traga de volta para mim. Eu faria um acordo com o diabo se ele a deixasse viver.

Sirenes soam por entre as árvores, o som distante ainda longe demais para se contar. A noite escura nos cerca com pouca luz para nos fazer companhia. Preocupado que eu poderia machucá-la mais do que ela já está. Meu paletó rasgado ainda está protegendo seu torso, então eu endireito o tecido para cobrir sua perna e me deito ao lado dela.

Pegando sua mão, entrelacei nossos dedos, o ato é tão simples, mas quando as âncoras se juntam, posso senti-la comigo mais uma vez. A culpa que pesa aperta meu coração enquanto olho para as estrelas. Eu tento falar, mas o líquido enchendo minha garganta me faz tossir. Eu nunca morri antes, mas reconheço o sentimento. *Por que isso tem que acontecer quando eu finalmente estou feliz?*

As sirenes soam mais perto, mas ainda muito longe para o meu gosto. Com meu coração batendo fora do meu peito, o zumbido surdo enche meus ouvidos. Eu me levanto em um cotovelo instável. Beleza como a dela nunca deve ser tocada por dedos com sujeira sob as unhas, mas eu me inclino e a beijo, tentando o meu melhor para dar vida a ela novamente.

— Quase conseguimos. Quase pegamos a lua.

A ambulância chega e o caos começa. Preso no brilho ofuscante dos faróis, eu sussurro:

— Espere por mim, baby. Aguente.

Um paramédico me faz deitar quando tudo escurece.

MEUS OLHOS SE ABREM, e eu suspiro por ar, agulhas picando a crueza da minha garganta. Meu coração é ouvido fora do meu corpo, enviando uma onda de medo pelas minhas veias.

— Você está acordado, Sr. Evans. — Uma enfermeira empurra a porta e esfrega as mãos antes de mexer nos botões do monitor. — Esta é uma boa notícia.

— Eu... — Falar dói, e a tentativa me faz ter um ataque de tosse seca. Olho ao

redor do quarto do hospital e do cobertor azul que me cobre, tentando conter o pânico que me atravessa agarrando minha garganta.

Ela é rápida em pegar a jarra ao lado da cama e servir um copo de água. Colocando o canudo entre meus lábios, ela diz:

— Beba devagar. Cubra sua garganta.

Eu engulo vários goles antes que ela volte o copo para a bandeja. A pequena ação ainda dói antes que ela pegue gentilmente meu braço.

— Tenha cuidado para não puxar o acesso quando você se mover. — Sua voz é gentil, seus olhos combinando com seu tom.

Ela não é tão alta, mas seu cabelo empilhado em cachos na cabeça lhe dá alguns centímetros extras.

— Dolly — eu li seu crachá em voz alta.

Tocando nele, ela sorri.

— Sou a enfermeira Dolly.

Apesar de sentir que fui atropelado por um caminhão, pergunto:

— Onde está a Chloe? — O tom da minha voz soa estranho, então tento limpá-lo sem sucesso.

— Senhorita Fox está estável...

— Obrigado, porra. — Eu gentilmente esfrego minhas mãos no meu rosto, querendo limpar o cérebro obscuro. Ver o torcer de desaprovação de seus lábios me lembra minha mãe. — Desculpe.

— Está tudo bem. — Seus olhos fazem uma varredura no meu rosto enquanto seus dedos esfregam sobre um pequeno curativo que posso sentir puxando ao lado do meu olho. — Não se preocupe com a senhorita Fox. Ela tem os melhores cuidados. Assim como você.

— Eu posso vê-la?

A simpatia molda seu sorriso.

— Vocês dois passaram por muita coisa. — Ela dá um tapinha na minha perna. — Tente se concentrar em sua cura primeiro. Sua mãe acabou de sair para tomar um café.

Quando ela se vira para sair, eu empurro para cima, mas minha força me escapa, deixando-me pressionado contra a cama sem controle dos meus músculos.

— Eu preciso ver Chloe.

— Você precisa de comida, líquidos e cura. Esse é o melhor remédio para se recuperar. Vou mandar trazer uma refeição.

— Ela vai querer me ver também. Ela provavelmente está preocupada.

— Vou avisar ao médico que você acordou. Você pode discutir isso com ela.

A frustração tenciona minhas mãos, e eu bato um punho.

— Certifique-se de que ela saiba que eu preciso ver Chloe.

Ela nunca se desvia da boa vontade, na expressão ou no tom.

— Vou avisá-la.

— Dolly?

Parando com a porta nas mãos, ela pergunta:

— Sim?

— Onde estou?

Beijando Chloe.

De mãos dadas.

Dor... em toda parte.

— Hospital Regional de Newport.

Uma ambulância.

— Rhode Island?

Perseguindo a lua.

Um aceno de cabeça é a confirmação de que preciso, mas ainda estou lutando para lembrar como cheguei aqui. A médica não vem imediatamente. E mesmo que eu me esforce ao máximo para tentar ficar acordado, estou cansado demais para lutar contra o peso, então deixo meu corpo afundar no colchão, esperando acordar com menos dor.

— Joshua. — Meu nome vem em soluços enquanto minha mão é apertada. — Querido. Mamãe está aqui.

Eu suporto o peso das minhas pálpebras e abro-as para encontrá-la parada acima de mim chorando. Eu alcanço sua mão travada no corrimão.

— Mãe... — Mas eu esqueci o quanto falar dói. Ela está lá para me ajudar, deixando-me beber do canudo. — Desculpe.

— Desculpe? Desculpe pelo quê?

— Me lembro de ter destruído o carro dela. O seguro vai subir.

Seus olhos se arregalam.

— Você quase morreu e está preocupado com o meu seguro? — Um sorriso suave está em seus lábios. — Não se preocupe com isso. Prefiro pagar um plano mais alto e ainda ter você.

Eu tento me sentar, irritando meu corpo macio enquanto suas palavras começam a povoar uma memória distante.

O cabelo castanho de Chloe entrelaçado no cascalho.

Um telefone quebrado.

Galho de árvore através do pára-brisa.

Um airbag.

Ah, porra.

— Você disse morreu? Eu quase morri? — Seu toque hesitante não é reconfortante. — Apenas me diga.

— Sim. O pára-brisa quebrado penetrou do seu lado. O vidro teve que ser removido por meio de cirurgia. Você não se lembra? — Ela explode em lágrimas antes que eu possa responder. Eu balanço minha cabeça, as palavras não vêm. — Você perdeu um rim, querido. Alguns centímetros mais alto e...

Cobrindo sua mão pressionada ao meu lado na cama, eu digo:

— Não chore. Eu estou vivo.

— Nunca tive tanto medo na minha vida. Não posso perder você, Josh.

— Estou bem — minto, meu corpo doendo como o inferno só de respirar, muito menos de me mexer. — Mas eu preciso ver Chloe. — Seus olhos baixam. A evasão faz meu intestino torcer. — Mãe?

— Você não pode vê-la agora. Ela está na UTI.

— O que? — Eu tento me sentar, mas a dor atinge minha parte inferior das costas como um raio. — A enfermeira disse que ela está estável.

Ela começa um ritmo constante ao lado da cama, roendo o interior de sua bochecha.

— Ela está estável, mas você precisa manter o estresse baixo porque a cura é importante.

— Assim como ver Chloe. Posso visitá-la na UTI?

— Não, sinto muito.

Eu alcanço o botão de chamada.

— Onde está a médica? Eles vão me deixar entrar.

— Josh?

O som mórbido de seu tom impede meu braço de chegar mais longe. Quando me viro para olhar para ela novamente, ela diz:

— Chloe está em coma.

27

Joshua

O METAL ESTÁ dobrado em sete lugares, me fazendo pensar como isso aconteceu. Briga entre familiares? Enfermeiras restringindo um cônjuge abusivo? Alguém soluçando pela morte de um ente querido?

Porra, minha mente vai para o escuro muito rápido esses dias.

Esses dias.

Eu nem tenho certeza de que dia é ou quantos eu estive aqui. Só sei que fui mantido longe da Chloe.

— Você precisa comer, Joshua.

Mesmo sendo minha mãe, eu odeio ouvir meu nome completo de qualquer pessoa além de Chloe. *Chloe.* O que eu não daria para ouvi-la dizer isso. Fechando meus olhos, eu negocio com o diabo.

Minha alma pela dela.

Me leve e a deixe viver.

— Alguma notícia? — Eu pergunto, meus olhos voltando para as persianas danificadas bloqueando a janela.

— Não — minha mãe diz, voltando para o meu lado. Sua inquietação, com o cobertor, minha camisola, o quarto, está me dando nos nervos. Eu luto para não descontar minha raiva nela. Não é culpa dela.

É minha.

— Eu tirei meus olhos da estrada, mãe. Foi apenas uma fração de segundo.

Ela suspira e então afofa meu travesseiro.

— Você precisa parar de dizer isso.

Seu tom me pega desprevenida.

— Por que?

— Porque você está com problemas suficientes. — Inclinando-se, ela sussurra: — A polícia vai pegar outro testemunho com você, mas eu ouvi... — Ela faz uma pausa, olhando por cima do ombro e depois de volta para mim novamente. — Eles estão querendo colocar a culpa disso em você.

— Não há mais ninguém para colocar. O cervo...

— Não havia cervo no local.

— Eu desviei. Eu não acertei.

— Isso não é importante. Foi um acidente. Você mesmo disse isso, Josh. — O

pânico aumenta em sua voz. — Você precisa continuar dizendo isso. Você tem que insistir.

— *Foi* um acidente. — Minha garganta engrossa quando o ar na sala fica estagnado. — Isso ainda é a verdade. — Levo apenas alguns segundos de silêncio para começar a ligar os pontos. — Você me diria se algo acontecesse com ela, certo?

— Chloe está viva. Isso é tudo que eles vão me dizer. — Apertando minha mão, ela acrescenta: — Não estamos em New Haven, querido. Não temos aliados aqui, nem seus amigos, nem Barb, T, nem mesmo o professor, mas ele disse que ajudaria se pudesse.

— Ele ensina história.

Eu não achei que seu rosto pudesse cair mais, mas o professor parecia segurar a última corda com sua esperança ligada.

— Eles estão procurando alguém para pagar por isso.

Embora a dor de cabeça tenha diminuído depois de alguns dias, meu corpo está dolorido, insistindo que eu limite meus movimentos, ou protesta de dor, então permaneço imóvel.

— Eles estão olhando para mim?

O aceno é leve, mas eu o pego.

— Eu não posso perder você, Joshua.

Os pontos se espalham novamente, e eu não consigo coletá-los.

— O que você está dizendo?

Sentada ao lado da cama, ela abaixa a cabeça, tornando difícil vê-la por cima da grade da cama.

— Dr. Fox está prestando queixa com base no testemunho que você já deu. O condado iria de qualquer maneira. Condução imprudente com álcool em seu sistema. Roubo de carro. Sequestro.

— Sequestro? Não. — Talvez a concussão tenha sido pior do que eles pensavam, porque eu não consigo compreender o que ela está dizendo. No entanto, eu sei. Eu não tenho certeza de quanto tempo eu olho para a cabeça dela, mas é tempo suficiente para fazê-la olhar para cima. — Estou perdendo a parte que torna essas acusações realidade. Não foi isso que aconteceu. Chloe também não confirmou. Não há como ela dizer essas coisas. Ela vai esclarecer isso. Nós apenas temos que esperar por ela...

— *Se* ela se recuperar — ela retruca, enviando meu coração para a boca do estômago.

— Se?

— Você não pode esperar que ela venha em seu socorro, Josh. Ela está em coma, então você tem que me ouvir. — A conspiração preocupa seus gestos, e ela volta a

olhar para a porta. Sussurrando, ela acrescenta: — O pai dela tem o hospital enrolado no dedo. Eu testemunhei isso. Eles não se mexem até que ele dê o aval.

— Encontre Cat, a mãe de Chloe. Ela vai falar com a gente. — Ela olha para a janela, a tensão chegando até os vincos nos cantos dos olhos. Eu odeio o que isso está fazendo com ela, o problema que estou causando a ela. — Sinto muito que você teve que vir aqui, mãe.

Quando seus olhos voltam, ela tenta sorrir, mas posso dizer que é apenas para meu benefício. Seu coração ainda está sobrecarregado.

— Eu iria à lua e voltaria por você.

Lua?

Alguma memória difusa de uma lua que não consigo alcançar abriga na parte de trás do meu cérebro.

— Você não vai querer ouvir isso, Josh, mas é melhor colocarmos distância entre você e Chloe. E devemos ligar para o seu pai.

— Meu pai? — A repugnância penetra nas palavras. — Por que caralho deveríamos chamar ele?

É a primeira vez que ela não corrige meus palavrões. É aí que a gravidade da situação se instala.

— Seu pai pode pagar um advogado.

— Preciso de um advogado? — Uma pontada bate quando eu mudo muito rápido, me lembrando da cirurgia recente. Inquieto nesta cama, sinto-me preso e completamente desamparado.

— Você precisa de alguém que possa protegê-lo. E por mais que parta meu coração, eu não posso. — Deixando cair o rosto em suas mãos, ela quebra, seus gritos suaves a esmagando.

Foda-se a dor. Aproximando-me, abaixo o corrimão e esfrego suas costas.

— Não chore, mãe. Tudo vai dar certo. *Eu vou* ficar bem. Você não vai perder o restaurante.

Ela olha para cima com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu não me importo com o restaurante. Eu não me importo com a nossa casa. Nada disso importa se algo acontecer com você.

O medo lança uma âncora em meu peito enquanto as águas da enchente sobem acima da minha cabeça. Eu normalmente corria, corria o mais rápido e o mais longe que pudesse antes de cair de joelhos. Ou bebia até desmaiar. Mas também não é uma possibilidade. Chloe era minha esperança, minha salvadora e meu refúgio. Agora ela e minha mãe estão sofrendo por minha causa.

— Mãe?— Seus olhos levantam para os meus. Eu pergunto: — Você me ajuda a

vê-la?

Sua cabeça já está balançando antes de sua raiva sair.

— Sua vida inteira está em jogo, e você ainda está preocupado com Chloe?

— Sim. Se eu puder falar com ela, ela vai ajudar...

— Ela está em coma! Eu sei que você acredita que sua presença vai acordá-la, mas...

— Eu preciso. — Eu não culpo a raiva que ela está sentindo. Nasce da dor. A preocupação dela é válida e deveria me preocupar mais. Mas como posso fazer isso se não falei com a única pessoa que pode me salvar, aquela que já o fez uma vez?

Procurando meus olhos, ela balança a cabeça novamente e então suspira.

— Você não vai deixar isso pra lá, não é?

— Não, eu não vou deixar Chloe ir.

— Mesmo às suas próprias custas? — Meu silêncio teimoso é a única resposta que posso dar. — Verei o que posso fazer.

Minha mãe sai logo depois de ver as coisas do meu jeito. Embora meu telefone tenha sido esmagado no acidente, ainda o alcanço por hábito e o encontro vazio. É frustrante ficar sentado aqui sem nada para fazer além de passar pelo estresse causado pelo pensamento do meu pai ser chamado como a cavalaria. De jeito nenhum eu vou deixá-lo entrar como um maldito herói. Vou consertar isso antes que chegue a isso.

O monitor dispara, então respiro fundo antes de fazer Dolly me checar. Quando fecho os olhos, uma imagem de Chloe deitada em meus braços em casa em New Haven me ajuda a dormir.

— ACORDE. SR. EVANS? — Uma voz abafada me arrasta chutando e gritando dos meus sonhos.

O duro retorno à realidade me faz tentar me sentar, o acesso esfaqueando internamente. *Filho da puta.*

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, minha voz é mais dura do que o pretendido quando vejo o homem ao meu lado. — Chloe está bem?

Norman Fox está em seu jaleco branco com um estetoscópio no pescoço. Se eu não soubesse melhor, eu pensaria que ele estava aqui para me checar. Seu tom me diz o contrário.

— Você colocou minha filha em coma, então não, ela não *está bem.*

Deixando de lado o que minha mãe me disse, esse homem é meu link de volta para Chloe.

— Ela está estável? Quanto tempo ela vai ficar em coma?

— Seu batimento cardíaco está estável e sua função cerebral parece estar como deveria.

Eu relaxo de volta na cama.

— Graças a Deus.

— Não, graças a mim. Eu tenho supervisionado sua recuperação. — Ele se move para colocar um arquivo médico na bandeja e depois volta para o final da cama. — Deixe-me ir direto ao ponto. Você roubou o carro dela, forçou-a a ir Deus sabe para onde e depois tentou matá-la.

— Não, ela...

— Calado. — Ele começa a andar com as mãos cruzadas atrás das costas como se pretendesse ficar um pouco. — Houve uma luta pela forma como o cinto de segurança cortou a pele de sua clavícula. Ela estava lutando para escapar?

— Não houve luta... — Uma visão de afivelar ela volta em flashes. — Eu não a sequestrei...

— Ela não teve chance contra sua imprudência. — Enquanto ele me encara, o ódio marca seus olhos injetados de sangue, mas as palavras carecem de emoção e verdade. Sua voz é firme como suas mãos. Talvez seja isso que acontece com alguém quando ganha conhecimento, mas perde a alma.

— Eu nunca a machucaria. Você sabe disso.

— Eu não sei disso. Conheço apenas os fatos que as evidências apoiam, e há o suficiente para colocá-lo atrás das grades. Então, estou pensando que podemos chegar a um acordo, Sr. Evans.

Porra. Eu respiro, me mantendo contido para esconder dele o pânico retorcido em fúria.

— E isso é?

— Estou lhe dando uma oportunidade, um futuro para deixar sua mãe orgulhosa, seu pai contente com seu filho bastardo e dar a si mesmo uma saída da vida que você está vivendo.

Minha espinha se arrepia com a menção do meu pai, despertando a dor da cirurgia.

— Deixe-me ir direto ao ponto, *Joshua*. — *Finalmente.* — Não vou arriscar tudo o que investimos, o tempo e o esforço que minha filha colocou para criar seu futuro. Ela está herdando uma clínica que passei trinta anos construindo. Chloe é brilhante. Ela está momentaneamente desviada por você. Sim. Eu concedo isso a você, mas a melhor coisa que um pai pode fazer por seu filho é colocá-lo de volta no caminho certo.

— A ameaça não precisa ser falada para ser ouvida.

— Chloe disse que você era inteligente e não decepciona.

— Não foda comigo.

— Isso soa distintamente como uma ameaça.

— E é. Você pode adoçar a sua, mas eu não vou fazer essa dança.

Ele anda para o lado da cama, inteligente o suficiente para manter alguma distância.

— Eu tentei dizer a Chloe quem você realmente é, mas ela é jovem e impressionável, florescendo em uma mulher excepcional. Acho que concordaríamos com isso.

— Ela também é adulta e pode tomar suas próprias decisões. Achei que você estava chegando ao ponto?

— Ah sim. Eu deveria. Você terá alta pela manhã e retornará a Connecticut.

Cruzando os braços sobre o peito, pergunto:

— Quem disse?

— Eu. Enquanto isso, minha filha deve se recuperar completamente assim que a tirarmos do coma.

— O que você quer dizer com tirá-la?

Ele não pode ver a dor que ele instilou em mim enquanto meu coração luta por sua vida em outro lugar neste maldito hospital? Ou ele não se importa que eu a ame com cada fibra do meu ser? Enquanto ele espia por trás das cortinas dobradas, estou mais uma vez enojado com a falta de compaixão. É um verdadeiro desserviço aos seus pacientes. Ele diz:

— Um coma induzido foi o melhor caminho para diminuir o inchaço em seu cérebro.

Sua cabeça se inclina para baixo, seguindo uma longa expiração. Quando ele esfrega a têmpora, é a primeira vez que vejo uma quebra em seu comportamento firme.

Por mais que eu odeie esse homem, ele é um neurocirurgião e o melhor advogado que Chloe poderia ter, então não vou discutir com seus cuidados. Eu baixo minha guarda para obter o máximo de informações que posso dele.

— Ela vai ficar bem?

Ele parece ter encontrado alguma empatia na sala silenciosa e me joga um osso.

— Vai levar tempo. Ela não vai voltar para a escola este semestre. Isso é o que você fez. Ela estava tão à frente e agora ela terá esse revés para superar.

— Eu a amo — eu digo, as palavras precisando ser pronunciadas, para ele ouvir e saber se ele já não sabia. — Eu nunca a machucaria intencionalmente.

— Mas você fez, então eu tive documentos elaborados para proteger o futuro da

minha filha. — Aqui vem. Eu me preparo, mantendo minha expressão indiferente como ela fez com ele no dia em que cheguei. — Vá para casa. Ajude sua mãe a administrar seu restaurante, obtenha seu diploma. Viva sua vida, Josh. Apenas viva sem Chloe.

— Essa é a oferta? — Olho para baixo e puxo um fio solto assim que a pasta da bandeja pousa no meu colo. E aqui eu pensei que era um arquivo médico. Como pude ser tão ingênuo? — Você está me pedindo para seguir em frente com a vida sem ela?

— Eu não estou pedindo, Sr. Evans. Você perdeu um rim, não seu coração. Seja grato, mas mais importante, seja inteligente.

— E se eu não for?

— Vou prestar queixa, a polícia o prenderá e você poderá passar os próximos três a cinco anos lutando por sua liberdade através do sistema judicial.

Não há escolha para mim nessas opções. De qualquer forma, eu perco porque ele sabe que eu nunca poderia arrastar Chloe comigo. Mas isso não pode ser o que ele está querendo.

— Eu fico ao lado de Chloe não me curvando aos seus comandos e tenho minha vida destruída, ou deixo a mulher que amo como se ela não importasse para mim... e *vivo minha vida* sem ela? Essas são minhas escolhas?

— Sim.

— Você faz parecer simples. — Meu corpo está exausto e minha mente não está tão rápida quanto eu gostaria, tornando difícil desfazer as malas emocionalmente.

— É simples. — Encontro alívio quando ele caminha em direção à porta. — Você tem os papéis.

— Você está assumindo que eu vou assinar. — *Foda-se ele.*

Com a porta na mão, ele diz:

— Você é um garoto esperto, então você entende claramente que namorar uma mulher fora do seu alcance não vale a pena perder sua liberdade, ou sua mãe perder seu restaurante. De qualquer forma, Chloe acabaria vendo você pelo homem que você é, uma praga sob seus pés. Confie em mim, Sr. Evans, você vai me agradecer um dia por ter poupado vocês dois do problema.

Eu jogo a primeira coisa que posso encontrar, o controle remoto da TV quebra assim que atinge a parte de trás da porta.

— Vai se foder!

Me ameaçar é uma coisa.

Ameaçar o sustento da minha mãe, outra coisa.

Maldito idiota presunçoso.

Levou horas para a minha pressão arterial baixar. Agora estou preso no escuro ouvindo meu batimento cardíaco. Não consigo dormir com a oferta tentando sufocar a melhor parte de mim, meu relacionamento com Chloe. *Foda-se ele e seu esquema.* Dei voltas e voltas novamente, imaginando se a ameaça é vazia. O problema é que eu não sei, a menos que eu escolha uma opção para descobrir.

Eu a amo mais do que tudo, mas me amar arruinará a vida dela?

Estou disposto a apostar nosso futuro em um risco e uma oração?

Querendo acabar com isso, pego o acordo que ele está oferecendo e começo a ler os detalhes.

Minha mãe ouviu as acusações, e o Dr. Fox confirmou suas intenções. Mas como me afasto de Chloe? Ela é tão parte de mim quanto minha própria alma.

Se fosse apenas eu a considerar, eu correria o risco de estar com Chloe sem pensar duas vezes. Ela é a recompensa que eu nunca mereci. É aí que a verdade é encontrada? Eu nunca a mereci em primeiro lugar?

Meu pai é deste mundo, deste nível de riqueza. No entanto, ele não me queria, então por que ela iria?

Norman Fox me encurralou e não posso decepcionar minha mãe. Ela trabalhou muito duro para me trazer aqui. Eu posso enfrentar os tribunais, deixar a verdade vir à tona, e eu ficaria livre no final do dia, mas não sem arrastar minha mãe para um desgosto e uma bagunça financeira que a faria perder o restaurante.

Quanto mais tempo fico aqui, olhando para este contrato, mais meus ombros cedem contra o colchão. Quer eu goste ou não, eu sei o que tenho que fazer. Não posso fazer minha mãe passar por isso, assim como não posso fazer Chloe escolher entre mim e sua família.

Não posso.

Eu não vou.

Eu puxo a caneta do envelope.

A única saída desse pesadelo não é apenas partir meu coração, mas também machucar a mulher com quem pensei que passaria o resto da minha vida. Não consigo imaginar um dia sem ela. Ela é minha outra metade. Meu único amor. Mas também não posso arriscar que ela não consiga tudo pelo que trabalhou tanto.

Farei qualquer coisa por você, Chloe, incluindo isso. Com a mão trêmula, eu assino e entrego meu coração, dando a ela a vida que ela merece.

28

Joshua

OLHO para o papel que minha mãe me entregou no momento em que recebi alta.

Terceiro andar.

Corredor B.

Sala 314.

Não sou exatamente furtivo, considerando a recente cirurgia para remover meu rim. Disseram-me para ir com calma, e vou, mas há uma última coisa que tenho de fazer antes de sair de Rhode Island.

Devo a Chloe mais do que um pedido de desculpas. Eu tenho que explicar o meu lado das coisas antes que seu pai torça seu ouvido e o encha de mentiras. Ela pode não estar acordada, mas eu sei que ela vai me ouvir.

Encontrar o quarto sem funcionários ou sua família por perto é um milagre. Eu acalmo meus nervos e abro a porta. As persianas estão fechadas, as luzes baixas. Os olhos de Chloe não me cumprimentam. Os de Cat são semelhantes em muitos aspectos, mas não o bálsamo que preciso para curar meu coração partido. Ela se levanta.

— Josh? — Correndo em minha direção, ela pergunta: — Como você está? — mantendo a voz baixa.

Cat me ajuda a entrar no quarto e, embora ela tenha me perguntado alguma coisa, não consigo tirar os olhos de Chloe. Serena, me fazendo desejar que ela estivesse em meus braços novamente. É difícil dizer que ela está em coma, mas ela não se mexe desta vez, minha proximidade não é detectada, o que por algum motivo adiciona sal à ferida. Eu não sou louco por pensar que posso acordá-la apenas por estar aqui, mas a esperança tinha prosperado todo esse tempo que eu não percebi que estava me preparando para o fracasso o tempo todo.

Quando finalmente me viro para Cat, sussurro:

— Eu... Eu precisava vê-la.

— É claro. — As pálpebras vermelhas ressaltam os olhos cansados que eu não tinha notado quando entrei. As feições de Cat geralmente estão vivas com cores e animação, mas não agora. O luto tem uma maneira de tomar conta e sugar a vida de você.

Os sinais podem não ser tão visíveis em mim, mas eu me relaciono por dentro.

— Eles vão tirá-la do coma amanhã, eu acredito. Se você quiser estar aqui...

— Não posso.

Com a mão firme na grade da cama, ela deixa sua tristeza tomar conta. Sua voz treme combinando com suas mãos.

— Eu entendo.

Eu olho para ela.

— Você não entende, mas... Eu espero que um dia, sim.

— Você está indo embora? — ela pergunta, a ofensa tomando conta de seu tom.

— Dispensado. Minha mãe está nos levando de volta para Connecticut.

Quando ela olha para a filha, as lágrimas são substanciais.

— Sinto muito por ouvir isso. — Se segurando, ela se vira para mim. — Eu não quis dizer... é bom que você esteja saudável o suficiente para ir para casa, mas ela vai perguntar sobre você. O que eu digo?

Eu corro minha mão pelo meu cabelo, sem saber como responder. Faço a única coisa que posso e minto:

— Diga a ela que a verei em breve.

Dando a volta na cama, ela toca minha bochecha e depois me abraça suavemente.

— Se cuida, Josh. — Ela sabe. Ela sabe que estou indo embora, deixando Chloe quando tudo o que deveria fazer é ficar. Cat está me dando mais compaixão do que estou dando à filha dela.

A verdade do que estou fazendo está me destruindo. Eu quero beijar Chloe, sentir seus lábios contra os meus uma última vez, mas é errado quando minhas intenções não são puras.

— Você também.

— Você quer um minuto a sós com ela antes de ir? — Cat pergunta.

Assentindo, eu enxugo a água acumulada nos cantos dos meus olhos.

Ela acrescenta:

— Eu preciso de café de qualquer maneira. Estarei de volta em cinco minutos ou mais?

A pergunta fica no ar. Estou começando a pensar que ela não sabe sobre a oferta do Dr. Fox, considerando que ela está me dando a oportunidade de dizer adeus.

— Ei, Cat?— Quando ela olha para trás, eu digo: — Obrigado.

Sua cabeça abaixa quando a porta se fecha.

Movendo-me para o lado da cama, eu me inclino, querendo sentir o cheiro dela novamente, inalar o amor de Chloe em meus pulmões, esperando sobreviver disso pelo tempo que for necessário para superar a perda.

É uma tarefa impossível.

A realidade é que eu nunca vou superá-la.

Ela entrou na minha vida quando eu pensei que não importava para o mundo. Eu era uma decepção para meu pai, e eu nunca seria capaz de viver de acordo com os sonhos da minha mãe para mim, ou superar New Haven. Eu não podia mudar a mão que recebi, mas ainda estava jogando como se tivesse uma chance de ganhar. *Fodidamente tolo.*

Os hematomas em seu lindo rosto não podem ser ignorados. A pele rosada grita pelo trauma que ela sofreu. Eu fiz isso. Eu deveria ter mantido meus olhos na estrada e minhas mãos no volante. Eu nunca deveria ter desviado o olhar.

Nem quando ela estava me tentando.

Nem quando ela me beijou.

Nem por nada.

Com cuidado para não machucá-la agora, toco seu pescoço suavemente, não querendo deixar uma única impressão digital de evidência de que eu estava aqui. Eu seguro minha bochecha contra a dela, meus lábios a um fôlego de sua orelha.

— Me desculpe, baby. Sinto muito.

Seu perfume floral se foi, substituído pela esterilidade do quarto. Lágrimas escorrem entre nós assim que beijo o canto de seus lábios. Esperançoso, eu olho para cima, esperando ver seus lindos verdes olhando para mim. Mas não é isso que eu recebo. São minhas lágrimas que descem por sua pele. É o meu calor que coloca o rosa em suas bochechas.

Eu sou o culpado pelo que aconteceu, então eu imploro pela misericórdia que nunca vou mostrar a mim mesmo.

— Por favor, me perdoe. *Por favor*.

Embora ela não seja mais minha para amar, eu amo mesmo assim. Eu a amo apesar do que fui forçado a fazer.

Olhando para ela, memorizo cada detalhe. Incapaz de resistir a unir nossas mãos mais uma vez, eu completo a tatuagem que nos ancora para sempre.

— Eu te amo.

Uma respiração.

Duas...

Eu me afasto, escancarando a porta, e deixo este lugar, e ela, para trás.

Do lado de fora, corto o canto do prédio e caio contra ele, precisando de um momento ao sol para lavar a amargura antes de encarar minha mãe. Não funciona.

Como poderia?

Minhas mãos estão sujas com a ação que fiz quando tudo que eu queria era que ela as limpasse. Ver Chloe não resolveu. Isso piorou. Eu desmorono, deixando a raiva me possuir. Eu odeio o pai dela. Eu odeio este mundo por me dar um gostinho de

uma vida que nunca foi destinada para mim. Eu odeio tudo.

Eu não assinei nosso relacionamento na linha pontilhada. Eu fiz a escolha de desistir de nós quando ela está lutando para viver. Como isso está certo? Como isso é justo? Estou voltando para minha vida como se nossas vidas não tivessem mudado para sempre, e espero que ela me odeie por isso. Como eu me odeio.

— Josh Evans?

Meu olhar se inclina em direção à entrada do hospital para ver um policial de pé com a mão pronta para sacar sua arma. A confusão me fez empurrar a parede de tijolos. Velhos hábitos me fazem olhar por cima do ombro para Todd e Bryant como se estivéssemos ultrapassando o Velho Sanders por invadir para roubar cerveja de seu celeiro. *Eu corro?*

Ele se aproxima.

— Não torne isso mais difícil do que o necessário.

Eu endireito meus ombros, lutando contra a necessidade de me encolher enquanto uma chama de dor física atinge minhas entranhas.

— O que você está falando?

— Você ainda está se recuperando, então eu recomendo que você vá de bom grado.

— Ir aonde? — Eu poderia correr para o veículo, mas então estarei envolvendo minha mãe, e não posso fazer isso. Para onde iríamos? Eles sabem quem eu sou. Onde nós moramos. Embora eu não consiga parar minha mente de girar através de cenários opcionais, eu sei que não há saída.

Não sei por que a simpatia entra em seus olhos, mas vou aceitar.

— Eu tenho um mandado de prisão para você.

Um mandado? Eu azedo nas palavras, sabendo que fui enganado.

— Eu assinei a papelada. Dr. Fox conseguiu o que queria.

Ele faz uma série de acusações. Embora algumas eu já tenha ouvido quando era uma ameaça, elas não são melhores agora do que antes.

Isto não é New Haven, onde o sobrenome Evans tem o peso que eu sempre reclamei em casa. Possuir uma imensa quantidade de propriedades cimentou seu lugar. Aqui, eu tenho que ser forte porque não estou lidando com seguranças de cidades pequenas como Dwight. Isso é coisa do Dr. Fox.

Maldito traidor.

Meus instintos me diziam que sua palavra não era boa, mas como pai de Chloe, eu confiava nele. Estar encurralado faz você fazer merdas estúpidas. Assinar aquele contrato foi o mais estúpido até agora.

Uma luta se enfurece dentro dos meus músculos, mas isso não é uma vitória. Eu

morreria lutando, e de que serviria para minha mãe então?

— É besteira, e você sabe disso.

— Não importa o que eu saiba. Você assinou uma confissão. — Ele puxa as algemas de seu cinto.

Minhas pernas balançam enquanto minha cabeça fica mais leve, tentando processar o que ele acabou de dizer.

— Que confissão?

De repente, a simpatia faz mais sentido.

— Você estava sob pressão quando assinou a papelada?

A batida do meu coração bate contra minha caixa torácica, apertando as mãos prontas para lutar pela minha liberdade.

— Aquilo não era uma confissão. Era...

— Coloque as mãos atrás da cabeça — diz ele, movendo-se. — E fique de joelhos.

— Não.

Puxando sua arma, ele aponta para o meu peito. Eu abaixo minha cabeça e caio de joelhos enquanto o sangue corre através de mim, o som em meus ouvidos me fazendo fechar os olhos.

Esqueça a dor, as visões de tempos mais felizes, de mangata. Esqueço a visão de Chloe nua debaixo de mim, sua risada enchendo meus ouvidos e seu sorriso gentil como a brisa me lembrando que estou vivo.

— Eu não assinei uma confissão. — Lágrimas enchem meus olhos inesperadamente. — Eu juro por Deus. — Eu lentamente coloquei minhas mãos atrás da minha cabeça. Minha lesão queima com fogo lambendo minhas costas e meu lado.

Meus pulsos são torcidos para baixo e presos em algemas de metal. Não é a dor que me atinge e nem as pessoas intrometidas que se reuniram para ver esta prisão acontecer. É minha mãe quando ela descobre o que está acontecendo. Suas lágrimas e choros quando ela vem correndo.

Um olhar de total devastação em seu rosto é a última coisa que vejo enquanto estou sendo levado, quebrando todas as promessas de ficar longe de problemas que fiz para ela. Mas às vezes a vida não funciona do jeito que planejamos.

29

Chloe

HÁ um estado de inconsciência quando você oscila entre a lucidez e o sonho. A presença sempre sentida da minha mãe e o cheiro mais fraco de seu perfume Chanel perfumavam o ar. Mas não foi ela que manteve minha mente em paz enquanto dormia.

Era Joshua.

Eu posso senti-lo ao meu redor como se seus braços estivessem me segurando. Seus lábios me beijando enquanto ele sussurra *eu te amo* no meu ouvido. Ele está aqui mesmo quando eu não posso responder. Eu o sinto, um sonho tão real que o calor de sua bochecha ainda aquece a minha. Tão real que corro pela neblina para encontrá-lo.

A decepção me cumprimenta quando ele não o faz. Escuro demais para ver muito, meus olhos vão para a luz que se esgueira por baixo da porta.

Meu corpo dói, precisando de um bom alongamento por ficar muito tempo deitado. Eu nunca gostei de dias preguiçosos, a menos que estivesse sendo preguiçosa com Joshua no sofá ou na cama. Essa é a minha maneira favorita de passar meu tempo, os dias em que nenhum de nós teve que sair por horas. A vertigem sobe pela minha espinha e eu sorrio.

Querendo encontrá-lo, eu tiro o cobertor da minha cintura, mas a dor sobe pelo meu braço quando o soro é puxado. Olho para minha mão, o hematoma que mancha o topo e a agulha. *Por que eu...* Meus olhos começam a se ajustar e então se arregalam quando o medo toma conta de mim. Monitores à minha esquerda, uma janela desconhecida à direita. Grades da cama me mantendo contida. Vozes do outro lado da porta.

Meu batimento cardíaco dispara quando o alarme toca através de mim.

A porta se abre. Minha mãe corre com uma enfermeira, ambas em missão.

— Querida, você acordou! — Lágrimas brotam dos olhos da minha mãe enquanto sua voz treme de alívio. Acariciando meu cabelo, ela beija minha cabeça. — Eu tenho estado tão preocupada.

Gentilmente alcançando para não irritar o acesso, eu a abraço.

— Estou bem, mãe. — Minha voz está rouca, então espio para ver se há algo para beber.

— Água? — Ela serve um copo, e eu tomo um gole, segurando a grade ao meu lado. — Precisa de mais? Está com fome? Como você está se sentindo?

As luzes são iluminadas, mas mantidas em um ambiente confortavelmente escurecido. Estou evitando perguntas até minha garganta parecer coberta o suficiente para perguntar:

— Estou bem. O que aconteceu? Por que estou aqui?

— Você foi jogada do carro durante o acidente.

Acidente? Estou olhando para ela, esperando por mais, algo que possa me levar a um lugar onde o que ela disse faz sentido. Mas não são as palavras dela que me dão uma pista. É quando eu mudo.

— Minhas pernas?

A enfermeira vem ao redor da cama, inclinando-a.

— Como está?

Os pontos de dor são vastos demais para serem rastreados.

— Por que estou com dor em todos os lugares?

Afastando-se, ela diz:

— O médico chegará em breve. Me avise se você precisar de alguma coisa. — Ela me entrega o botão de chamada. — Apenas aperte isso. — Ela sai, silenciosamente fechando a porta atrás dela.

Meu batimento cardíaco se acalmou, mas minha mente ainda está correndo. Eu ignorei o latejar na minha cabeça, não percebendo até agora que não é apenas uma dor de cabeça. Tocando na lateral, pergunto à minha mãe:

— Jogada do carro? Eu tenho uma concussão?

Embora ela pareça aliviada em me ver, minha mãe guarda preocupação em seus olhos.

— Qual é a última coisa que você lembra?

Eu olho para um canto vazio da sala, tentando convocar minhas memórias. Abrir aquela porta tem Joshua enchendo meu cérebro.

— Perseguindo a lua — eu respondo, perdida na sensação de liberdade, mas incapaz de entender isso.

A cabeça da minha mãe se inclina quando ela pergunta:

— O que é perseguindo a lua?

— Eu não faço ideia. Acabou de chegar a mim. Fora isso, lembro que papai me deu o carro. Onde está Joshua? — Eu cubro meu estômago, tentando resolver a agitação. — Eu quero vê-lo.

O controle remoto para operar minha cama de repente se torna a coisa mais interessante que ela já viu, evasão no seu pior.

— Você está confortável? Com fome?

Meu peito aperta. Eu toco seu antebraço em um apelo silencioso para olhar para

mim. Quando ela o faz, eu sussurro:

— Ele estava no acidente? Ele está bem? — Não tenho certeza se me ouço enquanto o medo percorre a pergunta.

— Ele está bem, Chloe. — Com meus medos confirmados, eu a vejo cair. É uma visão estranha de uma mulher que está sempre equilibrada. — Verifiquei com sua enfermeira várias vezes quando ele estava em recuperação. Ele é forte. Ele é um lutador. — Descansando a mão na minha perna, ela acrescenta: — Você não deveria se preocupar com ele. Você precisa se concentrar em sua própria recuperação.

— Não há nada para se concentrar, a não ser ficar deitada aqui, mãe — minto, sabendo que há problemas subjacentes, pequenas dores por dentro toda vez que respiro, fogo queimando em minhas costelas do lado direito. Eu não quero ser a causa de preocupação para ela mais do que a óbvia exaustão já puxando o canto de seus olhos.

Não consigo pensar com clareza enquanto tento entender o que ela parece disposta a compartilhar quando se trata de Joshua. Nada faz sentido para mim, exceto ele. Mas minhas emoções estão queimando minhas reservas de energia e começo a lutar contra o sono inevitável. Eu preciso de respostas.

— Se algo está errado, eu preciso saber.

— Eu não sei os detalhes. — Ela se esquiva.

Não é típico dela ser evasiva, mas não tenho forças para montar o quebra-cabeça.

— Mãe, por favor, seja honesta comigo.

Olhando nos meus olhos, vejo o debate nos dela.

— Não concordo que você precise se concentrar na recuperação dele em vez da sua, mas entendo por que você está.

Eu encontro pouco conforto em suas palavras, desejando ouvi-lo me dizer para não me preocupar. Meu estômago dá um nó quando olho para ela e pergunto:

— Onde ele está? Eu preciso vê-lo. — Empurrando para fora da cama novamente, eu digo: — Vou encontrar Joshua. Eu não me importo com quanta dor estou sentindo, tudo dói mais sem ele.

Cada movimento, grande ou pequeno, é um lembrete de como meu corpo está me traindo, me deixando presa nesta cama e doente de preocupação. *Um acidente...* que eu não tenho absolutamente nenhuma lembrança de estar envolvido me colocou no hospital. *O que isso fez com ele?* Eu cubro meu rosto enquanto as lágrimas fluem, meus ombros tremendo com a dor no meu corpo e a dor no meu coração.

Ela pega minhas mãos e as segura.

— Chloe, eu preciso que você me escute. — Eu olho para ela através das minhas lágrimas. A realidade do que aconteceu ainda me escapa, mas as repercussões se

cravam em mim. — Sua condição é delicada. Tente manter a calma.

— Vou me acalmar quando o vir.

— Ele recebeu alta.

— O que? Quando? — Eu pergunto, procurando na mesa e na bandeja pelo meu telefone, mas não o encontro. Seu silêncio é revelador, então eu olho para cima. — Ele vai querer ouvir de mim. Onde está meu telefone?

— Querida, ele foi embora.

— Ele foi embora? — Minha mão cobre meu peito para evitar que meu coração feliz bata descontroladamente. — Essas são ótimas notícias. Ele está indo bem. Graças a Deus. — Acariciando meu cabelo, acrescento: — Você me ajuda a tomar banho? Aposto que pareço horrível e sei que estou fedendo. — O riso escorrendo através de mim parece um remédio muito necessário. — Me empresta um batom?

— Chloe?

— Eu quero ficar bonita para ele quando ele vier me...

— Chloe!

Eu assusto. Até isso dói.

— O que?

— Josh voltou para New Haven cinco dias atrás.

A bomba é lançada, meus pensamentos se dispersam depois.

— Cinco dias atrás?— Engolir machuca minha garganta, então bebo mais água, tentando chegar a qualquer conclusão a meu favor que o fez ir embora enquanto ainda estou aqui. O tom dela... A empatia em seus olhos... Virando-me para a janela, digo: — Ele não me abandonou se é isso que você está pensando. Ele não iria. Eu ainda posso senti-lo segurando meu coração em suas mãos.

— Eu não estou insinuando nada — ela responde, arrastando minha atenção de volta para ela. Ela baixa o olhar, incapaz de olhar para mim. — Chloe....— Ela reajustando o cobertor se torna uma distração para nós duas, então eu aperto minha mão sobre a dela para acalmá-la. Seus olhos carregam a dor que sinto por dentro. — Você precisa pensar em você agora. As aulas voltaram, mas sua recuperação não será rápida. Isso a atrasará um semestre, se não mais, se você não se curar.

Curar? Seu tom distorce minhas emoções enquanto minha cabeça nada em um milhão de pensamentos sobre Joshua e por que ele não está aqui. Sua cura é importante, mas ele não me deixaria sem se despedir. Ele não me deixaria respirar sem antes testar para ter certeza de que o ar está limpo. Ele me ama como eu o amo, e não há cura sem ele aqui.

Isso não faz sentido.

— Você diz isso como se eu nunca mais fosse o ver. Por que?

É ela quem está olhando para a janela como se isso pudesse esclarecer a situação.

— Eu não sei, querida.

É isso. Isso é tudo que eu recebo. Talvez seja tudo o que ela tem para dar. Talvez seja a verdade. Talvez ele tenha ido embora sem pensar duas vezes em mim? Meu coração saberia, então acho que não.

Ela não vai, ou não pode me ajudar, então farei o que puder para trazer paz a ela e depois sofrer em silêncio até que ela vá embora.

— Não se preocupe comigo ou com a escola. Eu perdi o que? Alguns dias? — Eu dou de ombros com indiferença, lutando contra a dor para manter uma cara séria para ela. — Vou contatá-los e fazer o trabalho atrasado. Meus professores vão entender.

Aproveito a oportunidade para alavancar a conexão do meu pai pela primeira vez, mas nos meus termos.

— E se não, papai pode ligar. Você o conhece. Ele vai convencê-los.

Parecendo se render, ela suspira.

— Você é igual a ele. Determinada para seu próprio prejuízo. — Um beijo na minha bochecha é dado. — Você precisa descansar.

Eu concordo.

— Você se importa de me conseguir um telefone?

— Vou pegar um amanhã.

— Obrigada.

Quando ela sai, eu cuidadosamente seguro meu lado onde posso dizer que quebrei uma costela. Minha respiração é superficial, e posso sentir meus dedos dos pés.

Eu vou sobreviver.

Eu vou me curar.

Estarei de volta aos trilhos com minha vida em breve, exceto pela semente da dúvida incomodando o fundo da minha mente. Joshua não me deixaria. Ele estar em casa é um bom sinal de que ele não está gravemente ferido. Isso é ótimo, na verdade. Eu levanto minha mão e olho para a tatuagem, é nossa. Nos unindo para sempre. Isso não pode ser removido... a tatuagem... *ou nosso amor.*

Nós somos para sempre.

Com a confiança de que vou falar com ele amanhã, fecho meus olhos, sentindo seu amor me confortar de volta ao sono.

30

Chloe

Ele não atende o telefone há cinco dias seguidos. *Como isso é possível?*

Eu fiz quase tantas ligações para o restaurante, mas me disseram que ele não está trabalhando e sua mãe não está disponível. Por que ele não me ligou de volta? *Por que Patty também não?*

Nem uma mensagem ou uma chamada. Nenhuma carta. Nenhum contato.

Não faz sentido.

— Patty tem que responder eventualmente — eu me convenço, ouvindo o toque na linha mais uma vez antes de desligar desapontada novamente.

Eu me inclino contra a moldura que emoldura as janelas e olho para longe, silenciosamente invocando que meu telefone toque em minha mão. *Por favor. Por favor, me ligue.*

O sol brilha através das persianas do meu quarto de infância, o oceano perto o suficiente para me perder no rolar das ondas. Jogando o telefone estúpido na cama, abro a janela para ouvir o som do rugido, esperando que isso abafe a tristeza que sinto.

Meu telefone toca, e eu mergulho para atender, lembrando instantaneamente da minha costela quebrada. *Puta merda.* Isso não me impede de atender.

— Joshua? — O desespero aparece.

— Você ainda não ouviu falar dele? — Ruby geralmente me faz sorrir, mas nem ela consegue mudar meu humor hoje.

— Não. Alguma notícia aí?

— Passei pelo restaurante. Há uma placa na porta com horários estranhos. Desculpe pela inconveniência. *Blá.* Fechado temporariamente.

— Isso é estranho. Nada mais?

— Não, mas posso rastrear os amigos dele. — Eu a ouço estalando os dedos ao fundo. — Você não disse que eles ficam no Lucky's?

— Oh Deus não. — Humilhação penetra em meus ossos apenas com o pensamento. — Isso seria... E se Joshua estiver me ignorando? Eu pareceria uma ex-namorada louca. Não. — Balançando a cabeça com veemência, acrescento: — Não.

— Sim, isso seria embaraçoso, mas pelo menos teríamos uma resposta.

— Não, Ruby.

— Que tal eu passar pela casa de Josh amanhã?

Uma oferta tão simples que complica as coisas. Sinto vergonha por admitir, mas

digo:

— Não sei onde ele mora. Ele... — Um nó na minha garganta se forma, tornando difícil falar. — Ele morava comigo. — Ele ainda ocupa espaço no meu coração de graça.

Ela diz:

— Ele não esteve lá. Eu teria ouvido. Eu posso ouvir tudo através dessas paredes e aberturas.

Isso me dá uma pausa, vergonha superando todas as minhas outras emoções quando me lembro de como ela nos disse uma vez que podia ouvir até mesmo nossos momentos mais íntimos. Então eu me encolho, deixando cair minha cabeça para frente.

— Eu não posso ter essa conversa com você, Ruby.

— Então não vamos, Clo. Estou regando suas plantas.

Eu tinha esquecido que trocamos as chaves quando nos mudamos. Mas eu tinha esquecido Frankie e Dwayne Evans... um nó se forma na minha garganta porque é tudo o que resta.

— Você disse plantas? Ambas?

— Sim.

Ele não me deixaria e seu bonsai para trás. *Ele iria?*

Lágrimas aparecem nos cantos dos meus olhos quando percebo que talvez seja um presente de despedida, já que não há mais nada lá. Nem Joshua. Nem eu. Nada de nós, e eu não recebi nem um adeus.

— Não entendo. Por favor, me ajude a entender, Ruby. Como ele pode fazer isso comigo?

— Não sei. Eu sinto muito. Os caras são tão burros.

— Queria tanto poder me lembrar.

— Você não se lembra de nada sobre o acidente?

Não. Não me lembro de nada, exceto que Joshua estava dirigindo. Estávamos rindo...

— Me lembro de me sentir feliz. Eu não posso descrever melhor do que isso. Eu pareço uma tola. — Frustrada, eu mudo o telefone, abaixando minha cabeça. — Nós estávamos rindo. Nós... espera. Ruby, por que haveria horários estranhos no restaurante? Onde está a Patty? Por que ela não me liga de volta?

— Não sei. Não consegui perguntar isso a ninguém. Mas vou tentar, ok?

— Por favor. Eu simplesmente não posso acreditar que ele me deixaria assim. Meu coração dói mais do que minhas feridas. — *Cada parte de mim está com dor.*

— Eu sei, Clo. Eu sinto muito.

Deitando minha cabeça, eu fecho meus olhos.

— Me ajude. Como faço para que a dor desapareça?

— Não vai parar de doer até você chegar a um acordo com a verdade.

— E isso é?

— Ele foi embora. Aquele filho da puta saiu com o rabo enfiado entre as pernas, esgueirando-se na noite quando as coisas ficaram pesadas. — Eu ouço uma respiração áspera através da linha. — Aqui está a boa notícia, Chloe. Agora você sabe quem ele realmente é, e por mais que doa agora, ele está poupando sua dor de cabeça mais tarde.

Sentando-me, vou para o final da cama, derrotada de muitas maneiras.

— Eu só... Eu não consigo envolver minha cabeça em torno da ideia dele me deixando enquanto eu estava em coma. O que eu fiz errado?

— Não é você, garota. É ele.

Tentando alcançar algo que vai ajudar dar sentido a isso, eu pergunto:

— E se algo estiver errado? Ele está ferido ou...

— Não. Não faça isso consigo mesma. Josh desaparecendo da sua vida fala muito. É hora de você ouvir. — Eu sei que ela está apenas cuidando do meu melhor interesse, mas seu conselho não atinge a parte que mais precisa ouvir: meu coração.

Eu mudo o telefone para o meu outro ouvido e deito na minha cama.

— Estou voltando amanhã. Meus professores têm sido compreensivos até aqui, mas eu preciso estar presente.

— Eu sabia que você não sacrificaria os créditos. — Ela ri. — Você é a pessoa mais ambiciosa que eu conheço.

— Eu trabalhei a minha vida inteira para isso. — Como me tornei tão completamente distraída por um homem que perdi a noção disso? Ele nem verificou meu bem-estar desde que saí de um maldito coma. *Será que eu conhecia Joshua Evans?* — Significa muito saber que tenho uma amiga, Ruby.

— Eu sempre estarei aqui para você. E, de verdade, fico feliz em procurar por ele ou seus amigos... — ela diz, mas resmunga: — Os bandidos... quando você chegar aqui.

— Obrigada. Te mando uma mensagem quando voltar.

— Aguente firme.

— Eu vou. Se cuida. — Desligando, eu seguro o telefone no meu peito. Por mais que eu a aprecie, a fraqueza que sinto por ele me deixa com raiva. Por que as coisas correram mal? Ele me culpa pelo acidente? Depois de dias pensando demais nisso, é tudo que consigo pensar. Mas eu ainda sou tão tola. — Me ligue, Joshua — eu oro em um desejo que escapa para o mar.

As horas passam enquanto eu me sento na janela, olhando até a lua refletir na superfície do oceano furioso. Eu entendo a raiva. Eu sinto isso por dentro, a dor se afogando na raiva.

Como ele pode fazer isso comigo? Como ele pode ir embora? Ele não sente a dor lancinante que sinto por dentro?

Ele não me amava do mesmo jeito?

EU BATO.

E então novamente.

Não vou sair de New Haven até obter respostas.

Uma batida suave se torna uma batida para combinar com o quão louca eu me sinto por dentro. O movimento me acalma, os punhos ainda pressionados contra o vidro. O rosto familiar faz meu coração disparar.

— Patty!— Eu bato na porta ansiosamente. — Patty!

A tristeza arrasta seus olhos para baixo enquanto ela caminha pelo balcão em direção à porta. Assumindo sua dor, sinto meu estômago apertar de preocupação.

Ela destrava as fechaduras e puxa a maçaneta.

— O que você está fazendo aqui, Chloe?

Eu estava pronta para jogar meus braços ao redor dela, mas de repente me sinto desconfortável, o desejo de ir embora pesado em minha barriga. Olhando para trás, para o carro esperando por mim, Kenneth está mexendo em seu telefone alheio ao fato de que estou desmoronando aqui na calçada. Quando me viro para Patty, respondo com a voz trêmula:

— Estou procurando por Joshua?

Suas lágrimas caem como se o nome sozinho as fizesse fluir, seu pequeno corpo quase perdido na porta. Olhos ocos. Maçãs do rosto mais definidas. Os sinais de angústia são aparentes. Agarrando a porta, ela se apoia nela.

— Você não sabe onde ele está?

— Não. — Esta conversa está toda errada, meus ossos carregados de medo do resultado. Segurando meu telefone, eu respondo: — Ele não atende minhas ligações.

— Josh está na cadeia — ela morde, seu tom afiado.

— Eu não... o que?— Eu passo por sua raiva, mas ainda não consigo juntar as palavras. — Ele está na cadeia?

Em minha mente, nos últimos seis dias eu estive acordada e fazendo as coisas em replay, sem ligações ou mensagens de texto, deixando-me imaginando o que aconteceu quando eu mais precisei dele.

Ele está na cadeia?

— Por que?

— Como é que você não sabe? — Olhos injetados de sangue me encaram como se eu tivesse uma resposta.

— Me desculpe, eu... — Eu tropeço nas palavras quando percebo que ela está com raiva de mim. — Estou confusa, Patty. Ele está bem?

— Não. — Ela passa as mãos sobre os olhos assim que ela começa a chorar. — Como ele vai sobreviver a isso? Como eu vou? O que vou fazer sem ele? — Sua voz aumenta a cada pergunta que ela faz. Eu fico lá silenciosamente sem entender. — O que ele vai fazer quando sair? Seu pai está destruindo todo o futuro dele! — Ela grita. — Por que?

— Meu pai? O que ele tem a ver?

Suas mãos caem para os lados, e ela me encara incrédula.

— Você realmente não sabe? — Balançando a cabeça novamente, ela continua: — Seu pai não lhe contou como ele acusou meu filho de roubar um veículo, direção imprudente, sequestro, pelo amor de Deus, e uma série de outras acusações?

A respiração fica difícil, então cubro minha costela machucada para firmar o osso quebrado.

— Eles não fariam isso. Não comigo. Não com Joshua.

— Eles fizeram! — ela grita. — Vá embora, Chloe. A menos que você vá consertar isso, me deixe em paz. Mas o mais importante, deixe meu filho em paz. — Dando um passo para o lado, ela acrescenta: — Você já arruinou a vida dele. Não o torture mais. — A porta é batida na minha cara, deixando-me atordoada.

Arruinar a vida dele?

Oh Deus. Ele está na cadeia... suas palavras se repetem.

— Seu pai não lhe contou como ele acusou meu filho de roubar um veículo, direção imprudente, sequestro, pelo amor de Deus, e uma série de outras acusações?

Não. Não, meu pai não faria isso. Ele iria? Por quê? Não faz sentido.

Lágrimas caem mais uma vez, meu coração partido. Achei que sabia o que era dor. Mas isso... para meu pai me machucar tão profundamente... O homem que não pode me dizer que me ama sairia do seu caminho para destruir o homem que pode?

Se ele pretendia me destruir ou não, ele simplesmente conseguiu.

31

Chloe

Eu disse a mim mesma que iria me segurar. Eu seria forte e controlaria minhas emoções como costumava fazer antes de conhecê-lo. Mas duas horas não são tempo suficiente para me livrar da culpa que sinto.

Deixei mensagens para o meu pai, mas ele está em cirurgia.

Minha mãe insistiu em vir para New Haven comigo. Eu disse que não porque não queria que ela testemunhasse Joshua quebrando meu coração, se isso acontecesse. Eu gostaria de ter deixado ela vir, afinal. Embora eu não tenha contado a ela sobre Joshua estar na prisão, acho que não posso. Eu tenho que fazer isso sozinha.

Depois de finalmente descobrir onde Joshua está detido, fico sentada aqui, esperando, lutando para conter a dor, a culpa, a confusão que sinto por ele.

Nossos olhos se encontram no momento em que a porta se abre, e tudo o que reprimi vem à tona. Ver o homem que tem sido sua força, o sangue que corre em suas veias quebrado é devastador para a esperança contida. Eu me levanto, minhas mãos pressionadas no vidro, esperando sentir seu calor e nossa conexão se unindo mais uma vez.

Os olhos gentis pelos quais me apaixonei são mais duros, o futuro que uma vez vi dentro deles agora se foi. As mãos de Joshua se alinham com as minhas, lutando pelas mesmas coisas que eu preciso, a vida que tínhamos. Lágrimas enchem seus olhos enquanto ele olha nos meus. Abaixando a cabeça, vejo a vergonha que ele carrega, a vergonha que minha família colocou lá.

Eu quebraria este vidro se pudesse tirar essa vergonha. O desamparo se transforma em desespero e eu me aproximo o máximo que posso, pressionando minha bochecha contra a superfície inflexível. Quando ele faz o mesmo, minha força é recuperada.

Nós dois pegamos o telefone, nossos olhos fixos um no outro enquanto nos sentamos.

— Eu nunca te machucaria, Chloe — ele diz com um tremor em seu tom que eu nunca ouvi antes, como se ele tivesse que me convencer de sua inocência. — Não de propósito.

— Eu sei... — Minha mão volta para o vidro, silenciosamente implorando para que ele coloque a dele. — Eu sei que você não faria.

As lágrimas se foram, outra emoção tomando conta, uma que eu só testemunhei uma vez antes, quando tivemos uma briga por causa de uma briga... Eu nem me

lembro dela completamente. *Minhas notas. O meu pai. Meu mau humor.* Eu não queria que ele fosse embora. Ele ficou. Ele estava lá para mim quando eu mais precisava dele. Mas nos momentos anteriores, quando eu pensei que estava perdendo tudo, a vida, o amor saiu de seus olhos.

— Mas eu tenho que fazer isso agora.

Minha mão desliza pelo vidro, a resistência é a única coisa tangível que posso segurar.

— O que?

— Eu preciso que você vá embora, Chloe, e nunca mais volte.

— Precisa? — Minhas mãos começam a tremer, o fone não é seguro contra meu ouvido. Certamente, eu o ouvi errado.

— Quero. — A resposta é clara. Fiel à sua expressão e brilho inquebrável, o preto engole o calor que eu sempre amei. — Eu *quero* que você vá embora.

— *Ir embora...* Deixar você sozinho? — Eu sou rancorosa com as lágrimas mesquinhas que revelam a fraqueza sangrando em meu tom. Ele não quer dizer isso. Repito na minha cabeça. Ele está nervoso. Estou magoada, mas não causamos esta confusão. — Eu vou consertar isso, Joshua. Eu prometo. Eu vou tirar você daqui. Farei o que for preciso. Isto é um erro. Todo mundo sabe disso.

— Ninguém sabe disso. É por isso que estou aqui. — Ele esfrega a ponta do nariz, e seu cabelo cai sobre a testa, as ondas suaves que eu sempre amei mais ásperas, penduradas para baixo. — Foi um erro namorar com você. Foi um erro fingir que poderíamos ficar juntos, como se fôssemos especiais, e nossos mundos não colidissem de maneiras trágicas, de maneiras sobre as quais fui avisado.

Avisado? Ele foi avisado sobre namorar comigo?

— Você não quer dizer isso.

A raiva faz com que seu peito suba e desça rapidamente.

— Foi um erro te amar.

— Mas você faz. Você me ama. E eu te amo, Joshua...

— É Josh, porra! — ele brada.

O guarda bate no divisor com um bastão.

— Acalme-se ou...

— Eu entendi. — Joshua, *Josh retruca*, sentando-se novamente. — Foi divertido, mas nada mais. O amor não é real. Eu vou provar isso para você. Vá para a escola. Vá para casa. Torne-se uma médica. Encontre o homem digno de você. Este não sou eu. Eu sou apenas a porra do entregador, mas não estarei mais à sua disposição.

Seus melhores esforços para me fazer odiá-lo não vão funcionar. Essa é a defesa dele, mas eu vejo através dele. Ele está enjaulado e atacando. Não vou deixar ninguém

tirar de mim o homem que amo.

— Estou do seu lado. Eu sempre estarei do seu lado. Assim como você está no meu. Lembra? Eu te amo e você me ama, então lançe todo o ódio que quiser, mas não vou acreditar.

— Eu não dou a mínima para o que você acredita, Chloe. Você precisa me deixar em paz.

Eu luto contra suas palavras odiosas para encontrar o homem que ele é por baixo.

— E se eu não fizer?

Ele bate o telefone no gancho e deixa cair a cabeça em suas mãos. Passando os dedos pelo cabelo, ele tenta controlar a respiração, mas posso dizer que ele está lutando para se afastar de mim. Eu sou a mulher com quem ele escolheu morar. Aquela com quem ele compartilhou seu bonsai, compartilhou seus segredos quando eu perguntei...

— *Me diga algo que eu não sei.*

— *Não é sábio usar seu coração na manga.*

— *Mesmo se eu usar apenas para você?*

— *Sim.*

Eu não deixo essa memória me atrapalhar. Ele não quis dizer isso. Eu sei que ele não quis.

Ele finalmente olha para cima e pega o fone novamente.

— Me escute. Você é uma boa garota, Chloe, mas não é a pessoa certa para mim. — Ele não consegue me olhar nos olhos quando continua: — Eu sei que você quer acreditar no destino, mas você não é meu destino. Volte para Yale e tenha uma boa vida.

— Uma boa vida? Sem você? Como isso é uma opção?

— É a única que você tem. Vou perante o juiz amanhã, então, a menos que você esteja disposta a argumentar em minha defesa, não tenho outras opções a não ser me declarar culpado.

— Não, você não pode. Lute contra as acusações. Lute por um julgamento. — O som da cadeira derrapando atrás de mim quando eu pulo ecoa na sala, as palmas das minhas mãos batem no vidro para chegar até ele. — Lute por nós. Eu vou lutar ao seu lado.

Por uma fração de segundo, um pingo de esperança retorna aos seus olhos.

— Se você vai lutar por mim, então por que você disse não antes?

— Para que? Quando?

Olhando para longe em pensamento, ele balança a cabeça. O impulso que estávamos construindo, voltando a ficar juntos, se perde na confusão.

— Meu advogado entrou em contato com você...

— Ele não fez. Eu tive meu telefone o tempo... — *Oh meu Deus!* — Recebi meu telefone há seis dias... — Eu caio de volta na cadeira, não querendo ver a verdade pelo que ela é. Meu pai poderia realmente ter ido tão longe? Minha mão começa a tremer quando pergunto: — Ele ligou antes disso?

— Seu telefone estava no chão. Eu encontrei. Ele ligou... — ele começa, procurando seus pensamentos. — Dez dias ou mais atrás. Se você não tinha seu telefone, quem tinha?

Nós dois sabemos a resposta, então eu não a expresso. Uma mistura de culpa e impotência destrói a perspectiva de consertar isso.

— Eu não tinha ideia de que você estava aqui. Você tem que acreditar em mim. Não até eu ver sua mãe algumas horas atrás. Ninguém me disse, ou eu estaria aqui assim que pudesse.

O peso de seu pomo de Adão é pesado, como a realidade que estamos enfrentando.

— Mas isso não importa agora.

— Sim, importa. Podemos lutar contra isso. Juntos, nós podemos. — Eu mostro a ele minha tatuagem. — Estamos ancorados juntos, lembra? Para todo sempre. Eu sou sua âncora. Eu sou sua outra metade. Você é minha esperança, e eu sou sua salvação. Eu sou sua e você é meu.

— Juntos para sempre? — As palavras saem como se fossem amargas para a língua. — A tatuagem não significa nada se estou lutando para permanecer vivo. Se seu pai te fodeu pegando seu telefone ou não, você não se incomodou em me encontrar quando acordou. Olhe para você. Você está bem o suficiente para viajar para estar aqui...

— Eu acordei para descobrir que você tinha saído cinco dias antes. Eu estava devastada e com dor em todos os lugares, mas a única coisa que eles não conseguiam consertar era a que doía mais. Meu coração. — Eu olho em seus olhos, e é como se ele não acreditasse em mim. — Pensei que você me odiasse. Achei que você não queria mais nada comigo porque minha recuperação seria demais para lidar. — Eu engasgo e tento recuperar o fôlego.

— Fui preso do lado de fora do hospital quando me disseram para sair e não voltar.

Meu coração despenca até a boca do estômago.

— Eu não sabia. Liguei para você, e assim que fiquei bem o suficiente para viajar para New Haven, eu vim. Fui ao restaurante da sua mãe, Joshua... *Josh* — eu soluço. *Eu não consigo ser forte. Não consigo evitar que minhas lágrimas escorrem pelo meu*

rosto. — Mas agora eu sei a verdade. Eu sabia que você não me deixaria. Vou dar um testemunho. O que você precisar, é só me dizer. Apenas me diga o que aconteceu. Eu direi qualquer coisa, qualquer coisa que você quiser.

O calor que ele uma vez compartilhou em seus olhos cheios de alma, gelou.

— Qualquer coisa *que eu* queira? A verdade, Chloe. Você só tem que dizer a eles a verdade. — Uma ruga apertada atravessa sua testa. — O que você se lembra de ter acontecido?

Eu odeio estar desapontando ele, então eu puxo cada memória que eu consegui tirar do fundo do meu cérebro da semana passada.

— Me lembro da festa. Beber com você. Fazer amor com você...

Suas mãos agarram a borda do balcão, parecendo impedi-lo de sair.

— Você não se lembra, não é?

A corda do coração que nos amarra se rompe. Estou perdendo ele. Eu posso sentir isso. Meu apelo vem rápido como se o tempo estivesse se esgotando.

— Vou encontrar um médico para me ajudar, mas isso vai levar tempo. Se você me contar, isso pode desencadear as memórias.

Ele bate o punho para baixo, e eu vejo como a frustração percorre suas belas feições.

— Isto é minha vida! Não algum maldito conto de fadas. Estou olhando para três anos se me declarar culpado.

— Não se declare culpado. Eu ajudo...

— Você nem consegue se lembrar, porra. Então, a menos que você convença seu pai a não fazer essas acusações e agora que o condado está do lado dele, vou para a prisão amanhã. O que vai acontecer com minha mãe, Chloe? O que vai acontecer com o restaurante dela? O que vai acontecer com os sonhos que *eu* tinha?

Mais uma vez. Mais uma para alcançá-lo. Minha mão vai para o vidro como se eu pudesse tranquilizá-lo, como se ele sentisse o quanto eu o amo, sentisse através da divisão fria.

— Eu sinto muito. Eu vou falar com ele. Eu farei qualquer coisa que você precisar. Apenas me diga o que fazer.

— Me tira daqui. — Sua mão assombra a minha através do vidro. — Por favor.

— Eu vou consertar isso.

— Tenho até de manhã para aceitar o acordo judicial.

Na hora mais escura, com cinco centímetros de vidro entre nós, sinto seu amor novamente e me agarro a ele.

— Eu prometo, Joshua.

No momento em que chego ao carro, minhas pernas vacilam sob mim, e a

adrenalina drenando do meu corpo me faz cair contra a porta. Kenneth se aproxima, envolvendo o braço em volta da minha cintura, e me ajuda a entrar.

— Você não está bem, Chloe.

— Estou bem. — Eu deslizo, segurando minha barriga. Minha costela e meu corpo doem em recuperação. Meu coração se parte da realidade.

Do banco da frente, Kenneth olha para trás e pergunta:

— Para onde você quer ir?

— Newport.

32

Chloe

FICO ESPERANDO, sozinha andando de um lado para o outro no escritório do meu pai. Cada minuto que passa aumenta minha raiva.

Esta clínica, e seu escritório especificamente, costumavam parecer uma segunda casa. É onde levaríamos o jantar do meu pai se ele perdesse algum feriado por causa de uma emergência. Foi para onde trouxe minha carta quando fui aceita em Yale. Foi onde estagiei no verão passado.

Eu fico na janela incapaz de aproveitar as memórias porque eu não consigo raciocinar através das mentiras para encontrar a verdade.

A porta se abre, me pegando desprevenida, mas ainda estou pronta para explodir.

— Chloe? Isso é inesperado — Ele diz, sem se preocupar em levantar os olhos das mensagens que sua recepcionista deve ter lhe entregue antes de ele entrar. — Você deveria estar em New Haven. Não me diga que perdi meu tempo fazendo aquelas ligações? — Ele despeja os papéis em sua mesa enquanto se move para se sentar. Ele finalmente olha para mim. — Você está pálida. Você não está se sentindo bem? Você precisa que eu te examine?

Nenhuma saudação ou como você está? Sua saudação carece da sinceridade de um pai feliz ao ver sua filha que não morreu em um acidente de carro. Eu mal recebo a cortesia de boas maneiras com um paciente, mas talvez ele não tenha isso também.

— O que você fez?

— O que? — ele pergunta, digitando no computador. Quando não respondo, ele acrescenta: — Estou extremamente ocupado, Chloe.

— Acabei de sair da prisão.

Isso chama sua atenção, mas ele corrige sua expressão, me fazendo perceber que ele é um mestre do disfarce.

— Nós vamos jogar esse jogo o dia todo, ou você vai me dizer porque você foi para a cadeia?

— O advogado de Joshua entrou em contato com você?

Sua cadeira gira e ele se recosta, juntando as mãos no colo.

— Sim. Ele deixou uma mensagem.

— Você retornou?

— Não. Meu advogado me aconselhou a não fazer isso. Ele, no entanto, ligou e disse para ele parar de ligar. O dano pode estar feito, mas há repercussões que vêm

junto com a tentativa de machucar minha família.

De pé abruptamente, eu pressiono as pontas dos meus dedos contra sua mesa até que embranquecem.

— Ele estava me chamando. Você sabia que ele estava. Meu namorado está preso por causa de uma história maluca que você contou à polícia. Joshua não roubou o carro e não estava me sequestrando.

— Você pode atestar isso sob juramento porque eu estava no local do acidente depois que a ambulância chegou? Deixe eu te dizer, nenhum pai deveria ver seu filho quebrado na beira da estrada e sangrando. Josh Evans é imprudente e uma má influência. Mas o pior é que ele te convenceu de que ele é um santo.

— Ele é — eu digo, apontando para o meu peito. — Ele me ama, pai, sem se importar com o que posso pagar para ele ou porque sou uma Fox de Newport. Você não vê? Ele nunca me machucaria de propósito. Nunca.

— Então conte à polícia sua versão da história. Isso deve consertar qualquer dano causado.

Ele está jogando e eu preciso do espaço. Eu me movo para trás da cadeira, me mantendo firme em um novo lugar.

— Você sabe muito bem que não consigo me lembrar, mas meu coração nunca esquecerá o quanto ele me ama ou o quanto você me machucou.

Acenando com a mão em desdém, ele volta sua atenção para o computador.

— Controle-se. Corações desviam você para becos sem saída. Seu relacionamento com ele não vai a lugar nenhum, Chloe. Deixe para lá e deixe que os tribunais lidem com ele.

Apertando o encosto da cadeira na minha frente com tanta força que posso quebrá-la, me inclino e digo:

— Você quer dizer deixá-lo ir para a cadeia pelo que sei que ele não fez? Eu não seria tão insensível assim nem com meu inimigo.

— Você não sabe o que ele fez ou deixou de fazer. Eu sei. Eu vi o despeito em seus olhos quando você pegou seu carro na festa. Eu vi esse olhar toda a minha vida, ciúme e vingança.

— Vingança? — Eu me sinto como uma pessoa louca falando com uma parede. Andando de um lado para o outro, digo: — Não faço ideia do que você está falando. Por que ele iria querer vingança?

— Abra seus olhos! Vingança contra mim, sua vida, o que eu pude te dar. Ele pode desviar o olhar, mas está sempre ciente do que falta para ele, do que seu pai nunca lhe deu. Ele é de um lar desfeito de pais ainda mais destroçados...

— Eu sou de um lar desfeito! — Eu grito, frustração tomando conta.

— Ele confessou. Tudo. Pare. — Uma corrente de raiva está sob seu tom firme, sua paciência se esgotou. — Que mais provas você precisa?

— Você não sabe do que está falando. Ele nunca confessaria acusações que não são verdadeiras. Ele nunca me machucaria. Ele me ama, pai, e eu o amo. Se você não retirar essas acusações, você me perderá no processo.

— Não seja ridícula. Por que você jogaria tudo fora quando está tão perto de conseguir o que quer?

Eu alcanço a janela e viro de volta.

— *Eu* quero *ele!*

O bater das palmas das mãos na mesa me assusta. Ele está de pé, raiva queimando em seus olhos que não piscam.

— Você não o têm!

— Você não tem palavra nisso.

Enquanto seus dedos cavam na madeira, seu olhar salta para frente e para trás entre meus olhos em uma tentativa de intimidar.

— Não insulte minha inteligência, Chloe. Você não vai me ameaçar em uma birra infantil para conseguir o que quer com um garoto que não é digno de você. — Partindo o ar, ele empurra um dedo na minha direção. — E nunca aja abaixo do nome Fox. Você recebeu todas as oportunidades que outros apenas sonham em ter. Não jogue fora em uma ameaça de curto prazo que pode lhe custar tudo.

Meses atrás, eu teria me acovardado sob seu aviso, feito tudo ao meu alcance para não decepcionar meu pai. Eu teria fechado a boca e saído com o rabo enfiado entre as pernas.

Não mais.

Ver o homem que amo com lágrimas que causei, de pé do outro lado de uma parede que seu pai colocou lá me mudou para sempre. Eu vejo através de suas mentiras, e estou disposta a deixá-lo chamar meu blefe.

Controlando meu tom, estou determinada e sem medo.

— Se você não retirar as acusações e libertá-lo, nosso relacionamento acabou. — Eu ando até a porta, a ameaça de eu sair é a única maneira de fazê-lo mudar de ideia.

— Se você sair por aquela porta, não vou recebê-la de volta.

Eu paro com a maçaneta na minha mão, cedendo na esperança de apelar para o seu lado mais suave, se é que ainda existe.

— Você vai retirar as acusações? Você vai me ajudar? Se não for por ele, por mim, *por favor?*

— Não.

Eu abro a porta. A finalidade da nossa conversa batendo nas minhas costas, o fim

do nosso relacionamento apenas um passo à minha frente.

— Esta é sua última chance, Chloe. — Ao ouvi-lo dizer isso, me pergunto se ele deu à minha mãe um ultimato semelhante. Ela foi forçada a deixá-lo também?

Olho por cima do ombro.

— Não, pai. Esta é *sua* última chance. Você já perdeu a mamãe, e agora está disposto a me perder também. Aproveite seu nome, seu trono e sua riqueza. *Sozinho.*

Chego ao outro lado do corredor no momento em que a porta do escritório se fecha. Ele não vem atrás de mim. E não espero o impossível acontecer. Entro no carro e peço a Kenneth que me deixe em um motel perto da cadeia.

O dia já está acabando, a lua começando a deslizar lentamente para o céu. Minha ligação para Ruby não é atendida, e não há resposta a minha mensagem: *eu preciso de você.* Sentada em um quarto escuro, minha esperança começa a se desfazer como minha sanidade enquanto tento me lembrar da noite do acidente.

Fazendo amor à tarde.

Vestido roxo.

Trevor tentando arruinar a festa.

Meus presentes de aniversário.

Joshua, terno azul escuro. Olhos com alma. Coração mais gentil. Eu te amo é compartilhado no meio da noite. Aquele sorriso... o sorriso que ele ainda usava quando queria as coisas do seu jeito. Ele conseguia, todas as vezes.

Olhar para fotos nossas no meu telefone não faz nada para me lembrar daquela noite. *Eu não tirei fotos? Não compartilhei nada nas mídias sociais?*

Pouco depois das nove, meu telefone vibra no travesseiro ao lado da minha cabeça. Me sento quando vejo quem está ligando, respondendo freneticamente entre meus soluços:

— Ruby, preciso da sua ajuda.

Isso é tudo o que preciso para que ela venha em meu auxílio. Ela está aqui antes da meia-noite, fazendo ligações que vão para o correio de voz, mas fazendo o esforço de qualquer maneira. Consolando-me o melhor que pode, ela tenta me ajudar a lembrar, mas nada funciona.

— O sequestro é uma acusação falsa — diz ela, deitada ao meu lado na cama. — Ele não estava bêbado. Eles não vão retirar comportamento imprudente, a menos que você se lembre do contrário.

— Mas a imprudência é a menor em comparação com as outras acusações.

— E você não sabe quem é o advogado dele?

— Não. — Sinto doente por ele não ter alguém defendendo-o que tenha o melhor interesse de Joshua em mente. Ele é outro caso. Outro número. Apenas outro... *Não*

para mim. Ele é tudo para mim.

Ela se vira para mim, segurando minha mão.

— Nós iremos amanhã. Vou depor como testemunha e reduziremos as acusações. Ele provavelmente terá liberdade condicional, mas isso será uma vitória.

Eu tento encontrar segurança em suas palavras, em seu compromisso de que isso vai funcionar, mas a dúvida tem um aperto no meu estômago enquanto todos os *e se* passam pela minha cabeça.

— Se ele conseguir liberdade condicional, ele estará livre, e ele fica comigo.

— Espero que tudo isso aconteça para vocês dois.— Seu olhar cai para seu colo. — Me desculpe, eu o julguei mal como os caras que eu namorei. Eu sei que ele é diferente. Eu só gostaria de poder melhorar as coisas para você, mas eu acredito em meu coração que tudo vai funcionar como deveria.

A luz do dia entra pelas cortinas mofadas, me acordando. Não sei quando adormeci, mas meu corpo dói tanto quanto minha cabeça, meus olhos inchados de tanto chorar e o peito pesado com o destino de Joshua hoje.

Ruby já está vestida quando me levanto. Ela diz:

— Achei que você poderia dormir um pouco.

— O que? Não! — Eu verifico a hora. — Oh meu Deus, Ruby. Temos que ir. — Eu me recuso a deixá-lo passar por isso sozinho. Estarei ao seu lado hoje e todos os dias depois.

No tribunal, fazemos o check-in, esperando nervosamente na sala do tribunal que ele seja trazido. Continuo olhando em volta, esperando ver pelo menos um rosto familiar, se não três.

— Por que Patty não está aqui? Ou Todd ou Bryant?

Ela me abraça de lado enquanto esperamos na sala cheia de estranhos.

Não tenho certeza de quanto tempo passa, mas finalmente fico entre os casos.

— Algo está errado. Eu posso sentir isso. Eu quero verificar a súmula.— Ela me segue, e nós a encontramos pendurada na parede. Correndo meu dedo pelo papel, ele para quando encontro o nome dele... *riscado*. — Isso não está certo. — Corro para uma mesa próxima e pergunto: — O nome do meu namorado está riscado? Na súmula? Há uma linha em seu nome?

Eu nem sei o que estou perguntando, mas ela parece entender.

— Sim, alguns casos foram ouvidos mais cedo esta manhã. — Ela sorri. — A esposa do juiz vai ter um bebê hoje.

— Não.

— Sim, ela vai. — Ela acena educadamente. — É um parto programado.

Batendo em sua mesa, perco a paciência.

— Não, quero dizer, o que aconteceu com ele, com meu namorado. Joshua Evans.

Ela começa a digitar, olhando para a tela do computador.

— É uma questão de registro público. Ele se declarou culpado.

— Mas ele não é. Eu estive aqui, esperando. Eu sou uma testemunha. Ruby também está aqui como testemunha. Ele não é culpado.

O encolher de ombros que ela dá não é cruel, mas parece tão desesperador quanto eu.

— Eu sinto muito. Eu não sei o que te dizer. O pedido foi registrado nos autos.

Isso é o que está errado, o que eu senti lá no fundo. Apertando meus olhos fechados, eu posso vê-lo tão claramente em minha mente. *Por que ele faria isso*? Por que ele confessaria algo que não fez?

Por que só consigo me lembrar de ter *perseguindo a lua*?

Saio correndo, mas não ando três metros antes de me sentir fraca. Ainda estou me recuperando e meu estômago está vazio. Caindo contra a parede, Ruby envolve seus braços em volta de mim.

— Você não pode correr, Chloe.

— Eu preciso. — Segurando o lado da minha cabeça, eu digo: — Eu posso parar com isso. Posso impedir ele de ir para a cadeia. Nós apenas temos que dizer a eles o que sabemos. — Olhando em seus olhos cheios de lágrimas, eu imploro: — Me ajude a chegar lá.

Mancando juntas, cobrimos o quarteirão e entramos na prisão. Já me familiarizei com a rotina de fazer login, enviar minha identidade para verificação e o processo de entrada na sala de visitação. Essa hora não ajuda a minha ansiedade. Isso torna pior, não tenho certeza de como ele vai reagir a mim.

Assim que estou sentada do outro lado da cabine, a pouca adrenalina que costumava me trazer aqui começa a diminuir, meu coração batendo no meu peito enquanto o medo corre através de mim.

A vergonha que vi nele ontem, agora pertence totalmente ao meu lado da barreira. Eu falhei com ele, mas se houver um jeito... se não for tarde demais, eu o ajudarei como puder.

Quando ele entra do outro lado da sala, nenhum de nós corre para pegar o fone. Em vez disso, nossas mãos pressionam juntas. Apesar do pequeno gesto, não recebo sua ternura ou segurança. Eu sou desligada, tudo o que costumávamos ser, desaparece em um instante.

— Sinto muito — eu digo através de choros trêmulos e vidro grosso. Eu sei que terminamos antes que sua mão deslize para baixo e ele se afaste. Desejar nunca me fez

bem antes, mas gostaria que pudéssemos ter ficado em nosso próprio mundinho, aquele que construímos juntos. Eu olho em seus olhos, e assim como as memórias que me escapam, já estamos no passado.

Ele levanta.

— Não volte, Chloe.

Meus braços caem para os lados enquanto suas palavras afundam. *Não. Por favor, Deus não.* Eu tento alcançá-lo mais uma vez antes de sucumbirmos ao nosso destino.

— Eu sinto muito. — Ele vira as costas para mim e vai embora.

Essa foi a última vez que vi Joshua Evans.

33

Chloé

Perseguindo a lua.

A frase etérea ainda flutua como uma invenção da minha imaginação.

Mesmo depois de seis anos.

Felizmente, é fácil evitar luas e estrelas dentro de um pronto-socorro, especialmente trabalhando no turno da noite. Levei anos para aprender, mas agora guardo minhas emoções. Me ajuda a lidar com a dor que vejo diariamente.

Um efeito colateral bônus para o trauma passado, eu não choro mais. Perdi lágrimas suficientes ao longo dos anos para durar uma vida inteira. Um dia, elas simplesmente pararam de fluir. Foi mais ou menos na mesma época em que parei de contar os batimentos cardíacos que pareciam vibrar apenas para um homem.

Esse mesmo homem me disse uma vez que o amor é encontrado no contentamento. Eu acreditei nele porque éramos jovens.

Nós éramos ingênuos.

E estávamos tão apaixonados.

Hoje em dia, eu vivo por outra frase dele: *O amor não é real,* mas nós fomos...

34

Chloe

— Você está acordada?

Olhando para os dígitos brilhantes do meu relógio, eu rapidamente fecho meus olhos novamente não querendo acordar mais do que o necessário. Eu mudo o telefone para o meu outro ouvido.

— É uma hora, mãe. Achei que era o hospital ligando.

— Eu pensei que você estava de folga do turno da noite este mês?

— Eu estava, mas me ofereci porque outra residente entrou em trabalho de parto. E sexta-feira 13 é tão ruim quanto luas cheias no pronto-socorro. Eu não queria deixá-los com falta de pessoal.

— Você está se desgastando, Chloe. — A preocupação cobre sua declaração. Ela parou de rodeios alguns anos atrás quando se tratava de andar em ovos em torno dos meus sentimentos. Eu tinha me torturado mentalmente por muito tempo.

Um terapeuta me ensinou a sofrer. Então aprendi a perdoar meu papel em como as coisas aconteceram. A única coisa que nunca fiz foi fazer as pazes. Eu não podia. Não havia nenhuma maneira que eu pudesse vê-lo novamente. Não depois que ele partiu meu coração como ele fez.

Acho a exaustão melhor do que viver com o vazio. Pelo menos, eu sinto alguma coisa. Isso parece progresso.

— É só esta semana — eu digo, esfregando o canto do meu olho. O quarto ainda está escuro, embora o sol esteja lutando para entrar e me tirar o sono. Cortinas blackout são a melhor coisa que já comprei. — Então voltarei à minha rotação normal.

— É bom ouvir isso. Você ouviu mais alguma coisa sobre ser recrutada depois de sua residência?

— Mãe, estou cansada. Só dormi por quatro horas. Você sabe que eu adoro falar com você, mas eu tenho outro longo turno esta noite e eu realmente gostaria de mais algumas horas, se possível.

— Ok. Ok, querida. Me ligue quando tiver algum tempo livre, ou no minuto em que ouvir alguma coisa. Te amo.

— Eu vou. Amo você também.

Colocando o telefone de volta com a tela para baixo, eu fecho meus olhos novamente, minhas pálpebras implorando por mais descanso, mas meu cérebro

chutando em marcha, bem acordado. Eu rolo para o meu outro lado e puxo o travesseiro sobre minha cabeça. Aconchegada, expiro, afundando nas almofadas do sofá, embora não esteja encontrando a mesma satisfação.

Virando, deito de costas, ajustando o travesseiro embaixo de mim para dar um último esforço sólido, mas o agravamento começa a se instalar. Eu me sento e soco o travesseiro como se fosse a causa da minha insônia. É mais fácil de culpar do que o cronograma com o qual eu pessoalmente concordei. Eu sei que acordar agora fará com que a noite pareça durar o dobro do tempo, mas eu posso aproveitar ao máximo o dia.

Eu não deveria sentir tanto prazer quanto quando abro as cortinas todos os dias, mas quando vejo Frankie e Hemsworth, não posso deixar de sorrir. Abaixando-me, digo:

— Boa tarde. Como vocês estão hoje? — Eu dou um pequeno carinho em cada um de seus troncos e, em seguida, mergulho o dedo no vaso para verificar o solo.

— Não leve a mal, Frankie, mas você está um pouco seca, e eu acho que você cresceu demais. De novo. Você é quase tão alta quanto Hemsworth e ele está de pé.

Levando as duas plantas para a pia, deixo elas compartilhar seu banho semanal. Desde que os juntei há seis anos, eles são inseparáveis desde então. Principalmente pelo fato de serem plantas e não terem escolha a não ser me agradar com sua presença. Mas eu não me debruço sobre a negatividade, se eu puder evitar.

Depois de resolvê-los, dou um nó duplo nos cadarços e estou na esteira antes de ter tempo de pensar se devo tentar dormir no meu quarto. Eu apago essa ideia. Faz meses que não durmo lá. Abafar o ruído após um longo turno é melhor feito na frente da TV. Qualquer filme serve e estou fora antes do primeiro intervalo comercial.

Eu aumento a velocidade e corro. Corro tanto que, quando atravesso quarenta minutos, quase percorri 11 quilômetros. Eu desacelero a correia e seguro meus lados que doem com uma cãibra. Memórias da minha costela quebrada voltam, e sou rápida em mover minha mão. Nada de bom virá de eu revisitar a estrada da memória. Aperto o botão de parada e desço.

Depois de beber um copo de água, eu enxugo o suor que escorre pela minha testa e depois pela nuca enquanto olho pela janela. Encho meu copo e bebo enquanto examino as vidas dentro dos minúsculos apartamentos aquário de Nova York do outro lado da rua. O meu não é maior, mas é bem menos interessante.

Há o cara careca que usa camisas havaianas e nada por baixo em três janelas para o lado e uma para baixo.

E depois há o apartamento em frente ao meu. Ele monta seu Peloton como se estivesse no Tour de France depois de um longo dia em onde quer que ele trabalhe,

que exija ternos sob medida e relógios caros. Eu poderia ter puxado meus binóculos uma vez para inspecionar adequadamente a situação. O que posso dizer? Posso ter desistido de namorar, mas não sou freira.

Ele está muito zangado para manter o controle. Bonito, mas grita muito em seu telefone.

A rua de quatro faixas abaixo é larga o suficiente para dar às pessoas uma falsa sensação de segurança de que elas realmente têm privacidade. Ou talvez eles simplesmente pararam de se importar como eu. É fácil acreditar que você pode desaparecer na cidade. Dobrei e desapareci na minha própria vida. Só agora estou começando a ver uma aparência da vida que eu tinha antes do acidente.

Vou para o trabalho, volto para casa, elimino o estresse na esteira ou com uma corrida no parque, e durmo, sem me dar tempo de sentir falta de nada do que costumava fazer *ou ter*. Não é uma vida excitante, mas é minha, a que escolhi criar para mim. Aquela que mantém meu corpo e minha mente ocupados demais para pensar no que está faltando: amigos, meu pai, a vida que eu conhecia enquanto crescia, Ruby quando ela não está na cidade, um outro significativo, Jos... eu me paro antes que o nome escape dos meus pensamentos.

Apertando meus olhos fechados, eu tento o meu melhor para esquecer a vida que eu só tive um gostinho antes de ter que desistir. É egoísta ceder quando ele enfrentou consequências horríveis por estar comigo. Afogo as memórias sob a água quente batendo em meus ombros, implorando para ter um dia que não tenha minha mente vagando para um passado que nem tenho certeza de que existiu. Hoje, aparentemente, não é esse dia.

Para agradar minha mãe, me visto e saio. Se eu não tiver um álibi de viver uma vida *mais plena*, como ela chama, o assédio será insuportável. Tomar café em um restaurante de esquina pode não ser excitante, mas vai apaziguá-la. *Por enquanto.*

Eu realmente deveria sair do hospital com mais frequência, para ver o bem que está acontecendo ao redor, em vez de colocar o fardo sobre os outros para me fazer feliz. Fiz isso uma vez e me queimei. Meu coração fica mais leve ouvindo risadas em vez de choros. Ver sorrisos em vez de lágrimas. A vida continua ao meu redor, mesmo que a minha tenha parado de muitas maneiras.

Para consolidar meu caso, tiro uma selfie minha prestes a morder uma cereja dinamarquesa como prova e a envio para Ruby e minha mãe com a mensagem: *Olhe para mim vivendo uma vida de luxo. #vaidiretoparaminhascoxas*

Minha mãe responde primeiro: *#valeapena* Ela é tão moderna com a linguagem da hashtag.

Ela costumava me dizer para viver sem medo.

Eu fiz isso uma vez.

Agora ela me diz para viver sem arrependimentos.

Estou fazendo o meu melhor.

A mensagem de Ruby chega logo depois que eu termino meu café: *Esta pode ser minha foto favorita de você de todos os tempos.*

Sorrindo com a mensagem, digito: *Vindo de uma fotógrafa profissional, aceito o elogio.*

Ruby: *Sou bem paga pelo meu olho. Quanto para ter essa foto emoldurada para pendurar na minha galeria?*

Vendo a multidão entrando para a dose de cafeína no final da tarde, pego minhas coisas e desocupo a mesa. Na calçada, fico no canto e digito: *Cadê você? Saudades de você.*

Ruby: *Voando para casa em alguns dias. Jantar quando eu voltar?*

Eu: *Para você, qualquer coisa.*

Ruby: *Essa é minha garota.*

Meu estômago se contorce com a frase, mas tento não deixar isso me derrubar. Nuvens se espalharam e uma brisa sopra pela rua.

Ruby: *Avisarei quando estiver em casa. Tenho que correr.*

Eu: *Se cuide. Te amo.*

Ruby: *Também te amo, amiga.*

Olho para a massa folhada meio comido na minha mão e jogo fora em uma lata de lixo próxima. Faltando algumas horas para me arrumar para o trabalho, ando pelas ruas, olhando para cima, esperando a lua sair. Eu nunca percebi o que essa frase significava, mas ainda procuro seu significado sempre que posso.

O clima bonito deve iluminar meu humor, mas não estou apenas cansada. Algo mais tomou conta do ar ao meu redor, algo pesado que escapou do meu coração que nem a luz do sol pode abalar.

Eu jogo fora meu copo de café, sem saber por que sinto que tenho algo a provar. Que estou vivendo? Prosperando, sobrevivendo? Se eu não sei, uma foto não vai vender a ideia.

Encontrar um banco vazio é como ganhar na loteria. As pessoas assistindo em Manhattan nunca envelhecerão, e a agitação na calçada dá um alívio à minha mente ocupada. Mas fico impaciente quando vejo todas as famílias, então minha aventura fora de casa termina depois de uma rápida ida à loja da esquina para comprar o básico. Não é emocionante, mas a comida não precisa ser interessante ou criativa. Pode ser apenas combustível.

Mas ouvir as vozes no fundo da minha mente que ainda tentam me fazer colorir

fora das linhas me faz jogar um pote de sorvete de cereja e chocolate. Andar no lado selvagem não tem que significar invasão e nadar pelado. Isso não funcionou, então por que tentar o destino novamente.

Com minha mente presa em coisas que não deveria estar, a única maneira de me distrair da minha vida é me concentrar nos outros, então depois de um rápido pit stop em casa, troco de roupa, faço um jantar e vou para o trabalho.

Antes que eu tenha tempo de colocar minhas coisas em um armário, meu lado é ladeado por Julie. Nosso ritmo nunca é interrompido enquanto ela me conta enquanto caminha pelo corredor.

— Três ferimentos leves nos quartos dois, oito e... — Ela bate na tela de um tablet eletrônico. — Cinco. Dois com intoxicação por álcool no um e nove.

Não só ela se destaca em seu trabalho, mas se tornou uma boa amiga.

— E três, quatro, seis, sete e dez?

— Gênia. Você é muito rápida para mim — ela diz, sorrindo. — Eu estava chegando naqueles cinco quartos. Eles já estão limpos e preparados para os pacientes que chegam. Tem sido leve, considerando...

— Considerando que é sexta-feira treze?

Segurando o tablet contra o peito, ela responde com um meio sorriso.

— Sim.

Enquanto ela permanece no posto de enfermagem, continuo andando.

— Obrigada, Júlia.

— De nada, Dra. Fox.

Nós falamos cedo demais. À medida que a noite se estende, nosso desejo por uma carga leve não é atendido, e as tendências do passado voltam a se encaixar. Gosto de estar ocupada, mas o sofrimento em uma sala de espera lotada dificulta a concentração. Eu odeio deixar as pessoas esperando, então eu pulo meu intervalo, esperando ver os pacientes mais cedo. Recebo o prontuário do quarto cinco assim que abro a cortina.

— Um dedo indicador lacerado — eu li em voz alta enquanto examinava o prontuário. Idade. Pressão sanguínea. Temperatura. Padrão sem preocupações. — Você é um cozinheiro, Sr. Evans... — Eu engasgo com o nome quando meus olhos encontraram os dele.

Aqueles olhos castanhos que ainda vejo no mais doce dos sonhos olham de volta para os meus.

A leve ondulação em seu cabelo castanho se suavizou, mas a barba em seu rosto escureceu. Meu coração está prestes a subir pela minha garganta.

Espero que as linhas que residem ao lado de seus olhos tenham sido formadas por

risadas e não por dificuldades. Mas esse é um desejo que não tenho o direito de fazer, já que sou responsável por sua dor passada.

Perdendo o pensamento racional, eu fico lá em silêncio, olhando para o homem que uma vez segurou meu coração em suas mãos. Ele diz:

— Chef, na verdade.

— Chef? — Ele está sorrindo, orgulho é visto em seus olhos enquanto eu tento não morrer por dentro.

Só respire. Limpe sua cabeça. Não se concentre na forma como seu coração dispara. Ignore aquele órgão que decidiu se juntar à festa como se estivesse batendo pela primeira vez, um pulsar de pés pesados se instalando.

Pelo amor de Deus, olhe para longe. Meus olhos vão para a mão dele e para o ferimento que o trouxe ao pronto-socorro. *Meu pronto-socorro. Na minha cidade.*

Como ele ousa aparecer aqui? Eu deveria estar segura. Eu tinha desaparecido com sucesso de todas as partes da minha antiga vida, exceto três. Minhas plantas, minha mãe e Ruby.

— Me desculpe. Não percebi a diferença.

— Eu comecei como cozinheiro no restaurante da minha mãe em New Haven anos atrás — ele explica como se fôssemos totalmente estranhos nos conhecendo. Não estou totalmente chateada com a charada. O que fomos não é o que somos agora, então não faz sentido fingir o contrário. — Agora eu sou um chef.

Apesar de olhar nos olhos que uma vez me fizeram sentir inteira, a capacidade de sentir qualquer coisa profunda na alma foi perdida quando eu o perdi. Eu não vou deixá-lo abrir a torneira onde meus sentimentos fluíam livremente. *Nunca mais volte, Chloe.* Quatro palavras que ouvi repetidas vezes nos últimos setenta e dois meses. Eu não vou deixá-lo entrar novamente.

— Por quê você está aqui?

— Doutora — Julie comenta. A aspereza do meu tom me pega de surpresa, então eu sei que também a surpreende. — Uma laceração...

— Certo. O prontuário — murmuro distraída.

Batendo em seu tablet, Julie pergunta:

— Os sinais vitais dele estão bons. Quando examinei o ferimento, o corte foi profundo o suficiente para justificar suturas. Eu posso fazer isso se você quiser, Dra. Fox.

Eu mantenho meus olhos nela. É mais fácil encontrar palavras sem ver Joshua Evans me encarando como se estivesse vendo um fantasma.

— Obrigada, mas isso não será necessário.

— Se você está pronta, eu sou necessária na estação das enfermeiras.

Ele diz:

— Ficaremos bem. Certo, Dra. Fox?

— Sim, tudo bem. Estou bem. Totalmente bem. — Eu pareço uma pessoa louca. Eu odeio o jeito que ele abalou minha fundação.

Os olhos de Julie se arregalam, silenciosamente me perguntando algo que não consigo decifrar.

— Obrigada por preparar a bandeja. Eu posso assumir a partir daqui.

Ela assente e sai.

Colocando o prontuário para baixo, verifico suas estatísticas nos monitores antes de pedir para examinar o ferimento. Ele levanta a mão para mim.

Eu nunca hesitei. Nem na faculdade de medicina, nem com um paciente. Nunca.

Com ele, eu faço.

Eu sei que quando eu segurar sua mão na minha e ver aquela tatuagem, não importa o quão bem eu tenha fingido seguir em frente com minha vida. Serei transportada de volta para um tempo que me recuso a acreditar que existiu. Olhando para ele agora, sinto o gosto da verdade amarga.

Joshua Evans é o que eu tenho sentido falta o tempo todo.

35

Joshua

NÃO CONSIGO PARAR DE OLHAR PARA ELA.

Deus, eu nunca pensei que veria Chloe Fox novamente, e aqui está ela, segurando minha mão com sua metade de uma âncora que eu estou mais do que familiarizado ainda lá. Eu sorrio, sentindo um pequeno pedaço de propriedade sobre aquela tinta, mesmo que eu não possa mais chamá-la de minha garota.

Minha garota... uau. Ela não é mais uma garota, mas uma mulher que cresceu em seu próprio corpo e auto-estima pela forma como ela se comporta. Seu foco sempre foi uma característica invejável, e está em plena exibição, mas não para mim. É quem ela se tornou, que é tudo o que ela queria ser.

É impossível não reconhecer que ela consegue fazer aquele jaleco branco quadrado ficar bem. Lábios nus são lambidos, chamando minha atenção. Tomando o momento de silêncio, eu traço sobre sua aparência. Uma pequena seção de cabelo é presa no topo com um rabo de cavalo coletando o resto. Aposto que está mais longo do que ela costumava usar. Ela está usando maquiagem, mas isso não distrai sua beleza natural.

Pela forma como ela está usando um toque tão leve, esta deve ser uma operação delicada. Eu não vou quebrar. Eu já fiz isso anos atrás, então é tarde demais para se preocupar comigo agora. Mas ela ainda está sendo cuidadosa com cada olhar e palavra dita entre nós. Controlada. Neutra. Como se não nos conhecêssemos.

Acho que deveríamos ser inimigos, mas nunca ouvi a razão, especialmente quando se tratava de Chloe.

— Obrigado por fazer isso.

Com os olhos na agulha, ela se concentra na tarefa em mãos.

— É o meu trabalho.

— Eu acho que a enfermeira poderia ter lidado com uma emergência tão pequena.

— Sexta-feira treze sempre lota o pronto-socorro. Julie é necessária em outro lugar.

— Você não é?

Seus cílios levantam, batendo em sua testa. Eu não me lembro deles serem tão longos, mas não eram seus cílios que eu estava olhando. Seus olhos verdes, um fogo aceso brilhando por dentro, me encaram. Começo a me perguntar quantas pessoas

estavam dispostas a se queimar apenas para estar perto dela ao longo dos anos. Ela sempre foi a garota mais linda que eu já tinha visto. Ainda é, embora agora ela seja uma mulher, e eu não posso reclamar da minha visão atual.

Não foi o rosto dela, porém, que me fez tropeçar em mim mesmo ingênuo demais para saber melhor. Foi a forma como ela me viu como um homem melhor do que eu era e me tratou como tal. Me ver através dos olhos dela se tornou viciante. Havia tanta inocência sobre ela naquela época que era fácil de se alimentar. Nada era impossível quando estávamos juntos. Mas a vida tem um jeito de endireitar seu curso, e caramba, sempre fez isso.

Então eu não poderia ter previsto que estaria sentado aqui com ela procurando os restos de um coração que ela costumava usar na manga. Externamente, não encontro nada que me faça pensar que ela é a mesma garota.

Ela responde:

— Sim, sou — e depois volta a selar o corte, encerrando o absurdo que está acontecendo na minha cabeça. Eu nem tenho certeza do que ela está respondendo mais. Mas reconheço totalmente que, mesmo usando luvas de látex, posso sentir o calor de suas mãos. — Vou cobrir a ferida para você passar a noite.

— Ok.

Cada um de seus olhares é sentido, mergulhando em meu peito e apertando meu coração. Ironicamente, esse não é um órgão com o qual tenho contato há algum tempo. Mas agora, está batendo forte, fazendo um show inteiro para ela.

— Você se tornou um médica — eu digo como se eu tivesse o direito de compartilhar esse orgulho.

— Eu me tornei. — A voz dela é mais suave. — Você sente alguma dor?

— Uma que vale para a vida inteira.

Ela olha para cima enquanto sua mão para.

— Eu estava me referindo ao seu ferimento.

— Certo. Não. Estou completamente entorpecido, do jeito que você me queria, doutora.

Um suspiro vem com uma torção ilegível de seus lábios.

— Eu entendo muito bem. Às vezes... — Ela limpa a garganta suavemente. — As lesões demoram mais para cicatrizar do que esperamos. — Um sorriso combinando com seu comportamento aparece. — Isso não deveria ser o caso desta vez.

Desta vez.

Muito poderia ser dito sobre essa simples frase. Mas eu não vou mais por becos tortuosos que não levam a lugar nenhum, verbalmente ou na vida.

— Bom saber.

— Você vai voltar ao trabalho ou vai para casa? — Ela termina de vestir meu dedo e começa a devolver os suprimentos para a bandeja.

— Eu não sabia que estávamos ficando íntimos. — Meu sorriso vem naturalmente quando eu flerto, mas por que diabos estou flertando com ela?

Quando não recebo nem mesmo uma contração facial em resposta, isso se resolve. Eu aperto minha boca fechada, na esperança de recuperar meus melhores sentidos. Ela diz:

— Troque o curativo depois de um turno, ou se você estiver indo para casa, isso deve durar pelas próximas 24 horas, a menos que fique molhado. — Ela efetivamente me desliga enquanto passa a ponta de seu dedo pelo comprimento do meu. — Certifique-se de manter esta área limpa. Se você vir algo fora do comum, pode me ligar. — Ela parece se controlar quando as palavras já estão saindo de sua boca. — Entre em contato com o hospital, quero dizer, e alguém pode ajudá-lo.

Um leve tom de rosa colore suas bochechas, e eu me absorvo, encontrando conforto na aparência de familiaridade. Começo a me perguntar sobre a vida dela fora deste quarto, mas mordo a língua. Este não é o momento nem o lugar, mas terei outra chance? *Ah, foda-se.*

— Você não é casada?

Um fósforo de descrença é aceso.

— Isso não é da sua conta. — Levantando-se abruptamente, ela enfia o prontuário na abertura do lado de fora da porta. Ela nunca foi indiferente em nosso relacionamento como ela está parada na porta. — Já terminamos. — Outra frase jogada que eu poderia acrescentar muito ao final, mas eu seguro minha língua em vez disso. Girando nos calcanhares, ela diz: — Enfermeira, por favor, cuide do paciente.

Eu ouço a enfermeira contando a ela sobre alguém no quarto nove com um pulso fraturado.

Seis anos atrás, eu a deixei ir quando ela queria ficar, então não tenho o direito de invadir sua vida agora. Então, o que diabos estou fazendo? Dando um passo além da cortina, chamo:

— Dra. Fox?

Chloe olha através de uma fileira de portas abertas, sua expressão imparcial como seu tom depois que ela corrigiu. Embora todos ao redor estejam se movendo rapidamente, o som de um hospital no volume máximo entre pessoas e máquinas, eu a ouço perguntar:

— Sim, Sr. Evans?

Estou sem saber o que dizer. Qualquer coisa que eu queira expressar não deve ser ouvida por estranhos. Levantando minha mão, eu digo:

— Obrigado — Como um idiota.

Eu odeio a decepção que vem sobre ela quando ela olha para baixo e acena com a cabeça.

— De nada. — Ela desaparece na sala à sua frente, deixando-me aqui olhando como se ela pudesse reaparecer magicamente. Passar apenas alguns minutos com ela me faz querer vê-la novamente. Poderíamos falar sobre a vida, o que aconteceu e a dor que um hospital não pode curar. Sabendo a verdade de como jogamos, luto para continuar bravo.

— Nós vamos até aqui, Sr. Evans.

Quando finalmente estou livre para ir, saio do pronto-socorro com as portas deslizantes fechadas atrás de mim e paro no tapete de borracha. Eu olho para trás. A área em que Chloe trabalha não pode ser vista daqui, mas por instinto, aproveito a chance, só por precaução, para dar mais uma olhada.

Então eu saio porque de novo, o que diabos estou fazendo?

Chloe Fox é meu passado. Os cinco meses que passei com ela foram apenas um sonho, e uma cela pequena não oferece muito espaço para segurar coisas que não eram reais. Construí uma vida sem ela. Uma boa vida. Pode ter rachaduras e espaços vazios, mas insistir nela não vai me fazer inteiro novamente. Passei anos com apenas lembranças para me manter aquecido sob um cobertor puído. Como todos os sonhos, um dia acordamos para a realidade. Acordei, e a realidade é onde plantei meus pés.

Não vou muito longe quando ouço meu nome sendo chamado na calçada congestionada.

Parando sob o toldo branco e vermelho, eu me viro. Seu cabelo escapou do rabo de cavalo, e as abas do jaleco branco se abrem enquanto ela corre para me alcançar.

Eu me tornei tão consciente do meu coração e das emoções que o rasgam. De repente, está disposto a esquecer o passado como se não tivesse acontecido. Raiva por ela não ter lutado mais por mim. Dor que me atravessa quando deixo a memória de como terminamos se repetir.

Estendendo a mão, ela diz:

— Acho que você provavelmente vai voltar ao trabalho, então caso não tenha nenhum no restaurante...

Cinco protetores de dedos de látex caem na palma da minha mão aberta, permitindo que a decepção se instale. *É isso?* É assim que terminamos, de novo? Tão sem coração quanto antes?

— Eu tenho alguns.

O desconforto aparece em suas feições, e ela balança a cabeça apenas o suficiente

para me fazer pensar que ela sente a mesma decepção.

— Tudo bem. Só queria garantir. — Ela recua e olha diretamente nos meus olhos antes de se virar, como se mais um olhar a ajudasse.

Boa sorte com isso. Quando se trata dela, nunca funcionou para mim.

Mas agora estou sentindo uma urgência ridícula de chamar a atenção dela novamente.

— Chloe?

Seus pés param, um solavanco atinge seus ombros. Ela se vira, e desta vez, ela não é a médica que ela estava dentro. Ela é a pessoa que eu conheci há muitas luas, queixo abaixado, olhos tímidos, seu corpo carregando uma bagagem emocional que ela não consegue esconder.

— Sim, *Joshua*... Josh?

Lamento que minhas palavras de tanto tempo atrás continuem a pesar sobre ela, mesmo que eu entenda muito bem. Em seu melhor interesse, eu odeio isso por ela.

— Foi bom te ver de novo.

— Você também — ela responde com o menor dos sorrisos. Ainda parados ali, deixamos o constrangimento entrar, nós dois esperando o outro... *para quê?* Fazer conversa fiada? Bater papo como velhos amigos? Continuar de onde paramos, seja com uma briga ou uma reunião. Minha mente prega peças em mim como sempre. *O amor não é real*, eu me lembro. Se fosse, Chloe ainda seria minha garota.

Não sei quanto tempo fico ali com o fantasma do nosso passado me fazendo companhia. Para alguém que não valoriza sentimentos mais profundos do que poças, estou começando a considerar o conceito de que ainda posso ter sentimentos não resolvidos por ela.

Precisando voltar, eu finalmente arrasto minha bunda para longe, mas me vejo tomando o longo caminho para cozinhar um pouco mais em meu próprio infortúnio. Sentimentos e coisas do tipo geralmente não são algo que eu avalio, mas isso é fácil de dizer quando você está insensível a tantas coisas.

Claramente, não estou insensível a Chloe. Ela sente alguma coisa, ou ela é insensível em relação a mim?

Empurrando pela porta dos fundos, deixo esses malditos sentimentos de lado. Tenho outras preocupações mais prevalentes quando entro nesta cozinha.

Eu estive fora do restaurante tempo suficiente para que a correria do jantar acabasse. A limpeza não é uma dificuldade depois de um longo turno. Deixei alguns dos outros caras irem para casa para suas famílias, namoradas ou leitos de espera. Eu não me importo com as tarefas.

A cozinha na cadeia era meu lugar seguro. Meus pensamentos, meus sentimentos,

o que quer que estivesse me incomodando, foi resolvido enquanto esfregava panelas e frigideiras sujas. Limpar a parte superior da grelha é uma boa maneira de aliviar o estresse, desgastando meus músculos enquanto minha mente trabalha com o que acabou de acontecer.

O que acabou de acontecer?

Chloe Fox aconteceu como aconteceu há seis anos.

Ela é coincidências e destino, nossas vidas emaranhadas de maneiras que nunca podem ser consertadas. Eu não a procurei ao longo dos anos, não para ver se ela se formou ou qual faculdade de medicina ela frequentou. Casamentos e obituários nunca foram verificados. No entanto, lá está ela, como sempre disse que seria, uma médica trabalhando no pronto-socorro contra a vontade de seu pai.

Foda-se Norman Fox.

Isso definitivamente não é uma estrada de memória pela qual estou viajando esta noite. Eu posso ter quase cortado meu dedo, mas o resultado não foi tão terrível. Não vou deixá-lo voltar para arruiná-la. *Novamente.*

Exausto, caio na cama logo depois das três horas. Eu nunca gostei das horas de trabalho em um restaurante que fica aberto até tarde, mas isso me manteve longe de problemas. A acusação de sequestro foi retirada, mas eu ainda cumpri quase três anos por dirigir imprudente e roubar um carro, me mantendo preso por tempo suficiente. Então eu preciso estar no meu melhor comportamento. O registro me seguirá para sempre, e as lições aprendidas foram enraizadas.

Mesmo após a liberdade condicional, eu andei em linha reta no lado legal. Ocupado é a melhor maneira de esquecer seus problemas. Mantém sua mente na tarefa em mãos, em vez das coisas das quais perdemos o controle.

Como a situação que me levou à prisão.

Esfrego as mãos no rosto e fecho os olhos. Não importa o quão cansado eu esteja, o toque de Chloe é sentido na minha mão, na ferida e no fundo do meu peito.

— Que noite bizarra — resmungo, rolando para o meu lado.

O sono não vem fácil, mas não vem em muitos anos. Quando o encontro, revivo a vida que eu tinha, aquela em que eu não era tão forte quanto sou agora, nem tão duro, nem cheio da raiva que mantenho escondido dentro de mim a maior parte do tempo. Há algum tempo, eu tinha opções, oportunidades e o futuro de minha escolha.

Não me preocupo mais com o que todo mundo vê para mim e sigo meu próprio caminho. Pelo menos é o que digo a mim mesmo. É o único controle que tenho hoje em dia. Isso e como eu administro minha cozinha.

Já não é tão necessário, mas esta noite parece justificado revisitar velhos hábitos.

Saindo da cama, caminho pelo chão de carvalho até a sala de estar. A luz fraca da lua espreita nos cantos das sombras que iluminam a prateleira onde guardo a bebida. Dois dedos do meu velho amigo, Jack Daniel's, enchem o copo, e eu bebo tudo antes de me convencer a desistir. A queimação na minha garganta me lembra que já faz um tempo desde que eu afoguei minhas mágoas. Embora afogamento possa ser um extremo.

Relaxante se encaixa melhor. Volto para a cama para fazer exatamente isso.

Ver Chloe Fox novamente deixa minha mente conectada e meu corpo tenso. Visões dela chorando, pedindo desculpas da última vez que a vi ainda invadem meus pensamentos com frequência. Não importa se eu estava me afogando em bebida, mulheres ou fugindo para a cozinha de um restaurante que precisava ser salvo tanto quanto eu, nada conseguiu apagar o acidente e suas lágrimas do meu cérebro.

Agarrando o outro travesseiro, eu o empurro em cima da minha cabeça. Maldito inferno. *Vá dormir, Evans.*

Vá dormir e esqueça que esta noite aconteceu.

Esqueça aqueles olhos que brilhavam como jóias.

Esqueça aquele sorriso que desbloqueou o seu.

Esqueça o jeito que ela fez você se sentir vivo com seu toque.

Esqueça tudo sobre ela, principalmente que você sabe como encontrá-la novamente.

Esqueça que uma vez ela foi sua âncora.

36

Chloe

JOSHUA EVANS NÃO É o mesmo garoto que conheci.

Ele é um homem que viveu uma vida que o mudou. Sua mandíbula estava mais dura. Seus olhos eram mais penetrantes. A suavidade que uma vez iluminou sua expressão amadureceu. Não tenho certeza se a culpa é da prisão, da vida ou de ambas, mas eu não era exatamente um anjo do jeito que o olhava.

Ele notou quando eu o olhei por muito tempo? Quando eu mordi meu lábio inferior enquanto observava seu rosto bonito? Cada fibra do meu ser foi despertada quando ele olhou para mim. E ele parecia satisfeito em saber que eu segui com meus planos. *Por quê?*

Eu não deveria ser desprezada?

Ele me largou. O ódio que vi em seus olhos na prisão frequenta meus pesadelos, então não devo justificar os mais gentis que vi antes. Ele me machucou, e eu o machuquei. Eu poderia viver com as consequências de minhas próprias falhas, mas viver com as consequências de falhar com ele era insuportável. É um ciclo vicioso que estamos vivendo.

— Deus, pare com isso, Chloe. — Eu me seco, coloco meu pijama e volto para a sala quase tropeçando em um tênis. Uma lembrança é desencadeada de tropeçar em um de seus sapatos quando minha mãe estava me visitando em Yale. Meu estômago aperta. *Redirecionar*. Concentre-se em qualquer coisa, menos nele.

É impossível. O menor tempo da minha vida consumiu meu futuro nos mínimos detalhes. Um sapato? Sério, Chloe? Olhando em volta, percebo o quão arrumada eu costumava ser. Ser bagunceira é um lado ruim de raramente estar em casa. O passado não importa. O presente sim.

Ligo a TV para cortar o ruído branco do meu cérebro. Eu preciso que minha mente pare de girar sobre um homem que me deixou cambaleando por anos. Perdi tudo naquele dia em que o perdi. A única coisa que eu podia fazer para sobreviver era criar uma nova vida o mais longe possível da antiga assim que pudesse. *Longe dele...*

— O QUE ACONTECEU ONTEM?

Voltando para ver Julie alguns metros atrás de mim na calçada, eu sorrio antes de deixar minha risada tecer através das minhas palavras. Eu espero por ela, feliz que

nossas pausas tenham se alinhado.

— E a que tipo de coisa estamos nos referindo, enfermeira Hidalgo?

Ela flanqueia meu lado, e nós duas continuamos caminhando em direção a cafeteria da esquina.

— Oh, não. Você não vai se livrar disso. O cara gostoso com o dedo cortado. Ah, não, enfermeira, você está ocupada. — Ela levanta a voz duas oitavas em uma tentativa triste de soar como eu. Pelo menos é divertido. — Eu pessoalmente cuidarei dessa lesão. — Ela pisca duas vezes, passando por mim enquanto eu seguro a porta aberta para ela. — Acho que nunca a vi encantada, Dra. Fox.

O choque de seu comentário me atordoa até que a porta me bate na bunda, me colocando na fila ao lado dela.

— Encantada? *Eu?* Pfft. De jeito nenhum.

— De jeito nenhum? — Ela ri. — Quem diz isso?

Mantendo meus olhos no menu à frente, começo a debater se quero sair da minha zona de conforto e pegar uma mistura de café cheia de açúcar para me manter de pé durante a noite.

— Eu. Eu digo.

— Não, pessoas culpadas dizem.

— Eca. — Eu reviro os olhos. — Você está falando besteiras. Eu não estava encantada, e estou perfeitamente chocante com a linguagem.

— Chocante?

Derrota toca meus ombros.

— Eu oficialmente me tornei minha mãe. Ela está se esfregando em mim. Me salve, Julie.

— Não tem como salvá-la do que testemunhei ontem. Pelo menos no que diz respeito a esse cara gostoso. — Nós avançamos com a fila. — Quando foi a última vez que você foi a um encontro?

Eu abomino esta pergunta. Toda vez que é perguntada, o que é mais do que deveria ser legal, minha resposta é menos do que notável e pior com o passar do tempo. Mas eu ainda luto para mentir com verdadeira intenção.

— Dois anos. — A verdade é horrível, no entanto.

— Dois anos? Uau, Chloe. Eu não fazia ideia.

— Eu não anuncio isso, mas estou realmente bem com isso. Esta residência não permite muito tempo livre. É dormir ou namorar. Eu escolho dormir.

— Mas e o sexo?

Minhas bochechas queimam, e eu cubro meu crachá de identificação do hospital para que ninguém se lembre que eu fiz parte dessa conversa muito barulhenta em um

lugar público.

— Todo mundo está obcecado com a minha vida sexual. — Passei algumas horas felizes com Julie. Ela é uma amiga, então não me incomoda que ela tocou no assunto. Me incomoda não ter uma resposta melhor. — Então, para esclarecer as coisas, eu não tenho uma.

— O que? — Chegamos ao balcão. — Você é... bem, você. — Suas mãos vagam à distância de uma mão do meu corpo. Então ela se vira para o barista. — Ela é gostosa, certo? E ela é médica.

Ele sorri todo torto, olhando para mim.

— Eu namoraria com ela.

— Nossa, obrigada. Podemos pedir, por favor?

Julie examina o quadro pendurado acima de sua cabeça.

— Chá gelado de matcha extra grande.

Quando ela dá um passo para o lado, eu peço:

— Café preto pequeno, por favor. E eu vou pagar as duas bebidas. — Quando ele cobra a conta, algo no armário de vidro chama minha atenção. — É tarde demais para adicionar um muffin de mirtilo?

— Aquele está sentado lá a manhã toda. — O barista se inclina para trás e grita para um colega de trabalho: — Temos mais muffins?

— Saindo do forno — um cara de cabelo desgrenhado chama da estação de café expresso.

Conspiratoriamente, ele se inclina e sussurra:

— Vou te dar um quente se você quiser me dar seu número.

Eu secretamente chuto o sapato de Julie, já que ela é claramente a culpada pela atenção indesejada que estou recebendo.

— O muffin velho funciona, e eu vou pagar, obrigada.

Ele dá de ombros como se não fosse grande coisa.

— Sua perda.

— Ou meu ganho desde que eu recebo o muffin mais cedo — eu respondo, passando meu cartão e, em seguida, arrastando Julie para o outro lado do café. — Podemos não ter conversas sobre sexo em público, ou em nenhum lugar? Um adolescente excitado flertando comigo porque minha amiga não consegue manter a boca fechada sobre minha patética vida sexual é a última coisa que quero agora.

Ela está rindo atrás de sua mão, mas então ela abaixa para o lado dela, imitando sua mandíbula. Sinalizando atrás de mim com a cabeça, ela bate o dedo e depois murmura:

— Atrás de você.

O que ela está fazendo?

— Eu já te disse que sou horrível com charadas?

— Não. E tenho certeza que sua vida sexual não pode ser tão ruim.

Ouvir os tons doces de uma voz que costumava me confortar faz minha respiração ficar presa na garganta. Agarro o balcão para evitar que minha mão, normalmente firme, trema e pergunto ao meu amigo na minha frente:

— Você não aprendeu a lançar sua voz, não é?

Lábios apertados para conter seu sorriso enquanto a diversão brilha em seus olhos. Ela balança a cabeça e aponta por cima do meu ombro.

— Não, e eu também não seria capaz de ir tão fundo.

Tive a sensação de que não estávamos sozinhos nessa conversa. Quando me viro, não encontro seus olhos porque a memória me lembra que tendo a me perder nos dele. Eu olho para seu peito em vez disso. Bastante impressionada com o quão amplo e em forma ele é. Ele sempre foi.

Os braços dele. Definidos e fortes.

Sua mandíbula. Gostaria de saber se aquela barba é áspera o suficiente para cortar minha língua.

O que eu estou fazendo? Meu olhar se fixa em seu sorriso e na sobrancelha arqueada que me diz que fui pega. *Pega no ato de cobiçar meu ex-namorado.* Me prenda e jogue a chave fora porque não vou me desculpar.

Joshua Evans só melhorou com a idade. Posso não ser advogada, mas posso argumentar que todas as provas estão devidamente do lado dele, e que, na verdade, ele é absolutamente lindo.

— Olá, Dra. Fox. — Seu olhar gira além de mim. — Enfermeira.

— Julie, Juliana — ela diz, batendo em seu crachá com um enorme sorriso e risadinha. — Você pode me chamar de Julie.

— É bom ver você de novo, Julie. Eu sou Josh. — Você está brincando comigo com o rubor? Ela é sem vergonha.

Aqueles castanhos quentes ainda guardam a mesma alma que se estende além dos meros mortais, e ele os aponta para mim.

— É bom encontrar você de novo, Dra. Fox.

Minhas mãos frias clamam para esfriar minhas próprias bochechas aquecidas. *Maldito seja.*

— Nós realmente não nos encontramos no hospital. Como está seu dedo?

Um barista se inclina sobre o balcão perto de nós e grita:

— Café preto pequeno e um muffin. Josh.

Julie bate no queixo e sorri.

— Bem, olha só. Vocês fizeram o mesmo peido.

Joshua diz:

— Que coincidência.

— Na verdade. — Calculo mentalmente as probabilidades. — Café sem toda essa porcaria é provavelmente mais comum do que esperamos. Quanto ao muffin...

Levo uma cotovelada na parte de trás das costelas. Aquele sorriso tortuoso de Julie foi substituído por uma decepção silenciosa. Ela sussurra:

— Eu tenho que fazer tudo? Porque eu vou. — Com o sorriso mais angelical estampado em seu rosto, eu vejo através dele. Muito mais alto para ele ouvir, ela acrescenta: — Acabei de lembrar que já tive minha folga hoje e preciso voltar. Odeio deixar minha linda e solteira amiga médica aqui. Talvez você possa fazer companhia a ela, Josh?

— Sutil — eu digo, balançando a cabeça.

— Será um prazer — ele responde. Sua voz é tão rica e suave quanto o café que eu pedi.

— Obrigada. Tchau. — Ela passa pela cafeteria em direção à porta. — Ah, e estou feliz que seu dedo esteja melhor. Você vai voltar a dedar coisas antes que perceba... — Percebendo o que ela disse tarde demais, ela sai correndo pela porta, deixando uma fila cheia de queixos caídos e eu para lidar com a mortificação.

Graças aos deuses de cafeterias pelos baristas de cabelos desgrenhados com o timing perfeito. Meu pedido é colocado ao meu lado e ele diz:

— Ouvi dizer que você gosta de muffins quentes.

Bom Deus. Tire-me daqui.

— Estou bem. Obrigada.

Pegando a bandeja, saio do caminho, sem ter certeza do que deveria estar fazendo ou dizendo a Joshua... Josh, ou seja lá como eu deveria chamá-lo.

Ele toma a iniciativa.

— Ela me lembra Ruby.

— Ela lembra — eu respondo, pegando a borda crua da bandeja de papelão em minhas mãos. As bebidas balançam, embora eu esteja tentando mantê-las firmes.

— Você ainda fala com Ruby?

Eu olho para ele, cansada de me sentir intimidada... embora se eu fosse honesta, é a vergonha e a culpa que mantém meus olhos baixos ao redor dele. A última coisa que eu disse a ele foi que sinto muito. Devo mais um milhão, mas não tenho certeza se é isso que ele quer ouvir. O que ele quer de mim?

— Estamos tendo conversa fiada, Joshua... — Suspiro, sem energia para jogar esse jogo de velhos amigos se reencontrando. — Eu nem sei mais como te chamar, muito

menos o que é isso. Eu sinto muito. — Saio da cafeteria, incapaz de entender a miríade de emoções que ele extrai de mim, raiva, abandono, coração partido, frustrada com minhas memórias vazias do acidente e culpa pela dor que causei a ele.

Eu o deixo com minhas desculpas por sair da cafeteria.

Por sair da cadeia naquele dia, seis anos atrás.

De sua vida tantos meses antes disso.

E por permitir que seu coração se imprimisse em cada parte da minha vida e do meu ser.

Eu sinto muito. *Sinto muito.*

37

Joshua

Chloe Fox é um enigma.

Eu deveria desprezá-la. Ninguém me culparia por isso. Nem mesmo ela. No entanto, mesmo com todas as razões justificáveis que tenho para odiá-la, não consigo. Eu nunca pude, então não posso ficar totalmente surpreso. Mas eu estou.

Porra.

Assim como na faculdade, ela está mexendo com a minha cabeça.

Me lembro de quando ainda tinha jeito, conseguia formar frases completas ao falar com uma garota, nunca tive de pedir nada e ainda conseguia. Garotas eram fáceis naquela época.

Exceto por ela.

Mas foi isso que a fez diferente. Ela não estava aturando minhas besteiras. Se eu fosse sarcástico, ela responderia imediatamente. Com ela, joguei de acordo com suas regras e perdi minha liberdade, meu diploma da Ivy League e meu bonsai. Se perder Chloe não foi difícil o suficiente, eu odeio ter decepcionado Dwayne Evans. Só espero que ele tenha tido um enterro adequado.

A coisa que eu ainda não consigo entender é o fato de que eu mantive a esperança de um dia estarmos juntos novamente, mesmo depois de dizer a ela para não voltar. Como isso faz algum sentido? Não faz. Você pensaria que eu seria mais sábio agora. Eu não sou.

Eu tenho a foto dela que cumpriu pena comigo ainda enfiada na parte de trás da minha carteira. Não importava se eu estivesse ensanguentado e quebrado na prisão, eu sabia que voltaria às minhas memórias e àquela foto para me ajudar.

Ela foi a única razão pela qual eu assinei aqueles papéis. Então talvez seja por isso que me vejo correndo atrás dela.

— Chloe?

Presa na esquina esperando o sinal da faixa de pedestres cooperar, ela abaixa a cabeça. Eu sempre odiei isso. Ela está cedendo aos pensamentos negativos em vez de se lembrar de quem ela é.

A multidão começa a andar assim que eu a alcanço.

— Não sei porque estou falando com você. Porque estou correndo pela rua para te contar essa merda. Isso não faz sentido para mim.

Parando no meio da faixa de pedestres, ela pergunta:

— Então por que fazer isso? Por que não esquecer que nos conhecemos, naquela época e de novo na noite passada? Por que não continuar com sua vida e me deixar viver a minha? — Uma buzina de carro nos assusta, a bandeja caindo no chão e respingando em nossos pés. — Merda! — Ela grita.

Acho que nunca a ouvi xingar. Parece estranho e cheio de significado. Estou feliz por não estar no lado receptor.

A luz ainda está vermelha, e o idiota tem a coragem de enfiar a cabeça pela janela e buzinar para ela novamente.

— Pegue isso, doçura. Me mostre o que você tem.

Eu me inclino para pegar, mas ela me vence, os copos quase vazios ainda agarrados aos suportes. Sua raiva é palpável enquanto rola de seus ombros e se incorpora em seu peito subindo e descendo. Quando o cara assobia, ela joga a bandeja, acertando o pára-brisa com o líquido restante.

— Vai se ferrar, doçura! — Ela grita de volta para ele.

Puta merda.

Essa não é a mesma garota tímida que conheci em Yale. O cara abre a porta.

— Que porra, sua vadia louca! — Ele bate a porta e vem em nossa direção.

Despejando meu café, estendo minha mão e digo a ela:

— Corra, Chloe.

Ela guincha, agarrando minha mão sem hesitar, e saímos correndo. Atravessando a calçada lotada, corremos até ver uma abertura na porta de uma sorveteria. Puxando-a para as sombras, me aproximo tanto para escondê-la que sinto sua respiração no meu queixo. Suas mãos pousam no meu peito, apertando minha camisa. Sua moldura se encaixava tão perfeitamente na minha que eu posso protegê-la do mundo, se necessário. Ela sempre se encaixou no meu mundo, em mim e em meus braços, pelo menos naquela época por um curto período de tempo em nossas vidas. E agora eu sei que ela está solteira... É por isso que meu coração começou a bater tão pesado no meu peito novamente?

— Eu não acho que ele está nos seguindo — diz ela, sussurrando.

— Nós provavelmente deveríamos esperar mais alguns minutos, só por precaução. — O topo de sua cabeça está pressionado contra minha bochecha, e eu não deveria gostar de como ela me faz sentir, vivo novamente e esperançoso.

Ela começa a rir. Saindo de baixo dos meus braços, ela endireita sua camisa e o pequeno crachá pendurado em seu cinto.

— Acho que é seguro.

Assim que ela volta para a calçada, ela é ofuscada. Eu grito:

— Cuidado!

SEU SORRISO É MELHOR do que qualquer sorvete... *que ela poderia colocar no meu rosto.*

— Talvez o de morango funcione melhor — eu comento, apertando os olhos sob o saco Ziploc de confeito cremoso.

Eu não vi o golpe vindo, agindo por instinto para tirar Chloe do caminho. Não me escapa que repeti a mesma frase que ela fez naquele dia que mudou tudo. *Nós*. Ela. Minha vida para sempre.

Sentar em uma sorveteria depois de levar um soco na cara não é como eu via esse dia. Estar aqui com Chloe, ainda menos esperado, mas não estou reclamando. Admirá-la é a última coisa que eu deveria estar fazendo, mas é bom ver seu humor menos intenso do que ontem à noite no pronto-socorro. Ela pode estar revirando os olhos, mas não consegue parar de rir.

— Eu apostaria minha casa no chocolate.

Eu me sinto bem, mas não me importo com a atenção dela. Ela é uma boa médica. Estou completamente à vontade em suas mãos capazes. Eu pergunto:

— Aposta sua casa ou aposta na casa?

Refletindo sobre a pergunta, ela coloca o pacote de sorvete na tigela e coloca um guardanapo no lado do meu olho.

— Eu não sou uma jogadora, então vou com a minha casa.

— Você tem uma casa? — Eu sei. Eu não deveria ter perguntado, mas a oportunidade se apresentou e me chame de cafajeste, mas apesar de armar para ela, eu ainda aproveito.

O sorriso quase desaparece.

— Eu sinto muito. — Aí está aquele pedido de desculpas novamente, azedando meu humor. — Eu não posso fazer isso com você, Josh.

— Você pode me chamar de Joshua.

— Não, eu não posso — diz ela, as palavras estrangulando na ponta de sua língua. Deslizando para fora da cabine, ela pega a bolsa e devolve a funcionária atrás do caixa. — Obrigada. — Puxando seu cartão de crédito, ela acrescenta: — Por favor, deixe-me pagar por isso.

Embora ela pareça estar insistindo que não precisa, ela eventualmente a desgasta e paga. Ambas voltam para a cabine. A mulher inclinada, estuda meu rosto como se estivesse infectado e precisasse ser amputado. Olhando para mim com cautela, ela diz:

— Eu não tenho seguro. Você tem sorte de conhecer uma médica.

— Tenho sorte de conhecê-la — Eu respondo, movendo-me para me levantar. Fico tonto quando eu me levanto muito rápido, e Chloe é rápida em me agarrar e me

apoiar contra ela. Eu poderia realmente usar isso a meu favor, mas não o faço. E não é apenas para seu benefício; é para o meu.

Tem sido... Não tenho certeza se a palavra certa é divertido, mas isso é tudo que me vem à mente, vê-la novamente. Dano irreparável foi feito, porém, e pelas mãos de seu pai. É provavelmente do meu interesse se não fizermos disso um hábito.

Ela pergunta:

— Você está bem? Podemos ir ao pronto-socorro e fazer testes...

Empurrando a parte de trás da cabine, desacelero meus passos enquanto me aproximo da porta.

— Não. Eu preciso começar a trabalhar.

— Você pode ter um...

— Não — eu retruco, recusando-me a deixá-la olhar para mim. Eu me viro para pegar qualquer vela que ela estava queimando em sua íris ser apagada. — Obrigado pela ajuda, Dra. Fox, mas eu vou ficar bem.

Voltando para fora, acho o barulho da rua um refúgio bem-vindo para o silêncio entre Chloe e eu na sorveteira. Mas meus pés parecem não querer se mover. *Anda, filho da puta.*

Fico ali tempo suficiente para a porta se abrir atrás de mim e para eu sentir sua presença nas minhas costas.

— Tem certeza que está bem? — Sua voz é tão suave, lírica nas notas.

Por que não posso simplesmente ir embora? Basta deixá-la no passado.

Uma mão com o toque mais leve vem descansar no meu ombro. Eu a sinto, sua alma mergulhando na minha, causando estragos em meu coração, mas desta vez, eu sei como isso termina.

Eu me livro de sua mão e piso na calçada movimentada, me perdendo na multidão e sem olhar para trás. Ela está certa. Não podemos *fazer isso.* Não podemos nos *refazer*. Eu estava errado em persegui-la hoje, querer ela perto de mim por mais um momento. *É história e nunca se repetirá.*

O restaurante não é longe o suficiente para me recuperar do encontro com ela. Foda-se o inchaço ao redor do meu olho. Meu coração foi golpeado pela mera presença dela ao meu redor. Nem me fale sobre como eu ainda posso sentir o calor saindo dela quando fomos pressionados juntos.

Solteira, porra. Foi como agitar uma bandeira quadriculada. Julie sabia o que estava fazendo.

Abrindo a porta da cozinha para Salvation, espio meu amigo de longa data, meu aliado, meu colega de trabalho, e empurro Todd pelas costas quando passo atrás dele.

— Chegou cedo, hein? Tentando impressionar o chefe?

Ele ri.

— Eu não o impressionei em vinte anos. Não tenho certeza se posso mais.

— Claro, você pode — eu digo, lavando minhas mãos. — Acerte os pedidos e não brinque comigo. Fácil.

— Diz o chef. De qualquer forma, sou profissional em mexer com você... Oh, merda! — Acho que ele tirou os olhos daquela grelha tempo suficiente para dar uma boa olhada em mim. — O que aconteceu?

Chloe Fox aconteceu.

Eu não digo isso, mas seria a verdade. Não vale a pena a merda que eu teria que aturar, então eu vou com o que funciona melhor por enquanto.

— Algum idiota me acertou do nada. — Viu? Essa é a verdade. Nenhuma mentira contada hoje.

— Não me surpreenderia em Nova York. — Ele vira dois peitos de frango e pergunta: — Mas do nada?

Minha história não é convincente o suficiente para ele com a falta de detalhes. Ele me conhece muito bem.

— Vamos — eu digo, deslizando no meu casaco de chef. — Você me conhece. Ele estava fodendo comigo e decidiu me apresentar ao seu punho.

Eu examino a cozinha, pronto para que a equipe prepare as estações para o jantar. Batendo palmas, pergunto:

— O que estamos esperando? Estarmos lotados? Se ocupem, pessoal. — Depois de movimentar a equipe, vou para as estações de cozinha para começar os especiais da noite.

Todd me olha por tempo suficiente para eu saber que ele está atrás de mim. Ele diz:

— Eu conheço você. Este é o velho Josh, não o novo. O que realmente aconteceu?

Preocupar meus amigos é o mesmo que decepcioná-los, e eu também não gosto. Todd deu um salto de fé e veio para Nova York comigo para ir para a escola de culinária. Cozinhar não era seu sonho, mas tem sido um trabalho constante para ele. O que lhe falta em habilidade, ele compensa em estilo e comprometimento. Isso facilitou a contratação dele no Salvation, especialmente porque é o meu restaurante. Peguei minha herança e a afundei em meu sonho.

O Todd é o único que trabalha aqui que sabe que sou o dono. Lola foi contratada e construiu a frente da equipe do restaurante, sem saber. Com formação em hospitalidade e treinamento com alguns dos donos de restaurantes mais reverenciados da cidade, ela trouxe o que me faltava. Mantemos nossos pontos fortes, mas nossos caminhos se cruzam a cada passo.

— Você vai assustar os clientes, Josh — ela diz, seu tom leve enquanto ela empurra a porta. Seu vestido preto é justo, curto e os saltos dão uma vibe de devoradora de homens. Ela pode segurar a barra. Ela não é tímida, mas um touro em uma loja de porcelana quando está apaixonada por alguma coisa.

Cortando aspargos, respondo:

— É por isso que pretendo ficar aqui atrás.

Ela se aproxima, seu longo cabelo preto balançando para o lado enquanto ela se inclina contra o armário de metal ao meu lado. Pegando um pedaço da tábua, ela o coloca na boca e pergunta:

— O que aconteceu?

— Um soco acertou meu rosto.

Passando a ponta dos dedos sobre o pequeno curativo, sua expressão é crítica.

— Você fez isso?

Eu me afasto do alcance dela, não querendo substituir o toque anterior que cuidou de mim, e dou uma resposta gentil, mas firme:

— Não. — Não tenho vontade de compartilhar mais sobre a situação, afastando o máximo que posso de Chloe. Isso seria como alimentar um tigre com carne vermelha. Não estou com vontade de repassar os detalhes da minha vida que não dizem respeito ao restaurante ou a ela. Quase cometi esse erro uma vez. Não vou me colocar nessa situação novamente. — Ouvi dizer que a casa está lotada.

— Estamos.

— Bom. — Eu vou para o refrigerador para retirar os ingredientes para o especial. O ar gelado é bom contra minha pele machucada. Quando eu volto, ela saiu da cozinha.

Todd serve dois pratos e depois pergunta:

— Por que você não está transando com ela de novo? — Os outros caras começam a rir, exceto Karen, mas ela nunca ri de nada. — Ela está em cima de você, e caramba, ela é gostosa.

Eu vou ser um idiota para poder tirar a atenção de mim. É uma habilidade que aperfeiçoei na prisão.

— Porque ela já está em cima de mim. Imagine como ela estaria se eu lhe desse a mercadoria. — Eu quase agarrei meu pau. Não faço isso porque não tenho quinze anos, mas na verdade é porque gosto de Lola. Quem disse que homens e mulheres não podem ser amigos? Eu não a vejo como mais do que isso, e é por isso que nada aconteceu entre nós.

— Não é uma imagem que eu quero na minha cabeça, mas um ponto sólido.

Usando uma faca de açougueiro, eu a abaixo. Claro, é para mostrar, mas também

é uma ótima ferramenta para estabelecer a lei.

— Menos conversa e mais comida.

Todd ri.

— Você costumava ser divertido. — *Ele não está errado. Mas por dois anos e sete meses, eu tive que ficar com raiva. Sombrio. Intenso. Agressivo.* Era a única maneira de sobreviver atrás das grades.

Eu costumava ser um cara mais legal também, mas com toda a merda que passei, perdi esse lado de mim mesmo.

38

Chloe

PASSEI o último mês fazendo pausas na cafeteria no fim da rua com muita frequência, olhando para a sorveteria como se pudesse encontrá-lo ainda lá, e nervosamente esperando vê-lo atrás de cada cortina do pronto-socorro.

Eu pensei que a cura do acidente foi difícil, mas sobreviver a Joshua Evans foi um outro nível de recuperação. Tentando salvar meu coração, estou seguindo em frente o melhor que posso.

Assim que me acomodei no sofá de Ruby com uma taça de vinho, há uma batida na porta.

— Estamos esperando companhia? — Eu chamo por trás do sofá. Ela tem um porteiro, então visitas surpresa não são realmente uma coisa neste prédio. Quando ela não volta, eu me levanto. — Você quer que eu atenda?

— Sim — Ruby grita do quarto. Ela tem que gritar. O apartamento dela é quatro vezes maior que o meu. Muita coisa mudou no mundo de Ruby. Ela pode vir do dinheiro da família, mas ela faz o seu próprio hoje em dia. Seus anos de faculdade foram coloridos e desenhados com capricho. Ela tirou um ano de folga para se dedicar à fotografia e se tornou uma sensação no mundo da moda. Ela é talentosa com modelos, mas ainda prefiro suas paisagens. Ela ainda consegue encaixar ensaios durante suas viagens.

Ela ganha muito dinheiro, mas eu amo que ela permaneça fiel a quem ela é. Ao longo dos últimos anos, seu gosto se voltou para paletas mais limpas, mas a rigidez deste apartamento me faz sentir falta da garota que costumava colocar lenços sobre as lâmpadas. Eu pergunto:

— O que você está fazendo de qualquer maneira?

— Me vestindo. — Ela parecia bem no moletom e regata que estava usando, então não entendo por que ela está trocando de roupa.

Abrindo a porta, vejo o rosto familiar de minha mãe. *Huh?* Acho que olho demais porque ela entra no apartamento.

— Acho que vou me convidar para entrar. — Ela beija minha bochecha antes de passar. — Olá, a propósito. — Ela desenvolveu um bom portfólio de sarcasmo ao longo dos anos. Geralmente é apreciado, mas ainda estou confusa sobre porque ela está aqui.

— Oi, mãe. — Eu saio do choque de vê-la no apartamento da minha melhor

amiga. — Desculpe. Eu não esperava ver você.

Abaixando a bolsa, ela responde:

— Ruby me convidou. Estávamos conversando sobre uma noite das garotas...

— O que? Quando? — Ainda estou parada na porta como uma idiota, minha mente confusa enquanto minha mãe se sente em casa. Empurrando a porta fechada, eu digo: — Parece que está faltando alguma coisa.

Com uma grande entrada, Ruby vem do quarto em um casaco vermelho escuro desabotoado para revelar uma roupa de couro preta justa por baixo. Eu a olho duas vezes. Com seu cabelo beirando o preto mais profundo nos dias de hoje, ela é um mulherão.

— Uau!

Ela gira para nós, braços abertos, sorriso cheio e confiança construída em sua pequena estrutura. Os saltos permitem um pouco da altura que ela está perdendo quando está descalça ao meu lado.

— Gostaram? Comprei em Dubai. Me custou um salário integral, mas não me arrependo da compra.

Eu digo:

— Eu pagaria mais para ter metade da aparência.

Minha mãe observa como uma mãe orgulhosa.

— Você está fabulosa.

Elas se abraçam e Ruby responde:

— É tão bom ver você de novo, Cat.

Cética, pergunto:

— O que está acontecendo?

Pegando o vinho da mesa de jantar, Ruby se move para a cozinha, o líquido de ameixa espirrando pelas laterais e depois caindo.

— Nós nos encontramos na semana passada no Zabar.

Eles riem como se fossem velhas amigas, tagarelando a história.

— Ela tentou roubar o último chocolate Babka.

— Você é uma provocadora terrível, Cat. — Voltando os olhos para mim, Ruby diz: — Eu dei a ela o Babka. De qualquer forma, acabamos falando sobre você...

— Eu? — Meu interesse é despertado ainda mais. *Ótimo.* Nada une duas pessoas como o desejo de coordenar a vida amorosa de um terceiro. *Eu sou o terceiro.*

— Sim, eu pensei que seria divertido ter Cat te surpreendendo e se juntando a nós.

— Você não me quer aqui? — Juro por Deus que o lábio inferior da minha mãe salta um pouco quando ela pergunta isso.

Enquanto Ruby enche outro copo com vinho tinto, eu suspiro, inclinando a cabeça e revirando os olhos para dentro.

— Claro, eu quero você aqui. Estou feliz que você veio. — Eu a abraço, descansando minha cabeça em seu ombro brevemente, encontrando conforto no abraço.

Quando nos separamos, noto que suas roupas são muito parecidas, o que me faz pensar...

— Por que vocês duas estão vestidas assim? — Eu olho para o meu jeans largo e moletom floral, puxando a bainha como se eu pudesse esconder minha falta de moda. Não adianta, no entanto. Elas sabem que eu nunca tenho tempo para fazer compras. Tenho sorte de minhas meias não terem buracos enquanto elas parecem estar prontas para uma noite na cidade. — Espere um minuto. *Oh não.* Não. Não vai acontecer. Era para ser uma noite em casa, assistindo a um filme e pedindo entrega de comida.

Ruby se senta na outra ponta do sofá do lugar que eu reivindiquei, enrolando minhas pernas embaixo de mim em defesa. Observando minha mãe sentada na beirada da cadeira de couro enquanto Ruby cruza as pernas com saltos altíssimos, eu sei que elas não estão fazendo nada de bom.

Termino meu vinho, esperando que isso me salve do pesadelo que vejo chegando. Minha mãe diz:

— Nós realmente nos encontramos no Zabar, mas também achamos que seria divertido surpreendê-la.

— Surpresa! — Ruby acrescenta com talento e um movimento de seu pulso. — Mais vinho?

Vendo minha mãe engolir o dela, eu levanto meu copo, pensando que essas duas planejaram muito antes.

— Parece que vou precisar, considerando como o peixe ao meu lado está engolindo o dela. — O copo é roubado da minha mão enquanto Ruby corta entre mim e minha mãe para enchê-lo novamente. — E não seja mesquinha.

Ela ri. Minha mãe, nem tanto. Não, ela está focada em alisar um amassado em sua camisa que teve a coragem de se inserir.

— Mãe?

— Hum? — Seus olhos ainda estão abaixados.

Eu a pressiono:

— O que é isso? — Ruby volta com um copo tão cheio que o vinho escorre pela lateral quando é entregue a mim. Pelo menos é vinho branco e não mancha. Não que eu esteja tão preocupada com meus jeans. Tenho outras preocupações, como a história que estão tentando esconder. — Fico feliz que o Zabar não tenha se

transformado no Babka, mas parece que há mais nessa história. Apenas me diga o que está acontecendo.

Ruby volta a se sentar, glamourosa demais para a situação. Com o braço apoiado no encosto do sofá, ela diz:

— Estamos preocupadas com sua vida sexual.

— O que? Não. — Eu me levanto, pronta para sair em um grande aceno de meus braços em aborrecimento. — Você não pode me atrair aqui com vinho caro e comida mexicana, então começar a me atacar como Julie faz no trabalho. Eu nunca tenho uma pausa da preocupação de todos com a minha vagina?

Minha mãe engasga com o vinho. Sob nossa atenção, ela limpa a garganta e diz:

— Não era assim que deveria ser. Estamos preocupadas com sua vida social. — Olhando para Ruby, ela acrescenta: — Não sua vida sexual.

— Estou socializando agora com vocês duas. — Ao receber um olhar aguçado, levanto meu dedo enquanto bebo mais vinho. Claramente, meu comentário não vai acabar com isso. — Ok — eu digo, abaixando minha mão. — Você pode continuar.

Sem perder tempo, ela se aprofunda.

— Você não namora...

— Tenho vinte e sete anos, mãe, não noventa. Tenho tempo para encontrar um parceiro. De qualquer forma, Frankie e Dway... Hemsworth me mantém bastante ocupada. Você queria que eu cuidasse da planta, e eu tenho feito isso. Eu cuido de duas. São árvores muito carentes.

Ruby, muito divertida, acrescenta sua opinião de duas almofadas de distância.

— Primeiro de tudo, Frankie e Hemsworth são plantas, não pessoas. Nós deixamos você continuar falando deles como se fossem humanos de verdade, mas, Chlo, eles não são.

Minha mãe diz:

— Eu te dei Frankie para ajudá-la a encontrar o equilíbrio com seus estudos. Agora você está usando essas pobres plantas como desculpas para não ter uma vida fora do hospital. Se não é um extremo é outro.

Suas palavras abrem uma velha ferida. Não sobre as plantas, mas sobre uma parte de mim que pensei ter deixado para trás.

— Um extremo ou outro — repito baixinho para mim mesma. Meu peito dói com a realização. — Eu me tornei o meu pai.

Sem perder o ritmo, Ruby acrescenta:

— Você roubou meu segundo ponto.

— Eu me tornei meu pai? — Eu pergunto, olhando para minha mãe cujo olhar se estende para fora da janela.

— Eu nunca desejaria essa vida para você por todo o dinheiro do mundo. — Quando sua atenção volta para mim, ela diz: — Eu não odeio seu pai pelas escolhas que fiz. Eu odeio que ele não lhe deu nenhuma escolha. De que vale todo esse dinheiro se você não está feliz?

Eu argumento por despeito:

— Eu não preciso de um homem para me completar.

Minha mãe exala pesadamente.

— Você tem razão. Você é incrível, tem uma carreira incrível e... — Um pequeno sorriso aparece. — Plantas que dependem de você. Quando você está em casa, você se sente solitária? Eu fico. Sinto falta de ter uma amiga que compartilhe minha vida cotidiana, alguém em quem possa confiar, um amante, alguém com quem passar o tempo quando minha filha está ocupada no trabalho.

Honestamente, sim. Estou confortável em admitir isso? Não. Olhando para a obra de arte totalmente branca pendurada na minha frente, eu digo:

— O trabalho que faço me preenche.

Ela acrescenta:

— Quando se trata de uma carreira, não há mais nada que eu deseje.

— Mas quando se trata da outra metade da minha vida... Eu entendo o que você está dizendo. Minhas árvores não podem substituir relacionamentos com outros humanos.

Minha mãe toma um gole de vinho e diz:

— Não precisa ser um relacionamento romântico, mas um que oferece apoio além de nós, Frankie e Hemsworth, amigo ou outra coisa.

— Eu tenho Julie...

— Eu amo Julie. Ela tem um senso de humor matador, mas eu tenho que ficar do lado de sua mãe. É sobre companheirismo. E agora vamos voltar. — Ruby pergunta: — E sua vida sexual?

— Nossa, dê um aviso a uma garota. O maquinário funciona perfeitamente. Podemos seguir em frente? — Mas então acontece. Sem minha permissão, uma imagem de Joshua se infiltra. Prendendo meus olhos em qualquer coisa para substituir como ele olhou para mim naquele dia na sorveteria, como se ainda houvesse uma possibilidade para nós, um futuro, ainda apaixonado, *tão apaixonado...* Eu desisto. — Tudo bem. Diga o que está em sua mente.

Minha mãe bate no meu joelho, me trazendo de volta para ela.

— Pensamos que seria divertido sair e explorar um novo restaurante. Terminamos com esta conversa. Nós não temos que falar sobre os homens. Você está a fim de se divertir?

— Vestida assim, não estou.

Ruby se levanta rapidamente.

— Não se preocupe. Eu cuido disso. — Ela corre para o quarto e depois volta com uma sacola de roupas. — Eu trouxe um presente para você de Dubai.

EU NÃO ESTOU EXATAMENTE PUXANDO as calças que estão coladas nos meus quadris ou discutindo sobre o top decotado com as mangas de chiffon que apertam meus pulsos, mas faz um bom tempo desde que eu usei saltos tão altos... ou saltos de qualquer forma. É um grande pulo de tênis para stilettos de dez centímetros.

— Tem certeza?

— Positivo — ambas respondem.

Ruby bate na minha bunda.

— Se eu tivesse o seu corpo, me vestiria como a dançarina de apoio de Britney Spears e mostraria tudo de graça. — Estou acostumada com uniforme e jaleco branco hoje em dia, mas sei que vou perder essa discussão, então aguento e espero não cair de cara no chão. Ruby diz: — Coloque esses peitos para fora, pelo amor de Deus. Você os tem. Use.

— E para que exatamente estou usando eles?

— Seu próprio benefício. Confie em mim nisso.

Minha mãe finge que não ouviu essa conversa e abre a porta para entrar no restaurante.

— Este lugar teve ótimas críticas na semana passada do *The Daily* — diz ela por cima do ombro.

— E nós temos reservas?

— Não, mas a pessoa que atendeu minha ligação nos disse que poderia ter um cancelamento, então Ruby e eu achamos que valia a pena tentar. — Ela se vira para o pódio e começa a conversar com a hostess.

Ruby passa por trás dela, pegando minha mão e me puxando em direção ao bar. Pegamos os dois lugares disponíveis e pedimos uma rodada de coquetéis enquanto esperamos pela minha mãe.

Ela chega assim que as bebidas são servidas, e eu pulo do banco para que ela possa se sentar.

— Não há reservas disponíveis. — Tomando a bebida que pegamos para ela, ela bebe antes de acrescentar: — Por uma noite divertida de qualquer maneira.

— Por um jantar líquido — Ruby acrescenta. Nossos copos tocam quando batem juntos, e todos nós bebemos a isso.

O riso é forte, remédio para minha alma pelas próximas horas, a maior diversão que tive em muito tempo.

— Nós vasculhamos todas as malas em busca do zumbido — Ruby continua uma história que me faz rir tanto que meu lado dói. — Vai saber. Estava na minha bagagem de mão o tempo todo.

— Por que você colocou seu vibrador na mala de mão? — Minha mãe ri bufando porque ela estava felizinha dois coquetéis atrás. Mesmo que ela esteja sentada, estou surpresa que ela não esteja de bunda, considerando que eu tive que praticamente apoiá-la na última hora. Eu não me importo porque ela está se divertindo muito.

Ruby dá de ombros.

— Uma fantasia em um quilômetro de altura. — A conta é entregue, e Ruby é rápida em colocar um cartão para baixo. — Por minha conta, senhoras.

Depois de pagar, saímos cambaleando do restaurante para a calçada. Minha mãe olha para os arranha-céus ao redor e diz:

— Eu nem sei onde estou na cidade.

Envolvendo meu braço ao redor dela, eu a puxo para a esquerda.

— Não se preocupe. Nós vamos levá-la para casa.

Ruby joga o braço no ar enquanto se inclina para frente, balançando no meio-fio.

— Podemos dividir um táxi. Não me importo com o desvio.

O manobrista flanqueia seu lado.

— Se você quiser esperar ali, eu chamo um táxi para a senhora.

— Senhora? — ela responde, horrorizada. Nos olhando por cima do ombro, ela pergunta: — Oh Deus, quando eu me tornei uma senhora?

Minha mãe ri e soluça.

— Não é tão ruim, Ruby. É um sinal de respeito.

Voltando para onde estamos, ela bate o pé.

— Talvez eu queira ser a senhora de alguém. Respeito nas ruas. Desrespeito nos lençóis. Esse é o tipo de cara que estou procurando.

Nós nos movemos contra o prédio, nos apoiando na parede de tijolos.

— Eu não posso levar vocês duas a lugar nenhum. — Eu rio, mas com uma pergunta de voltas anteriores, eu pergunto: — A fantasia se tornou realidade?

Olhando para a esquerda e depois para a direita, Ruby então se inclina.

— Vamos apenas dizer que o copiloto sabe como pousar seu avião.

— Não é chamada de cabine[4] à toa — Comenta minha mãe, deixando-me em estado de choque.

Ruby está rindo, mas como se a memória fosse fresca o suficiente para ser revivida, ela compartilha:

— Ele era o homem mais sexy que eu já vi — Então seus olhos se arregalaram. — Exceto por ele. *Doce*. Jesus.

Minha mãe olha além de mim, e sua boca se abre.

Sentindo-me excluída, sigo seus olhares para dar uma boa olhada no que as deixou boquiabertas, o nome caindo da minha boca como se fosse o dono:

— Joshua.

39

Joshua

COMO UM RELÂMPAGO APARECE do nada, eu não esperava ver Chloe novamente. A paixão em seu coração sempre foi vista em seus olhos, e esta noite não é diferente. Meu olhar segue as linhas de seu cabelo que fluem sobre seus ombros e a graciosa clavícula exposta que eu costumava beijar.

Essa conexão que se recusa a não existir me faz flexionar os dedos para evitar tocá-la novamente. Vê-la pontilhando minha vida nos lugares mais inesperados, e saber que ela não é minha para beijar, se tornou meu verdadeiro castigo.

Segurando sua bolsa em uma mão e, aparentemente, uma Cat bêbada na outra, ela está olhando para mim como se eu tivesse me materializado do nada.

— Chloe — eu respondo, alguns momentos constrangedores depois. Sem perguntas. Sem declarações. Apenas o nome dela fazendo seu caminho para o ar fresco. É bom dizer isso de novo. É ainda melhor vê-la.

— Josh?

Eu forço meus olhos a saírem dela apenas para encontrar outro rosto familiar.

— Ruby?

— Sim. Uau, Josh Evans bem aqui nas ruas de Nova York. — Ela enlaça o braço com Chloe, as duas mulheres em alerta ao seu lado. — Quais são as chances?

Chloe fala pelo canto da boca:

— Melhores do que você pensa — alto o suficiente para ouvir, me levando a acreditar que ela não está totalmente chateada por me ver novamente.

— Josh? — Confusão ondula através de sua expressão e depois suaviza com a derrota tomando conta. Eu ainda quero corrigir o nome, mas ela só mudou porque eu disse a ela quando estava na cadeia. Chloe continua parada em silêncio como se dizer meu nome fosse tudo que ela pudesse suportar. Eu me identifico muito bem.

Ela continua a me encarar como se eu fosse um mistério que ela não consegue decifrar, e então diz:

— Você está aqui. — Mas antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ela pergunta: — O que você está fazendo aqui?

Não tenho certeza do que dizer.

Eu trabalho aqui.

Coincidências acontecem.

É um país livre.

Quando ela olha para sua mãe, a expressão de sua mãe é ilegível de onde estou. Eu digo:

— Eu trabalho na cidade. — Eu poderia ter apontado que elas estão atualmente em frente ao meu restaurante, mas dar esses detalhes no clima atual do momento parece imprudente. É bom guardar alguns segredos. Isso é algo que ela conhece bem.

Ruby salta de surpresa, levantando as sobrancelhas.

— Você mora aqui?

— Sim.

O comportamento solto de Cat mudou para o modo de mãe protetora, pegando a mão da filha na dela.

— Chloe...

— Estou bem, mãe.

Ruby diz:

— O táxi está aqui. — Mesmo Ruby não consegue descartar a estranheza pela forma como a simpatia reorganiza seu rosto. Estou começando a me perguntar se ela não me odeia. As pessoas ricas geralmente são melhores em esconder seu lado maligno.

Eu me odeio por pensar que elas poderiam ser tão cruéis, mas perdi a confiança nas palavras há muito tempo. Agora julgo os outros por suas ações.

A respiração pesada que escapa de Chloe faz seus ombros baixarem, e ela balança a cabeça enquanto eu fico sem saber como estou me sentindo sobre ver ela, elas, e ter outro encontro predestinado. É muito para processar. Eu digo:

— Foi... — Eu me paro antes de dizer a ela como é realmente bom. Não posso. Depois de receber três oportunidades, ainda não consigo administrar minhas emoções com a cabeça clara e meu coração está muito nublado.

Um apelo entra nos olhos de Chloe, seu lábio momentaneamente dobrado sob os dentes.

— Foi o quê?

Ruby anda ao redor de Chloe, pegando a mão de Cat.

— Vamos esperar no táxi.

Olhando para Chloe, Cat sussurra:

— Acho que você deveria vir conosco.

O debate está escrito na preocupação em sua testa. Ela acena com a cabeça e, por um breve segundo, acho que ela está convencida. Então ela pergunta:

— Posso ter um minuto, mãe? Ruby? — Sua necessidade de agradar brilhando.

Eu poderia dar a ela o benefício da dúvida e reconhecer que ela está levando o tempo delas em consideração, mas isso exigiria que eu fosse a pessoa maior agora, e eu

não sei, ela está fodendo com a minha cabeça. Por que ainda estou aqui esperando que ela se decida sobre algo quando não tenho a mesma consideração?

Foda-se isso.

Estou atrasado do meu intervalo. Os caras estarão me procurando se Lola já não estiver. Passando minha mão pelo meu cabelo, eu começo pelo canto para dar a volta.

Chloe pergunta:

— Podemos conversar? O táxi está esperando, então não vou detê-lo por muito tempo.

Meus pés param quando estou de costas para ela. Nós realmente temos mais alguma coisa para falar? Eu senti que foi deixado muito fodidamente cortado e seco.

Mas quando me viro para ela, meus olhos pousam no sinal de Salvation acima de sua cabeça. Não sou de acreditar em sinais, mas se alguma vez houve tempo para isso, é este.

Olho para a tatuagem no meu dedo, a outra metade que ainda marca seu corpo. *Salvação.*

Chame isso de graça vindo sobre mim, mas em relação ao futuro, começo a repensar minha posição sobre o dano que ela causou. Talvez ela não tenha estragado tudo. Talvez ela tenha corrigido.

Ela merece ser ouvida, desabafar algumas coisas que também podem me dar a paz que procuro. É uma chance que nunca demos um ao outro com guardas parados e vidros grossos nos dividindo.

— Claro — eu respondo, encostado na parede de tijolos. Eu culpo a ficha no meu ombro por estar lá e fazê-la vir até mim. Ela não parece se importar e se aproxima. Ela sempre foi melhor do que eu.

A leve oscilação de seus tornozelos me faz estudar sua linguagem corporal. Com as mãos estendidas para dar equilíbrio, percebo que ela estava bebendo. Fortemente.

— Você está bêbada?

Segurando dois dedos juntos, ela me olha através do pequeno espaço.

— Um pouco, mas ainda quero conversar.

Toda a misericórdia que eu estava dando agora parece uma má ideia. Nada de bom vem de confrontos bêbados. Rios de emoções são difíceis o suficiente para guiar antes que o álcool nos arraste para oceanos mais profundos.

— Eu não acho que isso seja uma boa ideia, Chloe.

Ela se aproxima, e então seus olhos se fecham enquanto ela saboreia o momento, um pequeno sorriso em seu rosto e uma inspiração profunda.

— Eu sempre amei o jeito que você disse meu nome. — Foi algo que eu amei que ela fazia também... talvez eu ainda ame. Ela olha para o táxi e depois para mim. — Eu

quero que você saiba que...

Uma buzina soa em nossa conversa, e Ruby se inclina para fora da janela:

— Vamos, Chlo.

Estar com o tempo emprestado me deixa ansioso, então pergunto:

— Que o quê? O que você quer que eu saiba?

Olhando nos meus olhos, ela dá mais um passo para mais perto, deixando pouco espaço para mal-entendidos.

— Joshua, eu estive pensando sobre o que aconteceu, e eu estou tão...

— Ei, Josh? O que você está fazendo aqui?

Merda.

Eu empurro os tijolos e inclino minha cabeça cobrindo a distância além de Chloe para encontrar Lola na porta da frente. Quando se trata de mim, sua curiosidade geralmente leva a melhor sobre ela. Não é diferente para ela agora, enquanto ela olha de um lado para o outro entre mim e Chloe.

— Já estou indo, Lola.

Por favor, volte para dentro, eu imploro silenciosamente.

Chloe se vira para olhar, e vejo a chance que nos foi dada se afastar. Lola assente antes de voltar para dentro.

— Não demore.

Quando os olhos de Chloe encontram os meus, a luz que brilhava desapareceu junto com o sorriso que ela estava tentando limitar segundos antes.

— Eu não vou segurá-lo — diz ela, ficando mais firme em seus pés. O outro lado da minha vida está exposto em uma realidade sóbria.

Correndo entre ela e o táxi, digo:

— Ainda podemos conversar.

— Você é preciso lá dentro. — Passando por mim, ela tropeça com aqueles malditos sapatos, seus braços voando no ar.

Eu estendo a mão para impedi-la de cair. Nossas respirações ficam pesadas enquanto eu permaneço enrolado em torno dela de lado, segurando-a. Quando ela inclina a cabeça para cima, estou coberto por seu cabelo. Aproveitando a situação, eu a inalo em meus pulmões mais uma vez. Floral com notas de baunilha. Já faz muito tempo, mas o cheiro desperta meu corpo, e meu coração começa a bater forte no meu peito.

Apesar da rua barulhenta, aposto que ela pode ouvir. Eu a ajudo a ficar de pé, endireitando-a em seus pés.

— Você está bem?

Tirando o cabelo do rosto, ela levanta o queixo, o orgulho, impedindo-a de rir ou

chorar por causa disso. Eu não posso lê-la e isso me irrita.

— Estou bem — diz ela, se soltando de mim. — Tudo bem, Josh.

Josh... esse nome não está certo vindo da boca dela, mas eu tenho minha própria merda para lidar. Esta avalanche de sentimentos fodidos tornou-se uma avalanche que é tarde demais para evitar. Eu me afasto dela, precisando do espaço e clareza que ainda não consigo encontrar.

— Bom.

— Bom? — Suas pálpebras se fecham enquanto ela luta para recuperar o fôlego. — Certo. — Apontando atrás dela, ela diz: — Elas estão esperando.

— Sim.

Seu olhar dispara de mim para a porta e volta novamente.

— E Lola está esperando por você.

Por que isso me faz sentir pior do que antes? *Porra.* Eu odeio deixar as coisas assim, mas eu tenho que fazer.

— Preciso voltar.

Um hipócrita *boa sorte* é jogado na minha direção quando ela abre a porta do táxi.

— Para que?

— Não sei. — Ela encolhe os ombros. — Parecia algo legal para dizer a alguém que você nunca mais verá.

— Tem certeza disso?

Seu rosto se contrai em pensamento. Com uma torção de seus lábios, sua mão encontra seu quadril.

— Sim. Tenho certeza de que é uma coisa legal de se dizer.

Ela irritada ainda é fofo, mesmo que sua raiva venha com um lado de garras. *Porra.* Não posso me dar ao luxo de me envolver com ela novamente, então digo:

— Eu estava falando sobre a parte de nunca mais me ver — e vou para o restaurante.

— Eu não estou preocupada com isso — ela grita desafiadoramente.

Balançando a cabeça, eu sei que não deveria fazer isso. Ela está bêbada. Ela está falando merda como se soubesse do que diabos ela está falando. *Foda-se.* Contra o meu melhor julgamento, eu me envolvo.

— De oito milhões de pessoas, nos encontramos três vezes nos últimos meses. Isso é praticamente uma anomalia estatística. — Enfurecido, eu abro meus braços e cerro os dentes. — No entanto, aqui estamos, provando que essas estatísticas estão erradas.

— Tecnicamente, as estatísticas são mais altas do que você pensa. Eu pesquisei isso.

— Claro que você fez. — Deixo aquela pequena bomba sarcástica aos pés dela só

para ver o que acontece.

Ela zomba, afastando a possibilidade de que algo maior possa estar em jogo, e afirma:

— Anos atrás, eu poderia ter acreditado em você, mas o destino não é baseado em ciência por uma razão. Não há provas de que exista, então se é isso que você está usando como base, você está completamente errado. — Ela entra no táxi como se aquela tatuagem não significasse nada e bate a porta.

— Foi bom ver você de novo — eu digo de boca fechada com um movimento do meu pulso. — Boa sorte. — Tudo bem, estou sendo mesquinho ao deixá-la me afetar até mim, mas que diabos. *Por que eu me importo?*

Com a janela ainda abaixada, ouço Ruby gritar:

— De novo?

O carro se afasta do meio-fio, mas vejo os olhos de Chloe me seguindo para dentro. Porque, como ela, eu não poderia sair sem um último olhar. A porta para a Salvation não tem chance de se fechar antes que Lola pergunte:

— O que está acontecendo?

— Encontrei uma velha amiga. — A mentira se encaixa melhor do que a verdade no que diz respeito a Lola.

— Ela não era tão velha pela aparência dela, e ela com certeza é bonita. — Eu aprecio a falta de ciúme em seu tom. Poderia ter ido de qualquer maneira realmente.

— Sim, ela é muito bonita.

Inclinando-se no pódio, me estudando, ela sussurra:

— Eu ouvi gritos.

— É apenas algo que fazemos.

— Você pode fazer isso em outro lugar da próxima vez? Uma mesa perto da janela reclamou.

— Então compense eles. — Ando pelo restaurante, pensando em Chloe enquanto volto para a cozinha. Infelizmente, ela é bonita demais para eu ignorar. Mas não é sua aparência que me faz querer vê-la novamente. É essa conexão que compartilhamos que nunca foi embora.

40

Chloe

— O QUE ele quis dizer com *ver você de novo*? — Ruby não vai deixar isso passar. Ela está bêbada, barulhenta e fixada em mim. Ela também recebe o primeiro lugar nesta investigação, já que está sentada no meio do banco traseiro.

Eu dou de ombros, esperando que ela acredite que não é grande coisa.

— Ele foi ao pronto-socorro um tempo atrás, e eu o tratei. Isso é tudo.

— Como paciente?

— Não, como meu ex que voltou dos mortos para me assombrar — eu estalo. — Claro, como meu paciente.

— Por que você não nos contou? Acho que ver Josh Evans vale a pena mencionar.

Minha mãe começa a esfregar a têmpora e depois diz:

— Acho que Ruby está certa, Chloe. Ver Josh novamente é uma grande coisa, considerando o passado, mas vê-lo duas vezes... bem, eu me preocupo com você. Você levou anos para superá-lo. Você foi para a terapia...

— Eu também fui à terapia porque meu pai me traiu.

Ela concede.

— Isso é compreensível, mas quero focar em Josh. Ele foi seu primeiro amor. Seu primeiro tudo. — O tom apaziguador não me favorece. Na verdade, faz o oposto e me irrita. Estou tentada a dizer a elas que esta é a terceira vez desde que estamos todos nessa situação, no passado, teríamos calculado que era nosso terceiro encontro... *Como posso me lembrar desse pequeno detalhe e ainda não me lembrar do acidente?*

Agora estou esfregando minha têmpora quando o começo de uma pulsação monótona se junta a esta festa.

Eu mantenho os detalhes de Josh e eu em segredo. Elas iriam explodir isso ainda mais, então eu preciso me acalmar e manter meu juízo para evitar uma discussão que não precisa acontecer.

— Eu sei. Você não precisa me lembrar. — Examinando a rua, estou tentada a escapar da parte de trás deste táxi, apenas abrir a porta e correr. Correr o mais longe que puder. Mas meus pés doem com esses sapatos, então digo: — Estou bem.

Ruby se ajeita no banco. Minha mãe suspira e depois diz:

— Você está indo tão bem, ótimo trabalho, renda estável. Eu me preocupo que vê-lo novamente pode te fazer voltar atrás ou te tirar do caminho em que você está.

Minha boca cai aberta.

— Espere, deixe eu ver se entendi. Horas atrás, você me emboscou com uma intervenção sobre minha vida sexual...

— Vida social — minha mãe corrige.

— De qualquer forma, *minha* vida. Você me arrasta pela cidade aparentemente para meu benefício, e agora está me dizendo que minha vida estava bem em primeiro lugar. Não consigo acompanhar seus padrões para *minha* vida. Apenas me diga o que você quer de mim, e eu farei como sempre fiz?

— Isso não é um ataque — diz Ruby, estendendo a mão e esfregando meu braço. — Nós queremos que você seja feliz. Isso é tudo que sempre quisemos para você, Chlo.

— É tudo o que você sempre quis, mas você se deu ao trabalho de me perguntar o que eu quero?

Dois pares de olhos, sem piscar, olham para mim antes de minha mãe começar a se encher de lágrimas.

— Eu sinto muito. Nós nos comportamos terrivelmente. Eu pensei... — Seu perfil é recortado pelas luzes brilhantes do outro lado da janela e o remorso toma conta de seu tom. — O que eu pensei não importa. Você importa. Se você está feliz, não há mais nada que eu possa querer para você.

A culpa se instala como sempre, e eu me aproximo para tocar seu ombro.

— Eu não te disse isso para fazer você se sentir mal. Eu só queria que você soubesse que estou bem. — O álcool está deixando meus pensamentos confusos e minha língua atormentada. Eu me encosto para tentar parar de girar.

Ruby diz:

— Sinto muito também.

— Eu sei que você se importa comigo, e eu aprecio isso. Eu só quero sentir que não estou falhando com alguém por uma noite.

Apoiando a cabeça no meu ombro, Ruby diz:

— Você não está falhando conosco. Odeio que tenhamos feito você se sentir assim. — Envolvendo seus braços em volta de mim, ela acrescenta: — Estou maravilhada com você, Chlo. Você é a pessoa mais inteligente que eu conheço. Linda por dentro e por fora. Você corre dois quilômetros em oito minutos em um dia ruim e ainda mantém o título de tópico favorito da minha carreira de fotografia.

Ela inclina a cabeça para trás, e minha mãe se inclina para frente.

— Você é a luz e o amor da minha vida, Chloe. — Alcançando através do colo de Ruby, ela pega minha mão na dela. — Você é brilhante, e eu não poderia estar mais orgulhosa de quem você é e de tudo o que fez para tornar seus sonhos realidade. E a partir de agora, serei a melhor avó que já existiu para essas plantas.

Ruby ri.

— Você é uma avó para aquele pequeno pacote de grandes plantas.

Honestamente, eu as amo demais para continuar lutando.

— Tudo bem, vocês me conquistaram com os elogios. — Eu dou de ombros. — Acho que sou fácil assim. — Eu também sei que elas sempre estiveram do meu lado. — Isso ficou fora de proporção porque estávamos bebendo. Eu não estou brava com vocês. Estou com raiva de mim mesma e não sei por quê. — Eu devo muito a elas. Foram elas que suportaram o peso da minha dor naquela época. As lágrimas que não vieram mais foram substituídas por um silêncio que erroneamente considerei estóico. Não era.

Vou culpar as bebidas pela manhã, mas esta noite, quero chorar. Já que as lágrimas não virão, eu as derramei através de uma confissão.

— Minha cabeça está latejando, mas sabe o que dói mais? Meu coração.

Fechando meus olhos, eu me encolho, esperando o mundo acabar. Essa é a única reação lógica para mim admitir que Joshua Evans ainda preenche aquele pequeno compartimento de um coração que está batendo loucamente no meu peito.

Eu não morro, porém, e o mundo não acaba. Ambas se inclinam, e eu me inclino para um abraço em grupo. Minha mãe diz:

— O que posso fazer para ajudá-la?

— Ver ele... — Eu fico engasgada pensando em Joshua. Dizer o nome dele é bom demais, mas vem com tanta dor. Eu sugo uma respiração irregular quando *ela* vem à mente: *Lola. Lábios vermelhos. Pernas enormes.* A mulher mais linda que já vi. Ela pode ser uma espectadora inocente, mas eu já a odeio. — Meu coração ainda quer amá-lo.

Eu jogo a verdade no universo, esperando que ela não seja um bumerangue e me derrube novamente.

Nesse momento de silêncio sufocante, o carro para do lado de fora do meu prédio. Eu olho para cima e depois de volta para elas, sem fazer nenhum movimento para sair. Até mesmo elas não sabem o que dizer, mas a preocupação está enfiada em suas expressões. Minha mãe finalmente diz:

— Alguma parte sempre irá. Vocês nunca deveriam ter terminado daquele jeito.

As palavras são um lembrete flagrante do que nunca deveria ter acontecido. Mas eu nunca vou me recuperar do fato de que Joshua e eu nunca deveríamos terminar... de forma alguma.

Sou atingida por uma forte rajada de vento, me deixando sóbria ao fato de estar voltando para um apartamento vazio onde a única vida que existe vem das minhas plantas. Eu mal estou vivendo, então não tenho certeza se isso conta.

Sentada no escuro do meu apartamento com as costas contra a parede. Eu corro meu dedo ao redor da borda de um copo de água. Olhando por cima do meu ombro, Frankie e Hemsworth estão curtindo o luar enquanto eu sou atingida por uma onda de tristeza. Como uma velha adversária, me lembro bem. Eu vivi com esse sentimento por anos, incapaz de me lembrar da vida antes de se estabelecer em minha alma. Não lhe darei liberdade para crescer novamente. Não, não é uma escuridão onde eu quero viver.

Eu me levanto e termino meu copo antes de me despir e entrar no chuveiro, deixando a água chover sobre mim como as lágrimas que eu costumava chorar.

Quando eu arrasto minha mão pela minha garganta, a sensação de seu corpo em volta de mim ainda é tão palpável. Ele me pegou quando eu estava caindo... *caindo.* Eu aperto meus olhos fechados, desejando que eu ainda pudesse sentir seu batimento cardíaco contra o meu lado ou ouvir o jeito que ele engoliu tão perto do meu ouvido.

Eu não reconheci como eu me senti protegida, até mesmo querida, em seus braços, ou como quando me virei, a conexão correu pelas minhas veias, e por aqueles poucos segundos, eu me senti viva novamente. Meus joelhos ficaram fracos quando ele inalou o cheiro do meu cabelo como se precisasse de uma última lembrança. Por mais que eu queira esquecer como suas mãos no meu corpo pareciam que ele ainda me amava, eu sei que não devo emaranhar meus sonhos nele novamente.

Joshua sempre será meu primeiro amor.

Eu simplesmente não tenho mais energia para segurar esses sentimentos. Ele passou por mim. Então talvez eu precise pensar seriamente no que minha mãe e Ruby disseram. Nunca foi uma questão de preencher os buracos que ele deixou para trás. Não. Se eu fosse admitir a verdade, ele ainda está ocupando espaço sem pagar aluguel.

É hora de namorar. Talvez outra pessoa possa impedi-lo de possuir tanto da expansão do meu coração.

Os efeitos do álcool estão desaparecendo, e minha mente clareia. A única maneira de saber se posso encontrar um amor que dure a vida inteira é dando uma chance a outra pessoa. Isso significa que em vez de não, eu preciso começar a dizer sim.

41

Chloe

— ESTOU MORRENDO de vontade de ouvir sobre a sua noite das garotas há semanas. — Julie abaixa o garfo, o metal batendo contra a porcelana.

O bom tempo nos fez escolher um café na calçada para a nossa pausa.

— Já faz um tempo desde que nossos horários estavam em sincronia.

— Me conte sobre isso antes que você receba uma mensagem e tenha que sair.

Eu abaixei meu copo depois de beber a água.

— Armaram para mim. Eu pensei que era uma noite das garotas *dentro de casa*, mas elas tinham planos nefastos que incluíam sair para um restaurante novo e quente. A única coisa é que elas não tinham reservas. Ainda era divertido porque nós apreciamos o bar no Salvation em vez disso. Mas me deixe dizer, somos um bando de pesos leves e deveríamos ter comido mais do que um aperitivo compartilhado de poutine.

Mesmo que ela tenha conhecido Joshua, não há necessidade de mencioná-lo. Como Ruby, ela vai se fixar nesse detalhe, e eu não quero reviver essa parte da noite.

Eu dou outra mordida na minha salada quando ela diz:

— Ouvi dizer que aquele lugar é incrível, mas sim, você tem que ter conexões para conseguir uma reserva ou reservar com antecedência. Bom saber que vocês puderam ficar no bar. Talvez eu veja se Roger da administração pode me colocar dentro. Ele adora se gabar de suas conexões.

— E ele tem uma quedinha por você.

— Eu transei com ele...

— O que? Quando? Achei que você não gostasse dele.

Ela encolhe os ombros sem pedir desculpas.

— Eu culpo o bife e o vinho. O que posso dizer? Ele sabe o caminho para o coração dessa garota.

Rindo, eu digo:

— Se isso te faz feliz. — Eu pareço duas outras pessoas que conheço. Satisfeita, afasto meu prato e inclino meu rosto para aproveitar o último pedaço de sol do dia. Olhando de volta para ela, eu digo: — É bom estar do lado de fora.

— Chloe? Chloe Fox. Uau, é realmente você.

Eu olho para o som da voz masculina que está se aproximando rapidamente apenas para pousar em um rosto que eu nunca pensei que veria novamente.

— Trevor?

Em uma cidade de milhões, Joshua Evans é literalmente servido para mim em uma bandeja de prata, três vezes. Então Trevor League, claro. *Por que não? No entanto, acho que não é tão surpreendente, já que a empresa de sua família está aqui na cidade. Mas mesmo assim...*

Não parecendo muito mais velho do que da última vez que o vi, ele pode ter ombros mais largos e seu cabelo um tom de loiro mais escuro do que costumava ser. Ele sempre soube usar terno. Quanto à sua personalidade, foi aí que tivemos problemas.

Mesmo assim, não consigo esconder o uniforme que estou usando e não me preocupo em arrumar o cabelo da touca. De repente ansiosa, começo a alisar o algodão enrugado de qualquer maneira, como se fosse fazer a diferença. Não sei por que sua presença me fez cair em um papel que uma vez abandonei.

Ele diz:

— Minha mãe me disse que você estava trabalhando na cidade.

— Sim, no City Medical, a poucos quarteirões daqui. — A maneira como ele olha para mim é como se ele estivesse vendo uma velha amiga. Nós nunca fomos tão próximos, e alguns encontros no ensino médio não vão mudar isso agora.

— Seu pai deve estar orgulhoso.

Newport adora fofocar. Não há como ele não saber sobre a famosa queda dos Foxes, mas vou dar a ele o benefício da dúvida.

— Nós não falamos mais.

— Eu não queria trazer isso à tona, mas lamento ouvir isso. — Eu paro de revirar os olhos porque suas palavras soam genuínas. Ele olha para cima quando um grupo de caras barulhentos passa pela área do pátio. Quando seu olhar desliza de volta para mim, ele diz: — Eu tenho trabalhado no exterior nos últimos três anos, então perdi contato com a antiga turma. É muito bom ver você de novo.

Julie pergunta:

— Onde você estava trabalhando?

Batendo minha mão na minha cabeça, eu digo:

— Desculpe por não apresentar vocês. Essa é minha amiga, Julie. Se as roupas não te deram a dica, trabalhamos juntas.

Curiosamente, a parede que eu costumava erguer ao redor dele não se ergue como uma bandeira vermelha. Eu vejo como eles apertam as mãos e como a arrogância que ele uma vez carregava como um distintivo de honra não está em lugar algum. Algo o tornou mais humilde, a *vida*? Não tenho certeza do que poderia ser, mas é uma reviravolta inesperada e agradável.

Ele dá um passo para trás e diz:

— Eu deveria deixar você terminar sua refeição.

Julie diz:

— Oh, Deus, não. Fique. Estávamos falando sobre a Chloe ir para a Salvation, aquele novo...

— Já estive nesse restaurante. — Seus olhos se iluminam como se estivesse grato por ter algo a acrescentar. — Foi muito bom.

Julie acrescenta:

— Chloe não conseguiu comer...

— Eu te disse — eu digo de boca fechada, — eu comi o poutine. — Eu sei o que ela está fazendo. A última vez que ela tentou me armar, não funcionou tão bem. Eu atiro a ela um olhar que Trevor não percebe. — Não — eu murmuro.

Ele diz:

— Eu não tentei a versão deles.

— Não conseguimos uma reserva, então minha mãe, amiga e eu dividimos um aperitivo no bar. — Eu pareço mais patética a cada segundo, desejando poder deixar meu corpo agora mais do que nunca.

Sua mão toca meu ombro, a sensação dele está errada. Ele diz:

— Posso fazer uma reserva para amanhã à noite. — Ambos aconteceram rápido demais para eu detê-lo. Disfarçadamente, eu me afasto dele. Ele não é o mais sábio e sorri, mas claramente enviei a mensagem errada porque ele continua: — Você gostaria de ir comigo, Chloe? Seria ótimo recuperar o atraso.

— Eu, uh. — Meu pé é chutado, fazendo-me olhar para Julie, que está balançando a cabeça com tanta força que pode cair. Mas quando olho para ele novamente, ele parece sincero. Talvez este seja um bom teste para passar tempo com um homem e construir minha confiança em namorar novamente. Isso se ele não for o mesmo idiota que costumava ser sob aquele terno caro.

Prometi a mim mesma dizer sim com mais frequência, e ele é o primeiro da fila.

— Certo. Estou de folga amanhã. Eu posso te encontrar lá.

— Vou mandar uma mensagem para você com os detalhes. — Segurando o telefone, ele diz: — Ainda tenho o seu número.

— Do ensino médio?

— Sim. Eu nunca excluo um contato. Você nunca sabe quando precisará deles novamente.

Eu já disse sim, mas só isso me faz querer desistir desse encontro, mas ele já está voltando para sua mesa.

Julie apoia o queixo na mão e diz:

— Ele é um sonho. O que há com você e todos esses caras gostosos que parecem não conseguir tirar os olhos de você? Estou com tanta inveja.

— Não existem *todos esses caras gostosos*, em primeiro lugar. E se você soubesse apenas a metade disso...

— Eu não sei nem um quarto disso, mas sou todo ouvidos.

A conta é colocada entre nós e eu sorrio presunçosamente.

— Pena que acabou o intervalo. De volta ao mundo real, e Roger.

— Eu meio que te odeio agora — ela brinca rindo.

NÃO SEI por que disse sim.

Não só namorar é sair da minha zona de conforto, mas Trevor especialmente é. Para ajudar a aliviar meus nervos, mando uma mensagem para Ruby no carro: *Se você tiver notícias minhas em dez minutos, me ligue de volta.*

Ruby: *Ai meu Deus! Você está em um encontro??????*

Eu rio que um ponto de interrogação não foi suficiente, e respondo: *Sim. Por que estou fazendo isto?*

Ruby: *Porque um dia você vai se apaixonar e se perguntar por que esperou tanto.*

Essa é uma ideia adorável, mas eu experimentei o amor uma vez, e isso me destruiu no final. É possível encontrar o meu para sempre desta vez?

Eu: *Acho que esse é o seu sonho. Não meu.*

Ruby: *O que é meu é seu. Divirta-se ao máximo e me ligue amanhã.*

Eu: *Uma ligação e não uma mensagem?*

Ruby: *Definitivamente vale a pena falar sobre isso. Divirta-se e faça sexo!*

Reviro os olhos e, em seguida, uma imagem de Trevor com sua corcunda pisca. *Eca.* Sem sexo!

Eu: *Sim. Sim.*

Embora pela forma como me vesti para a noite, pareço estar apostando que ela está certa, ou eu não teria feito o esforço. Eu quero amor na minha vida... amor para substituir o outro. Saio do táxi e entro no restaurante. É tarde demais para voltar atrás agora. Eu o vejo no momento em que entro.

Cumprimentando-me com uma taça de vinho tinto, ele beija minha bochecha.

— Você está fantástica, Chloe.

— Obrigada. — Nós nos arrastamos para o lado da entrada, e eu pergunto: — Qual é o vinho?

— É um Syrah desta pequena vinícola pitoresca no Vale do Ródano, na França. Eu descobri durante uma escapadela de fim de semana com uma garota que conheci

em Yale, na verdade...

Deixando-o divagar, tomo um gole, embora não seja muito de beber vinho tinto. Tenho a sensação de que vou beber muito para abafar a imagem ainda presa na minha cabeça.

— Isso é tão interessante. — Não tenho ideia do que ele disse, mas minha resposta parece se encaixar, então vamos em frente. — Você disse que conhece alguém aqui?

— O gerente. — Ele olha em volta como se estivesse procurando por seu amigo. Inclinando-se, ele diz: — Nós nos conhecemos em uma festa nos Hamptons e ficamos na cidade.

— Amigos rápidos. Você deve ter se dado bem com ele. — Um pouco paranóica, eu examino a sala, mas não vejo Joshua ou Lola para meu alívio, mas ainda bebo o vinho para aliviar a tensão.

Eu sei que é estúpido se preocupar com essas coisas. Quais são as chances de eu vê-los novamente, muito menos aqui no Salvation?

— Não é um ele. É uma ela. — Seu tom clareia enquanto seu olhar trabalha na distância. — Nós nos demos bem.

Que resposta estranha... *oh*!

— Ai credo! Por que você contaria essa história para alguém com quem você está em um encontro?

Me cutucando com o cotovelo, ele ri.

— Nós não somos adolescentes do ensino médio. Somos adultos, Chloe. Profissionais solteiros, atraentes e bem-sucedidos. Relaxa e aproveite a vida.

Eu suspiro; minhas esperanças de que ele pudesse mudar se desfazem em menos de cinco minutos. Estou pensando que é hora de cortar minhas perdas e sair quando a hostess diz:

— Sua mesa está pronta. Por aqui.

Eu posso estar andando, mas definitivamente é hora de mandar uma mensagem para Ruby. Ela pode me salvar com uma ligação rápida. Mas quando chego à pequena mesa no meio do restaurante, não consigo resistir. Eu desatei a rir. Esta deve ser a pior mesa do restaurante, sem privacidade e com potencial para os garçons esbarrarem em nós. Ainda rindo, eu digo:

— Vocês podem não ter se dado tão bem quanto pensava.

Ele faz uma careta, puxando minha cadeira a contragosto.

— Confie em mim, você não vai reclamar.

— Não, confie em mim. Eu também não vou me dar bem com você. — Sento-me porque, pela primeira vez na vida, estou na posição de poder. E egoisticamente, não estou apenas faminta, mas quero realmente experimentar a comida aqui no Salvation.

Eu vivi uma vida protegida, em parte por causa da minha educação e depois por causa da minha escola e carreira me mantendo ocupada. Não mais. Vou viver minha vida nos meus termos, não nos de qualquer outra pessoa. Então, se ele está procurando por uma batalha de vontades, estou pronta para enfrentá-lo.

Eu guardo meu telefone e peço lagosta e champanhe porque esta noite acabou de ficar interessante.

42

Joshua

QUANDO VEJO o prato de peixe deslizar de volta para a linha da cozinha, pergunto:

— O que é isso?

Tyler, um garçom mais novo no restaurante, diz:

— O cliente disse que queria desossado.

— Não. — Eu o empurro de volta para baixo da linha. — Não é assim que é servido.

Pegando o prato, ele diz:

— Vou dizer a ele.

— Que porra de nervo — resmungo, cobrindo a estação de sauté esta noite para um cozinheiro que ligou dizendo que estava doente. Eu chamo para a linha de trás — Verifique os suflês!

Todd diz:

— Se acalme. Você está furioso a noite toda. Não está transando?

— Estou preparando a comida do jeito que criei para o prato ser servido. Não posso lidar com comedores exigentes esta noite. — Ele está apenas apertando botões, já que ele sabe que eu posso transar se eu quiser.

A razão pela qual estou escolhendo não transar é a parte que ele não está ciente. Já que esta maldita cidade trouxe Chloe e eu juntos novamente, seu rosto seria o único que eu veria se fosse para casa com outra pessoa, seu corpo aquele que eu gostaria de tocar. Não é certo fazer isso com outra mulher.

Ultimamente, estou vendo minhas memórias tão claramente quanto antes. A raiva que costumava me levar foi formada pela necessidade de seguir em frente, mas agora a vela que eu segurava no fundo está acesa com o movimento de seu pulso, e eu a sinto tomando partes do meu coração novamente.

Isso me faz perceber que nunca estive em terra firme quando a estava responsabilizando. Eu posso distorcer a verdade na minha cabeça, mas Chloe é um lembrete estridente do que eu fiz. Mesmo que ela nunca se lembre de como a noite realmente foi, eu era o responsável por dirigir o carro dela. Aceitei meu papel nessa catástrofe no dia em que assinei aqueles papéis, mas é engraçado como às vezes é fácil esquecer.

Estou pronto para perdoá-la por me ouvir? Por fazer o que eu disse para ela fazer, *não voltar?*

Se ela soubesse que eu fiz tudo por ela, ela me perdoaria? Será que meu sacrifício importa agora?

Não. Ela está fazendo o que sempre quis. Seus sonhos se tornaram realidade, mas em uma estranha reviravolta do destino, os meus também. Eu só queria poder parar de pensar em como ela se sentia em meus braços, conforto de um lar há muito esquecido, uma boa memória que faz você sorrir, amor que nunca deixou um coração que você pensou que estava vago. Uma onda de lembretes me disse que eu deveria estar segurando ela o tempo todo.

Salvá-la de cair fez com que ela agarrasse meus braços que estavam apertados ao redor de sua cintura. Ela não lutou contra mim para sair. Ela se inclinou para o abraço, aproveitando o momento como eu fiz, seu doce perfume me provocando para beijá-la.

Mais uma vez.

Uma *última* vez.

Até que eu consiga colocar minha cabeça no lugar, não respondo as mensagens de fim de noite de outras pessoas e deixo as chamadas sem resposta quando elas tocam. Eu sei que é a coisa certa a fazer, mas meu ego ainda me faz jogar na mão de Todd.

— Não é por falta de opções. — Espero que isso o tire das minhas costas.

— A resposta é não então. Você não está transando.

Bem, isso não funcionou.

— Que tal menos conversa e mais comida?

Sua risada me faz voltar para ver o que é tão engraçado.

— Você costumava dizer isso no restaurante. — Ele está curvado, arrumando as batatas Hasselback com atenção meticulosa aos detalhes antes de enviar dois pratos para terminar. — Muita coisa aconteceu desde então. Acho que envelhecemos duas décadas nos últimos seis anos.

Ainda sonho com as coisas mundanas: andar pelo campus, cortar a grama, passear no lago.

— Era outra vida.

— Já pensou em voltar para uma visita?

— Eu vou voltar.

— Você vai direto para a casa da sua mãe ou para o restaurante. — Como se pudesse ler minha mente, ele diz: — Estou falando sobre passar um tempo lá, beber cerveja com Bryant ou talvez visitar a propriedade?

Obviamente estamos passando muito tempo juntos para ele ler meus pensamentos com tanta clareza. Mas o lago nunca pareceu certo depois que saí da prisão. De pé na margem, tudo o que vi foi a forma como a lua dançava nas gotas

grudadas na pele de Chloe. Senti o calor de seu corpo contra o meu e senti falta de beijá-la ao luar. Ser livre, jovem e descuidado.

Eu vi o mundo inteiro em seus olhos e o mesmo refletiu de volta para mim. Me lembro de como meu coração batia tão rápido ao redor dela que pensei que não conseguia respirar. Não importava. Só ela.

— Josh, coloque os cogumelos no prato.

Olhando para cima, percebo que minha mente deu uma volta pela estrada da memória e ficou por lá tempo demais. Admirando a deliciosa obra-prima e esperando me concentrar, dou um passo para trás, cruzando os braços e examino os pratos corretamente.

— Agora isso é uma coisa linda.

Todd grita:

— O pedido vinte e quatro está pronto.

Quando Tyler entra na cozinha com o mesmo prato de peixe, pergunto:

— O quê?

— Ele disse que é muito salgado, e ele gostaria do contrafilé em vez disso. E bem passado.

Meus olhos se arregalam.

— Bem passado? Não na porra da minha cozinha.

Recuando como se estivesse com medo de ser atacado, ele dá o golpe final.

— Lola já me fez cobrar.

Lola sabe como contornar meu mau humor. Às vezes, ela ignora completamente, deixando-me mais insatisfeito com o arranjo dela não saber quem eu sou por trás deste restaurante com o passar do tempo.

— Ela provou?

— Sim — ele responde, nervoso.

— E?

— Ela disse que está perfeito, mas o cliente sempre tem razão.

— Besteira. — Eu fico em minha própria pompa por alguns bons segundos. — Foda-se. Esta não é a batalha que eu quero lutar. Faça o bife — eu chamo. Ver Tyler vadiando está me irritando. — Pare de ficar na minha cozinha.

Ele pega os pratos e sai correndo. Com meu humor dominando os bons cheiros da comida cozinhando, todo mundo é esperto o suficiente para me deixar em paz. Exceto Todd.

— Deixe-me perguntar uma coisa, Josh. Qual batalha você está querendo lutar? Porque está claro que você está procurando uma, se ainda não tiver uma em mente?

Minha equipe de cozinheiros, lava-louças e chefs é uma em um milhão. Eles não

merecem que eu dê uma de Gordon Ramsay neles. Eu decido e espero que confessar tire essa irritação ardente do meu peito.

— Eu vi Chloe.

A porta do forno se fecha atrás de mim, chamando a atenção de todos. Quando os outros voltam ao trabalho, Todd fica parado em silêncio com luvas de forno e me encara. Eu digo:

— Chloe Fox. — Sabe, caso ele não tenha certeza de quem estou falando.

Seus olhos apertam nos cantos, e a decepção não é difícil de decifrar. Encostado no balcão, ele olha para baixo, balançando a cabeça.

— Chloe Fox de New Haven?

— Tecnicamente, ela é de Newport, mas sim, a Chloe Fox com quem estudei...

— A mesma Chloe que colocou você na cadeia?

— Mais uma vez, tecnicamente...

— Foda-se a merda técnica! — Jogando as luvas no balcão, ele respira com raiva e depois se vira para mim. — Ela é tão responsável quanto, quando não apareceu para te defender.

Ainda temos trabalho a fazer, mas tiro a panela do fogo para que possamos lidar com essa bagunça.

— Como ela deveria me defender se ela não conseguia se lembrar?

— Isso foi conveniente pra caralho, não foi? — Uma risada sem humor segue a observação sarcástica, fazendo com que eu mantenha meus olhos na grelha.

Não há espaço para deixá-lo explorar a raiva que sente quando não estou aberto para ouvir.

— Não faça isso.

— É a sua vida, Evans, então que se foda.

De costas para ele, eu respiro fundo o que faz a temperatura do meu humor abaixar. Minha voz mais baixa, eu digo:

— Ela é uma médica de emergência como ela sempre disse que seria. — Voltando, eu me inclino contra o bloco de açougueiro. — Costurou meu dedo na hora.

— Você tem que dizer isso com tanto orgulho? Você esqueceu o que a família Fox fez com você?

— Não, eu não esqueci. Eu nunca vou esquecer, como você sabe, mas ela não tem culpa da minha sentença. Cometi o erro de confiar no pai dela.

— Você realmente vai ficar na minha frente e dizer merda como essa, como se não importasse?

— Era minha vida. Mas foda-se, Todd, eu disse que a vi. Eu não estou namorando com ela.

— Então por que tenho a sensação de que suas intenções em relação a ela mudaram?

— Você não sabe nada sobre minhas intenções. — Pego um prato apenas para manter minhas mãos ocupadas.

— Isso aí diz tudo, não é? — Ele vem com outra batata, e desta vez ele não dá a mínima para o que ele filtra no prato. Então, eu limpo a bagunça.

Tyler vem pegar, mas eu levanto o prato.

— Pode deixar. Qual mesa?

Ele se afasta.

— Oito.

Eu empurro a porta da cozinha aberta com um machado para moer. Segurando o prato na minha frente, atravesso a sala de jantar e então paro, quase tropeçando nos meus próprios pés. Minha frequência cardíaca aumenta, mas então a oportunidade que me foi dada afunda e um sorriso vinca minha bochecha esquerda.

— Bem, o que temos aqui? — De repente estou me sentindo muito menos irritado, isto é, até que percebo que não olhei para o outro lado da mesa.

Irritado, um rosnado ressoa através de mim enquanto eu faço o meu caminho.

Amigo? Colega de trabalho? Cliente? Patrão? Mil suposições passam pela minha cabeça sobre quem ele é, e eu imploro a um poder superior que não seja o namorado dela. Apenas no caso, eu me preparo para o pior e entrego o prato.

— Seu bife.

Não olhe para ela. Nem mesmo por um segundo.

Um segundo.

Dois segundos.

Três. Eu me dou permissão e me arrependo instantaneamente quando meu peito e estômago se apertam. *Por que ela tem que ser tão de tirar o fôlego?*

Com os olhos fixos nos meus, deixo meu olhar tirar férias sobre a beleza de sua paisagem. Seu corpo subindo e descendo com as colinas ondulantes de seu peito. Como se ela pudesse me sentir como eu a sinto sem um único toque compartilhado entre nós, um arrepio percorre sua espinha. Arrepios se espalham no topo de seus braços, o cabelo delicado em pé enquanto ela se mexe em seu assento.

Eu arrasto minha mão de volta para o meu lado quando eu a encontro levantando para tocar aquele ponto perto de sua orelha, um arranhão agudo da lâmina contra o prato termina a paz que eu encontrei com ela na minha cabeça.

Olhando para o encontro dela, eu o reconheço no minuto em que o vejo, mas não posso dizer que ele me reconhece. *Por que ele iria?* Eu não era nada para ele.

— Está bom — diz ele, com a carne esfaqueada nos dentes do garfo.

— Bom? — Sei que devo segurar minha língua, mas também sei que esse é o melhor bife que ele já provou, mesmo que tenha sido preparado por um caipira.

Ele concorda.

— Sim, obrigado.

— Trevor — Chloe adverte.

Trevor. Está certo. Só o nome me faz querer dar um soco na cara dele. Alguns sentimentos nunca morrem. Eu fiz o meu melhor para não tocar Chloe, mas não posso prometer que ele não vai encontrar meu punho. *Que porra ela está fazendo aqui com ele?*

Segurando seu copo de água para mim, ele diz:

— Mais água. — Não é uma pergunta. Uma demanda.

Anos depois, ele ainda trata as pessoas como se estivessem abaixo dele. Não me incomoda. Não arrepia nem uma pena. A única coisa que me incomoda é que Chloe está com ele. O pânico cresce em seus olhos e encontra seu tom.

— Você está sendo rude com o chef.

Eu gostaria de tranquilizá-la, mas esse não é o meu papel. Para ele, eu digo:

— Eu não tenho problema em conseguir água para ninguém, limpar as mesas ou cozinhar uma refeição para a satisfação de alguém. O que eu tenho um problema é com desrespeito.

— Há algum problema? — Lola pressiona ao meu lado, descansando a mão no meu ombro enquanto ela olha para trás e para frente entre Trevor e eu.

Trevor diz:

— Seu cozinheiro parece ter um problema de atitude. O que aconteceu com o cliente sempre tem razão?

Lola examina a mesa e diz:

— A refeição vai ser por conta da casa, e vamos trazer mais vinho para acompanhar.

Quando ela se vira para chamar Tyler, Chloe joga o guardanapo no prato e se levanta.

— Eu não preciso de mais vinho. Eu acabei por aqui.

Olhando em volta como se estivesse envergonhado, Trevor então se inclina para frente.

— Sente-se, Chloe.

As palavras duras a atingem no rosto, e ela dá um solavanco. Ela se inclina para frente, com a mão segurando a bolsa, e diz:

— Nunca me diga o que fazer e perca meu número para sempre.

De pé, ele diz:

— Seu pai disse que você seria complicada. — A menção do pai dela me deixa eriçado, e ela para completamente, abaixando a cabeça. Ele continua: — A faça feliz, ele disse, mas quebre seu espírito. Esse foi o conselho dele para mim.

Minhas mãos em punhos ao meu lado, raiva em sua defesa tirando o melhor de mim. O instinto de lutar sua batalha se enfurece dentro de mim.

Ela toma uma respiração evidente e então começa a andar novamente. Como se ele não a tivesse machucado o suficiente, com os braços abertos como se ele fosse um maldito partido, ele acrescenta:

— Você vai embora, Chloe, e é isso. Esta é a sua última chance.

Seu ritmo nunca vacila. *Essa é minha garota.*

Trevor joga o guardanapo em cima do bife e então olha para mim.

— Aquele bife era uma merda. Você é um péssimo cozinheiro.

Meu punho voa para cima, mas então consigo me conter enquanto o covarde se abaixa com medo.

— Pelo amor de Deus. Eu sou um chef. Entenda.

Lola me empurra em direção à entrada.

— Vá — ela diz como se ela tivesse que me dizer. — Eu vou lidar com essa bagunça.

A porta pela qual Chloe saiu ainda está aberta, e eu saio, ziguezagueando para alcançá-la.

Eu vou correr por esta cidade se isso significar ter mais dois minutos com ela novamente. Do lado de fora, meus olhos se estreitam na morena.

— Chloe? — Quando eu o alcanço, meu coração está batendo, não da curta corrida até a esquina, mas dela e da proximidade.

Se ela apenas percebesse como eu a sinto em meus ossos, suas palavras sussurrando *eu te amo* em minhas veias. Como a memória de segurar o mundo em meus braços por tão pouco tempo me assombrou por tanto tempo. Eu flexiono meus dedos, incapaz de controlar a necessidade de agarrá-la como uma tábua de salvação mais uma vez.

— O que é, Joshua? — Eu esperava ver lágrimas nas palavras maldosas de Trevor, mas não é isso que eu recebo. Seus braços cruzados sobre o peito me fazem querer desembaraçá-los e segurar suas mãos. A tristeza muda através de seus olhos e me dói testemunhar.

Eu tenho mentido para mim mesmo. E não posso continuar a viver nesta farsa.

— Nós éramos reais. — Passando a mão pelo meu cabelo, ando com ansiedade correndo por mim. Eu nunca serei capaz de expressar o que ela significou, o que ela ainda significa para mim, então continuo confessando meu segredo mais sombrio: —

E não consigo parar de pensar em você. Eu nunca poderia.

— Não. — Ela se afasta. — Você não pode dizer isso! — Balançando a cabeça, ela continua a se afastar de mim. — Não agora. Nunca. — Quando me aproximo, incapaz de me conter por mais tempo, seus olhos ficam vidrados e ela implora: — Por que você está fazendo isso comigo?

Eu odeio o tremor em sua voz que salta de sua garganta para a minha.

— Porque eu deveria ter contado anos atrás. Eu deveria ter checado você. Eu deveria ter...

— Você tem uma namorada — ela grita, seu temperamento queimando quando ela aponta para o restaurante. — Quem provavelmente come queijos grelhados com você e nunca ganha uma grama. Então, por que você está aqui me dizendo que não consegue parar de pensar em mim quando não está disponível?

Eu paro e olho para trás no restaurante como se isso pudesse me dar uma pista sobre o que ela está se referindo. Não. Eu continuo confuso.

— O que você está falando?

— Ela! — Ela esfaqueia o dedo no ar enquanto as lágrimas balançam na borda de suas pálpebras inferiores. — Lola lá dentro pendurada em cima de você...

— Lola? — Minha cabeça sacode em resposta. — Eu não estou namorando Lola.

Isso parece atordoá-la. Seus braços finalmente abaixam, e suas sobrancelhas se juntam.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, eu não estou namorando Lola. — Eu zombo do pensamento. Não porque ela não seria ótima para alguém, mas ela simplesmente não é *a* pessoa certa para mim. Ela não é Chloe. — Ela é a gerente. Por que você acha que estamos namorando?

Ela desvia o olhar, a dor, a confusão, a raiva se dissipando. Uma risada leve escapa sob sua respiração enquanto ela enxuga os cantos internos de seus olhos.

— Porque na outra noite ela saiu... *huh*. — Uma respiração áspera é sugada, e seus olhos se arregalam. Ela vem até mim e bate no logotipo bordado no meu casaco de chef. — Ela trabalha aqui? No Salvation?

— Sim.

Seu sorriso floresce como se eu fosse o sol depois de uma tempestade.

— E você também trabalha aqui?

— Eu trabalho. — Eu me encontro muito mais perto dela sem perceber que me movi. É impossível manter a menor distância dela quando meu corpo anseia por sentir seu calor.

— Mas você não estava usando este casaco na última vez que te vi?

— Eu tirei para o meu intervalo. Não gosto de trazer o exterior para o meu restaurante.

— Mas você está usando aqui fora agora?

Se eu pudesse tocá-la, sentir a batida de seu coração, aposto que combinaria com o meu.

— Porque eu tinha que alcançar você.

As barras invisíveis que há muito nos dividem, mesmo depois de cumprir minha pena, desaparecem. Ela pergunta:

— Você *tinha*?

— Eu não tive escolha. Eu nunca tive com você.

— Você trabalha aqui — diz ela, agora sorrindo como se estivesse finalmente entendendo.

Dando de ombros, sinto o cinto final de tensão se soltar no ar.

— Eu sou o chef executivo aqui.

— Isso é incrível. — Sua voz é mais suave, seus traços mais gentis, enquanto o resto do mundo começa a invadir nosso espaço mais uma vez. — Parabéns. — Ela luta contra a infiltração, chegando até mim. Sua mão descansa no meu peito e eu a cubro, acolhendo a conexão, as amarras, o risco, a luxúria e o desejo ardente de beijá-la.

O que eu estou fazendo?

Tão preso na minha cabeça, estou começando a perder de vista o que está bem na minha frente. Minha mente gira por um milhão de cenários de como isso vai acabar mal, mas para mim, eu sempre soube que só pode haver um resultado. Eu me movo segurando seu rosto.

— Eu quero te beijar de novo, mas eu sei que é errado...

— É certo, Joshua — ela diz com total intenção. Como eu acreditei tolamente que poderia seguir em frente quando tudo o que compartilhamos parece o mesmo de antes?

Isso nunca poderia ser errado.

— Nós sempre seremos certos.

43

Chloe

COM AS MÃOS ACARICIANDO meu rosto que nunca me deixariam cair, Joshua Evans me beija como se o tempo, quilómetros e tragédias nunca nos separaram.

Eu o beijo novamente apenas para saborear a sensação. Meus lábios contra os dele. Para alimentar o desejo e entrar em algo que costumava significar o mundo para mim. Braços ao redor de seu pescoço com minha cintura pressionada contra a dele, eu levanto para saborear a aspereza de seu queixo raspando o meu novamente, amando como nós nos juntamos tão facilmente.

Compartilhamos um vínculo que resistiu a furacões emocionais. Minhas pontas desfiadas encontram as dele e nos beijamos. A pressão se intensifica à medida que meu mundo é inclinado em seu eixo, *endireitado*, depois de anos fora de ordem. Nossos lábios se separam e nossas línguas se abraçam.

Faz muito tempo, *muito tempo*, desde que fui beijada como se eu fosse o tudo de alguém. *Desde ele.* O universo gira em torno de nós, agitando o passado, mas colocando o primeiro tijolo na fundação de um futuro possível. Nós nos separamos, sem fôlego, e eu abro meus olhos para encontrar o dele já em mim.

Olhando para o homem na minha frente, meu coração batendo pela primeira vez em anos, começo a acreditar que podemos ter uma segunda chance. Uma lágrima escorre pelo meu rosto, e quando ele a pega na ponta do dedo, eu começo a chorar de tanto rir. O chacoalhar dos meus ombros fica livre para tremer enquanto eu me delicio com a sensação de ter emoções novamente.

Ele pergunta:

— Você está bem?

Eu aceno como uma tola porque três coisas fizeram desta a melhor noite de todas:

1. Joshua Evans está solteiro.

2. Joshua Evans ainda me deixa com os joelhos fracos quando me beija.

3. E eu nunca senti um beijo viajar dos meus lábios até os dedos dos pés, exceto quando estou beijando Joshua Evans.

— Estou melhor do que bem. — Jogando meus braços em volta dele, eu o beijo novamente por causa dessas três coisas. Sinto o calor pesado do que fomos, o que somos, em minhas veias. Porque me sinto viva em seus beijos. Porque eu posso. Talvez um beijo não signifique nada, mas um beijo com ele sempre significou tudo. E isso só me faz sentir um pouco menos louca.

Tudo dentro deste ato de paixão vem completo com palpitações no coração por este homem. A buzina de um táxi que passa nos assusta, trazendo-nos de volta à movimentada rua de Manhattan. E até recebemos uma salva de palmas de uma mulher fumando ali perto. Antes que tenhamos tempo de fazer uma reverência, ouço:

— Bem, merda. Eu não esperava isso.

Faz anos, mas reconheço Todd pelo rosto e pela voz. Ele se aproxima, mas Joshua permanece enquanto nós dois baixamos os braços para os lados. O sorriso em seu rosto é tão jovem e cheio de determinação como sempre foi, mas também genuinamente feliz.

— Ei, Chloe. É bom te ver. — Nós nos abraçamos como os amigos que eu sempre considerei que éramos naquela época. — Josh e eu estávamos falando sobre você.

Meu olhar se move para frente e para trás entre os velhos amigos, e eu digo:

— Espero que só coisas boas. — Olhar para o casaco dele e perceber que a amizade deles durou muito além de nós não me deixa triste, mas feliz por Joshua. Saber que teve apoio durante... esses anos, me faz feliz por ele. — Você trabalha aqui também?

Um polegar é apontado em direção a Joshua.

— Sim, eu sou o sous chef desse cara.

— Isso é incrível.

Joshua diz:

— Através de altos e baixos.

Todd cruza os braços sobre o peito.

— Eu sei que você tem outras prioridades agora, mas você também tem uma cozinha para administrar que já tinha um cozinheiro a menos. Qual é o plano, Chef?

A realidade não é encontrada apenas no barulho das ruas e nas calçadas movimentadas. Encontra-se em obrigações e compromissos.

— Está bem. — Eu toco seus dedos enquanto nossas mãos ficam separadas. — Você vai trabalhar, e podemos nos ver outra hora.

— Não é isso que eu quero de jeito nenhum. — Ele não tem vergonha de segurar minha mão. O calor trocado é tão ardente como sempre foi entre nós. Onde nossas tatuagens se juntam é um inferno adicional que só senti com ele. Juntos, sempre fomos tão inflamáveis.

E eu acho que um dia, nós fizemos exatamente isso.

Voltando para o beco, Todd diz:

— Preciso voltar para lá. Vou segurar o restaurante.

A tensão do debate não é apenas ouvida na voz de Joshua, mas vista nos olhos. Passando a mão pelo cabelo, ele finalmente diz:

— Eu sei que você pode lidar com a cozinha, mas Lola vai enlouquecer.

— Não se preocupe. Eu cuido disso. — Pouco antes de desaparecer na sombra do beco, ele diz: — Vá. Eu sei como lidar com Lola. — Apontando para Chloe, ele acrescenta: — É bom ver você de novo.

— Você também — eu respondo, virando-me para o homem ao meu lado. — Isso não faz sentido.

Quando Joshua se vira para mim, seus olhos começam a mapear as feições do meu rosto.

— Nunca fizemos.

Ele tem razão. Nunca se tratou de nos prender às expectativas dos outros. Existimos quase para desafiá-los. Como nos sentíamos um pelo outro naquela época era impressionante. Não havia respostas fáceis para nós porque nunca sabíamos a pergunta. Só sabíamos o que sentíamos, e o que eu sentia por esse homem era tudo. Se eu puder recapturar o que fomos por apenas uma noite, eu aceito.

— O que você acha de ter uma noite sem que nosso passado volte? E se...

— Meio selvagem, você não acha? — Um sorriso surge quando sua mão toma posse da minha cintura, me fazendo querer ser imprudente com ele pelo menos mais uma vez. Essa linha de pensamento vai contra tudo que me ensinaram, contra tudo que estou acostumada. Mas está junto com o melhor momento da minha vida. *Meu momento mais feliz.* — Esta noite não é sobre o passado.

— É sobre o agora. — Neste momento, a solidão que tento esconder não está à espreita para me atingir quando estou para baixo. Eu não sinto nada. Não é por falta de oportunidade. Trevor provou isso. É porque o homem na minha frente é o único que pode fazer esse sentimento se dissipar. Bom ou ruim, Joshua Evans ainda possui meu coração. E até o dia em que ele não o fizer, eu nunca serei capaz de seguir em frente.

Trazendo minha mão aos lábios, ele coloca beijos suaves em cada dedo. Com o calor de seus olhos castanhos em mim, e seus lábios ainda pressionados na minha pele, ele diz:

— Nós fomos e fizemos isso agora, Doutora.

— Com certeza fizemos. — Olhando além dele na calçada, vejo a porta do Salvation se abrir, e então olho para Joshua novamente. — O que fazemos agora?

A voz de Lola paira no ar da noite enquanto ela diz a Trevor para sair. Agarrando minha mão, Joshua balança as sobrancelhas e sinaliza para o beco.

— Vamos nos esconder. — Corremos até a esquina, passamos pelo fumante e nos escondemos na sombra da lateral do prédio. Com minhas costas pressionadas contra o tijolo e ele pressionado contra mim, nossa respiração é compartilhada e nossos rostos estão a poucos centímetros de distância. Uma chama queima brilhante em suas

íris. Quando meu peito sobe, suas mãos pousam acima da minha cabeça como se ele precisasse se agarrar ao tijolo para não fazer coisas más comigo. — O que você quer fazer?

Eu nunca quis fazer sexo em público, mas o jeito que ele está olhando para mim como se pudesse me devorar viva me fez considerar a possibilidade. Não deixando a paixão que tenho por esse homem ultrapassar meus melhores sentidos, digo:

— Quero ir a algum lugar privado.

Ele se vira, olhando para o beco, e depois de volta para mim, me empurrando para fora da minha zona de conforto.

— Um buraco na parede, um bar, um passeio pela 5ª avenida?

Eu começo a rir.

— Acho que dizer privado pode significar muitas coisas.

— Há muitos lugares para ir onde ninguém está se intrometendo, mas tenho a sensação de que você está pensando mais discreto do que em Times Square.

Seja direta, Chloe. Diga o que você quer. É Joshua. A única coisa que eu sempre poderia ser com ele era eu.

— Na minha casa ou na sua? — Não importa que estejamos na cidade que nunca dorme, meu coração bate descontroladamente no meu peito, me fazendo pensar se ele pode ouvi-lo. Fecho os olhos apenas o suficiente para respirar fundo.

Sua boca acaricia a minha, mais pressão, mãos vagando no meu cabelo e no meu pescoço, e então ele vem descansar sua testa na minha.

— Deus, eu estava esperando que você dissesse isso. — Sua respiração desliza pela minha pele, suas palavras sussurradas são um afrodisíaco do que está por vir.

Operando com um plano tácito, começamos pegando um táxi, mas eu o empurro para trás quando vejo Trevor andando enquanto manda uma mensagem na nossa frente. Não querendo ser o alvo de sua agitação, ou colocar Joshua no meio disso, eu me prendo à parede, fora de vista, novamente, e puxo Joshua para perto.

— Alguma sugestão para sair daqui sem ser detectado?

— É sempre bom ter uma rota de fuga.

— Eu quero saber...

— Não. — Começamos a descer o beco enquanto ele pede uma carona. Quando nosso pedido é atendido, ele diz: — Eles estão perto. — Joshua estende a mão para mim. Quando coloco a minha na dele, ele diz: — Vamos. — Corremos para o outro lado e pulamos na parte de trás do carro que estava esperando. A porta está fechada e o sedã azul entra no trânsito. Jazz suave preenche o espaço apertado enquanto me sento no assento de veludo cinza.

Enquanto Joshua fala com o motorista, eu aproveito para olhar para ele,

realmente olhar para ele. Dei uma boa olhada no restaurante quando ele veio para a mesa, mas isso foi antes de nos beijarmos.

Isso é uma loucura. Selvagem. Fora de controle. Mas não consigo parar de olhar para o homem que ele se tornou.

Na parte de trás do carro, suas feições não são duras, mas bonitas, destacadas por uma miríade de cores piscando do lado de fora da janela. Lidar com Trevor fez sua mandíbula ficar apertada e raiva endurecer sua constituição. Essa mandíbula ainda está tão afiada nas bordas quanto estava no brilho suave do Salvation, mas a raiva não está lá. As sombras pretas são maiores em contraste com sua pele, um efeito colateral de menos dias para gastar livremente. Em vez de ficar no parque, tomar sol na piscina ou nadar no lago, durmo quase todos os dias para poder trabalhar à noite. Imagino que sua agenda seja semelhante sendo um chef.

Se encostando, ele segura minha mão em seu colo como se fizéssemos isso o tempo todo. Como se fosse natural e não criasse excitação no meu peito. Como se eu fosse dele e ele, meu. Como se eu soubesse de onde é cada cicatriz em seus dedos e cada nova protuberância. Viajar no trânsito de Nova York nunca é uma tarefa rápida, mas o silêncio entre nós não é tão ruim quando estamos conectados. Também me dá tempo para processar o que estou fazendo.

Saí de um encontro com Trevor League. A fofoca em casa causada por isso pode ter sido uma preocupação para mim uma vez, mas eu simplesmente não consigo me importar agora quando Joshua Evans está olhando para mim como se eu tivesse acabado de salvá-lo. Galáxias de estrelas e perguntas, respostas e emoções vivem nas profundezas de seu universo vívido. Eu poderia olhar em seus olhos para sempre e nunca ver a mesma coisa duas vezes.

Seu sorriso é contagioso o suficiente para atrair o meu para a superfície. Eu digo:

— Nunca em um milhão de anos...

— Eu achei que nunca...? — Incomodando suas sobrancelhas, ele estreita os olhos enquanto olha para nossas mãos.

Meu sorriso cai, meu coração está alguns centímetros mais baixo, para o caso de precisar despencar completamente. Eu reúno a pergunta:

— Nunca o quê?

— Eu ia dizer que eu nunca achei que iria segurar sua mão novamente.

Vejo a maneira como ele espia pelo para-brisa à frente, um pouco ansioso mesmo no conforto da minha companhia, como eu estou com ele. Ou talvez seja nervoso porque se formos para a casa dele ou para a minha, a privacidade será mais do que sexo. Significa também mencionar o elefante na sala. Toda a mágoa, dor e tempo entre aquela noite e esta noite.

O carro para não muito longe do restaurante, e o motorista nos olha pelo retrovisor.

— Chegamos.

Quando olho pela janela, este não é o meu bairro. É legal demais. O bom senso entra em ação, e lembro que o motorista nunca perguntou, e Joshua não sabe onde eu moro. Eu me inclino para frente para dar uma olhada melhor no prédio ao nosso lado, e então meus olhos disparam para os dele.

— É aqui que você mora?

Ele abre a porta e me ajuda a sair. De pé no meio-fio, estou completamente maravilhada com o prédio à minha frente. Do porteiro com ombreiras douradas à arquitetura art déco.

— Este é um edifício histórico. — Não sei se estou perguntando ou apenas tagarelando, mas ainda não entendo como ele mora em um endereço tão caro. Quem é esse homem e para onde foi o menino do restaurante?

Olhando para o prédio, ele volta sua atenção para mim e diz:

— Eu sei que isso não é o que você esperava, e você provavelmente tem um milhão de perguntas. Amanhã, me pergunte qualquer coisa que seu coração desejar, mas isso cai no passado que não quero revisitar esta noite. — Seu tom não é exigente ou chateado. É pequeno em alguns aspectos, diferente dele, então eu sei que ele não está escondendo nada de propósito. Suas razões são genuínas.

— Ok. — Entrando no amplo saguão com lustres de cristais pendurados acima de nossas cabeças e mármore sob nossos pés, percebo que os papéis se inverteram.

Puta merda. Joshua Evans é rico.

44

Chloe

NO DÉCIMO andar, no coração de Manhattan, estou diante de janelas pitorescas olhando para um milhão de pontos de luz que fazem esta cidade brilhar como seu próprio pequeno universo. Está quieto aqui, o lado de fora mantido à distância.

Seus passos suaves são ouvidos no rico piso de madeira. Eu vejo Joshua no reflexo do vidro antes de senti-lo contra minhas costas, aumentando minha frequência cardíaca com o contato. A emoção que sinto com ele despertou um lado adormecido de mim que eu havia esquecido há muito tempo. Uma taça de vinho branco vem ao meu redor, me fazendo sorrir.

— Você lembrou.

Girando, eu envolvo meus braços ao redor de sua cintura. As características mais sombrias da juventude de Joshua não são mais tão obscuras. Com olhos que brilham com o luar fluindo através do vidro, tão abertos, tão claros, eu quase suspeitaria que ele ainda usa seu coração na manga hoje em dia.

Quando ele segura os braços em volta de mim, ele diz:

— Eu quase trouxe uísque para você, lembrando o quanto você gostava naquela época.

Deus, é assustador apenas ter esperança, para ver se podemos nos encontrar novamente. Eu rio baixinho.

— Eu aprecio uma boa bebida de vez em quando, mas o vinho funciona. Obrigada. — Beijando seu queixo, eu saio de seus braços e tomo a bebida. Com nossos olhos fixos, nós dois bebemos de nossos copos, estudando um ao outro.

Um sorriso surge no canto de sua boca e ele diz:

— Nunca pensei que veria Chloe Fox parada no meu apartamento.

— Isso é engraçado porque eu nunca pensei que estaria no seu apartamento. — O couro do sofá é amanteigado na ponta dos meus dedos enquanto eu caminho para a sala de estar. Ele se encosta nos tijolos que dividem as janelas. Com as luzes atrás dele, não consigo ver sua expressão claramente no escuro, mas posso sentir seu olhar se movendo pela sala comigo e explorando meu corpo. Parando atrás de uma cadeira macia aveludada, eu me inclino contra ela, tomo outro gole, e então o encontro atravessando a distância entre nós.

Embora tenhamos concordado em não trazer o passado para o presente, pelo menos esta noite, sou a primeira a quebrar as regras.

— Você nunca me levou para sua casa em New Haven.

Ele não está perturbado, nem um pouco incomodado a julgar por aquele sorriso desonesto que ele está ostentando.

— Eu tinha muito mais orgulho naquela época. Seu apartamento era bom.

— Você não precisava morar em algum lugar chique para eu me apaixonar. — Eu dou ao quarto outra varredura. — Este lugar é lindo, mas o outro era sua casa, uma parte de você que eu nunca conheci.

— Você não conhece este lugar.

A arte não é do gosto dele, abstrata demais em todas as cores erradas. A mobília é cara, mas parece sem vida, sem amor. Nenhuma planta vive aqui, nenhum animal de estimação, nenhuma vida existe entre as paredes de tijolos expostos, exceto nós, e acabamos de chegar aqui.

— Nem você.

Movendo-se, ele dá a volta no sofá para ficar a menos de dois metros de mim.

— Diga-me uma coisa, Chloe, por que você veio aqui?

— Não consigo resistir a você. — Nem eu acredito nas palavras. Compartilhar o primeiro pensamento que vem à mente é um terrível efeito colateral dos nervos.

— Não, você consegue. Você resistiu muito bem, se a memória não falha.

— Uma semana, na melhor das hipóteses. — *Mas por que estou nervosa?* Duas palavras: Joshua. Evans. Coloque-me na frente de qualquer outra pessoa, e eu ficaria bem. Sua presença ainda consome um cômodo, e se eu não tomar cuidado, vou me perder nele.

— Eu diria que um dia antes de você estar farejando no restaurante. — Ele pisca. — No melhor.

Eu bato em seu braço, rindo.

— Você sempre trouxe o pior de mim.

Estendendo a mão, ele se aproxima o suficiente para esfregar a mão no meu quadril, mas ainda há espaço entre nós. Se ele soubesse que eu não precisava de nenhum... Ele diz:

— Eu posso argumentar contra isso também se você quiser ir para outra rodada.

Eu fecho a lacuna para nós, desejando que tivéssemos música para a dança que estamos fazendo. Tocando. Não muito. Nos facilitando um no outro, velhos hábitos e novos padrões. Com a mão dele acariciando minha parte inferior das costas, e meus braços em volta dele novamente, eu cedi. *Por que sofrer por motivo?*

Como nas outras vezes que nos abraçamos esta noite, meus olhos se fecham e eu respiro ele, precisando de seu ar para me preencher. Se este é o começo ou o fim de algo mais com ele, vou sobreviver a esses momentos até que o último suspiro dele me

deixe.

Com apenas nós dois para nos responsabilizarmos por quaisquer indiscrições, decido ser corajosa. Virando com a mão dele na minha, eu começo a andar.

— O quarto é por aqui?

— Última porta à direita.

Eu espio em cada quarto que passamos. Não, ele não é encontrado nos móveis extravagantes ou na decoração. Não tenho certeza do que aconteceu.

Suas mãos grandes puxam meus quadris para uma parada. Olho por cima do ombro.

— O que?

Ele diz:

— Antes de entrarmos lá, preciso esclarecer as coisas. — Desde que entramos no apartamento, nem um pingo de ansiedade rolou em seu rosto.

Eu mentalmente me preparo, minha respiração presa no meu peito.

— O que é? — Eu não percebi que estava me afastando dele até que sua mão pegou meu pulso, e ele me trouxe, envolvendo meu braço em volta dele, nossos dedos entrelaçados atrás das costas.

— Deixar o medo entrar é natural, Chloe. Eu sinto isso também, mas não quero que você sinta que precisa estar com sua guarda levantada comigo. Então, se entrarmos lá, preciso que você saiba que meu coração está na linha.

A admissão não dá aos meus pulmões o alívio que eu preciso. Em vez disso, envia meu coração para minha garganta. As horas, os dias, os anos que nos dividiram finalmente nos alcançaram. Eu o abraço, minha cabeça descansando nele enquanto fecho meus olhos e ouço seu batimento cardíaco. A confirmação de que eu estava certo pesa sobre mim.

— Você me disse uma vez que não era sábio usar meu coração na manga. Mesmo se eu só usasse para você. — A parte de trás da minha cabeça é acariciada com seus braços me segurando firmemente a ele e um beijo colocado em cima. — Eu não escutei.

— Está tudo bem. Eu também não. — Inclinando-se para trás, ele acrescenta: — Foi um conselho de merda.

Eu engulo a ansiedade, sentindo que agora estamos no mesmo terreno.

— Eu não sei porque você está me mantendo no corredor, mas imagino que as coisas não sejam tão assustadoras naquele quarto.

— Acho que vamos descobrir.

Eu ri levemente.

— Se isso fosse um filme ou eu não te conhecesse tão bem, esse comentário me

faria sair correndo pela porta.

Eu me viro, mas sou trazida de volta para ele novamente.

— Talvez você devesse ouvir seus instintos.

— Você não me assusta, Joshua Evans. Você sempre foi um risco que vale a pena correr. — Desta vez, eu empurro para trás e entro no quarto. Meus pés param abruptamente dentro da porta. Olhando em volta, meu coração se enche de felicidade e levanta o peso que estava começando a se instalar. De uma ponta à outra, as mesinhas de cabeceira seguram pilhas de livros que transbordam para o chão, a cama está uma bagunça e os tênis estão espalhados ao redor do banco ao final da cama.

Este quarto é tudo o que eu me lembro dele: bagunçado e mais preocupado com outras coisas, como plantas. Até mesmo seu cheiro de sabonete limpo e uma leve colônia permeiam o ar.

— É exatamente como imaginei sua outra casa.

Ele passa correndo por mim para chutar os sapatos debaixo do banco como se isso fosse fazer a diferença.

— Sim — diz ele, parado ali sem jeito, bagunçando o topo de seu cabelo. — É uma bagunça. Desculpe.

— Você não precisa se desculpar. Eu gosto disso. — Estranhamente, a única coisa que parece fora do lugar é um moletom de Yale cuidadosamente dobrado em cima da cômoda. Isso me atrai por algum motivo. É novo, em bom estado, com o adesivo ainda preso à etiqueta de cuidados.

Ele se senta na beira da cama, me observando bisbilhotar o quarto e me deixando explorar por conta própria. A curiosidade me captura, e vou até as janelas. Esfregando uma folha de manjericão, olho para ele.

— Estou feliz que você ainda goste de plantas.

— Aquelas que comemos mais do que as outras.

Eu ri.

— Acho que você disse algo parecido quando nos conhecemos.

— Provavelmente. Isso foi há muito tempo atrás. — Quando me viro para ler as etiquetas presas em cada pote, ele acrescenta: — A luz está melhor aqui.

Sem me decepcionar, encontro uma garrafa de vaporização, exatamente como a que ele me deu uma vez, a que ainda tenho, enfiada entre os potes.

— Posso?

— É claro. — Enquanto eu borrifo, sentindo uma profunda satisfação e calma tomar conta de mim, ele acrescenta: — Você nunca gostou tanto de plantas pelo que me lembro.

Dando de ombros, continuo me movendo ao longo da parede. Digo:

— Fiquei melhor com o passar dos anos — Mas não digo a ele que Frankie e Hemsworth se saíram bem sob meus cuidados. Isso parece demais agora. — Você os nomeou?

— Aquele na sua frente é Basil Evans, mas às vezes quando estou me sentindo incisivo depois de um longo turno, eu o chamo de Bah-zil apenas para apertar seus botões.

A piada é engraçada, mas o fato de ele ainda achar graça nas plantas abre meu sorriso. É muito fofo. Jogando junto, eu pergunto:

— Será que ele se vinga?

— Não, Chloe, é uma planta — ele diz sem expressão. Quando me viro, ele está rindo baixinho. — Apenas brincando com você. Eu nunca o chamo de Bah-zil. Não sou um psicopata. — Ele se recosta na cama e confere o relógio. — Uau, é mais tarde do que eu pensava.

Balançando a cabeça, coloco a garrafa na mesa e olho o relógio.

— São nove horas. Tem algum lugar melhor para estar?

O colchão se dobra à sua vontade quando ele se afasta e vem até mim. Segurando meu rosto, ele me beija sem aviso. Leva uma fração de segundo para eu fechar os olhos e segurar seus braços. À medida que aprofundamos o beijo, este parece diferente dos outros. Este beijo preenche os vazios de todos aqueles que perdemos ao longo dos anos, beirando o desespero de que poderia ser o último. Eu sinto. Eu sinto tudo dele e tudo que isso é.

Praticamente nos separando, ele olha para baixo enquanto alguma outra emoção toma conta de suas feições.

— Eu não poderia perder mais um minuto sem te beijar. Eu sinto muito.

— Não.

Ele olha para cima, me questionando com os olhos.

— Não?

A paixão me consome, não apenas as emoções sexuais que ele extrai, mas uma raiva pungente que ele não vai apenas pegar o que ele quer, me pegar em seus braços ou na cama, que ele está sendo doce e gentil em seu próprio detrimento. Eu preciso dele aqui comigo. Eu preciso que ele empurre essa confusão para a compreensão antes que eu enlouqueça pensando demais.

Eu aperto sua camisa, não o deixando correr, assim como ele não me deixaria e imploro.

— Eu não quero que você se desculpe por me beijar como se fosse o último beijo que você vai ter. Não se desculpe por termos vindo aqui ou mesmo pela bagunça que você deixou para trás porque você não tinha planos de trazer alguém para casa. Não se

desculpe por nada esta noite, porque não há nada que eu lamente. — Desta vez, eu o beijo, eu o beijo com toda a dor que senti desde que saí daquela prisão, a solidão que neguei e o desejo reprimido e cru que ele sempre despertava em mim.

Nós nos movemos para a cama, mas antes de cairmos, ele mergulha para beijar meu ombro. Quando ele olha para cima, seus olhos penetram na última das minhas barreiras que ficaram de pé. Ele sussurra:

— Você costumava ser meu anjo. Agora você é meu acerto de contas.

— Igual pecador e santo. Você era os lados de mim que os outros viam, e o que eu guardei para você.

— Eu nunca sonhei que poderia te beijar novamente.

— Você disse sem perder tempo, então. — Eu levanto minha camisa sobre minha cabeça e a deixo cair ao meu lado. Seu olhar mergulha, e eu testemunho uma expiração contida antes que ele tire a sua. Nós baixamos nossas calças, olhos um no outro. Quase nua diante dele, não tenho dúvidas de que poderia voltar atrás se quisesse. Ele aceitaria, nunca querendo que eu sentisse qualquer pressão.

Mas recuando o suficiente para vê-lo completamente, admiro seus músculos duros, abdômen definido e aquele maldito sorriso sexy. Não é apenas meu cérebro que ele estimulou ou minha curiosidade sobre como é sua vida agora que me trouxe aqui. Não, de pé na frente desta montanha de homem de 1,80m, eu o desejo profundamente, de maneiras carnais.

Ele está prestes a dizer algo quando eu pulo em seus braços, beijando-o enquanto o envolvo como um macaco aranha. Caímos na cama com ele em cima de mim. Eu tinha esquecido como o peso de sua estrutura musculosa costumava me manter no chão, a esperança era encontrada em seus olhos cor de uísque e a maneira como ele me tocava. Eu não deixo o medo do futuro me impedir de abrir minhas pernas para senti-lo se estabelecer entre elas novamente. Os lembretes me fazem fechar os olhos e sentir... recebendo tudo o que ele vai me dar.

Meus ombros relaxam, e minhas costas se moldam ao colchão enquanto ele abaixa as laterais da minha calcinha, deixando um rastro de beijos na minha barriga, quadril e parte inferior. Por mais que eu anseie por senti-lo dentro de mim novamente, não vou deixar sua boca fazer sua mágica primeiro.

Faz tanto tempo desde que eu me perdi em alguém... *desde Joshua.*

Enquanto corro meus dedos pelo cabelo dele, a tensão das minhas pernas desaparece quando sua boca toca meus lábios inferiores. *Sentir.* Solto outra respiração enquanto a ponta de sua língua desliza através de mim e seus lábios me beijam como se estivesse beijando minha boca. Não demora muito para que uma onda de emoções acenda nas minhas costas, e a maré aperte meu controle sobre a realidade. Sua

respiração pesada me cobre, sussurrando:

— Você é tão linda — as palavras foram levadas sob gemidos de prazer.

Eu sucumbi à sensação, às sensações dele, me aproximando do penhasco. Não há alívio, pois perco a noção do tempo e do lugar. Tudo o que existe é o vínculo entre Joshua e eu e as estrelas que brilham para nós.

Ele é rápido para alcançar a escrivaninha e pegar um preservativo. Eu me movo mais alto, descansando em seu travesseiro. O cheiro almiscarado pressiona minhas memórias, sufocando minha tentativa de ficar aqui, de ficar presente.

Ele volta e se reposiciona. Acariciando meu rosto, ele me segura aqui com ele. Eu sou beijada com necessidade quando ele entra em mim, devagar e com firmeza. Eu chupo uma respiração dura, esquecendo o quão cheia eu me sinto com ele. Um trecho delicioso, aquela queimadura familiar que desaparece com a mesma rapidez. Eu empurro meus quadris para os dele, fechando a distância entre nós até que ele esteja enterrado dentro de mim.

As emoções correm através de mim enquanto todo o seu ser, seu corpo e alma rolam através de mim. Nada era menos com ele; era tudo.

Tudo.

Consumindo-me com cada impulso, ele coloca beijos quentes no meu pescoço. O gemido que equilibra precariamente entre prazer e uma dor profunda que vem de anos de dor. Correndo minhas mãos por suas costas, eu entrelaço meus dedos em seu cabelo e mergulho para trás para ver seus olhos. Não estou apenas expondo meu corpo e coração a ele, mas minha alma enquanto ele se acalma, aberta para que ele me veja por inteiro.

Quando ele abre os olhos, eu sussurro:

— Senti sua falta. Eu sinto. Eu sinto você. — Minha respiração foi roubada da minha língua enquanto eu falo... tomada, oprimida por estar com ele novamente.

Ele deixa cair a cabeça ao lado da minha, e nossos corpos se movem juntos enquanto perseguimos o gosto da felicidade. Respirando um ao outro em vez de ar. Isso é tudo que eu preciso. Tudo que eu preciso... seu nome é beijado dos meus lábios até sua pele coberta de suor.

Nossos corpos buscam a liberação, mas minhas mãos querem mais tempo para desfrutar do tamanho dele me cobrindo. É demais para aguentar, e eu chamo seu nome de novo, a palavra sozinha uma oração ecoando pelo apartamento até minha liberação bater, antes de morder meu lábio e mergulhar em um belo abismo.

Meu nome sussurrado nas asas de sua própria libertação, me deixa flutuando sem limites até descermos juntos. Eu poderia ficar assim para sempre, nossos corpos compartilhando segredos, meus ossos gelatinosos na cama embaixo dele. Coerente,

mas ponderado em nós. Egoisticamente, eu quero isso de novo. Eu quero ele.

Uma lágrima desliza pela minha bochecha para encontrar a dele pressionada contra a minha. Ele olha para cima e a beija.

— Não chore, baby. — O nome mais doce que já fui chamada torna-se aquele que traz a gravidade para cair em cima de mim. — O que está errado? — Ainda olhando nos meus olhos, ele sussurra: — Você pode me dizer.

Estou vulnerável a este homem, meu coração já está perdendo a batalha. Torcendo as outras três palavras na minha língua para apagá-las, eu respondo:

— Não me machuque — ao invés daquilo. Meu maior medo é ter que viver depois de perdê-lo duas vezes.

— Eu não vou. — Memórias de uma promessa quebrada ficam trancadas dentro da minha cabeça.

Fechando os olhos, ele me respira como se eu fosse ar para ele, enchendo seus pulmões novamente. Mas é o alívio que vejo em seus músculos que me faz pensar que ele está tão profundo quanto eu. Ele rola para o lado, e com um braço sobre a testa, encontro o outro e nossos dedos se fecham juntos.

Já fomos jovens demais para durar, mas seis anos depois, podemos deixar nosso amor no passado? Eu já sei a resposta.

— Eu acredito em você.

45

Joshua

Eu acredito em você...

Essas foram algumas das últimas palavras que ela me disse antes do acidente.

Eu acredito em você... Eu te amo maior que o céu, Joshua... Cuidado!

Essa troca final que tivemos passou por um loop na minha cabeça. Ela não se lembra delas. Eu me lembro mais do que o final. Me lembro de como seus dedos esfregando a parte de trás do meu pescoço era reconfortante. Aquele pôr do sol refletindo ouro em seus olhos. Sua risada como música distante perdida no vento. Que ela olhou para mim como se eu fosse sua casa.

Maior que o universo. Ninguém podia nos tocar.

Exceto a necessidade de um pai em controlar sua filha.

Há muito no passado para se arrepender, mas o maior é dizer a ela para nunca mais voltar para mim. Eu convoquei das profundezas da minha alma. Essa foi a única maneira de convencê-la a seguir em frente... para me deixar para trás. Ela teve que...

Meus sonhos foram destruídos, mas os dela não precisavam ser. Ela sempre teria que ir embora. Ou eu me tornaria o albatroz em volta do pescoço dela, afogando-a lentamente enquanto me sentava algemado.

Nem mesmo três anos depois, eu me tornei um homem livre. Eu não carregava mais esperança como um centavo no bolso. Não, não tinha sentido.

Esperança.

Salvação.

Eu segurei isso por muito tempo, sabendo que não podia segurá-la.

Em vez disso, eu estava em uma encruzilhada. Nenhuma direção me trouxe aqui nem me preparou para segurar Chloe novamente. Uma noite me fez pensar o impossível. Com tanta bagagem entre nós, isso é algo que eu quero perseguir? Poderíamos ser algo real novamente com tudo o que passamos? A queda sempre foi maior que a subida.

Isso é uma obsessão ou uma oportunidade? Eu sei o que aconteceu naquela última noite, mas eu preciso que ela saiba também.

Esfrego a mão no rosto, cansado demais para pensar com clareza. Eu amei Chloe e depois perdi tudo. Eu paguei o preço, mas esta penitência veio com sacrifício. Eu devo ao diabo. Em uma cela de Newport, troquei mais um gostinho do céu por uma eternidade no inferno. Ele veio, então quais são as minhas dívidas?

Com os olhos fechados, beijo sua bochecha e depois sua têmpora. Com ela enrolada em mim, eu sei que valeu a pena. Tudo isso. Como ela me mudou. Como ela me fez viver com mais coragem. Ela valeu a pena, mesmo que seja isso.

Preso em minha rotina normal dos turnos da noite, demorou um pouco para ficar cansado o suficiente para dormir. Fecho os olhos antes que o sol comece a nascer e mergulho nas memórias que acabamos de fazer.

— ESTOU LOUCA?

Acordo assustado e vejo Chloe com os olhos arregalados e me encarando. Estou tendo um ataque cardíaco? Porque com certeza parece que eu poderia.

— Puta merda. — Eu toco nela para empurrá-la de volta, para que eu possa vê-la mais claramente. Sentado como ela, tento olhar ao redor do quarto. — Você me assustou pra caralho, Chloe.

— Desculpe — diz ela através de uma risada leve.

Quando percebo que não estamos sendo atacados, um bocejo finalmente toma conta enquanto meu coração desacelera, e esfrego meu olho esquerdo, que está se recusando a se ajustar à escuridão. Ele finalmente abre, e eu olho para trás para verificar a hora na mesa de cabeceira. 4:47.

— O que está errado?

— Me diga que todas as garotas não estão tropeçando em si mesmas para estar com você.

Meus globos oculares parecem estar pegando fogo, meu cérebro lutando para acordar. Eu deito de volta.

— Não estou a fim de resolver enigmas às quatro horas da manhã. Você se importa de me informar sobre o que estamos falando?

— Você, Joshua. Você e eu. E esta cama. — As palavras saem de sua boca como se estivessem trancadas a noite toda e precisassem ser libertadas. — Eu nunca fiz isso. Eu nunca estive com alguém onde parece que meu coração vai sair do meu peito quando eu te ver ou quebrar se eu não ver. — Ela bufa, suas mãos caindo sobre o travesseiro que ela arrastou para o colo. — Quero dizer, que diabos? Como só você pode me fazer sentir assim?

Meus olhos se ajustaram à pouca luz do quarto, e com um sorriso, eu corro minha mão sobre seu ombro, cravando meus dedos no cabelo em sua nuca.

— Bem, eu não posso dizer a vocês que as mulheres não tropeçam em si mesmas, *suas palavras, não as minhas*, para ficar comigo. — Eu dou de ombros sem pedir desculpas e sou prontamente atingido com um travesseiro.

Pegando o travesseiro e capturando-a, eu a manobrei em cima de mim.

— Você não está nem brincando. — Eu dou de ombros de novo porque provocá-la é simplesmente divertido.

Ela se ajusta para ficar confortável, montando em mim com as mãos no meu peito. Eu esfrego o comprimento de seus braços, amando essa vista. Ela tem um jeito de me fazer sentir importante, não apenas para ela, mas para o mundo, me deixando animado para começar um novo dia se estou começando com ela.

— Mas se você está me perguntando se isso é diferente, se o que temos, o que compartilhamos é especial, a resposta é sim. Eu nunca senti isso com mais ninguém também.

Sua cabeça se inclina, e um suave aww é ouvido. A calma a percorre, e ela desliza para o meu lado novamente. Não consigo ver seu rosto enquanto ela se aconchega no meu peito, mas com o braço sobre mim, ela sussurra:

— Bom. Agora estamos quites.

Inclinando sua cabeça para cima e vendo o sorriso que trago em seu rosto me faz perceber que não me importo com o tempo se encher minhas noites com essa luz brilhante está ao meu alcance.

Enquanto eu olho para ela, a paz enchendo suas feições, seu sorriso suaviza, e suas pálpebras começam a afundar quando a mão que descansa no meu peito começa a escorregar.

Algo poderoso e forte, grande como o céu naquela noite no lago, me oprime, e eu a seguro perto, escondendo minha fraqueza por ela enquanto ela toma conta de novo. Mas eu não posso esconder o jeito que meu coração bate forte, assim como ela não pode esconder o dela. Beijo sua cabeça e sussurro:

— Estamos quites.

Bem quando eu acho que ela está prestes a adormecer, suas pálpebras se abrem.

— Joshua?

— Sim — eu respondo, inclinando para trás para ver seus olhos. Aqueles olhos verdes ainda são mares calmos para minhas velas inquietas.

— O que acontece amanhã?

Respirando fundo, tento regular meu coração para não bater tão forte.

— Eu não sei — eu respondo honestamente.

Um arrepio percorre sua espinha como se uma brisa fria acabasse de pegá-la, e ela se aconchega mais perto. Um bocejo sai, e então ela fecha os olhos novamente.

— Bons sonhos.

Beijando sua cabeça, sussurro algo que nunca pensei que teria a chance de dizer a ela novamente.

— Bons sonhos.

— Bom dia. — Sua doce melodia me faz olhar para cima. Chloe sai do corredor vestida com meu moletom novinho em folha de Yale e nada mais. Não foi realmente comprado para esse propósito, mas ela tem mais direito de usá-lo do que eu, e se eu quiser vê-lo em uso, caramba, ela pode usá-lo a qualquer momento. Ela acrescenta: — Espero que você não se importe que eu peguei seu moletom emprestado. Eu não estava com vontade de me espremer no meu jeans ainda.

— Definitivamente não quero que você se vista ainda, ou nunca. — Segurando uma caneca fumegante, acrescento: — Eu estava prestes a levar isso para você.

Seu cabelo comprido está uma bagunça, os fios castanhos emaranhados na parte de trás e brotando, para que eu possa aproveitar o visual da manhã seguinte. Ela veste bem, como meu moletom. Ela diz:

— Você deveria ter me acordado. Eu poderia ter ajudado.

Eu rio.

— Você parece ter esquecido que a cozinha é meu domínio. Então, não se preocupe, eu posso gerenciar uma prensa francesa.

Envolvendo seus braços em volta de mim, ela gira para o outro lado antes que eu possa pegá-la, me provocando com aquele sorriso deslumbrante que eu poderia gastar meu tempo me divertindo. Ela levanta à minha direita e rouba um beijo antes de pegar a caneca. A felicidade dela é contagiante.

— Acho que você dizendo que a cozinha é seu domínio pode ser a coisa mais sexy que já ouvi.

Ela é irresistível. Não sei se posso sair ileso da noite passada.

— Fico feliz que posso entretê-la. — Pronto para cozinhar, eu pergunto: — Você está com fome?

— Faminta. O que você está cozinhando, bonito? — Ela toma um gole de café, segurando a caneca entre as mãos como se fosse inverno aqui. — Você costumava fazer as melhores omeletes.

— Entendi o recado. Uma omelete chegando. — Pego minha panela e vou para a área de preparação ao lado do fogão. Enquanto eu cavo na geladeira, eu olho para trás, pegando ela me olhando. — Dormiu bem?

Quando ela se estica, o moletom fica alto em suas coxas, mas não o suficiente.

— Sim, tão bem. Sua cama é um pedacinho do céu na terra. É feita de nuvens?

— Algodão doce, na verdade. — Eu ri. — É uma boa cama. Não me lembro de você dormindo tão pesado na faculdade.

— Eu não dormia. Ainda não durmo. Provavelmente foi o vinho e a boa comida. — Ela me manda uma piscadela.

— Só a comida e o vinho, hein? Nada mais?

— Não me lembro de mais nada — diz ela, batendo no queixo.

Balançando a cabeça, mantenho meu sorriso irônico em segredo.

— Cara, plateia difícil.

— Você nunca precisou de mim para alimentar seu ego em New Haven. Isso é coisa de Nova York ou você só gosta da atenção extra?

— Eu precisava da alimentação do ego. Você simplesmente seguiu junto pelo que eu me lembro.

— Bom ponto. — Rindo, ela se inclina contra o balcão e me olha. — Você sempre anda de cueca com essas grandes janelas sem cortina?

Começo a quebrar ovos.

— Sim. Acho que se eles se deram ao trabalho de pegar seus binóculos para me observar, devo um show a eles.

— Você não deve. — Uau, nem mesmo uma risada. Ela não está gostando nada da minha piada enquanto entra na sala e fica na frente da janela do meio com a mão no quadril e a xícara de café na outra.

E então eu entendo.

Movendo-me para a ilha para bater os ovos, saboreio a visão dela no meu moletom, bebendo da minha caneca favorita e parada na frente das *minhas* janelas. Eu pergunto:

— Você está com ciúmes?

— Sim — ela responde sem rodeios, mas volta com um sorriso no rosto. — Além disso, o sexo. Elogios ao chef. Viu? Posso dar elogios quando necessário. Eu também os dou quando eles são merecidos. Você tem os dois.

Sexo? Não me lembro dela chamando muito de sexo. Era fazer amor, sobre o vínculo entre nós. Porra, estou no limite novamente. Eu tenho tentado ser legal e confiante, mas ela me vira do avesso. Eu começo a bater... Agora é só sexo.

— Obrigado. — Eu tento ser indiferente e depois desconto nos ovos.

Eu não noto sua chegada até que suas mãos cobrem as minhas.

— Eu acho que você deveria batê-los, não aniquilá-los. — Eu dou uma boa olhada nela. Ela lavou a maquiagem do rosto, mas seu cabelo ainda está uma bagunça, literalmente, e meu coração ainda insiste em residir em seus olhos. Com uma sobrancelha levantada em questão, ela pega a faca que eu já tinha colocado na mesa. — Talvez eu devesse cortar os tomates enquanto você me diz o que está errado.

Movendo-se pela minha cozinha como se ela já esteve aqui antes, ela pega uma

tigela de tomate cereja da geladeira, sorrindo quando ela me pega olhando. Ela pergunta:

— O que está acontecendo?

O que *está* acontecendo comigo? Eu sei, mas eu quero resolver isso? Eu posso enlouquecer se ficar sentado com minha ansiedade por mais um minuto.

— O que nós somos?

Colocando a tigela na mesa, ela começa a cortar os tomates pela metade.

— Nós somos Chloe e Joshua.

— Verdade. — Não é a resposta que eu estava procurando, mas é a que mais provavelmente se encaixa. É também a que eu preciso para ficar bem por enquanto. — Você quer queijo na sua omelete?

— Sim, por favor.

Pego cheddar, mas paro para observar suas habilidades com a faca.

— Você é muito boa.

— A maldição de uma médica. Também sou ótimo em cortar um peru.

— Eu deveria ter você no Dia de Ação de Graças.

Ela ri.

— Você deveria. — Mas a leveza que finalmente estava retornando é substituída por uma nuvem escura que é soprada. Seu suspiro vem suave enquanto ela continua cortando.

— Eu falei antes de pensar... — Estamos em um terreno tão instável. Uma noite juntos não apaga seis anos de mágoa e dor. Estou tentando viver o momento, mas tudo é tênue e me assusta pra caralho.

Sua mão para, e ela olha para mim.

— Não, está tudo bem... — Com a faca na tábua, ela se inclina em minha direção. — Joshua — ela começa, mas então puxa seu lábio inferior. — Por favor, saiba que quando eu pedi desculpas, eu quis dizer isso antes, e eu quero dizer isso agora. Eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu sei que são apenas palavras, mas se você me disser como consertar isso, como consertar essa situação fodida, eu vou. Farei qualquer coisa para melhorar isso, já que não consigo fazer isso direito.

— Você não pode consertar isso. — Eu tempero meu tom para ela. Seu remorso piora as coisas. Mas qualquer outra pessoa teria recebido minha ira por ousar mencionar minha punição. — Eu cumpri a pena.

— Eu sinto muito. Do fundo da minha alma, sinto muito, Joshua.

Sua angústia não é apenas ouvida nas palavras, mas sentida em seu toque. Nós fomos um dano colateral para as decisões de seu pai. Não tenho certeza de como perdoo o pai dela, mas seria mais fácil se eu pudesse culpar outro lugar. Parece

possível, mas ajudaria a colocar as coisas para um descanso.

Os pensamentos que tive no meio da noite voltaram. *Podemos encontrar nosso caminho de volta um para o outro?*

É hora de tirar esse fardo de nossos ombros e olhar para frente em vez de para trás.

Ela começa a cortar os tomates, e posso dizer que é uma distração da dor. Desta vez, eu acalmo suas mãos, colocando as minhas sobre as dela, e respiro. Nossas palavras têm repercussões, então não posso estragar tudo.

— Eu quero que você saiba de uma coisa.

Ela olha para mim e dá um pequeno aceno de cabeça.

Puxando minhas mãos para trás, eu quero acariciar seu rosto, beijar e tornar tudo melhor, mas isso não pode ser consertado assim.

— Ontem à noite você me acusou de algo que eu não fiz.

A vergonha puxa os cantos de seus olhos para baixo.

— Eu sin...

— Eu quero que você saiba que eu cumpri o tempo que seu pai me sentenciou. Fui punido por te amar. — Seus gritos são silenciosos, mas as lágrimas caem. Eu a puxo em meus braços e a seguro. — Nós não conseguimos refazer as coisas. E se o fizéssemos, eu não apagaria nada porque amar você foi a melhor coisa que já fiz.

Os soluços agitam seus ombros enquanto ela se agarra a mim com o rosto enterrado no meu peito.

— Eu não mereço você.

Esfregando suas costas, tento confortá-la, não porque isso é sobre ela, mas porque ela cumpriu sua própria sentença. Ela pode estar andando livre, mas eu não desejaria a culpa que ela carrega nem para meu inimigo.

— Não se trata de merecer, Chloe. Trata-se de saber.

Ela enxuga as lágrimas no moletom e olha para cima novamente.

— Saber o quê?

— Que eu não posso fingir estar tudo bem com você. Acredite ou não, nunca tive cenários de vingança quando se tratava de você. Então estar com você de novo é meio que o oposto. Um sonho se tornando realidade. — Eu corro minha mão pelo meu cabelo, meus nervos fazendo minhas mãos instáveis. — Mas tenho certeza de que estou fodendo tudo por vir forte demais cedo demais. — Nunca fiquei tão nervoso em toda a minha vida, nem diante do juiz, *nunca.*

— Não, você não está. Provavelmente estávamos nos enganando pensando que poderíamos tratar isso casualmente. Eu não posso.

Eu sorrio.

— Então estamos quites.

— Estamos quites.

Enxugando as suas lágrimas com as costas dos dedos, digo:

— Então, tudo está claro, eu ia te dizer que o que você me acusou ontem à noite nunca aconteceu. — Seus olhos estão vidrados e cheios de curiosidade. — Desde o dia em que nos conhecemos, nunca comi um sanduíche de queijo grelhado com ninguém além de você.

Batendo no meu peito, ela desvia o olhar, determinada a não rir. Ela não pode resistir, no entanto.

— Você me assustou. Achei que você ia dizer...

Eu agarro seus quadris e os giro na minha direção.

— O que você achou que eu ia dizer?

O riso cessa, mas a felicidade permanece.

— Eu pensei que você ia me dizer que não deveríamos ficar juntos.

Aproveito a situação e a beijo novamente.

— Eu nunca poderia dizer isso.

46

Chloe

ACHEI QUE nossa bolha fosse menor, mas entre o hospital, o restaurante e nossos apartamentos, minha casa é a exceção. Eu estaria bem pegando o metrô, mas Joshua insistiu em um carro, juntos. Acho que isso me salvou de uma caminhada da vergonha, apesar de ainda usar o moletom dele por cima da minha roupa.

Nós conversamos. Concedido, ainda havia muito a ser dito, mas esta manhã parecia uma espécie de avanço. Não sei para onde vamos a partir daqui, mas saber que podemos conversar aberta e honestamente me faz pensar que a jornada é possível.

Sentados no trânsito, puxo a blusa do meu peito e digo:

— Vou lavar e devolver para você.

Às vezes, quando ele olha para mim, vejo uma emoção que oscila entre entretido e grato. Esta manhã, eu tenho um lampejo de esperança lá também. Fica bem nele.

— Você pode ficar com ela.

— Você não pode doá-la antes de ter a chance de usá-la.

Ele abre as pernas um pouco mais para acomodar seu tamanho no banco traseiro apertado do carro.

— Nunca planejei.

Há tantos lados desconhecidos desse homem que acho que nunca deixarei de ficar totalmente fascinada por ele.

— Não entendo.

Já que vamos ficar aqui por um tempo, ele parece se contentar em compartilhar uma história relaxando, ainda segurando minha coxa.

— Quando eu trabalhava no restaurante, as pessoas costumavam entrar vestindo suas camisas e moletons de Yale, as coisas com logotipo. As camisas caras que eu nunca poderia comprar. Quero dizer, oitenta dólares por um moletom é uma loucura. — Eu sei o que ele quer dizer agora, mas eu não entendia na época, quando dinheiro não era algo que eu pensava duas vezes. Agora, eu me relaciono. Eu não seria capaz de justificar isso agora no meu salário. As coisas eram diferentes naquela época, no entanto.

Eu arranco a frente para a leviandade.

— No entanto, aqui estamos. — Eu aprecio a risada que ele dá. Posso não ser a pessoa mais engraçada, mas ele é um grande incentivador do ego. Eu brinco com o ego dele, mas Joshua sempre foi bom para o meu. Eu faço cócegas na parte de trás de seu

pescoço com minhas unhas, e ele continua aquele sorriso.

— Comprei porque não podia naquela época. — Balançando a cabeça como se estivesse envergonhado de admitir isso, ele olha para mim. — Você deveria ficar com ela. Você mereceu.

Isso deve ser muito difícil para ele. Eu não posso imaginar.

— Você merece o seu, Joshua. Você estava a apenas alguns créditos de terminar quando... — Eu fecho minha boca antes que eu diga muito e o aborreça. Eu não quero ser essa pessoa para ele. Se isso significa encontrar contentamento com a paz, farei isso e nunca mais falarei sobre isso.

O carro finalmente começa a se mover novamente e ele responde:

— Eu quebrei o código de conduta deles. Meu pai até ligou. Apesar de ser um legado, o conselho não me permitiu voltar. — Sua mão aperta minha perna apenas o suficiente para eu notar, mas não o suficiente para fazer algum mal. A tensão flui entre nós sobre o assunto delicado. Ele continua sombriamente: — Yale foi sua redenção para o maior erro que ele já cometeu. É engraçado que uma vez que o sonho de eu conseguir meu diploma morreu para ele, eu também poderia ter.

Eu descanso minha cabeça em seu ombro, e seu braço vem ao meu redor para me segurar lá. Mesmo que ele esteja tentando esconder isso, posso sentir pedaços de sua dor.

— Gostaria de dizer que não sei como um pai pode ser tão cruel, mas não posso.

— Lamento que você não possa. — O comentário não é dito com malícia, mas acho que é outra coisa que nos une. O carro para na frente do meu prédio e nós saímos. Joshua passa alguns segundos verificando a vizinhança e depois meu prédio. — É seguro o suficiente. — Eu dou de ombros e caminho até a porta para digitar o código.

Mantendo a porta aberta, eu digo:

— Entre.

Ele caminha com propósito, tirando a porta de mim.

— *É seguro o suficiente,* não é tranquilizador.

Começamos a subir as escadas para o segundo andar.

— Estou na minha residência. Não ganho muito para compensar a vida na cidade. Este edifício não é bonito como o que eu tinha em New Haven, mas é acessível. Estou pagando minhas dívidas, mas em primeiro de junho, eu termino.

— Você termina em duas semanas?

Segurando o corrimão, olho para trás quando detecto uma nota de pânico.

— Sim.

— O que você vai fazer? Para onde você vai? — Caminhamos o resto do caminho

e chegamos à minha porta.

Eu puxo a chave da minha bolsa. Depois de torcê-la na fechadura, uso meu quadril para abrir a porta.

— Às vezes, gruda.

Entrando, continuo a conversa:

— Coloquei meu interesse em uma posição na City Medical, mas não tive resposta.

— Qual é o seu plano B? — Ele entra no apartamento, me lembrando daquela primeira vez na faculdade.

Fecho a porta e me encosto nela. Ele é grande no meu apartamento, ocupando mais espaço do que eu posso pagar com meu sofá e esteira aqui.

— Eu não tenho um.

Sua cabeça gira ao redor, seus olhos arregalados.

— O que você quer dizer? Você sempre tem um plano de A a Z.

— Não dessa vez. — Espiando o sofá, eu empurro o travesseiro e o cobertor até uma extremidade.

— Interessante. — Ele olha para a pilha que deixo para trás e depois para a esteira. — Este é o mesmo sofá que você tinha.

— Sim, tudo igual. Tudo veio de New Haven comigo. Estava guardado enquanto eu estava na faculdade de medicina. Eu gostaria que Ruby ainda morasse na casa ao lado, mas ela mora na parte alta da cidade.

— Ela está indo bem?

— Muito bem. — Cansada de falar no cômodo escuro, eu coloco os painéis das cortinas blackout atrás de seus ganchos para deixar um pouco de luz do sol entrar. Sorrindo, eu me abaixo e esfrego meu dedo ao longo da borda dos vasos.

— Vocês sentiram minha falta?

Não é até que eu faço isso que eu lembro que não estou sozinha. Não é que eu me importe de parecer uma louca das plantas. É que eu me lembrei de quem está atrás de mim tarde demais, e minha frequência cardíaca aumenta quando meu pânico se instala.

Joshua.

Ainda de costas para ele, fico em pé em silêncio e tento vê-lo no reflexo da janela sem sucesso. Quando o silêncio entre nós se estende, eu finalmente me preparo e me viro.

— Aquele é Dwayne Evans?

— Quem, aquele? — *O que eu estou fazendo?* Estou me esforçando, é isso. *Por favor, não deixe que ele o tire de mim.* Dou um passo para trás, cada uma das minhas

mãos cobrindo protetoramente uma parte do vaso. — Esses são Hemsworth e Frankie. Você se lembra de Frankie. — Sim, entre no jogo. Ele está acreditando tudo, nem um pouco desconfiado.

— Sim, eu me lembro de Frankie. Eu não posso acreditar que ela está viva.

— Pfff. — Eu zombo na ofensa. — Claro, ela está viva. Passei anos dando a ela uma boa vida. Ela e Hemsworth. — A culpa começa a me encher.

Ele inclina a cabeça para o lado para ver ao meu redor. Eu mudo não tão casualmente para proteger meus bebês.

— Quem é Hemsworth? — *Maldita persistência.*

Não adianta. Eu não posso mentir. Não para ele. Uma vez eu fiz uma promessa a ele. De qualquer forma, ele reconheceria sua maldita planta em qualquer lugar.

— Tecnicamente, Hemsworth *é* Dwayne Evans. — Eu me viro e cuidadosamente o pego. Como se estivesse apresentando Simba, seguro seu bonsai no ar.

Inesperadamente, Joshua se joga no sofá.

— Acho que preciso me sentar.

O pote de cerâmica é pesado, então abaixo os braços. E como minha interpretação dramática não ganhou nenhum prêmio, coloquei o vaso na mesa de centro na frente dele.

— Ele provavelmente sentiu sua falta.

Ele sorri e puxa o pote para mais perto, inclinando-se para dar uma olhada.

— Ele parece um pouco triste.

Defensivamente, puxo o vaso sobre a mesa, mais perto de onde estou sentada.

— Ele não está triste. Ele está feliz. Ele adora estar aqui com Frankie e eu. Ele fica de molho na pia e, às vezes, eu os trago para o banheiro quando tomo banho para que absorvam a umidade. Quero dizer, você deveria ter visto a condição em que ele estava em um estágio. Eu nunca julguei porque estávamos todos uma bagunça naquela época...

— Por que você chama Dwayne Evans de Hemsworth? Não que eu esteja desmerecendo o Chris Hemsworth ou algo assim. O cara não é The Rock, mas há Hemsworths piores para se chamar...

— Ele tem o nome de Liam Hemsworth, não de Chris.

Seu queixo puxa para trás enquanto ele olha para a árvore.

— Bem, não é à toa que ele está triste. Eu também ficaria triste se fosse nomeado como o segundo melhor.

— Liam Hemsworth é um grande ator — eu digo, balançando a cabeça como uma maníaca. — E muito bonito.

Esfregando a ponte do nariz, ele respira fundo e depois exala lentamente. Ele

estende a mão e pega o vaso.

— Vou esquecer que Dwayne Evans foi renomeado porque estou assumindo que você tem seus motivos...

— Eu tenho — eu respondo incisivamente, cruzando os braços sobre o peito como se este homem já não tivesse tanto do meu coração em suas mãos. Joshua se recosta com Hems... *Dwayne Evans* envolto em seus braços. Não querendo que Frankie se sinta excluída, vou buscá-la e trazê-la de volta. Cruzando minhas pernas na minha frente, eu a embalei em meus braços. Nós nos encaramos.

— Você quer compartilhar esses motivos? — Sua voz é calma, reconfortante.

Meu apartamento já era meu espaço seguro e tê-lo nele não muda isso. Faz com que pareça melhor, na verdade. Caseiro, como se estivesse sentindo falta dele tanto quanto eu.

— Eu sei o que ele significa para você, mas o nome dele doía de dizer, então um dia, quando eu estava cansada de sentir tanta dor, tanta perda de você na minha vida, decidi que mudaria isso para o meu próprio bem. Meu terapeuta concordou.

Sua mão descansa em meus tornozelos, e ele diz:

— Sinto muito por te machucar. E lamento que você tenha sido pega no fogo cruzado.

— Eu não fui pega. Eu fui o motivo da batalha, Joshua. — Eu mergulho um pé no chão e coloco o vaso para baixo. Alcançando pela almofada do meio nos dividindo, pego o vaso de Joshua e o coloco ao lado de Frankie. Então eu subo em seu colo e envolvo meus braços ao redor de seu pescoço.

— Nunca deveria ter havido uma guerra. — Eu olho para o âmbar claro do meu futuro. — Mas nós sobrevivemos. Você e eu sobrevivemos a todos eles. — Eu o beijo e isso o leva a me carregar para o quarto.

À medida que nossos corpos se entrelaçam, as camadas caem, permitindo que a semente que plantamos anos antes floresça novamente. Isso não é sexo. Nunca foi com ele. Nossos corpos estão escorregadios de suor, criando amor com cada beijo, toque e investida.

47

Chloe

O SOL DE FIM DE TARDE brilha na sala, mas o quarto continua escuro com as cortinas fechadas. Eu desenhei um milhão de oitos em seu peito, através dos pelos que ele deixa crescer naturalmente, sobre o fluxo e refluxo de seus músculos do estômago, não querendo adormecer. Em vez disso, quero aproveitar cada minuto que tenho com ele antes de sairmos para o trabalho.

No rescaldo pacífico de nos perdermos um no outro novamente, ele pergunta:

— Você dorme no sofá?

— Sim.

— Por que?

A verdade é o único caminho a seguir com ele.

— Não foi apenas o nome do seu bonsai que me fazia sofrer. A cama... *esta cama...* quando eu a tirei do armazenamento, eu costumava deitar aqui apenas para sentir você perto de mim novamente. — Eu me inclino para ver seu rosto, sua reação às minhas palavras — Eu ainda podia sentir você perto de mim, mas quando abria meus olhos, a cama estava vazia. Eu estava vazia. — *Tudo em mim parecia vazio naqueles momentos.*

Acariciando meu cabelo, ele sussurra:

— À noite na cadeia, eu não sabia se as visões que tinha de você eram reais. Elas eram tão reais que eu podia sentir o calor de sua pele sob meus dedos. Eu não sabia dizer se eram sonhos para me confortar ou pesadelos para me assombrar. — Ele vira a cabeça para o lado, seu olhar me encontrando no escuro. — Parece que sofremos o mesmo.

— Quites.

— Quites. — Pegando minha mão, ele beija minha palma e depois minhas pontas dos dedos. — Nunca mais vou aceitar algo tão simples como garantido.

— Minha mão?

Seu sorriso chega com hesitação, entregando mais do que ele parece querer que eu saiba. Apesar de tudo o que o torna durão por fora, ainda há um charme de menino por dentro.

Seus olhos incríveis me deixam momentaneamente enquanto ele pensa no que quer compartilhar, ou talvez admitir se encaixe melhor.

— A primeira vez que te vi, gostei do seu rosto e do seu bonsai. — Como de

costume, ele me acerta com honestidade. — Mas então no restaurante, foram suas mãos.

— Então tem sido um caso de amor contínuo com minhas mãos? — Eu levanto a mãe livre para analisá-la.

Uma risada ressoa no colchão, e então ele dá de ombros.

— Você tem mãos muito elegantes.

— Isso é um fetiche sexual que eu preciso saber? — Eu torço minha boca para o lado, mas não consigo suprimir meu sorriso.

— Agora que penso nisso... — Ele revira os olhos. — Não, sério. Há uma graciosidade em como você as usa. Firme como o de um médico.

Ele está falando minha linguagem do amor, e eu não quero que ele pare. Ele continua:

— Cuidado no toque deles. — Eu corro meus dedos por seu cabelo novamente, raspando minhas unhas levemente contra seu couro cabeludo. Seus olhos se fecham enquanto o prazer toma conta. Ele beija meu ombro, e a sensação de seus lábios em mim envia uma faísca de eletricidade através do meu corpo.

Contorcendo-me, me mexo o suficiente para tentar satisfazer o desejo profundo em minha barriga que ele criou antes de me mover em cima dele e montar em seus quadris.

— E além de minhas mãos e meu rosto? — Eu nunca tive ninguém alimentando meu ego, e eu não posso reclamar. É muito incrível.

— Seus olhos. Eles mudam com a hora do dia, seguem seu humor e escondem as palavras que você nunca diz. — Ele se move, buscando proteção. Envolvendo-se, ele continua: — Eu tento ler suas emoções, mas você está protegida por prados verdes que levam aos seus segredos.

Eu levanto e deslizo para baixo enquanto nossos corpos se reconectam como uma alma novamente, uma base construída de dor do passado e esperança para o futuro.

ENQUANTO ESTOU na calçada do lado de fora do hospital, meus lábios estão inchados e meu queixo está irritado pela barba. Ele me segura com um braço e uma mochila para mim na outra mão. Nós não paramos de nos beijar, mas eu sei que preciso me afastar e entrar.

— Eu tenho que ir, ou vou me atrasar.

— Você já está atrasada.

Roubo mais um beijo e depois me afasto, odiando ter que deixá-lo depois das vinte e quatro horas mais perfeitas da minha vida. Seria como um sonho se eu não

pudesse sentir nosso reencontro em cada torção do meu corpo, a dor feliz e a emoção ainda correndo pelas minhas veias. Eu não estava mais sobrevivendo. Eu estava viva pela primeira vez em seis anos. As portas deslizantes do hospital continuam abrindo e fechando por causa da minha hesitação em me afastar do homem que fez meu coração acelerar.

Joshua diz:

— Vá em frente, baby. Vejo você mais tarde.

Eu tento ser sexy e digo:

— Eu estarei lá, esperando nua em sua cama. — Mas um nó se forma na minha garganta por ter que me separar. Eu deveria ser mais forte do que isso, leve e despreocupada, mas estou pesada com as emoções da noite passada. Confiar em nós depois de todo esse tempo é aterrorizante.

Ele vem até mim, beija minha testa e sussurra:

— Vai ficar tudo bem.

— Eu sei. — Mesmo com medo, eu sei. Ele deixou Dwayne Evans ficar no meu apartamento com Frankie. Se isso não é um sinal de intenção, eu não sei o que é. Aquele homem ama aquela árvore desde os treze anos. Ainda estou triste por deixar Joshua, mas não somos tão frágeis como costumávamos ser.

Ele diz:

— Só estamos nos acostumando com isso novamente. Eu...

Quando olho para ele, pergunto:

— Você o quê?

— *Eu*... Vejo você depois do trabalho. — Sua mão corre por cima de seu cabelo.

Eu sei que não é isso que ele ia dizer, mas eu entendo a luta. Eu aceno, me virando para sair antes de jogar um *eu te amo* nele como se estivéssemos autorizados a dizer essas coisas. Natural ou hábito de estar perto dele, essas três palavras flutuam em minha boca como se pertencessem ali. É muito cedo, mesmo que eu as veja refletidas em seus olhos de volta para mim.

Quando me arrasto para dentro, Julie está apoiada no balcão de check-in.

— Ummm... Esse é o quarto cinco, cara da cafeteria?

Esse é o entregador que me trouxe comida uma noite e roubou meu coração uma semana depois. Já que é muita informação para despejar sobre ela de uma só vez e porque estou quinze minutos atrasada, digo:

— Sim, mas preciso chegar à minha rotação. Eu vou te contar mais tarde.

— Meu intervalo é às dez — ela chama quando eu passo.

Rindo, estou me sentindo muito tonta para manter essa euforia dentro. Compartilhar a magia entre ele e eu com outra pessoa, mesmo com medo, me

ilumina.

— Vou em frente e agendar o meu para às dez.

Eu a ouço batendo palmas animadamente atrás de mim. Estou prestes a passar pelo vestiário quando o chefe da equipe chama meu nome. Eu me viro para vê-la se inclinando para fora de seu escritório.

— Você pode poupar um momento antes de começar suas rotações, Dra. Fox?

— Claro, Dra. Willick. — Eu a sigo em seu escritório.

Fechando a porta atrás de mim, ela diz:

— Sente-se.

Sento-me quando ela volta para sua cadeira de couro e se senta com propósito. Ela junta os dedos com um sorriso que só posso interpretar como simpático. Não tenho certeza do que pensar disso, então meu pé começa a bater nervosamente.

— Eu sei que cheguei atrasada hoje, mas juro que é a primeira vez...

— Não é disso que se trata, Dra. Fox. Isso acontece. — Ela descansa os antebraços na mesa; seus olhos são gentis e sua linguagem corporal acessível.

Apesar disso, não gosto de rodeios, e meu pé salta mais rápido.

— Sobre o que você queria me falar?

— Seu pai é um neurocirurgião altamente respeitado. Reconhecido mundialmente, na verdade. — Ela geralmente é muito mais direta, meu pai sendo um desvio indesejado. — A expectativa da sua carreira deve ter sido bem alta.

Enquanto o desconforto passa por mim, eu pressiono minha mão no meu joelho para acalmá-lo.

— Você está me perguntando?

Lá está aquele sorriso simpático novamente. Ela responde:

— Não. Vou direto ao ponto porque sei que você tem uma noite agitada pela frente. Por mais que tenha gostado de trabalhar com você nos últimos três anos, analisamos sua inscrição e decidimos não contratá-la. Com vários médicos retornando de licença maternidade e outro de sabático na América do Sul, não estamos preparados para oferecer uma vaga em tempo integral para nenhum médico do programa de residência neste momento.

Meus olhos secam de tanto encarar, então me forço a piscar para parecer que não estou morrendo por dentro.

— Não entendo.

— Eu sei que isso deve ser um choque. É decepcionante para nós também. Não temos orçamento para apoiar médicos adicionais neste momento. Eu sei que estamos perdendo um punhado de profissionais médicos talentosos, mas é uma batalha que perdi com o conselho sobre o financiamento do hospital.

— Mas... — *Como posso ir de flutuar cinco minutos atrás para isso?*

— Não é você. Você é tão talentosa, uma médica com uma carreira promissora. Você tem um talento especial não apenas para reter uma quantidade incrível de informações, um sonho para um pronto-socorro com o ritmo acelerado dos casos, mas sua interação com os pacientes também é reconfortante para muitos. Não ouço nada além de coisas positivas. Se tivesse seguido a especialidade do Dr. Fox, então poderia ser diferente. Já temos a vaga e o financiamento para neuro, mas não temos o mesmo para o pronto-socorro no momento.

Minha devastação silenciosa deve fazê-la pensar que precisa preencher o resto porque ela diz:

— O nome Fox tem peso em Newport. Tenho certeza de que eles adorariam, como eu, que você fosse para um hospital de lá ou para a clínica do seu pai. Mas não podemos neste momento. Seu programa será concluído em primeiro de junho. Foi uma honra tê-la no City Medical. Mais uma vez, lamento perdê-la, Dra. Fox.

Estou entorpecida quando saio do escritório. Faço meu trabalho, me enterro em lesões e emergências, pulo meu intervalo para não ter que enfrentar Julie e saio assim que meu turno termina. Eu chamo um serviço de carro e faço uma cara corajosa, por assim dizer, quando mando uma mensagem para Joshua a caminho de sua casa: *Saindo do trabalho. Mal posso esperar para ver você.*

Eu preciso dele. Suas palavras doces que me fazem acreditar que posso fazer qualquer coisa. Seu lado racional que me ajudará a ver isso como algo positivo, talvez até como uma oportunidade. Sim, ele vai ajudar com isso. Vou sobreviver. *Eu vou ficar bem.*

A conversa motivadora comigo mesma não ajuda, mas sei que Joshua vai.

Ele responde: *Vejo você em uma hora ou mais.*

Seus braços em volta de mim são o único remédio para minha decepção. Tudo pelo que trabalhei voltou para o meu pai. *Novamente*. É uma comparação que eu nunca serei capaz de abalar. Acabei de perder um emprego que queria porque não era sua protegida?

Caminhando em direção à porta do prédio de apartamentos de Joshua, o porteiro inclina a cabeça e segura a porta aberta para mim.

— Bem-vinda de volta, Dra. Fox. O Sr. Evans deixou uma chave para você.

— Obrigada. — Entro no saguão e o sigo até a mesa, querendo desaparecer em meus sentimentos de mágoa, mas fazendo o meu melhor por um lábio superior rígido até que eu possa desmoronar em particular.

— Você chegou em casa bem na hora. Parece que uma tempestade está chegando.

Como se tivesse sido avisado, um relâmpago pisca do lado de fora.

— Parece que sim.

Dentro do apartamento, coloquei minha bolsa sobre a mesa na entrada. Está quieto aqui, escuro, as luzes dos apartamentos do outro lado da rua e outro relâmpago me cumprimentando com um estalo alto logo depois. Ando pelo corredor curto e entro na grande sala de estar, não me sentindo em casa sem ele aqui.

Pegando um copo de água, descanso meu peso na ilha e bebo, tentando lavar o sentimento de fracasso que ameaça tomar conta. Eu encho de novo e vou até as janelas, de pé com a chuva caindo do outro lado.

Estar sozinha no apartamento de Joshua e em breve estar desempregada nunca foram coisas que eu teria imaginado uma semana atrás.

O clima está adequado para o meu humor. Ainda insegura, vou para o quarto dele para tomar um banho. Enquanto a água esquenta, encontro minha bolsa no banco ao pé da cama. Desenterrando as coisas de que preciso, levo-as para o banheiro comigo, começando a encontrar conforto em sua casa.

A água quente é boa em meus ombros e, embora não clareie minha cabeça dos e se... *e se eu tivesse me tornado uma cirurgiã? E se eu tivesse ido trabalhar para o meu pai? E se eu o tivesse ouvido?*

Eu aperto meus olhos fechados, sabendo que sempre vou escolher o caminho que tomei porque, como Joshua disse, não há recomeços, e meu destino sempre termina com ele. De pé em seu armário, vejo uma das camisetas que me lembro dele usando na faculdade. O logotipo do Restaurante da Patty está desbotado, mas ainda evoca um sorriso. Fechando meus olhos, eu o coloco no meu nariz, sentindo o tecido macio contra meu rosto antes de deslizar sobre minha cabeça. Escovo o cabelo molhado e cuido da pele, mas essa sensação de perda continua voltando.

Pensando que preciso de algo mais difícil de beber para melhorar meu humor, caminho de volta pelo corredor, mas uma porta aberta para um escritório chama minha atenção. Eu não deveria ser intrometida, mas estou curiosa porque ele não existe em nenhum outro cômodo deste lugar enorme.

A chuva cai do lado de fora da pequena janela, e eu encontro meu caminho até a mesa, acendendo uma lâmpada. Ele é um chef, então os papéis espalhados pela mesa são confusos. Não são menus, mas contratos. Ver a assinatura dele de cabeça para baixo me deixa curiosa, mas não quero bisbilhotar. Estou prestes a seguir em frente até espiar a assinatura do meu pai ao lado. Eu a reconheceria em qualquer lugar, datado de seis anos atrás.

Eu endireito meus ombros intrigada com o que poderia ser. Com um dedo pressionado no documento, dou a volta para o outro lado e me inclino. Cada palavra que leio traz uma nova miséria.

Confissão.
Condução imprudente.
Sequestro.
Veículo roubado.
Concorda em nunca ver.
Chloe.

48

Chloe

NADA disso faz sentido, apesar de ver em preto e branco. Como minha memória daquela noite, estou em desvantagem. Meu cérebro está me protegendo da verdade do que aconteceu ou está me pregando peças?

Estou com tanta raiva e cansada de viver no escuro. Eu não posso lidar com uma nova onda de dor hoje. *A verdade está trancada dentro de mim, mas onde está a chave?*

Envolvendo meus braços em volta do meu estômago, tento parar a dor que está começando a me percorrer a cada nova página. Antes que eu perceba que estou chorando, uma lágrima cai sobre a tinta seca, borrando as palavras enquanto eu crio meu caminho através da traição.

— Ei, linda — diz Joshua, sua voz alegre, tão doce, tão confiante. — O que você está fazendo?

Eu olho para cima, olhando para ele, minha raiva cresce. Depois de ler o que fiz, não posso dar a ele o benefício da dúvida. Segurando a página com sua assinatura, pergunto:

— O que é isso?

O sorriso que combinava com seu tom cai como se ele tivesse visto um fantasma.

— Chloe — ele começa em minha direção com as mãos para cima em rendição. *Já?* Ele já está se rendendo.

— Só uma pessoa culpada desiste tão facilmente.

— Eu não sou culpado. — Seu tom endurece enquanto seus olhos escurecem.

O fundo sai do meu conto de fadas mais uma vez e leva meu coração com ele. Eu deveria ficar sozinha. Só não estou lendo os sinais. Não há outra maneira de explicar isso. Eu nunca vou ter tudo. Eu nunca vou ter o cara e o emprego dos sonhos. Estarei sempre vazia, apenas quase alcançando aqueles que atingem esses objetivos.

— Eu li sua confissão. — Eu bato o papel contra seu peito enquanto corro pelo corredor. Ele foi tão rápido em negar e não defender seu caso. Eu não me importo com meus produtos de higiene pessoal. Pego minha bolsa e coloco um par de leggings. Deslizando meus tênis de volta sem meias, eu corro de volta, colidindo com ele. O som da bolsa atinge o chão entre nós.

Ele agarra meus braços, me impedindo de cair para trás.

— Não tire conclusões precipitadas. Eu posso explicar...

— Eu acho que uma confissão assinada diz tudo, você não acha? — Dane-se a bolsa. Vou comprar coisas novas. Passo por baixo do braço dele e corro para a porta.

Sua voz segue atrás de mim.

— Fui enganado. Achei que estava assinando outra coisa.

Suas palavras me fazem parar na entrada. Eu fico de costas para ele, me recusando a lhe dar mais lágrimas e angústia, escondendo-as. Sugando uma respiração cambaleante, eu pergunto:

— O que você achou que estava assinando?

Está tão quieto entre nós que posso ouvir sua respiração frenética. Eu preciso que ele conserte isso, para tornar tudo melhor, para me fazer ver que tudo isso foi um grande mal-entendido. Eu finalmente me viro, incapaz de segurar o orgulho por mais tempo. Como se eu mesma tivesse colocado as lágrimas nos cantos de seus olhos, elas brilham na luz fraca.

— Por favor, me diga que estou errada. — Passando as mãos pelo cabelo, o tique dele é uma entrega inoperante enquanto ele procura no meu rosto por uma resposta que não possui. Eu grito: — O que você estava assinando, Joshua?

Seu silêncio é uma tortura.

— Depois de todo esse tempo, eu teria pensado que você já teria as mentiras alinhadas — eu choro, enxugando as lágrimas traiçoeiras. — Você foi ingênuo o suficiente para pensar que eu nunca descobriria a verdade? — Batendo minha mão no meu peito, eu pergunto: — Como você pôde? Como você pôde me deixar sentir o peso de *sua* culpa todos esses anos? Eu me culpei quando você escolheu me machucar.

Isso acende o pavio e a raiva estreita seus olhos para mim.

— Minha culpa? Não me sinto culpado por nada. Tudo o que eu fiz foi para todos os outros. Tudo o que fiz, incluindo assinar aquela porra de papel, foi para *o seu* melhor interesse.

— Mentiroso! — Minha vida foi arrancada de mim, profissionalmente e pessoalmente, e ele está de pé em justa indignação se defendendo. — Você é um mentiroso! Você disse que me amava, mas essa confissão diz o contrário. Você desistiu de nós e se livrou de mim de uma só vez. — Eu o encaro e bato em seu peito. — Como você pode me fazer acreditar em algo que nunca foi real? Quando você ama alguém, você não faz isso. Você não os machuca assim.

Agarrando meus pulsos, ele me deixa indefesa. Soluços escapam da minha garganta e minhas emoções tornam-se um tornado, prontas para destruir o que resta de nós. Eu grito:

— Como você me odeia tanto a ponto de me sacrificar pelo seu bem maior?

— Isso não é verdade, Chloe. Me escute. Eu assinei por você. Você não seria uma médica se eu não tivesse. Seu pai não...

— Como você ousa! — A raiva ruge dentro de mim. Eu puxo meus pulsos e o dou um tapa. — Como você ousa pegar minhas realizações e reivindicá-las como suas? Você é uma pessoa desprezível. Meu pai estava certo sobre você. Você está com ciúmes e precisava reivindicar uma Fox para se sentir melhor sobre suas próprias falhas com seu pai.

— Foda-se seu pai! — Eu suspiro, apertando minha bochecha, suas palavras me batendo mais forte do que sua mão jamais poderia. — Se você está tão cega para a verdade que nem consegue ver o que está bem na sua frente, então vá embora — ele rosna.

Eu giro em calcanhares teimosos, mas um estalo alto rivalizando com o relâmpago me faz esquivar por medo. Eu me viro para encontrar sua mão atravessando a parede. Por instinto, me movo para verificar se há danos em sua mão, mas tenho que me conter. Sua respiração é irregular, seu peito subindo e descendo pela raiva. E se isso não me disse tudo o que preciso saber, ele diz:

— Vá embora! Me deixe em paz.

Abalada por ele gritando para eu ir, as palavras da prisão são convocadas, *não volte, Chloe.*

Indo para a porta, chego à maçaneta e, com a língua trêmula, digo:

— Eu te amei...

— Você me amou porque seu papai não te amou o suficiente. Eu era o bad boy para irritá-lo.

Eu engulo seu insulto e cuspo:

— Você estava certo. O amor não é real. — Eu levanto meu queixo em minha indignação moral e caminho pelo corredor até o elevador. Suas palavras estão mexendo com a minha cabeça e eu percebo que ele pode não entender a ferida que ele abriu. Chame isso de despeito que me leva a esclarecer as coisas, mas minha mão se estende para impedir que as portas se fechem. Com um pé para fora, olho para o corredor, encontrando olhos desconhecidos para uma alma que não reconheço. — A última vez que falei com meu pai foi no dia em que descobri que você estava na cadeia. Então, sim, eu escolhi ser médica. Mas antes de tudo isso, eu escolhi você. — As portas empurram contra minhas mãos e o elevador apita. — Adivinha de qual eu me arrependo?

Pressionando minhas costas contra a parede espelhada, rezo para que as portas se fechem rapidamente antes que eu desabe, sentindo cada segundo dessa briga pesado no meu peito. Pouco antes de as portas se reunirem, ouço:

— Chloe, volte.

Eu afundo no chão, empossando em meu desgosto. Dez andares para recuperar.

Nove.

Eu coloco minha cabeça entre meus joelhos.

Oito.

As lágrimas caem pesadas, caindo no chão de madeira entre meus pés.

Sete.

Meu corpo treme com soluços.

Seis.

Respiro fundo, olhando para os números que acendem em ordem decrescente.

Cinco.

Levantando-me, agarro o corrimão para me manter de pé.

Quatro.

Seco os olhos com o interior da camiseta.

Três.

Para onde eu vou? Esqueci minha bolsa. Droga!

Dois.

Respiro fundo, me preparando para ver o porteiro.

Um.

As portas se abrem e eu corro pelo saguão.

— Posso chamar um táxi, Dra. Fox?

— Não. Obrigada. — Eu começo a correr para alcançar a porta antes dele, não querendo que ele tenha testemunhas da minha tragédia pessoal.

— Boa noite, Dra. Fox.

Andando me sinto sem casa mesmo sem dinheiro, mas paro logo abaixo do toldo. Vinte metros à minha frente, Joshua está na chuva torrencial de costas para mim e os braços atrás da cabeça em derrota. Eu procuro uma fuga, mas sou pega antes que eu possa fazer minha fuga.

— Chloe. Ouça. Por favor.

— Já ouvi o suficiente...

— Eu disse aquelas coisas para te machucar. — O remorso sangra em suas feições, mas meu coração já começou a fechar a porta.

— Funcionou. — Mantendo minhas mãos ao meu lado, não tenho energia para lutar contra uma discussão giratória. — Eu não posso continuar andando em círculos com você.

Eu vejo o jeito que ele segura sua mão, e eu tenho que lutar contra a necessidade de ir até ele, de cuidar dele... para amá-lo.

— Estou sofrendo — diz ele, sua voz como cascalho em sua garganta.

— Eu também, então não vamos nos machucar mais. — Eu me viro, decidindo que a melhor direção é aquela longe dele.

— Chloe, por favor. *Por favor.*

Meus pés simplesmente não querem ouvir, embora eu tenha a sensação de que é meu coração quem manda porque eu ainda estou aqui, de frente para o homem que é... *era* tudo para mim, lágrimas caindo como chuva pelo meu rosto, dando a ele uma última chance. Ele diz:

— Se eu pudesse fazer qualquer coisa para consertar isso, eu faria. Não posso voltar ao passado.

Ainda lutando contra quem eu costumava ser, percebo que não fomos nós juntos que destruímos nossas vidas. Era tentar o destino em primeiro lugar.

— Nós nunca deveríamos ter nos apaixonado.

— Nós fizemos isso de qualquer maneira.

49

Joshua

— O AMOR É REAL. Você me mostrou que o amor é real. Não é encontrado na conexão do sexo ou da porra das árvores bonsai. É encontrado em se sentir invencível porque a pessoa com quem você está faz você se sentir tão alto que você pode voar. É ter você me empurrando para ser melhor e realmente viver, para experimentar esta vida. — Porra, estou falando bobagem. — Eu te amo, Chloe.

Minha alma está a seis metros de distância, encharcada sob uma tempestade que veio para destruir meu mundo novamente e nós no processo. Mesmo encharcada, ela é tão linda em sua força. Ela deveria me negar. Ela deveria se afastar de mim e nunca mais voltar. Eu nunca a mereci. Eu disse a ela para encontrar um cara e viver uma boa vida. Mas se eu tiver a chance de ser ele, eu vou aceitar porque eu quero ser aquele que a faz sorrir. Eu digo:

— Eu nunca deixei de te amar.

Vestida com minha camisa velha que nos traz de volta a um tempo que pode ter sido curto no grande esquema das coisas, mas ainda nos assombra anos depois, ela me encara. Eu sinto que estou perdendo ela. Não posso. Mas também não consigo ler a expressão dela. Vou aceitar seu ódio, sua ira, suas respostas, seu sarcasmo. Eu aceito qualquer coisa sobre perder a esperança, ou ela e esse sentimento de derrota. Eu fiz isso uma vez. Eu não posso fazer isso de novo. Sem saber se ela me ouviu através da chuva torrencial, repito:

— Eu te amo.

— Nós somos fumaça e espelhos, Josh. Nada real.

— Não me chame assim — eu digo, desencadeado pelo som do nome saindo de sua língua. Eu sobrevivi à prisão. Aprendi a me defender de maneiras que nunca pensei que teria que fazer. Mas com Chloe, estou perdido. Abaixando minhas armas, estou pronto para cair aos pés dela se isso fizer alguma diferença.

— Eu me apaixonei por isso como se fôssemos reais. — Ela veio preparada com um arsenal próprio, cortando direto ao osso. Minhas próprias palavras torcidas e afiadas.

— Nós somos reais — eu digo, a perda potencial de sua catastrófica. Eu dou um passo hesitante para chegar mais perto. — Eu sou Joshua. Lembra do crachá, dos bonsais, do lago? — Dando mais dois passos, coloco minha mão sobre meu coração e pergunto: — Fazendo amor ontem à noite? Lembra de mim?

— Eu conheço você. Não conheço o homem que feriria com uma assinatura e conscientemente me jogaria fora como se não fôssemos nada.

— Isso não é justo.

— Então estamos quites! — ela grita, socando seus punhos para baixo.

— Quites? Quites, porra? — Dando outro grande passo, eu balanço minha cabeça em frustração. — Não se trata de ser igual, ou se meu coração ou o seu está mais em jogo. Nós não estamos além da razão...

— Isso é engraçado. — Sua risada sem humor a faz se virar com os braços cruzados sobre o peito.

— Chloe, você não vê que nada mais importa? Só nós fazemos. Sempre fizemos as coisas do nosso jeito, no nosso próprio ritmo. Então, se isso significa lutar contra isso, então vamos lutar contra isso. Se isso significa...

— Nós não precisamos lutar. Isto é o que você queria. Quando você assinou aquela confissão, você me assinou junto com ela. Essa é a pior parte. Sabendo que você acabou conosco com um movimento de sua caneta. — A raiva alimenta seu fogo, e ela se aproxima. — Eu nunca *nos* venderia por uma oportunidade melhor para *mim*. — Seus pés param abruptamente como se ela estivesse prestes a cruzar uma linha imaginária na areia. — Meu pai pode ser muito generoso para conseguir o que quer. Diga-me, Joshua. Você foi pago?

— O que você acha? Você sabe que eu nunca aceitaria dinheiro daquele idiota. — Vejo Fred, o porteiro, nos olhando nervosamente de dentro. Eu deveria ser mais digno fora da grandeza deste edifício histórico, mas foda-se. Ainda sou o garoto de New Haven e não vou deixar ninguém me envergonhar novamente. — Em vez disso, recebi uma sentença de três anos. Você realizou seus sonhos e se tornou uma médica.

Afrontada, ela estremece.

— O que eu tenho a ver com seus crimes?

— Tudo. É isso que estou tentando lhe dizer. — Eu me aproximo mais um metro e meio. — Eu assinei a maldita papelada porque era a única opção que eu tinha.

Seus ombros baixam de suas orelhas, e sua cabeça cai. Ela estremece com a chuva e então fecha os olhos com força, a angústia causando estragos em seu corpo. Estou ansioso para alcançá-la, segurá-la segura em meus braços. Ela diz:

— Eu não entendo. — Deixando cair a cabeça em suas mãos, ela chora. — Eu acreditei em você. — Seus olhos perderam o brilho que a felicidade colocou ali, e a dor é tudo o que resta. — Eu acreditei em você, Joshua. Você prometeu que éramos para sempre.

— Acredite em mim agora. Por favor, acredite em mim. — Eu vou até ela, puxando-a em meus braços.

— Você prometeu se casar comigo.

Essa mesma promessa me atormentou ao longo dos anos, nunca pensando que teria a chance de corrigir esse erro.

— Eu me casaria com você agora porque nada do que aconteceu poderia mudar o que eu sinto por você, nem palavras ou ações. Não há nada que não possamos superar se apenas ouvirmos um ao outro.

Não há luta, embora seu corpo esteja rígido.

— Eu escolhi você — diz ela contra o meu peito. — Perdi tudo porque escolhi você.

— Você só perdeu as coisas que não importavam, as coisas que vieram com um preço muito alto a pagar. Você perdeu alguém que só usou você para ganho e seu próprio ego.

— Eu perdi você porque você me disse para ir.

Não há mais palavras para eu dizer.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito.

Ficamos na chuva por tempo suficiente, então nos movemos sob o toldo, não dando a mínima se ofender alguém neste prédio que estamos discutindo um passado e um futuro na porta. Não posso me afastar de Chloe até saber que estamos juntos ou acabados para sempre. *Deus, espero que seja o primeiro.*

Nossos corações devastados batem em sincronia enquanto ela se agarra ao homem que diz odiar.

— Nós não terminamos — eu sussurro. — Se aprendi alguma coisa, nunca estaremos terminados. — Seu queixo se apoia em mim quando ela olha para cima. Mantendo minha voz baixa, eu pego a mão dela, segurando-a nos destroços dentro do meu peito. — Você só me perdeu temporariamente. Eu estava lá, mas você estava sempre comigo. Sempre aqui.

A briga deixou seus músculos, e quando beijo seus dedos, ela me deixa segurá-los em meus lábios. Eu memorizo a suavidade e a forma como eles envolvem minha mão graciosamente, lembrando da nossa conversa de mais cedo.

Ela respira como se estivesse se rendendo a algo inconcebível, e sua voz é firme quando pergunta:

— Por que você assinou aqueles papéis? — Estas não são as condições que eu queria dizer a ela, mas é a única oportunidade que terei.

— Não era uma confissão. Assinei um contrato com seu pai.

Quando ela começa a se afastar, eu a seguro lá, me recusando a soltar sua mão da minha até que ela ouça o meu lado.

— Você está brincando comigo?

Eu odeio que ela pense que eu a trairia, mas à luz dos anos de examinação, foi exatamente o que eu fiz. Eu sou culpado como acusado. Mas a punição não foi suficiente? Eu tenho que viver com essa dor para sempre? Eu digo:

— Ele mudou o contrato. Ele me fez assinar um documento e depois mudou as outras páginas.

Isso a acalma, a curiosidade arrastando seu olhar de volta para mim. Sua postura suaviza.

— O que você acha que assinou?

Porra. Passo a mão pelo cabelo, afastando a água.

— Parece ruim, mas eu posso explicar.

— Apenas me diga — diz ela, sua paciência por um fio.

— Minha mãe manteria seu restaurante, e eu teria permissão para viver minha vida...

— E as condições?

— Eu viveria essa vida sem você. — Embora parecesse certo na época, as palavras se tornaram amargas ao longo dos anos, juntamente com a lógica que me fez concordar. Não importa o quanto eu torça e vire, eu a afastei. Eu sabia disso na época e sinto a dor disso agora mais do que jamais senti no tempo em que estivemos separados.

Ela se afasta de mim. Seus ombros tremem, seu coração doendo tanto que eu posso ouvir a dor que ela está tentando tanto esconder. Mas ela nunca tira a mão da minha. Preciso desabafar, confessar todos os meus pecados e fazer dela minha juíza e júri.

— A outra opção era ser preso...

A descrença a faz voltar para mim, agarrar minha camisa e implorar:

— Você *foi* preso.

— Ser preso *e* lutar pela minha liberdade. Por favor, entenda que eu não poderia fazer isso com minha mãe. Ela perderia o restaurante. Ela perderia sua casa. Ela venderia tudo para lutar por mim, e eu não poderia fazer isso com ela. Eu não poderia colocá-la nessa posição porque ela faria isso. Eu sei que ela faria.

— Você assinou para que ela não tivesse que ajudá-lo?

— Eu assinei porque eu estava perdendo você de qualquer maneira. Então assinei para que você seguisse em frente sem mim, e assinei para ajudar minha mãe.

Nossas mãos se separam, e ela de repente se afasta de mim.

— Você assinou para salvar todos, menos você mesmo. Você acha que foi virtuoso, mas tudo o que sei é que você *nos entregou* no processo?

— Eu sinto muito. Achei que era o melhor.

— Para quem? Não para você e nem para mim. — Mais lágrimas caem, mas desta vez, ela as enxuga. — Joshua, eu entendo o que você está dizendo sobre sua mãe. Minha mãe faria qualquer coisa por mim, mas você poderia ter me dito. Eu poderia ter feito alguma coisa. Eu poderia ter ajudado você, lutado por você de alguma forma. Eu poderia ter esperado por você... Eu teria. Eu teria esperado uma vida inteira para estar com você novamente. Mas você nos assinou embora antes de me dar a chance. Agora você está diante de mim querendo a mesma oportunidade que você nem pode me dar.

Eu odeio a distância que ela colocou entre nós. É difícil derrubar paredes com os quilômetros emocionais nos separando. Ela olha para baixo, e por mais que eu queira ver seus olhos novamente, eu espero, querendo que ela desabafe seus pensamentos e palavras porque ela está certa. Perdi minha fé em nós. Eu não podia.

— Você estava em coma, Chloe. Eu entrei para te ver, esperando que você acordasse e fizesse aquele pesadelo ir embora.

Eu não vou dizer a ela que ela não o fez porque eu não posso tê-la assumindo a culpa. Não é por isso que estou dizendo a ela.

— Eu preciso que você saiba que eu estava lá. Durante dias, implorei a todos para ver você.

Tocando sua bochecha como uma memória, ela levanta o olhar, seus olhos procurando os meus.

— Eu sei. — Quando a tempestade começa a passar, as palavras não se apressam, mas ficam trancadas dentro enquanto ela incomoda o lábio inferior. — Quando eu digo que sei, estou lhe dizendo que minha alma sentiu a sua. Eu sabia que você estava lá. — Fechando os olhos, ela respira fundo e depois exala lentamente. — Eu me lembro de você lá, seu calor na minha bochecha, suas palavras sussurradas em meu ouvido. — As lágrimas caem por novos motivos quando um pequeno sorriso aparece. — Eu me lembro de você, Joshua. — *Graças a Deus.*

— Eu sou uma parte de você. Você é uma parte de mim. Sempre.

Ela se impulsiona em meus braços, envolvendo-me. Eu aperto uma de suas mãos, nossos dedos se dobrando juntos, e a seguro com meu outro braço.

— Eu conheço você — diz ela —, melhor do que ninguém.

Por favor, me perdoe.

Olhando nos meus olhos com os dela brilhando novamente, ela diz:

— Eu conheço seu coração.

Eu conheço o seu.

Trazendo a mão ao meu peito, ela libera a dor.

— Você conhece minha alma.

Você é minha alma.

— Achei que tinha perdido você, Joshua.

— Você nunca me perdeu, baby. É isso que venho tentando lhe dizer. Você sempre esteve comigo. Eu estava com você?

Uma miríade de emoções passa por seus olhos, mas a única coisa que não acontece é uma negação.

— Você foi a única coisa da qual eu nunca consegui raciocinar para sair. — Olhando para trás como se tivesse sido chamada para isso, ela acrescenta: — Conseguimos passar pela tempestade.

Desta vez eu estendo minha mão, esperando por Deus que ela a pegue. Ela olha para ela e então descansa sua fé com a minha. Nós saímos de debaixo do toldo nas primeiras horas da manhã. De pé lado a lado, olhamos para o grande céu. As nuvens se dissiparam, deixando a lua exposta por mais um pouco.

— Nós nunca pegamos a lua naquela noite, mas podemos perseguir o sol se você quiser?

— O que você disse?

— Que parte? Perseguindo o sol?

— Não, a lua. O que você quer dizer com nunca pegamos?

— Na noite do acidente. Você queria perseguir a lua.

Esfregando a têmpora, ela fecha os olhos. Sua respiração se torna irregular, sua mão tremendo na minha.

— O que há de errado, Chloe?

— Oh meu Deus! Estávamos perseguindo a lua. — Este não é o olhar de uma mulher que viu um fantasma. Esta é uma mulher que tocou o céu e viveu para contar sobre isso. — Eu me lembro, Joshua. Me lembro de entrar no carro com você naquele vestido roxo e rir tanto. — Ela me abraça com toda a força, descansando a cabeça contra mim novamente.

Eu a abraço, seus humores loucos, suas ambições, seu coração bondoso, sua risada, ela me encarando de perto no meio da noite, seus gemidos de prazer e seu amor pelo meu bonsai. Eu abraço tudo sobre essa mulher e beijo sua cabeça.

Ela pula, coberta de arrepios e ainda encharcada, e sorri como se o sol nascesse dentro dela.

— Me lembro da noite do acidente. Tudo. Me lembro da sensação de liberdade, de voar, do abandono selvagem, do amor, meu Deus, o amor que senti... Eu ainda sinto tão profundamente por você.

As lágrimas pararam de vir, mas seu sorriso vacila. Colocando as mãos com cuidado, tão gentilmente no meu peito, ela diz:

— Lembro que você tentou afivelar o cinto de segurança, o cervo... — Ela engole, seus olhos deixando os meus brevemente como se as memórias fossem muito poderosas para lutar. — Eu me lembro de você tentando me salvar.

Meu peito está apertado enquanto ouço os altos e baixos do que sua memória retorna para ela.

— Vivemos uma vida inteira de dor em um período de poucos anos. — Seguro suas mãos entre as minhas e beijo as pontas de seus dedos. — Eu pensei que tinha perdido você naquele dia, e eu não poderia sobreviver a perder você novamente. Assinei os papéis que pensei que lhe dariam a vida que você merecia. Sinto muito por te machucar.

Com os olhos nos meus, ela acaricia meu rosto.

— Eu morri naquele dia, mas seu amor me salvou. — Ela pega minha mão e alinha nossas tatuagens novamente. — Pensei que você fosse minha esperança, mas você acabou sendo minha salvação. — Ficando na ponta dos pés, ela me beija com paixão, esperança e um longo amor que levou anos para crescer.

Seus olhos ainda estão fechados por um segundo quando abro os meus. Vê-la mergulhar e nos saborear em seus lábios me deixa pronto para pular algumas etapas.

— Talvez da próxima vez, escolhemos passar pelo atalho para chegar aqui.

Ela sorri, um sorriso que ela aprendeu com o mestre.

— Qual é a graça nisso?

50

Joshua

As portas se abrem e saímos do elevador, minhas costas batendo na parede. Minha camisa é jogada para quem sabe onde, o botão do meu jeans voando pelo corredor. Segurando seu rosto, eu a beijo enquanto continuamos nos movendo em direção à porta, batendo nas paredes e quase caindo.

O frenesi de beijos aquecidos, abraços apertados e luxúria correndo por nós como se estivéssemos pré-aquecendo com aquela briga e o pontapé inicial começou no segundo em que fizemos as pazes.

Pulando em um pé para tirar o jeans molhado, e depois no outro, fico de cueca boxer quando começo a tirar a camisa encharcada sobre sua cabeça. Seu corpo brilha, seus mamilos duros e rosados. Rasgando nossas bocas, eu seguro suas mãos tateantes.

— Você não está usando sutiã. — Eu puxo a camisa de volta para baixo, olhando ao redor para ver se alguém está por perto.

— Eu estava com pressa — diz ela, não dando a mínima se alguém nos vê.

Agarrando sua cintura, eu a jogo por cima do meu ombro e corro para a porta do outro lado. A porta é deixada para fechar sozinha enquanto sou empurrado contra a parede. Ela coloca as mãos no meu peito, como se eu realmente quisesse escapar, e então olha para o buraco na parede ao meu lado.

— Como está a mão?

— Sempre a médica. — Eu a levanto e mexo meus dedos. Na verdade, não foi a jogada mais inteligente para um chef socar uma parede, mas tive sorte desta vez. Dói, e eu vou ter alguns hematomas, mas não parece que nenhum dano a longo prazo tenha sido feito.

Parecendo satisfeita, ela coloca a boca no meu peito e trabalha para mais baixo com lambidas, beijos e chupadas.

— Porra — eu gemo. A boca dela é incrível. Eu já estava duro, mas agora estou quase dolorosamente enquanto ela leva minha boxer com ela.

— Deus, eu amo seu corpo. Você deixaria a estátua de *David com* inveja. — De joelhos, ela olha para cima, meu mundo iluminado como estrelas em seus olhos. Suas mãos envolvem meu pau, e ela beija a ponta. A provocadora.

Felizmente, não por muito tempo.

Ela fecha os olhos e me leva em sua boca. Passando meus dedos pelo cabelo dela, eu a seguro na cabeça. Eu angulo apenas o suficiente para vê-la me levar o mais fundo

que consegue e deslizar para trás. Cada parte de mim está viva com desejo por ela. Seus olhos se abrem, as pontas de seus cílios ainda molhadas enquanto batem em sua testa. Me lembro da outra vez em que vi o diabo em seus olhos, o desejo moldando suas pálpebras mergulhando de volta.

Segurando a parte de trás das minhas pernas, ela me trabalha com a língua, roçando os dentes e chupando, fazendo minha cabeça cair para trás. Os primeiros tremores começam no fundo da minha barriga e se espalham cada vez mais rápido, começando a disparar por todas as partes do meu corpo. Minha intenção de esperar até que eu a tomasse é explodida em pedacinhos quando meu corpo entra em erupção. Minha cabeça bate na parede duas vezes e depois uma terceira vez quando gozo.

— Porra... *Porra.*

Abro meus olhos, minha respiração pesada no meu peito. Olhando para ela com aquele meio sorriso e sobrancelha arqueada, eu balanço minha cabeça e dou a ela o mesmo.

— Você não sabe o que fez, baby. — Eu me abaixo para pegá-la, trazendo-a de pé. Senti-la em meus braços é o paraíso mais doce que eu já conheci.

— O que eu fiz? — ela pergunta, me desafiando.

Eu a levanto para que suas pernas envolvam meus quadris e seus braços em volta do meu pescoço. Nossos lábios se chocam novamente em dentes e línguas, gemidos e fodendo a boca. Suas roupas molhadas estão congelando, então eu desvio para a cozinha e a coloco na ilha enorme. Com seus calcanhares cavando no topo da minha bunda, eu deslizo sua bunda pela bancada, as leggings molhadas escorregando facilmente.

Somos mãos e partes do corpo emaranhadas, luxúria e fome. Eu me afasto dela e encontro o cós de sua calça. Ofegante com os olhos nos meus, ela levanta a bunda para que eu possa despi-la. Jogada no chão, eu então vou para a camisa.

— Você está com frio?

Pequenos botões duros me cumprimentam, chamando meus dedos para eles. Esfrego meu polegar sobre eles e, em seguida, substituo meus dedos pela boca, dando a cada um a mesma atenção antes de dizer:

— Deite.

Com ela espalhada sobre este mármore, é uma visão que nunca vou esquecer enquanto eu viver.

— Porra, você é tão sexy.

Ela lambe os lábios enquanto descansa as mãos atrás da cabeça.

— Me conte sobre isso.

— Eu poderia passar dias contando a você sobre cada marca de beleza e o jeito que sua pele é macia atrás da orelha, quão rosa é essa sua boceta doce. — Tomando seus tornozelos, beijo cada um e depois os coloco sobre meus ombros. — Mas estou faminto e sei exatamente o que quero comer.

Eu poderia fingir que ela se importa com as preliminares e sutilezas, o acúmulo, mas pela forma como seus quadris estão se inclinando em direção à minha boca, acho que podemos pular isso. Eu a beijo onde ela me quer, beijando seus lábios inferiores e clitóris até que ela está se contorcendo e seus dedos estão agarrando o mármore para encontrar apoio enquanto sua liberação cresce profundamente.

Quando eu a fodo com minha língua, ela arranha meus ombros, o raspar de suas unhas me encorajando a ir mais fundo e mais forte, mais rápido até que ela esteja derramando sua liberação.

Sua cabeça levanta e ela diz:

— Agora me fode.

— Aqui ou no quarto?

Pronto para fazer em qualquer lugar, estou à espera de sua resposta.

— Onde está o preservativo?

— Quarto.

— Aí está sua resposta. — Ela sai da ilha e corre pelo corredor até o meu quarto. Estou bem atrás dela, tendo o prazer de assistir aquela bela bunda em ação. Ela pula na cama enquanto eu tiro uma camisinha da gaveta.

Eu sou rápido para me cobrir e me juntar a ela, mas antes de me acomodar, pergunto:

— Em cima ou em baixo?

— Eu só quero estar com você, Joshua. — Seus olhos estavam cheios de adoração.

— Quero fazer amor com você.

Ela está deitada de costas, sua mão descansando na curva do meu pescoço enquanto toda a diversão, jogos e frenesi de antes se esvaem. Eu a beijo, seus lábios acariciando os meus enquanto ela esfrega meus ombros.

— Eu te amo — ela diz —, maior que o céu.

Mergulhando minha cabeça para o lado, eu a beijo naquele ponto que envia arrepios em sua pele.

— Maior que o universo, baby.

Seus joelhos agarram meus lados enquanto eu me abaixo e me posiciono. Voltando minhas mãos para cada lado dela, eu mergulho para beijá-la novamente, empurrando em seu calor incandescente. Seu amor, carícias e fé em mim me atravessam, e beijo seu pescoço enquanto me afasto e empurro para dentro dela

novamente. Nunca é menos do que consumo completo. Eu quero dar a ela cada parte de mim, para ela sentir como ela me faz sentir, inteiro como pessoa, contente em viver dentro dela para sempre.

Seus gemidos quietos e pequenas mudanças me fazem arrastar minha mão pelo seu corpo, massageando seus seios antes de eu ir mais abaixo entre nós e esfregar círculos apertados até que ela esteja tremendo ao meu redor. Meu nome, um canto sussurrado contra a concha do meu ouvido. Eu a beijo, engolindo cada palavra que ela dá antes de eu cair, pegando a glória da minha própria libertação.

— Chloe — soa áspero e odioso, mas vem de puro êxtase.

Por mais que eu ame sexo de reconciliação, eu gosto mais de criar amor com ela. Nossos dedos, corpos e almas entrelaçados, eu digo:

— Eu pensei que você gostaria de ir devagar, mas não tem como ir devagar com você, baby. Sem fim e sem começo. — Agora sou eu quem parece louco. Deitado ao lado dela, eu inalo seu cheiro e corro a ponta do meu nariz ao longo de sua têmpora. — Não existe mais só você ou só eu.

Beijando meu peito, ela respira:

— Só nós — contra a minha pele, fechando os olhos.

— Só nós. — Não me importo mais em parecer louco. Seguir meu coração nunca pareceu tão certo. Eu saio da cama para ir ao banheiro, mas sou rápido em voltar e deslizo para debaixo das cobertas.

Ela se aconchega ao meu lado e, embora estejamos exaustos, corpos, corações e mentes, da noite tumultuada, ela sussurra:

— Minha posição não continua no hospital.

Eu tinha fechado meus olhos, mas os abri para buscar sua reação no quarto escuro.

— O que isso significa?

— Eles me disseram que não tenho emprego depois de 1º de junho.

Talvez seja tarde ou eu demore para baixar essa informação, mas ela sempre teve sucesso. Ela queria trabalhar lá. Ela disse tanto. Com meu braço em volta dela, eu esfrego seu bíceps.

— Por que?

— Não há financiamento suficiente. — Eu esperava que ela soasse mais devastada. — Você quer ouvir o melhor? Ela disse que eu deveria ter seguido os passos do meu pai. Essa é uma posição que eles podem preencher.

— Merda. Como você está? — Movendo o cabelo para trás, quero ver seus olhos. Hoje foi um dia difícil para a minha menina.

Ela desliza para cima, reajustando até que estamos no nível dos olhos.

— Melhor do que o esperado, eu acho. Perder você seria pior.

Eu beijo sua cabeça.

— Você não perdeu. Você não vai. Nunca.

— Faz perder a posição mais fácil, mas você está ficando com uma namorada desempregada, em breve sem-teto e sem plano B. — Ela está sorrindo, e embora eu suponha pelo passado que ela está escondendo a dor por dentro, seu sorriso diz o contrário. É genuíno.

— Vendido.

O riso treme levemente através dela.

— Simples assim?

— Simples assim. — Correndo as costas dos meus dedos ao longo de sua bochecha, eu digo: — Venha morar comigo. Eu não tenho que pensar nessas coisas. Não quero perder mais tempo que posso passar com você. Estou sendo sincero. Quero que fiquemos juntos, manhãs bagunçadas e espaços compartilhados até tarde, dormindo durante o dia e cozinhando à noite. Eu quero isso com você, Chloe. Eu sei em minha alma que é isso. Este é o nosso futuro. Isso é tudo que eu sempre quis.

Ela levanta e através de uma cortina de seu cabelo, nossos lábios se encontram, e quando nossas línguas se abraçam, seu braço envolve meu pescoço. Colocando o cabelo atrás da orelha, ela diz:

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

51

Chloe

UMA SEMANA ESCAPOU de nós antes que percebêssemos, e nos encontramos em junho. Nos últimos quatro dias, me tornei uma dama do lazer neste enorme apartamento. Por mais que eu ame aproveitar o tempo livre, tenho essa necessidade de encontrar minha próxima aventura.

Foi divertido mudar para o apartamento dele. Eu tinha esquecido o quão incrível poderia ser viver em nosso pequeno mundo onde nós somos os únicos que existem.

Bem, exceto Frankie e Dwayne Evans. Eles se sentam no parapeito da janela ao lado da banheira porque houve uma confusão com Basil Evans na terça-feira, e era apenas mais fácil separá-los por enquanto.

Com as bolhas se dissipando mais rápido do que eu gostaria, aproveito ao máximo o resto do meu banho e mando uma mensagem para Ruby e minha mãe: *tenho novidades. Vocês estão sentadas?*

Ruby: *Você está grávida?*

Minha mãe: *Você comprou um edredom novo?*

Eu: *Não sei nem o que dizer sobre isso, mãe. Eu não tenho um edredom, então não posso dizer que tenho outro. E não, Ruby, não estou grávida.*

Embora se olhares pudessem fazer isso, o que Joshua me dá quando chega em casa me engravidaria em um piscar de olhos.

Ruby: **faz beicinho* Nos conte!*

Mãe: *Você conseguiu a posição no hospital?*

Animada para compartilhar a boa notícia, também quero compartilhar minha decepção. Eu arrasto água sobre meus ombros para me aquecer, e então digito: *Não, para encurtar a história: sem financiamento para mim. Está tudo bem. Eu vou encontrar outra coisa.*

Ruby: *Eu acabei de verificar meu telefone para ter certeza de que estava falando com a Chloe certa. Está tudo bem. Isso é um pedido de socorro? Você quer que eu vá à sua casa?*

Eu começo a rir.

Eu: *Não. Eu realmente estou bem. Achei que vocês duas deveriam ser as primeiras a ouvir, já que estão tão preocupadas. Minha vagina está em terapia. Todas as noites. Às vezes, duas vezes por noite. No sábado, vi o terapeuta quatro vezes. Ela está indo bem. Feliz como um molusco.*

Como não há resposta imediata, acrescento: *também estou loucamente apaixonada por Joshua Evans. Eu me mudei para o apartamento dele na sexta-feira passada. Surpresa! Estamos juntos de novo. Estamos morando juntos. Estamos todos juntos.*

Batimentos cardíacos batem em meus ouvidos esperando por suas respostas. Elas estiveram comigo, me amando através de tudo isso, e ainda assim... estou com um pouco de medo de que elas não aprovem.

Meu telefone toca.

— Olá? — Eu tento ser indiferente.

Ruby diz:

— Adicionei Cat na chamada. Agora, o que diabos está acontecendo? Você perdeu sua mente sempre amorosa?

— Sim — eu digo, sorrindo. — Eu perdi. Talvez eu seja idiota no amor, mas trabalhamos muito. E um dia, vou me casar com ele. Principalmente porque eu quero, mas também porque vou mantê-lo nessa promessa.

Ruby ri.

— Muito competitiva?

— Um pouco.

Ouço uma respiração trêmula e pergunto:

— Mãe? Você está bem?

— Se você está bem, eu estou bem, querida. Eu sempre adorei Josh. O que aconteceu com vocês dois não foi culpa sua. Saber que vocês encontraram o caminho de volta um para o outro, bem, estou feliz por...

— Sua vagina — Ruby acrescenta, caindo na gargalhada.

Quando todas nos recuperamos do choque e da leveza com a qual podemos brincar, minha mãe acrescenta:

— Estou feliz por você e seu coração. O emprego certo virá, mas vocês dois compartilham um amor único na vida. Eu não poderia estar mais feliz por você.

— Obrigada, mãe, isso significa muito.

Ruby pergunta:

— Quando é o casamento. Eu quero ser a fotógrafa.

— Vamos com calma. Faz apenas uma semana.

Minha mãe diz:

— Quando é o certo, é o certo. Por que perder tempo?

É algo que Joshua e eu dizemos o tempo todo também. Vendo a hora, acrescento:

— Preciso ir, mas talvez possamos nos encontrar nos próximos dias?

— Estou dentro — diz Ruby.

Minha mãe ri levemente, prazer vindo sobre ela.

— Me avise quando e onde, e eu estarei lá. Podemos comprar um edredom também, enquanto estivermos fora.

— Absolutamente. Eu amo vocês duas.

Desligamos logo depois, e saio correndo do banho, animada para colocar meu plano em ação. Seco e retoco minha maquiagem. Correndo para a cozinha, coloco a toalha sobre a ilha para que não esteja tão frio desta vez e me empoleiro em cima. Eu ouço a chave na porta e inclino minha cabeça para trás enquanto descanso em minhas mãos. Rápida para dobrar meu joelho, eu fecho meus olhos e espero por ele, me sentindo tão bonita em meu corpo quanto ele me vê.

— Bem, isso é uma surpresa — diz a voz de uma mulher, me assustando.

Puta. Merda. Eu me esforço para me segurar, mas perco a tração na toalha e escorrego para o lado. Meu corpo bate no chão assim que ouço Joshua gritar:

— Chloe!

Isso vai deixar uma marca. Levanto-me para ver Patty olhando para mim.

— Você está bem, Chloe?

— Tudo bem. Deus, tão bem. Tudo bem. — Eu tento perfurar o coração de Joshua com meu olhar. — Eu não estava esperando companhia.

Seus grandes braços vêm ao meu redor e beijam minha cabeça sob risadas profundas.

— Desculpe, baby. Eu não...

— Sim, eu sei. — Um calor embaraçoso passa por mim. — Minhas bochechas provavelmente combinam com as beterrabas.

O professor é trazido para a conversa.

— Finalmente encontrei um lugar para estacionar... — Ele fica em estado de choque e então se vira. — O que está acontecendo?

Patty diz:

— Por que não vamos colocar nossas coisas no quarto?

Assim que eles se vão, pergunto:

— Eles vão ficar?

— Temos muito o que conversar, você e eu. As coisas mudaram rápido. — Com o braço em volta de mim, caminhamos pelo corredor. Bem, eu manco, mas eventualmente chegamos lá. Ele fecha a porta do quarto e diz: — Comprei o restaurante.

— O que? Eu, uh...

— Sim. Eu não podia deixá-la vendê-lo. Agora que estão casados, querem viajar pelo país.

Sento-me no banco, ainda atordoada, e não tenho certeza se estou entendendo o conceito.

— Mas você é dono do Salvation.

— Eu sou. Eu tenho investimentos em todos os lugares agora.

— Ok, isso é muito. Acho que o diploma de economia está ajudando você a espalhar a riqueza.

— Um dia, vou terminar meu curso — diz ele com um fogo sob ele. — Posso me candidatar com minha experiência de trabalho. Quanto ao Salvation, eu estava pensando em deixar Todd assumir o cargo de chefe de cozinha e dar a ele uma porcentagem dos lucros. Ele mereceu.

Espera. Isso significa...?

— Isso é bom. Tenho certeza que sim, mas isso significa que você quer voltar para New Haven?

— Não me ocorreu até que você não estivesse mais trabalhando no hospital. Estou insatisfeito com as horas no restaurante há muito tempo. E se nós dois formos para New Haven?

Eu me inclino mais perto, deixando a dúvida se infiltrar.

— Você iria sem mim?

— Não — diz ele com um sorriso tranquilizador enquanto se ajoelha na minha frente. — Eu vou aonde você for, Chloe. Eles têm ótimos hospitais, no entanto.

— Sim. Eles têm.

— Então você vai considerar isso?

Ele parece tão esperançoso, e ele está certo; posso trabalhar onde quer que haja um pronto-socorro. Segurando sua bochecha, eu digo:

— Como não poderia? Se você quer administrar o restaurante, eu vou apoiá-lo no que puder. Somos uma equipe, afinal. Na pior das hipóteses, serei seu novo Todd.

Quando ele se levanta, eu me levanto, e nos abraçamos e depois nos beijamos. Ele diz:

— Você parecia incrível naquela ilha e realmente pousou em cheio. Todd não conseguiria.

— Apenas a parte do sous chef. Não o resto. — Eu começo a rir. — Vou sentir essa queda por dias. — Vou ao armário para me vestir. — Então, uh, temos companhia, e eles vão ficar?

Encostado no batente da porta, ele diz:

— Ela trouxe a papelada para o restaurante. Podemos ficar ou sair. O que você quiser.

— É bom ver sua mãe novamente. Eu só gostaria que tivesse sido em

circunstâncias melhores do que eu esparramada nua na bancada.

Ele está rindo.

— Ela está feliz por nós, a propósito. Já começaram a falar sobre netos. Muito cedo para isso.

Puxando uma blusa do cabide, eu dou de ombros.

— Pode ser. — Eu começo a me vestir sob seu olhar. — Em qual quarto eles estão dormindo? Eu posso prepará-lo.

— No principal. Está pronto.

Eu paro com minha saia na metade.

— Eu pensei que este era o quarto principal?

— Não, é do outro lado da entrada. É uma porta escondida que você tem que empurrar.

— Você tem um quarto secreto? — Ele acena com a cabeça, sorrindo com orgulho. — Então por que dormimos aqui?

O sorriso suaviza, mas não desaparece.

— Porque meu pai montou este quarto para mim. Claro, ele fez isso quando eu tinha treze anos, mas ainda funciona.

Indo até ele, eu o abraço.

— Funciona perfeitamente. — Quando nos soltamos, digo: — Vamos sair. Temos muito o que comemorar.

— Uma vida totalmente nova pela frente.

— Novas aventuras.

52

Chloe

Dois meses depois...

Não busque a perfeição porque você nunca a encontrará. A felicidade é uma missão mais nobre.

Minha mãe estava certa.

Ainda tenho algumas tendências disciplinadas para quebrar, mas a felicidade que encontrei quando deixo algumas coisas irem e me agarro mais ao que importa supera em muito a tarefa.

Olhando atrás de mim para as plantas presas com cintos de segurança, eu as verifico *novamente,* só para ter certeza. Virando-me para ver a diversão de Joshua, digo:

— Não tire sarro de mim.

Ele ainda está rindo quando se inclina para um beijo. Eu o encontro no meio.

— Um dia, Chloe Evans, você vai ser uma mãe incrível.

Não querendo perder mais um minuto sem o outro, nosso destino foi selado três semanas atrás no lago de New Haven. Segurando um buquê de flores escolhidas a dedo por Joshua, ficamos com nossa família e amigos mais próximos e trocamos nossos votos, dizendo: *eu escolho você* em vez sim.

Porque é isso que estamos fazendo. Estamos escolhendo todos os dias, manhã e noite e todas as horas entre eles, estar um com o outro, honrar os sonhos um do outro e amar um ao outro por toda a eternidade. Foi a promessa mais fácil que já fizemos.

Joshua engata o Blazer e nos afastamos do prestigioso endereço no Upper East Side. Eu o vejo olhar para trás uma vez e estender a mão para esfregar o braço.

— Você está bem?

— Estou bem. Nunca foi realmente meu de qualquer maneira.

O apartamento pode ter sido o prêmio de consolação de Joshua, mas ele era de seu pai, e o único membro de sua família a arranjar tempo para passar com David Evans em seu leito de morte. No entanto, aos quarenta e nove anos era muito jovem para morrer. Meu coração se parte por David, mas também por Joshua, que parecia acreditar que havia esperança entre ele e seu pai antes que a tragédia acontecesse alguns anos atrás. Eu gostaria de estar lá para ele naquela época.

Eu poderia carregar uma mala cheia de arrependimentos para arrastar conosco para New Haven, mas em vez disso, eu vivo, amo e vejo cada dia como uma nova

oportunidade. Aprendemos muito com a briga que tivemos em maio passado. Como a tempestade, precisávamos soprar nossa raiva e tirar a dor. Vivemos com os olhos bem abertos, falhas, aceitação, alegria e respeito. É assim que as equipes funcionam melhor. Eu não preciso de perfeição. Em vez disso, tenho felicidade porque a escolhi. Eu escolho Joshua.

O apartamento foi vendido em menos de uma semana, liberando-nos para sair mais cedo do que o esperado. Não estamos reclamando. Com o apartamento vendido e o restaurante agora administrado por Lola e Todd, pergunto:

— Além do apartamento, como você se sente por deixar seu bebê para trás?

Armando um sorriso, ele diz:

— Você é meu bebê.

— Encantador. — Eu me angulo em sua direção, mas deixo meu cinto, bonito e confortável. — Você construiu o Salvation do nada.

— Eu construí o Salvation porque eu perdi você. Eu coloquei a porra da comida mais chique naquele cardápio só para provar que eu poderia fazer isso. Não importa, eu tinha o dinheiro inicial do meu pai. Ganhei os críticos com a culinária. Eu fiz isso. Eu não tenho que provar mais nada para o mundo ou para mim mesmo. — A julgar pelo contentamento estabelecido em sua expressão, eu acredito nele. — Estou ansioso para assumir o restaurante.

— Um conceito refinado de comida caseira, hein? Todos os seus talentos em um.

— Bem, não vamos tão longe. Tenho alguns outros talentos. Um conjunto de habilidades que você aprecia todas as noites.

— Por que isso é tão quente?

— Porque você é insaciável. Quer fazer uma parada?

— Não vou fazer sexo no banheiro de um posto de gasolina.

Rindo, ele esfrega minha perna.

— Não se preocupe, eu estava pensando em parar no lago para relembrar.

Pouco antes de chegarmos à cidade, ele viaja por uma estrada que está fora do caminho batido. Com as janelas abaixadas, o vento sopra dentro do carro, e eu estico meu braço, sentindo a liberdade na queda que eu experimentei tantos anos atrás.

Ele estende o braço e olha para mim, um sorriso que faz meu coração derreter e um olhar que fala sua própria linguagem para mim, dizendo que me ama. Ele sempre vai me proteger. Ele só respira por minha causa. Estendendo a mão, eu pego sua mão oferecida, a conexão sempre tão forte que me leva tempo para me acostumar com a embriaguez dela.

Mesmo agora.

Sete anos depois da primeira vez que demos as mãos.

Eu me inclino para frente para absorver a grandeza. As árvores clareiam, e sinto a paz tomar conta de mim enquanto absorvo a água ondulante à frente e os galhos e folhas espalhados pelo chão. As rochas onde eu estava com muito medo de dar um salto de fé até que ele me ensinou como confiar, como amar com minha alma, como ser quem eu sou. Como se estivesse reservado apenas para nós, não há outra alma por perto.

Ele estaciona a caminhonete que guarda toda a nossa vida de coisas que valem a pena guardar na parte de trás. Deixamos o resto no passado. Apoiando-se no volante, ele olha para a frente.

— Mangata.

— Vamos lá. Vamos dirigir direto para a lua só para dizer que conseguimos.

Abrindo a porta, ele sai, olhando através do SUV para mim.

— Me lembro de uma época em que eu era o mais espontâneo.

— Os tempos mudam, e nós também. — Ele vem para abrir minha porta, mas eu o afasto. — Gostaria de saber se aquele cara Dwight ainda trabalha na propriedade?

— Não. Ele foi demitido há alguns anos.

Descansando contra a caminhonete, pergunto:

— Por quê?

— Por ser um idiota.

Eu me esforço para decidir para onde olhar. Tanto a lua quanto a Joshua têm presenças tão grandes e concorrentes. Eu forço meu olhar para o lago.

— Não é à toa que tivemos a cerimônia sem interrupção.

Ele olha para mim com os cantos dos olhos.

— Bryant agora faz a patrulha. Eu disse a ele que estaríamos aqui, então ele nos deixaria em paz.

Eu bato nele.

— Essa parada foi planejada o tempo todo? Tanta espontaneidade.

— Eu posso ser um planejador como você. — Ele me bate de volta.

Tirando meus chinelos, começo a tirar meus shorts.

— Às vezes, o planejamento tira toda a diversão da aventura.

Para não ficar atrás, as roupas dele saem tão rápido quanto as minhas. Mas enquanto estamos lá, nenhum de nós corre para a água sem o outro porque a água está fria, mesmo para uma noite de verão. Joshua olha para mim, segurando minha mão, e pergunta:

— O que vem a seguir?

— Nós apenas pulamos direto. — Ele ainda espera ao meu lado. Mas não tenho os mesmos medos de anos atrás, então dou o primeiro passo e depois outro com ele

vindo comigo. — Não há nada a temer — eu digo. — Não é como se houvesse tubarões neste lago.

— Não. — Ele ri enquanto nos aprofundamos. — Sem tubarões. — Quando chegamos até a cintura, levantamos as pernas e nadamos.

Trilhar pela água não me incomoda mais. Não demorou muito para encontrar um emprego que eu gostaria em New Haven, o homem dos meus sonhos ao meu lado, e um lago infinito de esperança pela frente. Envolvendo meus braços em torno dele, eu sussurro:

— Você sabe, nós nunca fizemos amor em um lago.

Seus pés se plantam, e ele me segura contra ele, me beijando até nós dois cairmos, não na água, mas um ao outro mais uma vez, fascinados um pelo outro. Estou abraçada, tão apertada, que sua bochecha arranha a pele do meu pescoço. Eu amo a sensação dele se enterrando em mim de maneiras que os outros nunca vão entender.

Movendo meu cabelo atrás do meu ombro, ele sussurra:

— Não passa um dia, nem um minuto ou mesmo um segundo que você não está na dianteira da minha mente. Tudo. Tudo o que digo e respiro é porque você me dá força para fazê-lo. Eu sempre serei sua força, seu ombro, seu para sempre, não importa o que um novo dia traga.

Embora o som do meu coração batendo se perca sob o bater da água ao nosso redor, eu o sinto tão grande quanto a lua e tão forte quanto um bumbo.

Achei que tinha perdido a capacidade de chorar, mas não. Eu o perdi, a alma que me deu a profundidade da emoção. Então, quando começo a chorar, eu o abraço enquanto nadamos juntos.

— É engraçado lembrar de ficar no seu caminho quando você entrou no meu apartamento sete anos atrás, invadindo minha vida, meu coração, e se tornando o único plano que vale a pena seguir. Percebo agora que eu estava apenas de pé no meu próprio caminho. — Alisando seu cabelo para trás, eu beijo sua testa. — Eu não tenho mais medo de pular todo o caminho se estou pulando em seus braços.

— Prove — diz ele, sorrindo.

Eu reviro os olhos porque ele é tão arrogante. E bonito, inteligente e amoroso, e ele me atura quando minhas emoções se transformam em pequenos furacões de vez em quando. Ele é minha salvação. Ele é meu lugar seguro.

— Eu já fiz quando me casei com você. — Eu sou beijada, e então eu o beijo porque eu sou seu refúgio também. Eu sou aquela para quem ele conta tudo, que permite que ele seja quem ele é, e que o ama profundamente. Eu digo:

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

Começamos a fazer amor no lago, mas não, está muito escuro e então um peixe toca minha perna, então estou fora de lá. Ele pega um cobertor na parte de trás e o estende, as folhas como uma penugem por baixo. A música sai dos alto-falantes do SUV enquanto nos sentamos de frente para o lago. Ele diz:

— Eu estava pensando que poderíamos querer morar à beira do lago. Bem aqui. Construir uma casa neste mesmo local. O que você acha?

Meu olhar roça a água e sorrio porque é divertido sonhar.

— A lua iluminando a varanda dos fundos.

Minha resposta o faz sorrir.

— Peixe fresco para o jantar.

— Nadar pelado no verão.

— Crianças aprendendo a nadar aqui fora. — Ele aponta. — Podemos construir uma doca.

Ouvi-lo trazer à tona o tema de crianças me pega de surpresa. Talvez não devesse, já que agora estamos casados, mas é um grande salto para qualquer um se acostumar.

— Gosto quando sonhamos juntos. — Dando outra olhada no lago, acrescento: — Eu sei que você tem o dinheiro...

— Não é meu dinheiro; é o nosso dinheiro.

— Mas esta terra vai custar uma fortuna.

— E se eu te disser que veio como um pacote?

Eu olho para ele, piscando lentamente, tentando entender o que ele está dizendo.

— Qual é o pacote?

— Tudo o que tenho é seu, Chloe. Ganhos do restaurante, dinheiro dos investimentos, do apartamento... e quarenta acres de terra, esta terra.

Ele está dizendo o que eu acho que ele está?

— Seu pai era dono desta terra?

— Sim. Na verdade, eu queria te dar de presente depois do casamento, mas fiquei preso em você, na cerimônia e na celebração depois. Eu esqueci.

— Você sempre foi um romântico. — Olho para esta vista deslumbrante, para a nossa terra e para o pedacinho do lago que sempre vai parecer só nosso. Meu coração começa a bater forte no meu peito de tanta felicidade.

Pelo que me lembro da primeira vez que estivemos aqui, ameaças foram trocadas entre ele e Dwight. A maioria dos detalhes permanece muito vago. Mas se ele era o dono nos últimos anos...

— Você demitiu Dwight?

— Me chame de mesquinho — diz ele com um encolher de ombros. Posso chamá-lo de muitas coisas, honrado, talentoso em tudo o que pensa e apaixonado.

Mesquinho não é uma delas.

— E é por isso que não fomos presos? — Eu estreito meus olhos para ele. — Achei que estávamos invadindo e sendo rebeldes. Não sei, selvagens e espontâneos. Provei que podia ser uma menina má nadando pelada. Meu nome foi colocado na lista de garotas más. Lembra?

— Foi, e você com certeza gostou da punição... *Ai!*

— Você mereceu esse sanduíche de nós dos dedos por me deixar acreditar que eu tinha quebrado as regras. Eu estava realmente preocupada. — Cruzo os braços sobre o peito e torço os lábios para o lado. — Todo esse tempo, pensei que era uma garota má, mas ainda sou apenas uma boazinha. — Sua risada se torna cada vez mais irritante. — Você se importa de não rir de mim?

Puxando-me para ele, ele envolve seus braços em volta de mim e beija minha cabeça.

— Eu não estou rindo de... sim, estou totalmente rindo de você. Mas você é tão fofa quando está brava.

Eu puxo alguns segundos sólidos fingindo estar chateada antes de ceder e rir com ele. Ele finalmente diz:

— Se isso faz você se sentir melhor, *estávamos* quebrando as regras. Costumava irritar meu pai que eu viesse aqui durante as horas da noite. Não sei porquê, mas achei uma boa fuga. Se eu não pudesse tê-lo, eu poderia aproveitar o inferno de seu lago.

Esses segredos compartilhados em momentos como esses sempre apertam as cordas do nosso coração. Eu não posso ficar brava com ele. Eu me inclino e o beijo antes de convencê-lo a se deitar no cobertor. Ele tira minha roupa, eu removo a dele, e nos deitamos juntos debaixo de outro cobertor. Não demora muito, nunca demora, para eu querer senti-lo e para ele querer ser parte de mim. Ele paira sobre mim enquanto eu me abro para ele. Nossos olhos permanecem fixos, nossas mãos unidas, enquanto nos beijamos e gememos, amamos e investimos na primeira noite de nossa nova vida.

Sussurro:

— Maior que o céu — porque ele é para mim, como nosso amor sempre foi.

Quando ele responde:

— Maior que o universo — eu acredito nele. *Sempre ele.*

Posso culpar o luar ou que somos recém-casados, mas isso é diferente, somos diferentes. Começando uma nova aventura juntos, estamos traçando nossa própria trajetória ao longo do caminho. As coisas podem não ter saído como eu planejei, e podemos não ter Nova York, mas temos New Haven e este pedacinho do céu.

Sob as estrelas no ar de verão, meu corpo se liberta das expectativas dos outros

enquanto perseguimos a lua e encontramos nossa libertação. Acima de tudo, nos encontramos sob beijos gentis salpicando minha pele até que ambos adormecemos na calmaria da água e sob as estrelas. Eu nunca quero esquecer um momento.

Quando acordo, o sol não rompeu o horizonte. Quando me viro, Joshua está olhando para mim, e encontro segurança em seus olhos e braços. Ele sorri, e não é arrogante ou cheio de qualquer coisa além de doçura.

— Oi.

Eu o alcanço e toco sua bochecha.

— Oi.

— Estamos casados.

Sorrindo, deixo essa alegria crescer, deixo ele me encher até a borda com essa felicidade.

— Eu sou sua esposa e você é meu marido.

Ele diz:

— Podemos construir onde você quiser, porque minha casa sempre será encontrada em você.

Desmaiando tanto que minhas bochechas doem de tanto sorrir, eu me sento, olhando para a vista deslumbrante à frente.

— Construir nossa casa aqui será o lugar perfeito para fazer memórias.

Seu braço vem ao meu redor, e nós nos sentamos no silêncio da manhã.

— O lugar perfeito para ter uma longa vida juntos.

— Para criar uma família. — O calor de sua mão esfregando minhas costas é transferido, e eu descanso minha cabeça em seu ombro.

Ele beija minha cabeça, e eu aprecio este momento, tudo sobre ele, dele para a vista, as memórias e o futuro.

Em pouco tempo, juntamos as coisas e voltamos para a Blazer. Depois de passar alguns minutos borrifando e enfeitando os bonsais, subo na frente e me prendo.

— Certamente, fazer sexo com você ao ar livre me rendeu um título de menina má.

Ele liga o motor e ri. Afastando-se, ele diz:

— Nah, essa não é a parte que fez de você uma garota má ontem à noite.

— Então o que fez?

Ele ergue uma sobrancelha e então balança as duas.

— Quando você me implorou para fazer sexo mesmo sem camisinha.

— Oh, certo. — Tocando meu queixo, eu aceno. — Eu esqueci disso.

Epílogo

Joshua

Dois meses depois...

Corro pela porta, esperando vê-la, mas não vejo.

— Chloe? — Este apartamento é minúsculo, então encontrá-la não deve ser difícil. — Chloe? — Eu largo a sacola na mesa de centro e vou para o quarto.

— Aqui.

Seguindo o som de sua voz, eu chego ao banheiro. Passando pelo lugar vazio que costumava segurar sua esteira anos atrás, não sinto a menor falta. Corremos ao ar livre ou queimamos as calorias na cama. Nosso amor sempre nos moverá para frente, nunca presos em um só lugar. É isso que somos um para o outro, empurrando um ao outro para sermos melhores, aprendendo a amar mais.

Mudar para seu antigo prédio de apartamentos enquanto construímos nossa casa dos sonhos à beira do lago fazia sentido. Estou perto do restaurante, e ela está perto do hospital. É bom estar no espaço onde tudo começou. Onde começamos.

Abrindo a porta do banheiro, eu a encontro sentada na beira da banheira chorando. Ver minha esposa com dor me deixa nervoso. Eu vou até ela, ajoelhando, e trazendo-a para um abraço.

— O que está errado?

Com as bochechas manchadas de lágrimas, ela olha para mim.

— Joshua, diga que me ama.

— Eu te amo. — Eu corro meus dedos sobre as maçãs de seu rosto antes de levantar para beijar cada uma. — O que está errado?

— Nada. Está tudo tão certo. Nós estamos. Nossa vida. Tudo.

Por mais que eu tente, acho que nunca vou entender completamente as mulheres.

— Eu não entendo por que você está chorando então.

Seu braço voa para cima, e ela aponta para Frankie e Dwayne Evans.

— Porque aquilo aconteceu. — Eu posso adivinhar meu caminho através disso. Coçando meu queixo, eu me viro para ela, mas antes que eu possa perguntar de novo, ela diz: — Você deveria ver por si mesmo.

De pé, vou até o armário do banheiro e vejo as coisas de sempre, exceto uma.

— Este pequeno vaso?

— Esse é o vaso de bebê de Frankie e Dwayne Evans. Vou tentar propagar. — Ela funga, esfregando a mão sobre o estômago

Não tenho certeza se essa notícia justifica uma mensagem de *venha para casa rápido*, mas mantenho minha boca fechada quando se trata disso.

— Isso é legal, mas ainda estou perdido. — Cruzando os braços sobre o peito, ela inclina a cabeça. — Estou claramente perdendo o óbvio.

Ela acena com a cabeça, um sorriso contido lutando para ser visto.

— Olhe dentro do vaso, Evans.

Um homem racional pode reagir de forma diferente, mas eu nunca afirmei ser. Eu pisco e depois pisco novamente.

— O que é aquilo?

— O que você acha, *papai*?

Olhando para o palito branco, leio a palavra várias vezes. Meu olhar se volta para ela novamente.

— Você está grávida?

Ela se levanta e vem para o meu lado, envolvendo-se em torno de mim.

— Estou grávida.

As lágrimas fazem muito mais sentido agora. Eu limpo as minhas que estão pesando nos cantos dos meus olhos. Eu a abraço, beijo sua cabeça e depois acaricio seu rosto.

— Vamos ter um bebê.

Uma risadinha escapa dela.

— Nós vamos.

— Eu não achava que a vida poderia melhorar, mas você me mostrou.

— Pfft. Já que eu não poderia fazer isso sozinha, vamos apenas dizer que estamos quites.

— Quites. — Eu a beijo novamente, deixando aquelas lágrimas irritantes caírem porque ela não apenas me fez o homem mais feliz quando se casou comigo, mas também está me tornando um pai. — Obrigado.

Suas mãos cobrem as minhas, e minha esposa descansa a cabeça contra mim.

— Maior que o céu.

— Maior que o universo.

Ela diz:

— Também propaguei o bonsai. É um ótimo dia para todos os lados.

Seu estômago ronca.

— Eu ouvi o barulho de uma sacola? Você me trouxe comida?

Eu rio.

— Eu trouxe.

— Você é o melhor. — Um beijo é plantado no meu queixo antes de ela sair do

banheiro.

Dou um pequeno soco no vaso de Dwayne Evans.

— Muito bem, cara. Você também vai ser pai.

Quando entro na sala, ela está com o nariz enfiado na sacola.

— Cheira como algo celestial.

— Eu trouxe o especial para você.

Pegando meus olhos, ela pisca.

— Achei que tinha o especial todas as noites.

Quando ela abre o recipiente, seu sorriso me faz sentir o homem mais sortudo do mundo.

— Você me trouxe frango e dumplings? Assim como da primeira vez.

— Tudo se resume a frango e dumplings. — Envolvendo meus braços ao redor dela por trás, beijo seu pescoço e descanso minhas mãos em seu estômago.

Ela ainda está trabalhando para encontrar o equilíbrio. Ela não faz nada pela metade. Mas encontrei minha paz interior quando a encontrei.

Já fomos muitas coisas: jovens, ingênuos, apaixonados, separados, juntos novamente, e os seis anos que fingimos não existir. Tudo volta para nós porque já fomos, mas somos de novo, para sempre. Esperança e salvação um para o outro e *sempre destinado a ser.*

Nós até temos as tatuagens para provar isso.

Foi uma honra ter você lendo minha história. Por favor, considere deixar um comentário na Amazon e Goodreads.

Agradecimentos

Obrigada por confiar em mim com seu tempo e seu coração. Eu sei que você tem tantas opções de livros para ler, então você escolher o meu significa o mundo para mim.

Eu tenho uma equipe incrível de pessoas que ajudam a dar vida aos meus livros, desde me ouvir chacoalhar um milhão de ideias até edição, capas e todo o resto. Obrigada! Significa mais para mim do que você imagina.

Preciso enviar meu amor, meu coração e meu tudo para minha família que não apenas me apoia e meus sonhos, mas perde horas intermináveis enquanto persigo esse caminho. Vocês são o meu tudo. Eu escolho vocês <3

Notas

[←1] Medical College Admission Test, prova feita para entrar na faculdade de Medicina.

[←2]

Quer entrar?

[←3]

Sim, por favor.

[←4]
No original, cockpit, é uma gíria usada para se referir a vagina.